

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

**Título: Novos modos de olhar outras maneiras de se comportar: a emergência do
dispositivo esportivo da cidade de Curitiba (1899-1918)**

Autor: Marcelo Moraes e Silva
Orientadora: Profa. Dra. Carmen Lúcia Soares

Tese de Doutorado apresentada à Comissão de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação, na área de concentração de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte.

Campinas

2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP
ROSEMARY PASSOS – CRB-8ª/5751

Si38n Silva, Marcelo Moraes e, 1975-
Novos modos de olhar: outras maneiras de se comportar:
a emergência do dispositivo esportivo da cidade de Curitiba
(1899-1918) / Marcelo Moraes e Silva. -- Campinas, SP:
[s.n.], 2011.

Orientador: Carmen Lúcia Soares.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Esportes – História. 2. Educação. 3. Corpo. 4.
Natureza. 5. Curitiba (PR) I. Soares, Carmen Lúcia. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Educação. III. Título.

12-074/BFE

Informações para a Biblioteca Digital

Título em inglês: New ways of looking at other ways to behave: the emergence of
the device sports the city of Curitiba (1899-1918)

Palavras-chave em inglês:

Sports – History

Education

Body

Nature

Curitiba (PR)

Área de concentração: Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Doutor em Educação

Banca examinadora:

Carmen Lúcia Soares (Orientador)

Roseli Aparecida Cação Fontana

Silvio Donizetti de Oliveira Gallo

Vinícius Demarchi Terra

Alexandre Fernandes Vaz

Data da defesa: 19-12-2011

Programa de pós-graduação: Educação

e-mail: moraes_marc@yahoo.com.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

**Novos modos de olhar, outras maneiras de se comportar: a
emergência do dispositivo esportivo da cidade de Curitiba (1899-1918)**

Autor : Marcelo Moraes e Silva
Orientadora: Profa. Dra. Carmen Lúcia Soares

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida
por **Marcelo Moraes e Silva** e aprovada pela Comissão
Julgadora.

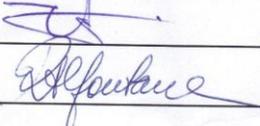
Data: 19/12/2011

Assinatura:..... .....

Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:





Resumo :

Esta pesquisa tem como temática central o surgimento do esporte na cidade de Curitiba entre os anos de 1899 e 1918. Em seu desenvolvimento analisa os modos como o esporte foi, em certa medida, um dos elementos mais determinantes na transformação de hábitos e comportamentos dos moradores da cidade. A partir do conceito de “dispositivo” elaborado por Michel Foucault (1996) e da compreensão do esporte como um importante símbolo de modernidade e de urbanidade, esta pesquisa buscou compreender, ainda, os mecanismos de constituição do que denominamos aqui de *dispositivo esportivo*. Para seu desenvolvimento, realizou-se o levantamento e análise de reportagens e imagens produzidas pela imprensa curitibana do período aqui delimitado, particularmente do jornal “Diário da Tarde”.

Palavras-chave: história do esporte, educação do corpo, Curitiba, corpo e natureza.

Abstract

The central theme of this research is the development of sport in the city of Curitiba between 1899 and 1918. The study examines how sport was one of the most decisive elements in the change of habits and behavior of city residents. Based on the concept of "device", developed by Michel Foucault (1996), and understanding sport as an important symbol of modernity and urbanity, this research aimed to understand, also, the mechanisms of formation of the sport device. For this, it was realized the survey and analysis of reports and images, produced by the Curitiba press, particularly by the "Diário da Tarde" newspaper, during the period studied.

Keywords: history of sport, education of the body, Curitiba, body and nature.

Agradecimentos

Durante o processo de construção desta tese, pouco menos de 3 anos, perdi duas pessoas muito importantes e especiais. Em dezembro de 2010 meu pai, Alfredo Moraes e Silva Neto e em julho de 2010 minha avó materna, Hilda Werneck Darret. Dedico a eles esta importante conquista...

À minha mãe, Cleusa Moraes e Silva, que sem seu apoio não teria conseguido ter terminado esta tese...

Aos meus irmãos Marcos e Fernando Moraes e Silva...

Ao nascimento da minha primeira sobrinha, a pequena e linda Fernandinha. Celebração da vida em tempos de várias perdas...

A minha querida orientadora Profa. Dra. Carmen Lúcia Soares, pela sua imensa generosidade ao me receber como orientando e entender as diversas dificuldades e percalços que vivi. O enorme conhecimento, experiência e generosidade da “Carminha” me fizeram um indivíduo melhor...

Aos professores que compuseram a banca de defesa desta tese. Intelectuais que através de suas reflexões já me inspiram a diversos anos: Prof. Dr. Vínicius Demarchi Terra; Profa. Dr. Roseli Cação Fontana; Prof. Dr. Alexandre Fernandes Vaz; Prof. Dr. Silvio D. Gallo; Profa. Dra. Katia Danailof.

Aos professores Vinicius Terra e Roseli Fontana ainda agradeço as generosas contribuições realizadas no exame de qualificação.

Um agradecimento especial aos professores que tive o prazer de assistir aulas durante

este doutoramento. Universidade Estadual de Campinas os Prof. Dr. Milton José de Almeida (*in memorium*); Profa. Dra. Margareth Rago; Prof. Dr. Paulo Funari; Prof. Dr. Carlos Miranda. Universidade Federal do Paraná o Prof. Dr. Luiz Carlos Ribeiro.

À professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Paraná, Maria Rita de Assis César, minha orientadora de mestrado, que infelizmente não pode estar presente na banca de defesa, pois se encontra em Paris em virtude de seus estudos de pós-doutorado.

As professoras do mestrado em educação na Universidade Federal do Paraná, Tânia Braga e Maria Auxiliadora Schmidt, pelo incentivo dado a prosseguir na carreira acadêmica.

À professora Katia Dainalof por todas as observações, sugestões e indicações bibliográficas e de pesquisa feitas durante todo o processo de doutoramento.

Agradeço aos professores do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná: Prof. André Mendes Capraro; Profa. Maria Regina da Costa; Prof. Rogério Goulart. Ao André pela parceria realizada no campo da história do esporte e da educação física em Curitiba, aproximação inclusive que rendeu a produção de alguns artigos em conjunto. Além disso, suas indicações bibliográficas na discussão conceitual do esporte, bem como seu profundo conhecimento da história do esporte em Curitiba contribuíram imensamente para o formato final da tese. Aos professores Rogério e Maria Regina agradeço a confiança dada a este professor iniciante no momento em que trabalhei no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná.

Sou muito grato ao Prof. Dr. Fernando Marinho Mezzadri, também docente do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, pelo convite para compor sua equipe de pesquisa e com isso dar inícios aos estudos de pós-

doutaramento.

Também agradeço a disponibilidade e o desprendimento de todos os funcionários da Biblioteca Pública do Paraná, especialmente os estagiários que conheciam o arquivo de forma muito profunda.

Um agradecimento aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas pela gentileza que me trataram em todos os momentos do curso, em especial a Nadir.

A todos amigos que fiz em Campinas durante o período de realização desta tese: Fernanda, Katia, Evelise, Sandra, Luciana, Rogério, Rodrigo, Leonardo, André, Douglas, Daniele, Sthepanie e Flávia, meu sincero e profundo agradecimento pelo contato que tivemos e que só não foi maior pelas limitações que tenho enquanto ser humano. Agradeço não só a amizade como também todas as importantes contribuições dadas para a escrita de minha tese.

À Faculdade Padre João Bagozzi, pela confiança depositada em me contratar como professor, fato que me possibilitou ter condições financeiras mínimas para terminar a tese.

A todos os meus alunos e ex-alunos da UFPR e Faculdade Bagozzi, especialmente aos meus ex-orientandos, Leonardo, Emilia, Flávia, Nicole, Alexandre, Diego, Sheila, Bianca, Ana Paula, Arthur, Mariana, Clarice, Julia e Adriano, por terem confiado suas formações.

Ao casal de amigos de longa data Ricardo e Fran por estarem sempre por perto ...

Aos amigos e amigas Naimara, Neto, Nelson, Maria José, Arthur, Maicon, Edu e o

Leandro pela amizade sincera...

À Isa, mesmo estando afastados por um período de tempo, sempre foi um sopro de esperança e apoio em minha vida...

À super amiga Gislaine de Oliveira por me aguentar e me ouvir em fases que nem eu mesmo me suportava... Mostrou-se uma das pessoas mais próximas, acreditando em mim mais do que eu mesmo...

Lista de Imagens

Figura 1: Teatro Hauer ano de 1913 – Fonte: Jornal Gazeta do Povo.

Figura 2: Passeio Público em 1886 – Fonte: Acervo Casa da Memória.

Figura 3: Passeio Público final do século XIX – Fonte: Acervo Casa da Memória.

Figura 4: Mulheres passeando nos arredores de Curitiba início do século XX- Fonte: Acervo Casa da Memória.

Figura 5: Clube de Ciclistas de Curitiba em encontro no Passeio Público - Foto de 1905 – Fonte: Acervo Casa da Memória.

Figura 6: Piquenique em um bosque particular década de 1910 – Fonte: Acervo Casa da Memória.

Figura 7: Anúncio do Frontão - Fonte Biblioteca Pública do Paraná Jornal Diário da Tarde – junho de 1899.

Figura 8: Resultado do Frontão - Fonte Biblioteca Pública do Paraná Jornal Diário da Tarde – junho de 1899.

Figura 9: Anúncio Jockey - Fonte Biblioteca Pública do Paraná Jornal Diário da Tarde – junho de 1899.

Figura 10: Anúncio Jockey - Fonte Biblioteca Pública do Paraná Jornal Diário da Tarde – junho de 1899.

Figura 11: Jockey Club na ocasião de um jogo de futebol década de 1910 – Fonte: Acervo André Capraro.

Figura 12: Festival esportivo no Jockey década de 1910 – Fonte: Acervo André Capraro.

Figura 13: Visita de Santos Dumont ao campo do Internacional em 1916 – Fonte: Acervo André Capraro.

Figura 14: Amistoso entre Curitiba e Pontagrossense em 1909 – Fonte: Moletta Júnior (2009, p.50).

Figura 15: Bonde que fazia a linha para o Prado 1913 – Fonte: Molleta Júnior (2009, p.91).

Figura 16: Partida do Coritiba no Prado década de 1910 – Fonte: Acervo Coritiba Futebol Clube.

Figura 17: Foto de Domingos Nascimento – Autor do Livro Homem Forte: Puchta, (2007, p.41).

Figura 18: Capa do Livro Homem Forte – Fonte: Puchta (2007, p.45).

Figura 19: Desfile do Tiro Rio Branco nas ruas de Curitiba década de 1910 – Fonte: Acervo Nostalgia /Jornal Gazeta do Povo

Figura 20: Partida do Tiro Rio Branco para competição no Rio de Janeiro em setembro 1910 – Fonte: Acervo Nostalgia/Jornal Gazeta do Povo

Figura 21: Chegada do Tiro Rio Branco após vitória na parada militar do Rio de Janeiro em setembro de 1910 – Fonte: Acervo Nostalgia/Jornal Gazeta do Povo

Figura 22: Mapa linha dos bondes 1913 – Fonte: Moletta Júnior (2009, p.128).

SUMÁRIO

Iniciando o <i>match</i>	p.15
CAPÍTULO 1 - As Imagens	p.21
CAPÍTULO 2 – Novas formas de olhar: a produção de imagens que idealizam novas maneiras de se comportar em Curitiba	p.43
2.1 - O surgimento de Curitiba	p.43
2.2 - Curitiba: idealizando imagens	p.44
2.3- A emergência das novas formas de olhar em Curitiba	p.49
2.4 - Dos divertimentos populares as primeiras práticas corporais regradas: esboçando um dispositivo esportivo	p.60
CAPÍTULO 3 – A “fabricação” da maquinaria esportiva de Curitiba	p.78
3.1 - Turfe e a Pelota Basca: os primeiros espaços de distinção de cunho esportivo	p.78
3.2) Produzindo imagens idealizadas: do espectador ao esportista	p.89
3.3) Difusão da cultura física: o Prado como instituição irradiadora	p.101
CAPÍTULO 4 - Cultura física, associações esportivas e a natureza: consolidando o dispositivo esportivo	p.113
4.1) Mundo urbano e natureza: a “invenção” das áreas verdes	p.113
4.2) A instalação de áreas verdes em Curitiba: idealizando novas formas de comportamento	p.120
4.3) Sobre os usos dos espaços verdes: educando e separando os corpos	p.126

4.4) O discurso da cultura atlética: as áreas verdes contribuindo para a construção do dispositivo esportivo	p.129
4.5) A tentativa de “isolamento mútuo” e o discurso atlético: o parque de diversões, o campo, os parques particulares, a montanha e a praia	p.135
4.6) Intensificando o “isolamento mútuo”: a criação dos clubes e associações esportivas	p.143
CAPÍTULO 5 – Institucionalização, Burocratização e Treinamento: a consolidação do dispositivo esportivo da cidade de Curitiba	p.151
5.1) A institucionalização das práticas esportivas: sofisticando o dispositivo esportivo em Curitiba	p.151
5.2) A associação de Tiro Rio Branco: primeiros passos da burocratização esportiva em Curitiba	p.155
5.3) Primeiro tempo: as entidades burocráticas no futebol curitibano	p.175
5.4) Segundo tempo: as disputas e conflitos para o controle da burocracia do futebol curitibano	p.184
5.5) A busca pela <i>performance</i>: os primeiros momentos da noção de treinamento esportivo em Curitiba	p.192
O Fim da <i>Pugna</i>	p.206
FONTES E REFERÊNCIAS	p.212

O orgulho urbano é feito da imbricação entre a cidade real e a cidade imaginada, sonhada por seus habitantes e por aqueles que a trazem à luz, detentores de poder e artistas. (LE GOFF, 1998, p.119).

Iniciando o *match*...

O festival de ontem no Parque Graciosa

(...) Uma concorrência extraordinária como bem poucas vezes temos ocasião verificar em “mettings” sportivos, repletas as archibancadas de gentis patricios, que deram a festa um aspecto distincto e lindo, teve a Associação ensejo para verificar o quanto foi sympatica a iniciativa que teve indo de encontro ao appello lançado pela Liga de Defesa Nacional. (...) A festa constou de duas partidas de football entre os mais valorosos clubs de 1^a. divisão.

Jogaram em primeiro logar o America-Parana e Britannia.

Foi uma partida renhida, bem disputada, cheia de lanções importantes, já pelas condições de treinamento dos conjunctos, já pelo interesse em que havia de parte a parte pelo resultado. Dahi o entusiasmo que dominou os “torcedores” de começo a fim do match.

O America, porem demonstrou a sua superioridade, dominando constantemente o seu valente adversário e ganhando a partida por dois pontos a um. (...) Critela, brilhantemente auxiliado por Paiva, com quem manteve de começo a fim um jogo habilissimo de combinações, que passou desapercibido aos profanos do “sport” muito se distiguem na sua posição.

Paiva muito fez e mais faria se melhor treinado estivesse (...) possuindo um único treino, foi lhe impossivel fazer mais do que fez. Entretanto, o seu jogo intelligente revella um “player” distincto perfeitamente conhecedor do seu “metier” (...) Em summa, o conjucto americano está optimamente organizado e uma vez bem treinado difficilmente será vencido.

O quadro do Britania é um dos mais treinados e dos mais ageis da capital. (DIÁRIO DA TARDE, 01/07/1918, p.2).

O extrato citado como epigrafe do inicio desse *match* revela bem o lugar de destaque dado ao esporte na cidade de Curitiba, em 1918. Esta tese, cujo recorte temporal considera os anos entre 1899 e 1918, trata desse surgimento do esporte, de seus indícios, vestígios e, de como ele foi, em certa medida, um dos elementos mais determinantes na transformação de hábitos e comportamentos dos moradores da cidade de Curitiba, de como ele se foi constituindo, em certo sentido também, num tipo de dispositivo, o dispositivo pedagógico esportivo¹.

No extrato aqui citado, vemos também como o futebol já era parte integrante de

¹ Tomamos para esta pesquisa as análises e elaborações conceituais do termo “dispositivo” de Michel Foucault (1996). Trataremos desta definição no capítulo 2.

uma cidade que se modernizava e de como o Esporte, de um modo mais amplo, deixava de ser um simples divertimento, passando a se constituir em importante ritual da nova ambiência que se estabelecia nos principais centros urbanos do país e do mundo. O Esporte se tornava, assim, uma prática secularizada que, através de suas regras universalizadas, prezava pela igualdade entre iguais. A sua racionalidade exigia, assim, uma maior especialização e uma busca pela *performance*, fatores que contribuíram significativamente na sua burocratização, determinando, inclusive, a criação de campeonatos e associações.

A notícia publicada em julho de 1918, indica que o Esporte já havia conquistado uma seção específica nos jornais, que já ganhara um espaço para analisar, discutir, informar e, principalmente, educar o leitor nas regras da nova sociedade que emergia em Curitiba. Em nossa pesquisa, e através das fontes aqui constituídas e analisadas, constatamos também a emergência de um *dispositivo esportivo* cuja efetivação visava, em nosso entender, a transformação de comportamentos dos habitantes da cidade. Contudo, é sempre adequado destacar que este processo de consolidação do dispositivo esportivo não se deu de imediato e, bem ao contrário, a consolidação desse dispositivo foi o resultado de um lento e amplo processo de transformação das sensibilidades pelo qual passou a capital paranaense.

Foi esse o caminho que se tentou trilhar na presente investigação no período compreendido entre os anos de 1899 e 1918. Afinal neste período a cidade passava por profundas transformações que se refletiram na produção de novos modos de olhar a vida e que, conseqüentemente, exigiam outras formas de se comportar no espaço urbano. Foi neste recorte temporal que as práticas esportivas deixaram de ser mero divertimento, passando a ser uma atividade das mais regradas e racionalizadas.

Fontes

O conjunto de fontes utilizado foi constituído por jornais que, além de favorecerem uma melhor compreensão sobre a sensibilidade e o cotidiano da cidade,

auxiliaram na reflexão sobre as concepções de educação do corpo, destacadas como fundamentais pela sociedade daquele momento. A importância dos jornais relaciona-se à sua especificidade como veículo de circulação de ideias e representações acerca do corpo e das práticas esportivas. (LUCENA, 2001; MELO, 2001; CAPRARO, 2004). Nesse sentido, as informações veiculadas na imprensa permitem uma melhor compreensão da concepção de cidade, a qual os governantes e intelectuais daquela época estabeleceram como norteadora de suas práticas. Sevckenko (1983) indica que, no Rio de Janeiro, o ofício de jornalista era realizado pela elite intelectual da cidade. De um modo geral, o autor aponta que estes jovens intelectuais eram novos personagens que criticavam o anacronismo da estrutura urbana carioca diante das demandas dos novos tempos republicanos. Tal presença também é muito marcante na imprensa curitibana, pois era possível encontrar escritos de diversos intelectuais paranaenses nos diversos jornais, periódicos e revistas circulantes na capital. Parte significativa destes pensadores apregoava a inserção do Paraná e de Curitiba num ideário modernizador. (CORRÊA, 2006; VEIGA DE CAMARGO, 2007. Benvenuti (2004) argumenta que a imprensa das primeiras décadas do século XX era muito importante no contexto curitibano, pois era por meio de suas páginas que a população local era colocada em sintonia com os acontecimentos de outras grandes cidades do país e do mundo. Era esse meio de comunicação que divulgava novos modos de olhar e de se comportar, criando, assim, uma série de imagens idealizadas e produtoras de corpos adaptáveis a uma metrópole em estágio de florescimento.

As fontes constituídas para esta pesquisa encontram-se no acervo da “Biblioteca Pública do Paraná”. No percurso da pesquisa trabalhamos com os jornais “A Republica”, “A Tribuna”, “Gazeta do Povo”, “O Commercio”, “O Estado do Paraná” e com as revistas “Ilustração Paranaense” e “Almanach Paranaense”. Contudo, um determinado jornal ganhou destaque nas análises: o “Diário da Tarde”. Tal periódico tornou-se, assim, a principal fonte dessa pesquisa por diferentes razões e, entre elas, pelo longo período de sua circulação, o que permitiu uma leitura mais constante das transformações do tema pesquisado. Muitos outros jornais do período tiveram vida curta

nas praças curitibanas. Outro aspecto que teve importância na eleição do “Diário da Tarde” como fonte principal de nossa pesquisa é o fato deste jornal noticiar, de acordo com Ribeiro (1988) e Capraro (2004), temas do cotidiano da cidade. O esporte, portanto, fazia parte de seu leque de conteúdos noticiados. Em nossa análise, concluímos que outros jornais como “O Commercio” e “A Republica”, mesmo que tivessem uma importância maior que o “Diário da Tarde”, enfocavam em suas páginas as dimensões políticas e econômicas do Estado e da cidade, sem destaque a temas mais cotidianos como, por exemplo, o esporte. O que nos interessa em nossa pesquisa, são os detalhes e a ambiência cultural daquela Curitiba de fins do século XIX e inícios do século XX, dos novos modos de olhar a cidade e das outras formas de se comportar. É nesse quadro mais cotidiano da vida da cidade que as práticas esportivas emergem e são consideradas como um elemento importante na educação do corpo de seus habitantes.

De acordo com Benvenuto (2004, p.28), o jornal “Diário da Tarde”, teve como fundador Estácio Correia, e seu primeiro número circulou em 18 de março de 1899. Sua redação se localizava na rua XV de Novembro. Até 1913, quando o periódico inaugurou suas novas instalações, sua direção passou pelas mãos de vários intelectuais paranaenses, como Bernardo Veiga, Manoel Ferreira da Costa, Celestino Júnior, Arthur Obino e Jayme Ballão. Na galeria de seus redatores chefes figuraram personalidades do mundo das letras paranaenses, como Euclides Bandeira, Ermelino Leão e Leôncio Correia, além das contribuições de Dario Vellozo e Nestor Victor. Cunha Filho (1998) salienta que o “Diário da Tarde” era um veículo de comunicação de forte tendência liberal e anticlerical, que buscava cobrar do poder público condutas coerentes com os postulados liberais, que viabilizariam o progresso da cidade e a modernização da vida. Entretanto, teve a capacidade de exprimir, em suas páginas, colunas, matérias e artigos dos mais variados interesses da sociedade civil. Por estes motivos, era comum encontrar em seu interior assuntos mais amplos da economia e da política, bem como diversos temas cotidianos.

Para narrar esta história, a presente pesquisa está dividida em cinco capítulos. No

primeiro capítulo intitulado “As imagens” são apresentadas algumas fontes iconográficas que revelam o lugar do corpo em distintos divertimentos e, entre eles, uma ambiência esportiva na cidade de Curitiba. O segundo capítulo intitulado “Novas formas de olhar: a produção de imagens que idealizam novas maneiras de se comportar em Curitiba”, busca-se compreender como um discurso de controle dos comportamentos se materializou no espaço urbano da capital paranaense, e com quais objetivos eles foram postos em circulação no interior da sociedade curitibana. Neste capítulo são também exploradas as questões concernentes aos comportamentos desejados nos diversos espaços urbanos, mostrando a transição de divertimentos considerados insalubres e imorais, para alguns mais regrados e civilizados como é o caso do esporte moderno.

O terceiro capítulo intitula-se “A 'fabricação' da maquinaria esportiva de Curitiba” e persegue os rastros dos primeiros passos dados na constituição de um dispositivo pedagógico de cunho esportivo. Duas práticas esportivas foram ali analisadas: o Turfe e a Pelota Basca, primeiros divertimentos com esse caráter a se materializarem na capital paranaense, sendo por meio deles que se produziram imagens de espectadores e esportistas. Estas práticas também contribuíram para o desenvolvimento de uma cultura física e de outras modalidades esportivas na capital.

A noção de cultura física e sua relação com a natureza tornam-se o tema do quarto capítulo denominado “Natureza, cultura física e associações esportivas: consolidando o dispositivo esportivo da cidade de Curitiba”. Muito celebrada pelo discurso médico, a prática de exercícios físicos passa a constituir a educação dos corpos dos habitantes da cidade, compondo um quadro mais amplo dos novos comportamentos exigidos pela nova Curitiba. Os exercícios físicos, assim, tornam-se um dos elementos centrais na consolidação do dispositivo esportivo na cidade. Tais práticas corporais, praticadas em contato com a natureza e incentivadas por diversos clubes, associações e agremiações, eram marcas, signos dessa nova Curitiba.

No quinto capítulo intitulado “Institucionalização, Burocratização e Treinamento: a consolidação do dispositivo esportivo da cidade de Curitiba” procurou-se analisar como

o Esporte foi se racionalizando – fator que culminou com a sua institucionalização, especialização e burocratização. Neste momento encontrou-se um incremento no número de clubes esportivos e o surgimento das primeiras entidades regulamentadoras. Duas práticas corporais ganham grande destaque no período: o Tiro e o Futebol. Em nossas análises inferimos que foram essas práticas que iniciaram as preocupações com a performance, afinal os atiradores e as equipes de futebol precisavam conquistar os campeonatos e os torneios que disputavam.

Finalmente na última parte do texto denominada de “Fim da pugna...” apontamos para importância do tema, demonstrando como o dispositivo esportivo fazia parte de um projeto maior de transformação dos comportamentos e dos divertimentos exigidos pelo novo olhar urbano que se consolidava em Curitiba e que ainda existem muitos *matches* a serem jogados no que refere-se a História do Esporte em Curitiba.

Capítulo 1: As imagens

Figura 1 – Teatro Hauer 1913

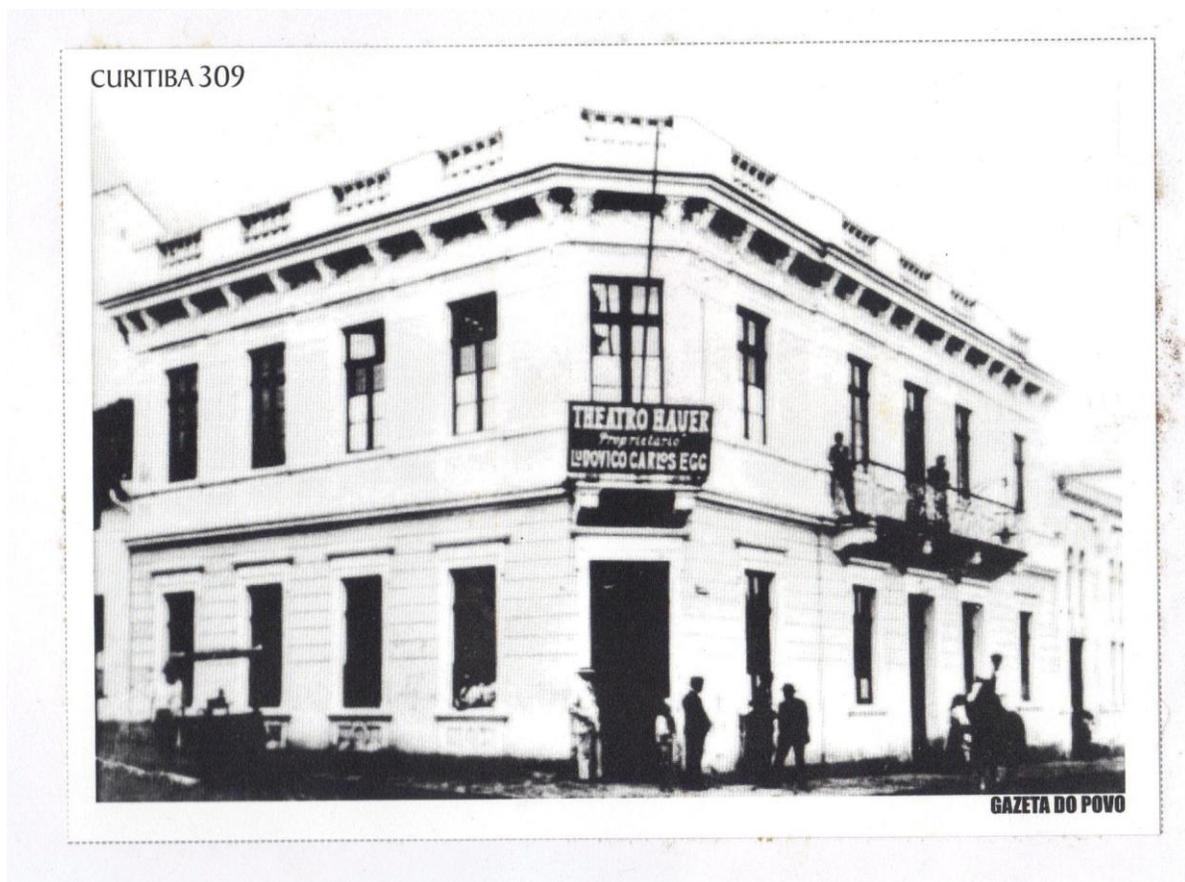


Figura 2 – Passeio Público de Curitiba 1886

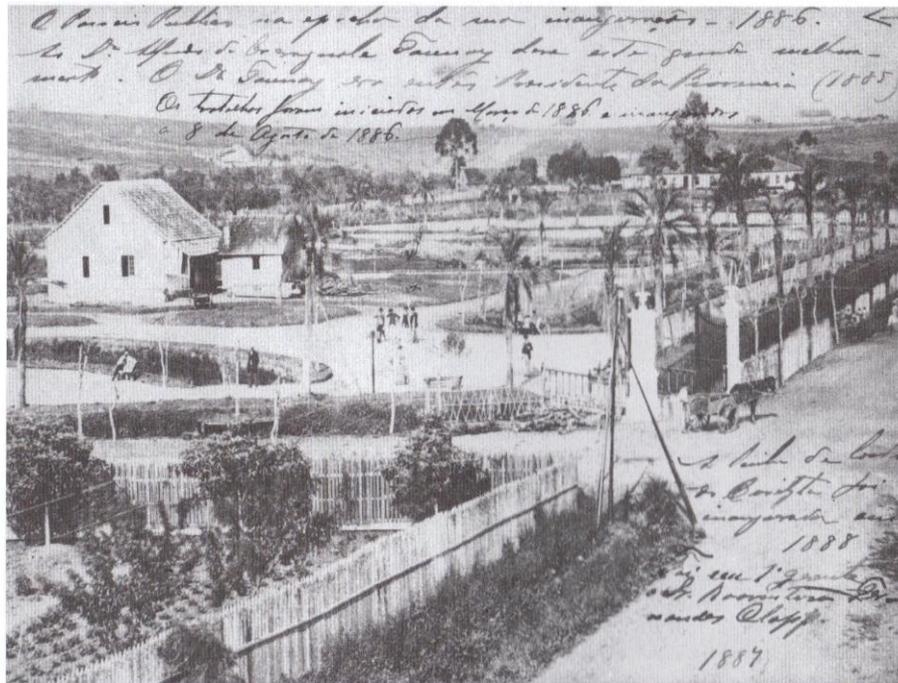


Figura 3 – Passeio Público de Curitiba final século XIX



Figura 4 – Passeio nos arredores Curitiba década de 1910



Figura 5 – Clube de Ciclistas 1905



Figura 6 – Piquenique em bosque particular década de 1910



Figura 7 – Anuncio Frontão 1899



Figura 8 – Resultado Frontão 1899

Frontão		
Curitybano		
Resultado do dia 18 de Junho de 1899.		
Partida	Lar. e Guichou	2500
1 ^a qui. dup.	16 Agote e Gui.	23.200
2	12 Emilio e Gui.	36.000
3	25 Guichou e Fra.	10.900
4	Guichou p. a p.	
5	45 Guichou e Lar.	20.500
6	24 Guichou e Lar.	14.400
7	16 Emilio e Agote	60.900
8	14 Fracho e Gui.	18.200
9	16 Lar. e Guichou	21.200
10	24 Agote e Emilio	41.200
11	25 Agote e Lar.	52.000
12	28 Agote e Testun	24.400
13	12 Gui. e Larra.	16.100
14	18 Gui. e Emilio	26.900
15	26 Gui. e Fracho	16.400
16	56 Larran. e Gui.	15.700
17	16 Fracho e Testun	22.200
18	56 Fracho e Testun	17.400
19	13 Agote e Larran.	28.800
20	26 Larran. e Agote	41.000

Figura 9 – Anúncio Jockey 1899

DIÁRIO DA TARDE

JOCKEY CLUB PARANAENSE

Grandes corridas em 23 de Julho de 1899

PROGRAMMA DE INSCRIÇÃO

1. Pareo 800 metros premio 400:000
Para animaes pelludos que não obtiveram victoria na ultima corrida, inscripção 60\$000, peso 60 kilos.

2. Pareo 800 metros premio 500:000
Para animaes pelludos, inscripção 75\$000, peso 58 kilos.

3. Pareo 1500 metros premio 600:000
Para animaes pelludos, inscripção 90:000, peso 56 kilos.

4. Pareo 1000 metros, premio 800:000
Para animaes de 1½ sangue de qualquer idade, inscripção 120:000, peso 52 kilos para os de 3 annos, 55 para os de 4 e 58 para os de 5.

5. Pareo, 1100 metros premio 1:000:000
Para animaes de 1½ sangue de 3 annos de idade, inscripção 120:000 peso 52 kilos.

6. Pareo, 1609 metros, premio 1:200:000
Para animaes de 1½ sangue de qualquer idade, inscripção 144:000, peso 54 kilos para os de quatro e 56 para os de 5 annos.

OBSERVAÇÕES

As inscripções encerram-se em 16 de Julho ao meio dia.
Curityba, 26 de Junho de 1899.

O secretario, José Luz

—12

Figura 10 - Anúncio Jockey 1899

DIÁRIO DA TARDE

Jockey-Club Paranaense



Grandes corridas em 18 de Junho de 1899

FESTA INAUGURAL

Honrada com a presença de SS. Exas. os Srs. Governador do
Estado e General Commandante do Distrito

— PROGRAMMA —

Director das corridas — José Ferreira da Luz

Juizes:

De Partida — João Gualberto de Bittencourt		De Chegada {	Dezembargador Oliveira Porto Coronel Ignacio Costa Nicoláo Pinto Rebello
« Confirmação — João Pereira da Fonseca			
De Curvas {		De Pesagem —	Julio Eduardo Gineste
Antonio Joaquim de Barros Barboza Benedicto Abranches de Almeida			
De Archibancadas {		Dr. Candido Ferreira de Abreu Arthur Ferreira de Loyola Alfredo Bittencourt Ignacio de Paula França	

A's 11 e 1/2 horas, em ponto, terá lugar a realização de um bem organizado pareo de «BICY-CLÉTAS», na distancia de 3.200 metros, no qual se acham inscriptos os amadores :

Carlos — Distinctivo Verde.		Augusto — Distinctivo Branco.
Paulo — « Amarello.		
Gustavo — Distinctivo Encarnado.		

Figura 11 – Jogo de futebol no Jockey década de 1910



Figura 12 – Festival esportivo década de 1910



Figura 13 – Santos Dumont no campo do Internacional 1916



Figura 14 – Equipes do Coritiba e Pontagrossense 1909



Figura 15 - Bonde que fazia a linha para o Prado 1913



Figura 16 - Partida do Coritiba década de 1910



Figura 17 - Foto Domingos Nascimento



Figura 18 - Livro “O Homem Forte” de Domingos Nascimento 1905



Figura 19 – Desfile Tiro Rio Branco 1910

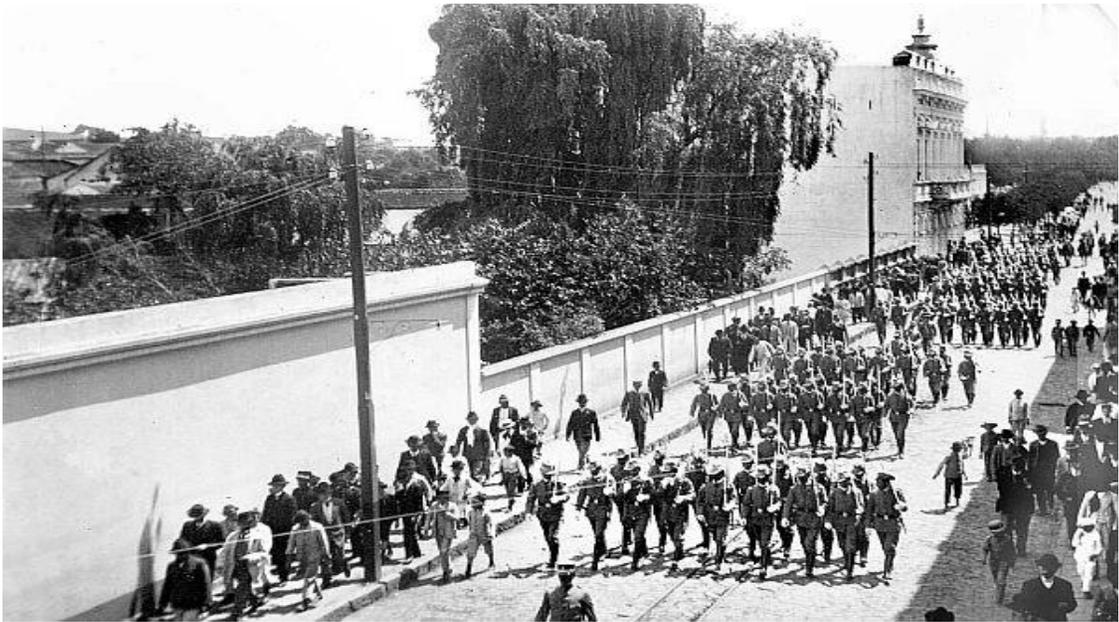


Figura 20: Viagem Tiro Rio Branco 1910

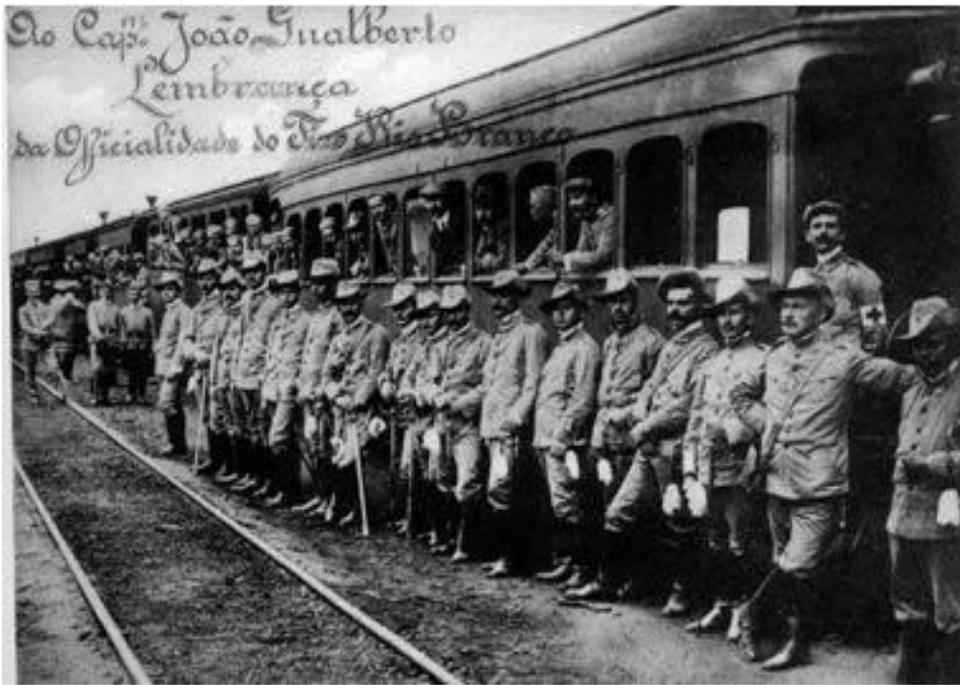
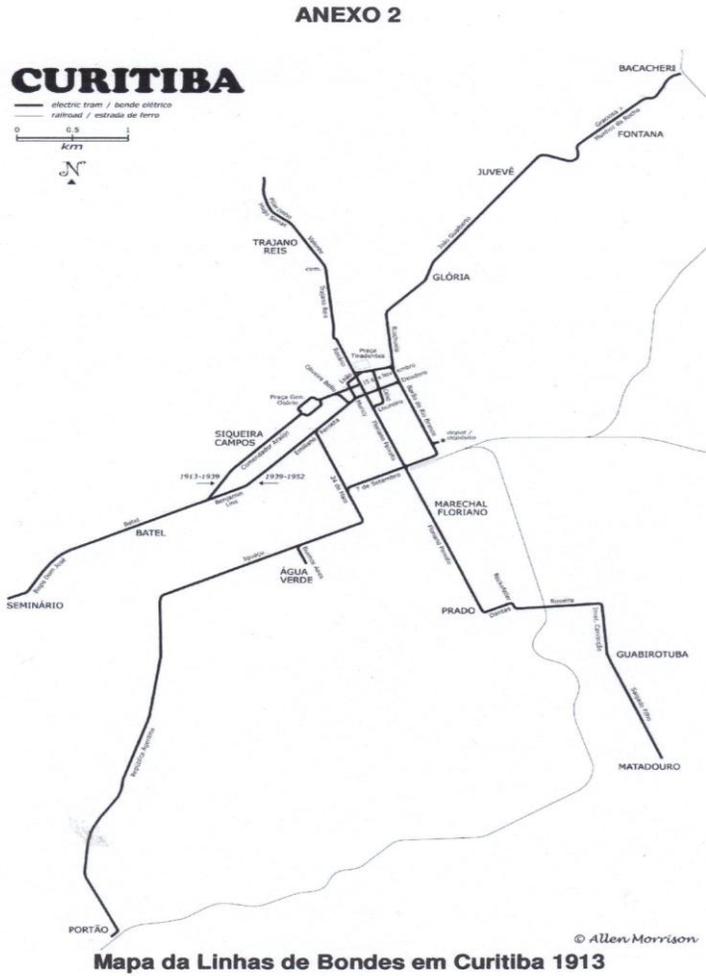


Figura 21: Festividade Tiro Rio Branco 1910



Figura 22: Mapa linha dos bondes 1913



Capítulo 2: Novas formas de olhar: a produção de imagens que idealizam novas maneiras de se comportar em Curitiba

2.1) Curitiba e suas muitas histórias

Curitiba, cidade de muitas histórias. Índios, sertanistas, aventureiros, religiosos, bandeirantes, tropeiros, portugueses, espanhóis, industriais da erva-mate, imigrantes alemães, italianos, poloneses e ucranianos entre outros foram os diversos personagens que compuseram as muitas histórias de constituição dessa cidade brasileira. De uma vila acanhada e obscura, situada na região entre a Serra do Mar e os Campos Gerais do Paraná, floresce um núcleo urbano que busca o progresso e a civilização.

A ocupação da região, na qual se encontra hoje a cidade de Curitiba, seguiu quase o mesmo padrão de colonização lusitano de outras regiões do país. Iniciou-se pela região litorânea, principalmente Paranaguá, e foi subindo lentamente em direção aos planaltos, primeiro o de Curitiba e depois o dos Campos Gerais, o de Guarapuava e o de Palmas. As terras paranaenses, nesse período, eram compostas por duas regiões: a de Paranaguá, que compreendia a região do litoral, e a de Curitiba, que era ainda mais vasta, pois abrangia todo o território acima da Serra do Mar e ia até as margens do Rio Paraná. (ROCHA POMBO, 1980; VÍTOR, 1996).

Os primeiros imigrantes de origem europeia de Curitiba não poderiam deixar de estar imbuídos por um espírito aventureiro e bandeirante. Holanda (1995) argumenta que esse espírito aventureiro era uma característica das bandeiras paulistas, e como a região do estado do Paraná era, até 1853, parte da província de São Paulo, acabou contaminada pelo mesmo espírito bandeirante. Afinal era necessário ocupar os sertões localizados serra-acima. O termo “Sertão”, nesse período histórico, designava não apenas os espaços interiores da Colônia, mas também aquelas regiões desconhecidas, inacessíveis, isoladas, perigosas, dominadas pela natureza bruta, e habitadas por bárbaros, hereges, infiéis, onde não havia chegado as benesses da religião, da civilização e da cultura. No início do século XIX, em Portugal, a palavra “sertão”

esvaziou-se dos significados que tivera para os portugueses (espaços amplos, desconhecidos, longínquos), tornando-se sinônimo de “interior”. (AMADO, 1995). Estes campos e florestas que eram povoadas por inúmeras nações indígenas, que gradativamente foram sendo expulsas de suas terras pelo colonizador português. Toda região em que se localizava Curitiba, em que se constitui esse núcleo urbano não era despovoada, não era apenas uma mata virgem, não era sertão a ser ocupado e desbravado. Bem ao contrario, era a terra povoada há muito tempo por inúmeras nações indígenas com seus hábitos e sua cultura.

A fim de atender a tais demandas, várias expedições para explorar os sertões foram organizadas e a pequena e acanhada vila de Curitiba se tornou um local de passagem para as regiões de planaltos.

Como uma cidade localizada fora da região litorânea e sem uma estrutura material suplanta a mais desenvolvida Paranaguá, e é escolhida para ser a capital da nova província do império, em 1853?

2.2) Curitiba: idealizando imagens

Na verdade, creio que não conheço outro distrito do Sul do Brasil que com razão exija tanta indulgência e prometa tão brilhante futuro, com o aumento da população, como a província do Paraná que acaba de nascer. Com plena intenção de usar dessa indulgência sempre como norma, chegara eu à capital de Curitiba. Por isso talvez é que me surpreendeu muito agradavelmente a cidade de uns 5.000 habitantes. Naturalmente nela nada se encontra de grande ou grandioso. Em tudo, nas ruas e casas e mesmo nos homens, se reconhece uma dupla natureza. Uma é da velha Curitiba, quando ainda não era capital de uma Província, mas um modesto lugar central, a quinta comarca de São Paulo. Aí se vêem ruas não calçadas, casas de madeira, e toda a espécie de desmazelos, cantos sujos e praças desordenadas, ao lado das quais há muita coisa em ruína e não pode deixar de reconhecer evidente decadência e atraso. Na segunda natureza, expressa-se decisiva regeneração, embora não apareça nenhum grandioso estilo Renascença. (AVÉ-LALLEMANT, 1858/ ed.1980, p.273).

A narração do viajante alemão, realizada em 1858, mostra que Curitiba representava o clássico modelo de cidade colonial portuguesa, contudo, também revelou outra faceta: apontou Curitiba como um lugar de brilhante futuro, local ideal

para construir uma metrópole europeia. Para ser essa “Terra do Futuro”, Curitiba precisava primeiramente sepultar de vez as pretensões de Paranaguá, para ser o centro das decisões da província que surgia. (PARANÁ, 1899; VÍTOR, 1996). Com a emancipação da província em 1853, a pouco desenvolvida cidade de Curitiba confirmava-se como sede política da nova unidade imperial. Para presidente, o imperador nomeia o conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcelos².

A nova unidade do império era muito atrasada. A sua capital Curitiba era ainda uma cidade precária em seus quesitos estruturais, conforme aponta o relatório do vice-presidente Ribeiro de Rezende (1854, p.13-14):

Este lugar effectivamente nada promete; esteril e sem cultura, nem se quer tem commercio, excepto o pequeno mercado ora feito com empregados civis e militares, e com as necessidades publicas, de que alguns tem tirado partido com que nunca havião sonhado. Digo que não há commercio, propriamente dito, na capital, porque é conhecido que em toda a província só há o da herva mate e pouco de animaes: o primeiro verifica-se em Morretes e Paranaguá, e para os de animaes serve a província apenas de via intermediaria entre o Rio-Grande do Sul e S. Paulo, sendo pontos de transito os municípios de Guarapuava, do Príncipe, Ponta Grossa e Castro, onde algum negócio se faz de passagem, distante por consequencia de Curityba.

O relatório do vice-presidente, ao mostrar um profundo incômodo com a capital da nova província, acaba por indicar um modo de pensar clássico da colonização portuguesa: o apego ao litoral. A posição do vice-presidente apenas reflete um sentimento característico dos colonizadores portugueses, ainda mais se pensar que quase todas as capitais das outras províncias brasileiras mantinham o clássico padrão português, localizando-se à beira-mar. Localização esta que, devido às condições tecnológicas da época, facilitava o contato e a comunicação com a capital imperial, bem

² Zacarias de Góes e Vasconcelos foi um dos políticos mais atuantes do período imperial brasileiro. Ocupou vários cargos antes de assumir a Presidência da Província do Paraná, em 1853. Foi presidente de outras unidades imperiais: Piauí (1845-1847) e Sergipe (1848-1849). Também foi ministro da marinha (1852-1853), ministro dos negócios (1862), ministro da justiça (1864), ministro da fazenda (1866-1868) e primeiro ministro por três ocasiões, entre os anos de 1862 e 1868. Hoerner Júnior (1984) aponta o conselheiro como um dos maiores defensores da interiorização das capitais, fato que, na opinião do importante político imperial, deixaria o passado colonial para trás e colocaria a monarquia nos trilhos da modernização.

como o acesso a outras regiões mais desenvolvidas do Brasil e do mundo. Acredita-se que, por esses motivos, existisse uma parcela da elite paranaense que advogava pela instalação da capital da nova província em Paranaguá. Naquele momento, a cidade litorânea era a localidade que mais se aproximava das condições materiais do Rio de Janeiro e das principais cidades brasileiras.

Essa falta de condições estruturais mostrava que Curitiba era uma localidade acanhada, atrasada e pouco desenvolvida. Sua escolha como principal centro da nova província não foi pelos seus predicados urbanos, mas por diversas outras questões. O viajante francês Saint-Hilaire (1978) descreveu a cidade de Paranaguá, no ano de 1820, com muito mais estrutura do que Curitiba. Contudo, salientou que o ar desta era muito mais puro e leve do que o daquela, sem os odores fétidos e os perigosos miasmas que existiam na cidade litorânea. A questão da excelência do clima curitibano é a que mais chama atenção dentro do recorte desta tese. Diversas fontes e livros são unânimes em afirmar que o ambiente *serra-acima* era mais salubre, de ares mais puros do que o encontrado no litoral, principalmente em relação à cidade de Paranaguá. (GOÉS E VASCONCELOS, 1854; PARANÁ, 1899; SAINT-HILAIRE, 1978; AVÉ LALLEMANT, 1980; ROCHA POMBO, 1980; MACEDO, 1995; VÍTOR, 1996).

Corbin (1987; 1989) e Vigarello (1999) lembram que o ar puro das montanhas, desde o final do século XVIII na Europa, era associado à pureza e à saúde. Permanecer no ar puro era um preceito que favorecia a longevidade do corpo. Chalhoub (2006) salienta que tais representações também estiveram presentes no Rio de Janeiro, em meados do século XIX, pois quando surtos de febre amarela assolavam a Corte, os médicos recomendavam refúgios na região serrana, principalmente à cidade de Petrópolis³. Esses fatores, segundo Chalhoub (2006), ganham uma significação maior

³ Essa representação sobre o ar puro das montanhas era forte neste período no Brasil, pois, segundo aponta Rago (1985), as descobertas de Pasteur sobre a microbiologia foram somente realizadas a partir de 1870. Corbin (1987) lembra que antes deste período prevalecia ainda a teoria dos fluidos, que concebiam o ar e a água como os veículos disseminadores dos miasmas, que seriam os transmissores das doenças. O autor salienta que a teoria miasmática prevaleceu na Europa até o século XIX. Por esse motivo, para o imaginário do período, o perigo para saúde vinha das águas estagnadas, pântanos, charcos e banhados, vistos como disseminadores potenciais de doenças que se propagavam via

pela predominância na medicina de concepções que viam os pântanos, as águas servidas, as praias e os portos agregados ao calor, como focos disseminadores de inúmeras doenças. Conforme aponta Vigarello (1999), um ar “mau”, com odores nauseantes era prelúdio de desenvolvimento de pestes e endemias. Por isso, Curitiba seria o local mais adequado para se construir uma cidade dentro dos padrões europeus. Uma moderna cidade, com clima e ar agradáveis, com uma população sem os vícios das regiões rurais e litorâneas, além de um local que seria território politicamente neutro, entre os principais grupos econômicos da região (fazendeiros dos planaltos e a elite litorânea).

Por esse conjunto de circunstâncias e acontecimentos, Curitiba seria ideal para ser a sede da nova província, já que teria uma suposta posição “neutra” entre os principais grupos do Paraná. A cidade, embora atrasada, não tinha os vícios e as marcas do passado colonial como as regiões litorâneas, tampouco o marasmo e os desmandos das fazendas dos planaltos. (PEREIRA, 1996; COSTA DE OLIVEIRA, 2001). Seria o local para se construir uma capital baseada no ideal do progresso, civilidade e, principalmente, da salubridade. Por isso não é de estranhar a presença de olhares higiênicos e eugênicos nas retóricas em prol de Curitiba, como as emitidas pelo historiador paranaense Hoerner Júnior (1984, p. 25):

À sombra da história, no entanto, diz-se, a pé d’ouvido, que o incito Conselheiro sofria de um terrível hypocondrismo. Morava no bairro de Santa Tereza, no Rio de Janeiro, lugar alto, longe dos contatos mais imediatos com as sujeições anti-higiênicas oferecidas pela cidade baixa, portuária, pegajosa. Ao optar por Curitiba, cidade alta, na serra, imaginou-a com clima ameno, parecido com Petrópolis. Levantou a bandeira da interiorização das capitais, alegando segurança maior, sem razão alguma porque de Norte a Sul somente São Paulo situava-se distante do litoral. Teria o Conselheiro pavor das febres a que estaria sujeito a população pelo desembarque das tribulações estrangeiras, mal sabidas de onde vinham.

Paranaguá tinha essa imagem repugnante, possuidora de águas “fétidas”, ares

atmosfera. Somente com a disseminação das ideias de Pasteur é que surge a teoria dos micróbios, a qual afirmava que as doenças eram propagadas pelos germens infecciosos difundidos pelo contato indireto entre pessoas e objetos.

com odores desagradáveis, elementos que, segundo aponta Vigarello (1999), eram propícios para o desenvolvimento de miasmas que poderiam potencializar o desenvolvimento de pragas e epidemias. Além do que argumenta Corbin (1989), o mar e as regiões portuárias tinham um imaginário muito marcado por serem locais de proliferação de doenças. Conforme aponta Chalhoub (2006), existia no imaginário brasileiro do século XIX um grande medo das epidemias. Acredita-se que o fato de Paranaguá ser mais suscetível ao desenvolvimento de doenças contribuiu significativamente para Curitiba ser escolhida como capital da província. Afinal, o momento político do império pretendia colocar o país nos trilhos do progresso, deixando para trás o obscurantismo do período colonial. Assim, a nova província não poderia ter os mesmos vícios e degradações morais que as outras unidades imperiais. Os viajantes europeus Saint-Hilaire (1978) e Avé-Lallemant (1980), o primeiro em 1820 e o segundo em 1858, confirmaram a presença destes hábitos em Paranaguá, indicando que Curitiba não possuía tanta miscigenação, vícios e degradações morais como o município do litoral. Dentro dessa lógica, não é de se estranhar a presença de um discurso de caráter higienista, apresentado pela autoridade máxima da província, para justificar a escolha de Curitiba como capital.

A hygiene publica, consultada sobre a questão, (...) indicará tambem esta cidade para capital da província, com preferencia ás povoações da marinhas. Todas reconhecem e confessão a excellencia do seo clima, e o documento mais seguro de sua superioridade fornecem-no os mesmos habitantes do littoral, todas as vezes (e não são poucas) que, por melhorar de seos padecimentos, sobem a serra e vem pedir aos bellos ares de Curityba o reestabelecimento de sua saude arruinada. (GOÉS E VASCONCELOS, 1854, p. 10).

Pelos motivos apresentados, diversos olhares higiênicos emergiram e se materializaram no quadro urbano de Curitiba a partir de então. (PEREIRA, 1996). A cidade foi “inventada” com esse intuito de ser a salubre e higienizada capital do progresso. Afinal, este núcleo urbano precisava se consolidar como a “Terra do Futuro” e, para alcançar tal intento, uma mudança de olhar se fez necessária, o que produziu a imagem de cidade modelo, e que posteriormente determinam os comportamentos

considerados corretos a serem adquiridos pela população.

2.3) A emergência das novas formas de olhar em Curitiba

A história da cidade ocidental registra uma infinidade de batalhas entre essa possibilidade civilizada e o esforço de criar poder e prazer através de imagens idealizadas da plenitude. Imagens idealizadas do “corpo” cumprem a função de autoridade, no espaço urbano. (SENNETT, 2006, p.302).

Analisar a emergência de novas formas de olhar Curitiba, exige um esforço que permita considerar, também, traços das histórias econômicas tanto da cidade quanto do estado do Paraná. Mesmo não sendo esse o nosso eixo central de pesquisa- uma história econômica da cidade e do estado- existem duas atividades econômicas que contribuíram significativamente para a emergência do novos olhares: o tropeirismo e o mate. Seria possível inferir que essas foram atividades econômicas que, em seu desenvolvimento e afirmação, acabaram por produzir novas sociabilidades, bem como outros modelos de vida e comportamento na capital paranaense. Foi primeiramente o intenso comércio de animais (tropeirismo) que “colocou” no mapa a cidade de Curitiba, pois, além de ser estratégica na ocupação a oeste, a cidade tornou-se um importante ponto no caminho entre Viamão e a cidade de Sorocaba. É preciso destacar que, nesse primeiro momento, a cidade de Curitiba tinha a clássica função acessória, como descrito por Holanda (1995), ao tratar das cidades brasileiras do período colonial e início do período imperial. Os centros urbanos, segundo o autor, eram um local de passagem no qual os habitantes das regiões rurais iam resolver algumas pendências, efetuar suas transações econômicas ou assistirem a algum festejo ou solenidade. Holanda lembra que nas cidades só residiam os funcionários da administração, oficiais e mercadores. O autor utiliza as palavras de Capistrano de Abreu para afirmar que a cidade “saía da vida sorna muito poucas vezes por ano”. (HOLANDA, 1995, p.90).

Essa localização, de certo modo estratégica da cidade permitiu que, lentamente, o tropeirismo rompesse com o isolamento dos sertões paranaenses, mudando de

maneira significativa as formas de olhar e se comportar, afetando assim, por consequência, os modos de educar os corpos da população. Suas caravanas desempenharam a função social de veicular notícias, encaminhar correspondência e encomendas, identificar cônjuges adequados ou parceiros temporários, e mesmo de forjar alianças políticas e econômicas. Vocabulário, culinária, vestuário, hábitos de comportamento, higiene e saúde: ou seja, um modo de vida mais próximo do urbano passava a ser conformado lentamente no corpo da população. Se antes predominava um estilo de vida mais rústico e campeiro, o comércio de tropas foi transformando paulatinamente os indivíduos. Era necessário transformar o homem centauro⁴, (SAINT-HILAIRE, 1978; AVÉ-LALLEMENT, 1980), num indivíduo urbano e civilizado. O primeiro passo seria a transformação do rude fazendeiro tropeiro, o homem centauro, em um refinado bacharel, habituado a uma vida urbana e cosmopolita, que, de preferência, morasse na capital da província. (PEREIRA, 1996).

Para a consolidação de Curitiba como a capital do progresso, bem como a intensificação de um olhar sobre a cidade e o corpo que a habita, outra atividade econômica foi fundamental: a erva-mate. Essa folha muito utilizada pelos indígenas no seu dia-a-dia foi a mais importante protagonista nas mudanças modernizantes ocorridas no plano cultural do Paraná, na virada do século XIX para o XX. Vítor (1996) salienta que foi o mate que mudou os rumos do Paraná e, principalmente, de sua capital, transformando uma província eminentemente agrária numa região urbana e com certo grau de industrialização. Foi essa atividade econômica que mudou o sentido e as formas de organizar a cidade, o que, por consequência, afetou as formas de olhar a vida e os corpos da população, rompendo de vez com o padrão colonial até então predominante. Se antes os núcleos urbanos eram constituídos, conforme relataram os viajantes Saint-Hilaire (1978) e Ave-Lallement (1980), por locais extremamente

⁴ O viajante alemão Ave-Lallement (1980) indica que os homens centauros eram uma figura típica dos planaltos paranaenses do século XIX. Tinham como principal característica a presença de comportamentos que escapavam a cultura civilizada que queria se instalar em Curitiba. Eram truculentos, gostavam de jogar a dinheiro, tinham um amor pelas armas, a cavalos e suas corridas e de se servirem frequentemente de prostitutas. Constituíam, assim, um modelo conflitante aos novos padrões de urbanidade que começava a se instalar na capital paranaense.

modestos, onde se concentravam o comércio varejista, uma pequena burocracia, artesãos e prostitutas, com o comércio da erva-mate, o espaço geográfico chamado cidade, em especial a de sua capital Curitiba, passou a ganhar outra significação social, produzindo novas formas de sociabilidade e privilegiando, assim, novos modos de olhar, e, de se comportar. (PEREIRA, 1996). Desse modo, surgem imagens idealizadas sobre o corpo que elaboram uma nova pedagogia da aparência, que mais tarde culminariam na elaboração do discurso esportivo.

Se o tropeirismo deu um primeiro sentido às cidades, foi o mate que as aproximou de um olhar urbano. Curitiba tornou-se, a partir da segunda metade do século XIX, o núcleo irradiador da modernidade, guiado pelos ditames da cultura da erva-mate. Este ideário foi conquistado através de uma série de medidas regulamentadoras sobre os diversos tempos e espaços, um verdadeiro projeto de docilização dos corpos, conforme análises empreendidas por Foucault (2002). A cultura curitibana não fica isenta destas questões, que culminaram inclusive com a industrialização da produção do mate⁵. Nesse sentido, tornou-se de extrema importância educar os corpos dos indivíduos ao novo ideário citadino, pois sua população era, conforme aponta Saint-Hilaire (1978), indolente e preguiçosa. Isto é, fazia-se necessário inculcar novas formas de comportamento moralmente mais úteis e entre elas estariam as de caráter esportivo.

Pereira (1996) lembra que esses indivíduos trabalhavam exaustivamente alguns meses por ano e no restante do tempo dedicavam-se a uma série de divertimentos considerados viciosos, como corridas de cavalo, brigas de galo, jogos de carta, bilhar e fandangos. Comportamentos estes tidos como ociosos e imorais, que não combinavam com a imagem de cidade e de província que se queria construir. Era necessário intervir sobre a vida da população em seus mais íntimos detalhes, ou seja, educar os corpos para uma vida urbana industrial que começa se instalar na cidade. Divertimentos regrados, entre eles os de cunho esportivo, seriam um elemento fundamental para

⁵ Uma análise pormenorizada sobre os impactos da cultura da erva-mate no desenvolvimento urbano de Curitiba pode ser encontrada na obra de Pereira (1996).

conquistar tal imagem idealizada. Para alcançar tal intento, passam a ser exigidos dos indivíduos, conforme lembra Pereira (1996, p.138), uma série de “... prescrições e interdições a respeito dos hábitos de higiene, gestual, ruído e formas de tratamento”, isto é, a constituição de novos olhares, afinal, os habitantes da capital tinham que ter outras formas de se comportar. Para alcançar este fim, imigrantes europeus que vieram se estabelecer no entorno de Curitiba foram fundamentais.

Mesmo se o número de imigrantes existentes fosse significativo, uma política estatal mais ampla de imigração, somente ocorreu no último quartel do século XIX. No governo de Adolpho Lamenha Lins (1875-1877), foi instalado ao redor da cidade um cinturão de colônias de estrangeiros. A conformação proporcionada por esses agrupamentos foi marcante para o futuro urbano da cidade, não somente nos aspectos econômicos, mas principalmente em todas as mudanças ocorridas na esfera cultural.

Curitiba pretendia ser a capital modelo para o restante do Brasil no quesito que articulava urbanização e imigração europeia. Ribeiro (1988) e Santos (1995) afirmam que foram os descendentes desses primeiros imigrantes que acabaram se estabelecendo no núcleo urbano, contribuindo para o crescimento populacional de Curitiba. O desenvolvimento proporcionado pelo mate possibilitou uma maior integração dos imigrantes ao contexto social e cultural de Curitiba, permitindo que a cidade ganhasse ares mais urbanos. Esses indivíduos vindos da Europa, além de branquearem ainda mais a população, contribuíram para a produção de novos olhares que estimulariam e multiplicariam as funções urbanas, desde serviços econômicos (cervejarias, padarias, ferrarias, açougues, fábricas de carroças e etc), na arquitetura, bem como na intensificação de outras formas de comportamento, fazendo circular diversos discursos sobre o corpo – entre eles os relacionados às práticas corporais, principalmente à ginástica e os esportes, pois estes já eram praticados em larga escala em seus países de origem. Foi a partir daí que surgiram algumas instituições de imigrantes que difundiam as práticas de Ginástica e Esporte na cidade⁶.

⁶ Lucena (2001) ao estudar o contexto da cidade do Rio de Janeiro, lembra que foram os imigrantes que

Já existia em Curitiba, na segunda metade do século XIX, uma série de associações e clubes imigrantes que incentivam diversas práticas corporais. Destaque para os clubes alemães Gesangverein Germânia (1869) – que mais tarde se funde com outros já existentes, como o Gesangverein Concórdia, Verein Deutcher Saegerbund, o Gesangverein Frohsinn, *Sport Club* Germania (atual Graciosa) e o Deutcher Turverein (primeira sociedade ginástica de Curitiba) – e Sociedade de Tiro ao Alvo, sob nome de Clube Concórdia. Entre os alemães, destacam-se ainda o Teuto Brasilianischer Turn Verein zu Curitiba (1890) – (Clube de Ginástica Teuto Brasileiro de Curitiba), que posteriormente foi chamado de Clube Duque de Caxias – e o Curitiba Foot Ball Club, clube de futebol fundado em 1909, por iniciativa de alguns membros da Teuto Brasilianischer Turn Verein zu Curitiba. (AULICH, 1953; FUGMANN, 2008; MOLETTA JÚNIOR, 2009). Existiam também agremiações esportivas nas colônias polonesas, italianas e ucranianas da cidade, bem como as da elite dirigente, como o Clube Curitibano⁷. (TRINDADE, 1996; CAPRARO, 2004).

Contudo, a figura do imigrante não era valorizada como aparenta. A chegada de surtos epidêmicos na “saudável” e “salubre” Curitiba de início foi associada à grande corrente migratória que a cidade recebeu. Tal explicação, segundo aponta Chalhoub (2006), era uma tese médica muito corriqueira do Brasil dos oitocentos, pois os médicos acreditavam que os europeus, ao sofrerem uma longa exposição em climas tropicais, adquiriam danos irreversíveis à saúde⁸. Nesse sentido, o imigrante tinha uma condição

ajudaram a intensificar grandes alterações na estrutura social brasileira. Tinham comportamentos diferenciados em todas as esferas da vida, como o trabalho, a família, bem como nos divertimentos e entre eles destacam-se os de cunho esportivo.

⁷ Melo (2001) lembra que essa mesma configuração de incentivo às ginásticas e aos esportes veio principalmente dos imigrantes europeus e dos filhos das elites brasileiras que iam estudar na Europa. Ambos os grupos trouxeram em suas bagagens o hábito cultural de praticar exercícios físicos e com isso ajudaram a difundir tais práticas no território brasileiro, criando clubes, organizando competições e ensinando práticas corporais a outros indivíduos. Curitiba seguiu este mesmo modelo, visto que foi uma cidade com grande afluxo de imigrantes e/ou os filhos de suas elites iam com frequência estudar em centros maiores como São Paulo e o Rio de Janeiro ou até mesmo em alguma cidade europeia. Sendo assim, estes dois grupos ajudaram na difusão das práticas corporais na capital paranaense, principalmente com a criação e fundação de clubes esportivos e recreativos. Estes pontos serão melhor trabalhados nos capítulos três, quatro e cinco da presente tese.

⁸ Chalhoub (2006) lembra que o pensamento médico do período indicava que os colonos da “raça

paradoxal na sociedade brasileira. Por um lado, ele tinha hábitos considerados importantes devido à sua relação mais próxima a alguns anseios urbanos e industriais, além de serem considerados importantes na melhoria eugênica da população brasileira. Por outro, devido a estas supostas fraquezas imunológicas, foram acusados de serem os portadores e disseminadores das pragas, pestes e doenças. No caso de Curitiba, a abjeção foi principalmente quanto aos imigrantes poloneses e ucranianos que vinham de uma região mais pobre, rural e menos desenvolvida da Europa⁹. Tanto que logo recebem a alcunha depreciativa de “polacos”, e a eles eram atribuídos sérios vícios e degradações morais. O higienista Trajano Reis abordou tais questões em 1894:

Os colonos e sempre os colonos têm sido companheiros de variados micróbios surgidos em Curitiba.

Como não ser assim?

Baldos de recursos, abatidos de moral, por se verem foragidos, peregrinando de cidade em cidade, atravessando centros populosos, que são focos de mil entidades morbidas transmissíveis, viajando longinhas terras, quasi sem agasalho, prisioneiros por muitos dias na proa de um navio, sem abrigo, são victimas sacrificadas á dura sorte que os persegue.

Não são elles os culpados de serem os precusores de epidemias, porque estas, antes de chegarem á nós, já espalharam, nas suas familias, a desolação, a morte.

Esses que a primeira vista parecem mensageiros dos males, são verdadeiras victimas immoladas ás necessidades da vida, são nossos irmãos que desilludidos, depois de terem haurido, além de suas forças, o cálice do infortunio, emprehendem, confiantes em melhores dias, trabalhosas jornadas, em demanda de nova patria, de novo lar, onde esperam encostar o bordão de viajor exausto, esquecer cruéis padecimentos, repousar á sombra da abundancia, da fertilidade, da paz, de todos os bellos predicados inherentes á minha terra natal.

Não são culpados os que chegam carpindo suas dôres, os que veem dobrados ao peso de uma epidemia; culpados teem sido os que quasi que abandonados, que não põe em prática os recursos hygienicos para diminuir-lhes soffrimentos

germânica” teriam mais chances de melhor aclimação nas províncias do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. O autor salienta que, para atrair mais o elemento estrangeiro, era preciso melhorar as condições higiênicas do país, pois mesmo se estabelecendo em climas mais amenos como o do sul do Brasil, eles desembarcavam principalmente em cidades portuárias e tropicais como Rio de Janeiro e Santos, onde acabavam contraindo alguma doença endêmica e as desenvolvendo em outras cidades do país, mesmo naquelas com climas amenos e ares mais puros.

⁹ É possível visualizar, em diversos momentos da história paranaense, essa relação paradoxal com os imigrantes, ora exaltando suas virtudes, ora as condenando. Os alemães e italianos, apesar de sofrerem um processo de estigma menor do que os poloneses e ucranianos, não ficaram sem sofrer algum tipo de discriminação e mesmo de perseguição no contexto da sociedade curitibana.

e evital-os á população. (REIS, 1894, p.166).

Além da imigração europeia outras ações foram efetivadas para construir uma metrópole em Curitiba. Esse desejo guiado e orientado pelos saberes científicos se intensificou no último quartel dos oitocentos, tendo em vista a necessidade de construir uma capital moderna e salubre, uma cidade marcada pelo discurso da técnica e da ciência. Assim, deu-se início a algumas medidas saneadoras tais como: a construção de praças, a limpeza pública, alinhamentos e calçamentos de ruas e canalização dos diversos rios que cortavam a cidade. Mesmo com todas as limitações possíveis, tais medidas passaram a ser políticas governamentais e os poderes públicos se tornaram mais efetivos, transformando Curitiba num "canteiro de obras". O Rio Ivo foi canalizado e onde se encontrava o banhado do Rio Belém foi construído, nos moldes do Jardim Botânico de Paris e do Rio de Janeiro, o Passeio Público. (BAHLS, 1998). Tais espaços de área verde eram necessários nos centros urbanos, pois, conforme apontam Vigarello (1999) e Sennett (2006), seriam os pulmões da cidade, os locais em que a população poderia respirar ares puros e saudáveis. Na consolidação do dispositivo esportivo de Curitiba, esses espaços verdes foram centrais¹⁰.

Nos estudos das historiadoras Etelvina Trindade (1996) e Maria Ignês Mancini de Boni (1998), argumenta-se que o discurso modernizador efetuado no século XIX se materializou claramente no espaço urbano de Curitiba, nas primeiras décadas do século XX. Houve no Paraná um crescimento populacional considerável. De 126.722 habitantes em 1872, passou para 327.136 em 1900. Só em Curitiba, a população era, em 1905, de 53.928 e, em 1920, esse número passou a ser de 78.986 habitantes. Com isso, as ruas se abriam e se pavimentavam a olhos vistos, surgiam novas edificações e os primeiros "arranha céus".

Nestor Vítor (1996) salienta que a capital deixava de ter um ar provinciano e adornava-se com sobrados mais leves e elegantes. O intelectual lembra que o governo aprimorou seus serviços na área de educação e saúde, higienizou o centro com a

¹⁰ Esta relação entre natureza, cultura física e práticas esportivas será abordada no capítulo quatro da presente tese.

construção de galerias pluviais; promoveu a expansão da rede de água e esgotos, a irrigação, bem como a limpeza pública. Implementou o calçamento, o bonde elétrico, a normatização da circulação de veículos; instalou a iluminação pública; construiu inúmeras praças, parques, teatros, cinemas; e criou inclusive uma guarda civil, cemitérios e algumas prisões. Para atender às novas necessidades da população, houve um aprimoramento dos ambientes públicos, que se tornaram importantes áreas de divertimento (bandas de música, cafés, praças, salões de dança, cinemas, teatros, clubes sociais, esportivos e etc.).

Curitiba, na virada do século, era uma cidade que queria integrar-se ao mundo contemporâneo. A sua população fazia questão de adquirir hábitos mais 'modernos' e 'civilizados', os guias de etiqueta, geralmente traduzidos literalmente de seus análogos europeus, orientavam a moda e os costumes das pessoas, a maneira de se vestir, de se postar à mesa; ternos, gravatas, chapéus, vestidos longos, sombrinhas, já faziam parte da indumentária dos curitibanos; *champagne*, caviar e patê de *foie gras* já podiam figurar na mesa de alguns mais abastados. A preocupação era integrar a cidade em um projeto civilizatório maior, uma correlata cabocla de Paris ou Londres... A palavra de ordem era tratar de esquecer, o mais rápido possível, um passado colonial marcado pela pacatez. Nesse sentido, o cidadão curitibano de então passou a fazer questão de incorporar novas experiências que mudassem sua percepção do mundo circundante (...) Guardadas as devidas proporções, o curitibano passou a conviver no seu cotidiano com artefatos mecânicos como cinematógrafos, fonógrafos, gramofones, telégrafos, telefones, câmaras fotográficas; e passou a presenciar os feitos das 'maravilhas' do transporte ferroviário, da iluminação elétrica, dos balões, dos aeroplanos e dos bondes elétricos. (SÊGA, 2001, p.2).

A fascinação por uma vida urbana se materializou nas ruas de Curitiba e nos discursos de inúmeros intelectuais, que haviam se fascinado com o discurso do progresso – fatos que se manifestaram nos jornais do final do século XIX e início do XX. Em matéria de primeira folha do jornal “Diário da Tarde” comemorando os 46 anos de existência da Paraná como região independente de São Paulo, tais aspectos são celebrados:

Nas simples linhas, e nos povos algarismos que alli ficam sublinhando a existência histórica do estado, está patente o progresso. E quem vê hoje a capital: rendilhada de edifícios luxuosos, cortada de longos arruamentos,

destacando-se nos arredores encantadoras vivendas; quem olhe-a e a observe-a: ruas já calçadas onde se cruzam carros, *bonds* e peões, as fabricas florescentes, os logradouros publicos de um aspecto artístico e risonho; quem veja-a à noite: iluminada a luz electrica, e pense que no perímetro urbano se abriga uma população de cerca de 30.000 almas, compreendera esse progresso desde que sobre isso tudo se lembre de que a cidade de hoje era ainda em 1812, a vila branca e pequenina perdida no meio dos verdes campos, e orgulhosa de ter sob seu teto a família dos ouvidores. (DIÁRIO DA TARDE, 08/04/1899, p.1).

Afinal, essa nova forma de organização social mudou drasticamente a sensibilidade do indivíduo citadino. Vigarello (1999, p, 97) indica que esse tipo de indivíduo estava marcado por determinados códigos de civilidade urbana, sendo possuidor de “uma arte de agradar na conversação, uma maneira mais elaborada de falar de si como uma maneira mais sofisticada de preservar o corpo”. Essa parcela da população, segundo aponta Trindade (1996), passou a desenvolver em Curitiba uma sensibilidade, um olhar mais acurado que desejava mais conforto, saúde e funcionalidade na estrutura da cidade. Tanto que a falta, a carência ou até a inexistência desses serviços não passava despercebida no olhar da imprensa curitibana, conforme aponta Benvenuti (2004). Os jornais disseminaram com grande profusão discursos relativos às melhores formas de olhar o espaço urbano e de educar os corpos da população. Era necessário abordar os comportamentos dos indivíduos, uma vez que estes poderiam colocar em risco a salubridade e a saúde da população, além de serem importantes símbolos de distinção social. Vidas públicas e privadas tornavam-se uma só. Era preciso enfatizar a vigilância de si, que seria a condição para a vigilância de todos.

Para sanar essas questões os jornais acabaram por eleger mudanças a serem realizadas. Os comportamentos e as gestualidades seriam os alvos da transformação. Essas medidas eram uma anatomia política do detalhe, poderes que invadiram as esferas da vida em seus aspectos mais íntimos e recônditos, configurando novos modos de viver. Os discursos especializados sobre o corpo utilizados nos jornais, baseados num saber técnico científico, tornaram-se de primordial importância para essa gestão da vida, pois eram ações que visavam higienizar todo o espaço urbano,

assim como os corpos que habitavam as cidades.

A matéria publicada no jornal “A República” resume muito bem qual era o espírito da começo do século XX:

Curityba está sendo poucamente exalcerada da sua monotonia. Não só as competentes autoridades como as poderosas Companhias de Melhoramentos, estão encarando com seriedade a iniciativa de todar a ‘lyrial rainha do sul’ de novas formas dando-lhes, assim um aspecto encantador.

Tanto é, que nota-se diariamente um grande número de operários que distribuídos em turmas pelos diversos pontos da cidade, entregam-se com afan não só no alinhamento como também no calçamento das nossas principais ruas, que estão fartamente iluminadas com poderosas lâmpadas electricas, dispostas com alinhamento no centro das mesmas. As avenidas, por sua vez, estão sendo alongadas e ajardinadas com arte e capricho. Não continuam no ostracismo os arrabaldes, estando em reparos os trechos intransitáveis e illuminados outros que até então achavam-se as escuras (...) São diariamente demolidas as construções antigas que são substituídas por prédios collossaes, com ricas e maravilhosas architecturas, notando-se, desde já varias ruas e edifícios dignos de admiração, pelo moderno e deslumbrante aspecto que representam. (...) diante desses melhoramentos de que está sendo alvo a nossa capital, os seus habitantes, sem distinção de sexo, resolveram (e com muita razão) marchar para o progresso, notando-se... um extraordinário movimento que desde cahir da tarde transformou o seio da capital (rua 15 de Novembro) num verdadeiro paraíso infernal: bando de senhoritas ... com o mais esmerado gosto de ricas e finas *toillets*, percorriam os passeios ... rapazes que encadernados em seus finos ternos e sem se preocuparem do frio andam ... indiferentes a tudo, passam metidos em enormes sobretudos, os nossos políticos, que numa pose de lords, comentam os últimos sucessos; e finalmente aparecem os burgueses parasitas que passam vociferando contra as mulheres e filhos pelo simples motivo de todos os domingos correrem aos cinemas (...) sobem e descem constantemente bycicletas, bondes electricos que com seu enfadonho délem-délem, lá vão aleijando o que lhe estiver na frente; carros que volteiam a cidade conduzindo namorados... (A REPÚBLICA, 23/06/1913, p.1).

O texto publicado mostra toda a fascinação pelo crescimento e progresso de Curitiba, os elementos enfatizados mostravam o verdadeiro espetáculo da vida cotidiana. A capital paranaense deixava para trás os ares campestres, pacatos e acanhados, criando novas formas de sociabilidades, mais adequadas a uma metrópole nos típicos moldes das mais modernas urbanidades brasileiras e europeias. O terreno estava preparado para que emergisse um dispositivo pedagógico esportivo da cidade.

Na construção de uma urbanidade moderna, o novo olhar exigia um indivíduo

trabalhador, produtivo, educado, bem vestido e com uma gestualidade controlada e contida; perfil oposto ao do vagabundo, malandro, ocioso, bêbado, incivilizado, mal vestido e sem gestos apropriados para uma vida urbana. O que os indivíduos mais adaptados às normas civilizadoras desejavam era poder usufruir do espaço público e das benesses da civilização como teatros, cafés, cinemas, praças, parques, lojas chiques e *mettings* esportivos e *footings* sem o risco de serem assaltados, atropelados; de terem seu olhar incomodado com prostitutas, arruaceiros e mendigos; ou mesmo sentir odores fétidos por conta de fossas, sarjetas e águas paradas, animais mortos em decomposição e de urina e fezes humana ou animal. Ou seja, queriam ter, nos dizeres de Sennett (2006, p.289), “lugares para se passar a vista”. O que mais preocupava o cidadão era a imagem idealizada da sua cidade. Em Curitiba, isso não foi diferente. A capital paranaense deveria ostentar suas riquezas, um espaço urbano planejado e delimitado, sem cortiços e corpos “indesejáveis” no centro da cidade; com arquitetura europeia; com avenidas e ruas calçadas, largas e arborizadas; inúmeros parques e praças; cafés para realização de encontros e conversas¹¹; saraus; teatros; clubes sociais e esportivos; roupas de acordo com a moda europeia; enfim, era exigido pelo novo olhar, além de toda uma estrutura cidadina organizada e disciplinada, comportamentos e gestualidades condizentes a um espaço urbano em florescimento¹². (SÊGA, 2001; BENVENUTTI, 2004)

Dessa forma, a nova forma de olhar, que fez com que emergissem imagens idealizadas, também intensificou a produção de outras formas de comportamentos. Os antigos hábitos teriam que ser apagados e condenados à lembrança e/ou ao esquecimento, se os indivíduos quisessem ter seus corpos aceitos pelo novo olhar que

¹¹ Segundo aponta Vigarello (1999, p.115), o hábito de frequentar cafés passa a ser um importante espaço de sociabilidade na cultura urbana. Locais públicos que tornaram importantes espaços de conversações e concretizadores de um novo modelo de comportamento mais urbano e civilizado, moralmente mais útil.

¹² Lucena (2001, p.15), indica que todas estas ações fazem parte de um processo de refinamento das ações iniciadas no Brasil no século XIX. Trata-se de uma crescente atenção dada ao comportamento na presença do outro. Gestualidades e hábitos deveriam ser controlados para atender o novo modelo social que emergia no Brasil. Os divertimentos e passatempos populares passam a ser cada vez mais regrados exigindo condutas e comportamentos diferenciados por parte dos indivíduos.

emergia com uma força avassaladora na capital paranaense. Os habitantes da cidade, portadores de novas sensibilidades e comportamentos, exigiam cada vez mais conforto, bem-estar e principalmente distinção. Um novo arquétipo de corpo surge no horizonte curitibano e as práticas esportivas seriam elementos fundamentais na produção desse novo modelo corporal.

2.4) Dos divertimentos populares às primeiras práticas corporais regradas: um dispositivo esportivo é esboçado

Forçadas a viver de uma nova maneira em sociedade, as pessoas tornam-se mais sensíveis às pressões das outras. Não bruscamente, mas bem devagar, o código de comportamento torna-se mais rigoroso e aumenta o grau de consideração esperado dos demais. O senso do que fazer e não fazer para não chocar os outros torna-se mais sutil e, em conjunto com as novas relações de poder, o imperativo social de não ofender os semelhantes torna-se mais estreito, em comparação a fase precedente. (...) O código social só conseguiu consolidar hábitos duradouros numa quantidade limitada de pessoas. Nesse momento, com a transformação estrutural da sociedade, com o novo modelo de relações humanas, ocorre, devagar, uma mudança: aumenta a compulsão de policiar o próprio comportamento. Em conjunto com isto é posto em movimento o modelo de comportamento. (ELIAS, 1994, p. 91-93).

A reflexão realizada por Elias mostra que, a sua teoria do processo civilizador, busca elaborar todo um modelo de configuração sobre os comportamentos que os indivíduos necessitam seguir. Uma das características básicas da civilização é a produção de certo *habitus*, ou seja, condutas marcadas por todo um autocontrole corporal. Durante o processo, cada corpo apresenta hábitos que lhe dão identidade e criam uma distinção social entre os demais membros da sociedade. Elias (1994) salienta que existe, no processo civilizador, uma tendência cada vez maior de os indivíduos se observarem, fato que aumenta a coação de um sobre o outro¹³.

¹³ Bourdieu (1983; 1999) amplia e desenvolve o conceito de Elias, indicando que *habitus* trata-se de um sistema de disposições adquiridas por diversas formas de aprendizagem, um conceito que opera tanto de forma social como de forma individual. O sociólogo francês lembra que os *habitus* acabam por se encarnar nos corpos dos indivíduos de forma bastante durável e, com uma série de disposições permanentes, seria visto como uma propriedade, um capital adquirido que, em muitos casos, eram

A busca por novos modos de se comportar eram uma constante na Curitiba da virada do século XIX para o XX. Era comum que os jornais locais exaltassem, em suas páginas, hábitos considerados mais civilizados:

Hontem foi dia de descanso e de folgança. Domingo de Espirito Santo. Céu azul e temperatura agradabilissima.

As ruas estiveram movimentadas: por toda a parte via-se moças em alegres toilettes, moças que iam às festas religiosas na cathedral e no alto da Glória, moças que iam ao bosque dos Atiradores, gozar da bella tarde, sob o arvoredado, ouvindo musica e tomando cerveja.

Os bonds cheios iam e vinham em uma azafama domingueira.

Bailes à noite no alto S.Francisco, no theatro Hauer e no salão dos Atiradores attrahiam a grande colonia estrangeira de nossa cidade.

Bandas de música militares e civis, durante todo o dia, enchiam com notas de seus instrumentos os ares de uma transparencia azulada e fina.

O Q Bosina passou um dia feliz: accordou tarde com a magnifica impressão do baile da véspera – a instalação do Gremio Cassinista (...) almoçou (...) foi as ruínas do alto S.Francisco, de onde gozou do suggestivo panorama da cidade, estendida sobre verde collinas; ouviu musica, contemplou as alegres raparigas, jogou bilhar e terminou o dia, pela noite afóra em amena palestra com a gentil Atalanta, gozando de seu espirito fidalgo, e bebendo chicaras de perfumado café moka (...) (DIÁRIO DA TARDE, 04/06/1900, p.2).

O cronista “Q Bosina” mostra como, nos primeiros momentos do século XX, novos modos de comportamento já faziam parte do cotidiano de Curitiba. Inclusive, eram considerados elementos centrais para a construção de uma imagem idealizada, que a capital paranaense queria efetivar. O primeiro passo para efetivar esta questão foi deixar a “velha” Curitiba no passado. Para que a produção deste novo modelo de vida fosse mais eficaz, o urbano precisava ser transformado em seus íntimos detalhes, entretanto, exigia-se mais do que um olhar acurado à arquitetura e ao espaço urbano: um dispositivo pedagógico, que formasse e disseminasse estes comportamentos, necessitava ser formulado.

Segundo afirma Foucault (1996), o termo “dispositivo” tenta demarcar um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos,

elementos de grande distinção social, pois delimitavam as posições que os indivíduos poderiam ocupar no espaço social.

proposições filosóficas, morais e filantrópicas. O dispositivo é uma rede que se pode estabelecer entre todos esses elementos, existindo entre eles um jogo, mudanças de posições e modificações de funções, que podem ser distintas entre si; ou seja, representa uma função estratégica dominante. Seguindo a esteira das definições de Foucault, é possível indicar que a jovem capital paranaense elaborou um imenso dispositivo pedagógico para atuar na produção de outras formas de comportamento, entre os quais se destaca a emergência do de cunho esportivo. Considera-se muito próxima da definição de dispositivo de Foucault as reflexões de Bourdieu (1983; 1999), sobre a teoria dos campos. Ambos os autores acentuam a temática das relações de poder, para a constituição das suas conceituações. Bourdieu lembra que, para o funcionamento de um campo, é preciso indivíduos dotados de *habitus* que os identifique e os legitimem. Foucault, apesar de não tematizar diretamente as questões dos comportamentos, sinaliza para uma mesma direção, indicando que para um bom funcionamento de um dispositivo, modelos de conduta muito próprios surgem para constituir aquilo que ele chama de indivíduo moderno. Sendo assim, o objetivo da presente pesquisa não é discutir nem problematizar as definições dos autores, mas mostrar como determinadas formas de comportamento ligadas ao Esporte criam um mecanismo com funcionamento muito peculiar em Curitiba. As noções e conceituações de autores como Bourdieu, Foucault e Elias surgem para enriquecer o trabalho historiográfico e não para ser um arcabouço teórico fechado para a interpretação das fontes.

O processo de transformação dos comportamentos deveria se materializar em Curitiba, afinal, conforme aponta Elias (1994), um novo indivíduo, com hábitos refinados e autocontrolados, era uma exigência do processo civilizador. A população curitibana necessitava ter condutas retidas e aptas ao mundo civilizado e urbano – imagem idealizada que se intensificava nas ruas da prodigiosa capital paranaense. Na “nova” Curitiba, assim como na capital do Brasil, (SEVCENKO, 1998; PEREIRA, 2000; LUCENA, 2001; MELO, 2001; MORENO, 2001) era preciso produzir outras formas de comportamento, que culminariam em novas maneiras da população curitibana se

divertir (RIBEIRO, 1988; PEREIRA, 1996), entre as quais se destacam as de cunho esportivo. (CAPRARO, 2004; MOLETTA JÚNIOR, 2009). Contudo, a elaboração do dispositivo esportivo em terras curitibanas não ocorreu da noite para o dia. Aquele estava inserido numa complexa rede de configurações, permeado por diversas relações de saber e poder que acabariam por construir uma imensa maquinaria esportiva¹⁴.

A inserção das práticas esportivas em Curitiba, assim como em outras cidades do país¹⁵, fazia parte de um projeto modernizador que visava eliminar o provincianismo da capital. (CAPRARO, 2004). Victor (1996, p.78), em livro publicado em 1912, salienta quais comportamentos da “velha” Curitiba deveriam ser eliminados das ruas da “nova” cidade:

À tarde e à noite faziam-se rodas nas farmácias e em outras casas de comércio, politicando ou comentando os fatos do dia. Pelo inverno, em dias de sol, certos lagarteavam com seus amigos nas esquinas, ociosos, referindo anedotas, cavaqueando, segundo o hábito dos centros pouco movimentados, em que se procura matar o tempo seja como for.

A prática esportiva seria um divertimento, o passatempo mais adequado para uma cidade em desenvolvimento como Curitiba. Contudo, a emergência desta prática só pode ocorrer devido ao minucioso processo de transformação do urbano. Segundo

¹⁴ A definição de maquinaria foi elaborada por Álvarez-Uria e Varela (1991), inspirados no pensamento de Foucault. Os autores indicam que a presente definição trata-se de uma complexa engrenagem formada por um conjunto de máquinas e peças que compõem aquilo que denominamos de Escola. O contexto da presente tese extrapola para além do espaço escolar tais definições, visto que é possível visualizar um conjunto de procedimentos para a formulação de uma maquinaria esportiva da cidade de Curitiba. Tal conjunto pode ser entendido como uma série de práticas discursivas e não discursivas, de todo um dispositivo que, ao se articularem, criam verdades sobre os indivíduos, constituindo-os e disciplinando-as dentro de padrões sociais, espaciais e temporais específicos. Seguindo o presente raciocínio, é possível indicar que o esporte é uma grande “máquina de educar o corpo”, um dispositivo pedagógico, uma tecnologia massiva de grande alcance populacional, ou seja, um poderoso artefato para realizar a educação dos corpos.

¹⁵ As práticas corporais, principalmente as esportivas, surgem como um divertimento, um passatempo diferenciado nas principais urbanidades brasileiras do final do século XIX e início do XX. (SEVCENKO, 1992;1998; PEREIRA, 2000; LUCENA, 2001; MELO, 2001; MORENO, 2001; LINHALES, 2009). Segundo Lucena (2001), o esporte se tratava de um importante aspecto do processo civilizador, que buscava desenvolver no indivíduo um autocontrole para a nova vida que os centros urbanos exigiam. Para o autor, era uma nova prática educada e educativa, que contrapunha os antigos jogos e divertimentos populares, tidos como rudes e primitivos.

aponta Pereira (1996), a busca pela transformação dos hábitos da população curitibana vinha desde a virada do século XVIII para o XIX. O autor lembra que, desde a segunda década do século XIX, já existia a intenção das autoridades curitibanas em “transformar os costumes” e, com isso, combater comportamentos considerados perniciosos – principalmente o jogo a dinheiro, o porte de armas e os bailes populares conhecidos como fandangos ou batuques; bem como toda uma prescrição que se refere a hábitos de higiene e a gestualidades, ou seja, era preciso eliminar o anti-higiênico, o insalubre, o rude e primitivo das ruas de Curitiba¹⁶.

Pereira (1996) salienta que tais questões são intensificadas com a emancipação da província em 1853, tanto que a falta de civilidade poderia ser punida pelos dispositivos legais, presentes nos códigos municipais de Curitiba no período. Xingamentos em público, vestuário “indecente” e gestualidades infamantes ou indecorosas eram hábitos não condizentes com a sociedade que queria se instalar em Curitiba, isto é, comportamentos que pudessem ferir a moral e os bons costumes deveriam ser exterminados das ruas da capital da nova província. De acordo com Pereira (1996), um dos principais inimigos a serem combatidos era o costume popular de realizar bailes de fandangos e batuques. O autor salienta que era preciso acabar com a devassidão que reinava nestes divertimentos populares, promovendo bailes que demonstrassem o manual de civilidade¹⁷. O viajante inglês Bigg-Wither (1974, p.152-153), ao percorrer o Paraná no último quartel do século XIX, descreve como foi presenciar um baile popular:

Em passo batido e lento, mas rítmico, acompanhado as violas, os homens começaram primeiro a dança, adiantando-se e retirando-se para o centro do círculo alternadamente, e as mulheres também batiam os pés, mas não avançavam. Ao fim de doze compassos musicais, todos em conjunto, homens e

¹⁶ A perseguição e condenação a certos divertimentos populares foi uma característica presente em outras urbanidades brasileiras. Se no Paraná, especialmente na sua capital, Curitiba, a perseguição foi em relação ao fandango e aos batuques, no Rio de Janeiro, conforme aponta Lucena (2001), a perseguição foi principalmente contra o entrudo e o carnaval.

¹⁷ De acordo com Lucena (2001), o popular neste marco temporal passa a ser censurado, principalmente por sua associação ao primitivo e ao não civilizado.

mulheres, batiam palmas três vezes, o que servia de sinal para que todos dessem maior intensidade nos movimentos de corpo e batessem com mais força no chão. Durante aqueles minutos que pareciam intermináveis, tivemos então de bater os pés também sobre o soalho pesado e sacudir os braços e o corpo e bater palmas. À proporção que a dança continuava a agitação ficava mais forte, a voz se transformava em grito, o menear do corpo, antes gracioso, tendia a contorções violentas (...).

O relato do viajante é bem elucidativo para compreender a interdição discursiva sobre determinados hábitos populares. O trecho mostra que o problema não se vinculava ao fato de realizar bailes, mas à presença de gestualidades não condizentes ao novo modelo urbano que se instalava em Curitiba. Estes deveriam passar por um processo de institucionalização e disciplinarização. Tanto que uma das primeiras reivindicações difundidas na recém-criada imprensa curitibana, pós-emancipação da Província, foi no sentido da elaboração de uma “sociedade de bailes”. Afinal, num centro urbano que pretendia seguir as trilhas da civilização, a presença de divertimentos mais regrados era importantíssima:

Fallaremos da sociedade de bailes, que se trata de estabelecer n'esta capital. Tem por nome, por divisa, por fim, a – HARMONIA -: o pensamento da sua instalação é uma consequência da actual ordem das couzas (...) na nossa opinião uma sociedade de bailes, organizada, com esse pensamento, muito concorrerá para estreitar as relações íntimas entre os diversos grupos da grande família paranaense (...) Sofregos esperemos os primeiros bailes da HARMONIA! Em meio dos prazeres de um sarão, as horas vôm como os dias de felicidade, os pensamentos tristem desaparecem, como a branca geada aos raios tégidos do sol (...) Quanto não é grato ao pobre funcionario publico, ao negociante, ao lavrador, depois de um dia de prosaico trafego de vida, passar algumas horas divertidas no meio de uma sociedade de baile! Todos os motivos de desgosto, que se lhe tenha impressionado durante a vida desaparecem ao transpor o limiar do salão.
Faremos votos para a duração de um divertimento, que não concorre pouco para os melhoramentos Moraes de que tanto carecemos. (DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1º/07/1854).

De acordo com a matéria, o salão de baile deveria ser um espaço para os corpos exibirem os códigos de civilidade; local para mostrar o *habitus*, ou seja, lócus ideal para se criar o sentimento de distinção social. Os bailes de sociedade seriam divertimentos

moralmente úteis, ainda mais numa cidade e província aonde muito se tinha a fazer¹⁸. A referida sociedade de baile, “Harmonia”, se instala no ano de 1854, com mais de 70 sócios, trazendo novos rumos para os passatempos regrados da capital da nova Província Imperial:

(...) o que nos falta agora não são os divertimentos (...) as distrações, tão essenciais à vida de um povo civilizado; como a farinha de milho e o feijão para o homem rustico. A situação exige; e as pessoas influentes da capital cumpre satisfazer esta sua tão vital necessidade.

Da sociedade de baile Harmonia installada sob tão bôns auspícios, apenas temos noticia que existe. (DEZENOVE DE DEZEMBRO, 03/08/1854).

O hábito de realizar bailes sociais se cristaliza em Curitiba e se torna um dos primeiros divertimentos regrados, utilizados na capital paranaense. O relato do viajante alemão Avé-Lallement (1980, p.274-275), escrito no ano de 1858, é esclarecedor em mostrar a tentativa, por parte de uma parcela da população curitibana, de possuir comportamentos e gestualidades considerados civilizados:

Nas bonitas salas do Liceu, vestidos de seda, diamantes, música, bastante luz! Uniformes da guarda nacional ou do exército regular, espadas, decorações nas salas e corredores; na verdade quem chega das brenhas da serra Geral e só em Curitiba encontra uma cama em ordem – não pode eximir-se a alegre espanto ao ver desfilar ante seus olhos esses machonim de grandeza mundana e elegância. (...) Chegou o presidente com a família e recebeu a saudação do costume e depois foram dados os vivas à festa do dia. Em seguida um velho sacerdote leu aos jovens, que aguardavam impacientemente o começo do baile (...) discurso a que se seguiram sonetos de dois fogosos poetas. (...) Vieram depois os alegres sussurros, cochichos, sorrisos e caricias do baile! Íris espargia as suas belas cores através das salas; segundo o compasso da música, que poderia ter sido um pouco melhor, esvoaçavam elas graciosamente como num caleidoscópio.

Estavam nos salões do baile umas cem damas nas mais elegantes *toilettes*. Entre elas nenhuma beleza propriamente dita; muitas bonitas e todas, naturalmente, amáveis! (...) Pelas 2 horas depois da meia-noite foi servida uma bela ceia. O baile durou até pelas 4 horas da manhã.

A presença do Presidente Liberato Mattos e a amabilidade do educado homem

¹⁸ Needell (1993) salienta que este tipo de agremiação social tem por objetivo ser um local de contato, de expressão, de *status* e distinção social. Era um espaço intermediário entre público e privado, locais para verem e serem vistos, ou seja, espaços para desfilarem e ostentarem toda sua educação e autocontrole corporal.

contribuíram particularmente para a animação da festa. A sua senhora era uma figura muito elegante e de muita vivacidade. (...) Entre os cavalheiros presentes, todos aqueles com quem conversei eram homens polidos e bem educados; deles só posso falar bem e muito bem. E se me pareceu que em alguns homens e mesmo senhoras a roupa festiva não assentava bem e que não estavam ininterruptamente acordes com as melhores formas e maneiras sociais, não devo, entretanto, ocultar que o conjunto me surpreendeu extraordinariamente.

O trecho mostra simpatia por parte do viajante alemão, em relação à busca de alguns habitantes de Curitiba na adesão a divertimentos, comportamentos e gestualidades típicas das sociedades europeias. As fontes consultadas revelam indícios de que, desde os meados do século XIX já existia a intenção de implementar uma política de controle dos entretenimentos da população. Festas populares, como os bailes de fandango muito apreciados pelos habitantes do Paraná, conforme indica Pereira (1996), foram proibidas por dispositivos jurídicos por serem consideradas imorais. Tais bailes tornaram-se hábitos a ser extirpado do seio da sociedade curitibana. Em contrapartida, as festas organizadas pela parcela da população mais abastada, que passaram por um dispositivo institucional, eram aceitas como espaço para desfile da educação e retidão corporal típicos de determinado grupo social¹⁹.

O simples ato de matar o tempo era visto como algo atrasado, o qual não poderia mais se fazer presente numa cidade do porte de Curitiba. Outras maneiras de se comportar deveriam ser valorizadas, entre elas os bailes sociais, aqueles geralmente realizados em clubes e associações. A assimilação destes códigos, por parte dos indivíduos, era um quesito importante para a nova vida pública que se pretendia instalar em Curitiba.

Esse esforço civilizatório, sobre os comportamentos e divertimentos da população curitibana, não ficou restrito à criação de sociedades de bailes, clube e associações sociais; outros espaços urbanos como teatros, cafés, restaurantes,

¹⁹ Pereira (1996) salienta que não foram somente os fandangos e batuques os divertimentos perseguidos pelo novo olhar que emergia na capital paranaense. O autor lembra que os bailes dos imigrantes provenientes da Europa central e oriental, principalmente poloneses, ucranianos e italianos, também foram cerceados pelo dispositivo regulador que se instalava em Curitiba. Mais detalhes sobre o fandango e os demais bailes populares consultar Pereira (1996).

parques, praças e principalmente clubes esportivos emergem na Curitiba, no final do século XIX e início do XX. Divertimentos perniciosos foram combatidos, e os considerados moralmente úteis foram ovacionados como os novos modos de vida a serem seguidos. Assim, locais que passassem por um processo de institucionalização deveriam ser valorizados. Vítor (1996, p.125-126), em texto escrito em 1912, ao reproduzir trecho de um diálogo, lembra o papel importante que os clubes, associações e agremiações, tanto os de origem nacional ou imigrante, tiveram na difusão de novos modos de vida em Curitiba:

Você já visitou, por exemplo, a Sociedade Thalia? É um clube de origem teutônica, que já tinha existência em nosso tempo, pois que a sua fundação data de 1882. Mas hoje ele está num pé de verdadeira magnificência. Não só representa uma sociedade instrutiva e recreativa de primeira ordem, com vastos e luxuosos salões, como têm esplêndido serviço de restaurante, a qualquer hora do dia e até à noite, serviço como não há talvez em sociedade alguma do Rio. É lá que realizam quase todos os nossos banquetes, mais altamente significativos. O Clube Curitibano e o Cassino Curitibano subsistem igualmente vivazes... Se formos, enfim, contar todos os clubes, grêmios e associações hoje existentes aqui, excede de cem o seu número... Sociedades recreativas, desportivas, musicais, instrutivas, beneficentes, de beneficência e recreio, comemorativas, de defesa de classe, de propaganda, de educação cívica, religiosa, etc.

Estes novos espaços urbanos seriam locais para os indivíduos “verem e serem vistos”, seriam os símbolos máximos da distinção social. Nos *footings* nas ruas da cidade; na contemplação da natureza das novas praças e parques; nas elegantes *soirées* dançantes dos clubes sociais; nas apresentações de ginástica dos imigrantes alemães; nos festivais e *mettings* dos clubes esportivos; e nas concorridas corridas do *Jockey Club*, o uso de elegantes *toilettes*, de acordo com a última moda de Paris, acompanhada de todo um autocontrole corporal, passaram a ser os estilos de vida difundidos na cidade. Uma nova vida começava a se cristalizar em Curitiba, e foram os clubes e as associações sociais que começaram a apresentar a população determinadas práticas corporais²⁰.

²⁰ A utilização da Ginástica e do Esporte, nos clubes da Curitiba da virada do século XIX para o XX,

Era comum antes das *soirées* dançantes, das peças de teatros e concertos musicais, as diversas apresentações ginásticas e/ou esportivas. Os imigrantes, principalmente os de origem alemã, desempenharam um papel significativo na elaboração de um dispositivo esportivo:

O theatro Hauer estava repleto com concurrencia bastante regular contando-se entre os espectadores parte selecta de nossa sociedade.

O programma foi cumprido fielmente e desempenhado a contento geral. A parte gymnastica e esgrima nada deixou a desejar recebendo merecidos aplausos os moços allemães amadores que fizeram exercicios na barra fixa.

Na parte concertante muito distinguio-se o professor sr. Ladislau Struzkenicz, principalmente na *Polanaise* e no concerto de bandolins que acompanhou ao piano e foi executado com muito gosto (...) Nos jogos de esgrima o sr. Colle portou-se com muito garbo e correção, merecendo muitos aplausos.

Teve logar em seguida a execução da protophonia do Guarany tocada pela excelente banda de música de policia.

Houve depois prolongado baile que prolongou-se até hora adiantada. (DIÁRIO DA TARDE, 30/05/1899, p.1).

A nota publicada no “Diário da Tarde” mostra que as entidades alemãs queriam tornar públicas, para toda a população paranaense, as benesses da sua ginástica.

Animadissima correu a festa da sociedade de Gymnastica Teuto-Brasileira, realizada ante-hontem no salão Hauer.

Os trabalhos de gymanstica apresentados pelos socios da sociedade agradaram muito pela correção com que foram executados.

Terminou a festa com um entusiastico baile, que prolongou-se até a madrugada. (DIÁRIO DA TARDE, 28/01/1901, p.2).

Se as apresentações corporais, seguidas de bailes regulados por um imenso dispositivo institucional eram valorizadas, as festas de cunho mais popular eram idealizadas de maneira oposta. Se por um lado os divertimentos da parte mais “seleta

mostra como aos poucos estes locais criados para serem um importante elemento de distinção social, expandem suas ações, não sendo mais somente associações sociais, tornando-se também associações esportivas. Melo (2001, p.61) lembra que os clubes em geral (não só os esportivos) se tornam um importante espaço para alcançar a distinção social. O autor afirma que o próprio termo *club*, foi importado da língua inglesa, expressava o sentido de local onde se encontram cavalheiros. Melo ainda salienta que o *status* social de um clube está de acordo com os papéis sociais que seus membros desempenham na sociedade. A temática dos clubes esportivos na difusão da cultura física em Curitiba será trabalhada com detalhes no terceiro, quarto e quinto capítulo da tese.

da população” eram exaltados²¹, era possível encontrar nas páginas dos jornais matérias que condenavam outros tipos de bailes. A razão alegada era que estes indivíduos não tinham ainda assimilados determinados códigos de conduta corporal e, por isso, não sabiam se comportar de forma civilizada no espaço público.

No domingo passado houve um baile na casa n.18 da rua Garibaldi. A festa corria alegre ao som de harmoniosa musica. Foi quando, sem saber o porquê, armou-se um rôlo e choveu o cacete em pleno salão.

Aos gritos que houve, trilavam apitos e chegou o official de ronda.

Ao entrar este official no salão já encontrou restabelecida a ordem. No meio da sola, porém, três indivíduos abraçados com as respectivas damas choravam a bom chorar, lamentando-se em altas vozes.

- Oh, chuvas!

O official suspendeu o baile. (DIÁRIO DA TARDE, 11/07/1899, p.2).

Não por acaso, diversas vezes foi possível encontrar discursos que visavam condenar outras gestualidades consideradas inadequadas, como por exemplo a referência à capoeiragem²²:

Hontem à noute, dous filhos da desordem, armados de grossos bengalhões, questionaram na escura travessa do Lava-pés.

Ambos de sombrero occultando uma parte do rosto, roupas de côres vivas, horríveis sapatões e fallando no callão habitual, projectavam talvez alguma sortida como as de sempre, isto é, uma sova de pau ou o desmando de algum ranha.

A cada palavra articulada n'uma voz grossa, o hálito d'uma bocca curtida pela aguardente vinha bafejar o rosto bronzeado do outro.

Os corpos requebrando-se sempre nos gestos vulgares do capoeira, e agitados pelo nervosismo peculiar do desordeiro, avançavam e recuavam, conforme o pé em que mantinham a discussão já fervorosa.

A nuvem negra que pressagiava a tempestade avançara e com ella o termo da questão.

Os cacetes formidáveis, já aparelhadas para a contenda, a um palavrão obsceno de um começaram a faina, e então a luz mortíça do único fóco que alli existe, espancando mui francamente a treva pavorosa da accidentada ladeira,

²¹ Desde o surgimento da imprensa curitibana, em meados do século XIX, é possível encontrar uma grande profusão de discursos que valorizavam os diversos bailes, *soirées* e *saraus* realizados nas entidades mais “distintas” de Curitiba, e a condenação dos bailes considerados populares.

²² Lucena (2001) e Moreno (2001), ao estudarem a cidade do Rio de Janeiro, lembram que a capoeira era vista neste período como uma prática que contribuía para a degeneração dos valores humanos, uma obra da parte primitiva, não civilizada da sociedade brasileira e, por isso, uma prática a ser extirpada do seio social.

em terrível pugilato os valientes, escovaram-se mutuamente, até que a aproximação de um individuo que elles sem dúvida no escuro, tornaram por um policia, puzeram os em debandada. (DIÁRIO DA TARDE, 09/02/1901, p.1).

A matéria mostra uma série de elementos interessantes porque condena algumas gestualidades, idealizando outras imagens e, conseqüentemente, valorizando determinados tipos de comportamento. Os espaços de divertimentos da população deveriam ser alvos de olhares esquadrinhadores. Chalhoub (2001), ao tratar da cidade do Rio de Janeiro, mostra como uma retórica mais civilizada passou a controlar diversos espaços das classes populares. Ribeiro (1988) aponta que Curitiba vivenciou o mesmo processo, pois bares, botequins, hospedarias, armazéns, pensões e, principalmente, os cortiços deveriam sofrer rigorosas vistorias das autoridades. Lixo, miasmas, habitações, mas, sobretudo, os hábitos e gestualidades considerados imorais tornaram-se os inimigos a serem combatidos pelo novo olhar que emergia na principal cidade paranaense.

Brinquedos e cacetada

Brincavam hontem Filipe Gonçalves e Izidoro Mendes na Rua Borges de Macedo, às dez horas da noute. Consistia o brinquedo em jogos de capoeiragem.

Dahi à momentos chegou ao local Manoel Ramos que acreditando trata-se de uma briga, manejou o cacete que possuía e deu forte cacetada em Filipe, no lado esquerdo da frente, prostrando-o em seguida.

O ferido pode ainda descarregar o seu revolver contra o agressor; a bala alcançou-o ferindo-o levemente.

Ambos estão presos. (DIÁRIO DA TARDE, 22/05/1899, p.2).

Se a capoeiragem era condenada por estar associada a comportamentos perniciosos, os outros principais inimigos eram o jogo e a bebida. Estas práticas, portanto, deveriam ser combatidas e extirpadas das ruas de Curitiba. O escritor e memorialista Nestor Vítor (1996, p.78) lembra tais pontos: “(...) o verdadeiro vício que se encontrava numa parte da sociedade curitibana era o jogo. Bebia-se e jogava-se principalmente para quebrar a monotonia da vida”.

Era preciso quebrar a monotonia da vida, entretanto, numa cidade urbanizada

isso não poderia acontecer de uma maneira qualquer. Foi nesse momento que o discurso no formato esportivo passava a ser mais valorizado, inclusive num divertimento muito condenado como o jogo de bilhar que, frequentemente, era associado à jogatina, à vadiagem, à bebida e à prostituição.

Torneio

Realizou hontem ao meio dia no Club Curitybano disputado torneio de bilhar entre seis turmas de sócios.

O salão de bilhares estava repleto de espectadores. Houve muitas apostas, sendo cada vencedor coberto de aplausos. O torneio terminou às 5 horas da tarde. (DIÁRIO DA TARDE, 03/07/1899, p.1).

Ante-hontem no Club Curitybano houve distribuição de premios aos vencedores do ultimo torneio de bilhar havido naquelle Club. Em seguida teve logar animada *soirée* indo as dansas até hora adeantada. (DIÁRIO DA TARDE, 11/07/1899, p.1).

Houve ontem um animado torneio no Club Curitibano, sendo disputadas cinco partidas.

Grande número de socios assistiu ao torneio e não faltaram palmas aos vencedores.

Foi um dia bastante divertido para os socios do decano das sociedades curitybanas.

O presidente, sr. Cyro Veloso, assistiu o torneio de principio a fim. (DIÁRIO DA TARDE, 07/08/1899, p.1).

Da mesma maneira que ocorreu com os bailes populares, o bilhar poderia ser um divertimento civilizado, desde que adequado ao dispositivo institucional. Ao passo que o baile de fandango era proibido, a elegante *soirée* dançante era considerada símbolo da civilização, por ser nela que indivíduos poderiam mostrar *habitus* de classe. O mesmo procedimento acontece com a prática do bilhar, visto que este jogo não poderia acontecer no botequim e sim num clube social, local onde os corpos tinham que mostrar todo seu autocontrole e retidão. Praticado por membros seletos da sociedade, e dentro de um espaço físico delimitado por determinados conjuntos de conhecimentos, tal divertimento estava isento de uma aproximação com o universo da jogatina, mesmo que esta continuasse a ser praticada em larga escala²³. Tais questões se assemelham

²³ O combate ao jogo era, de acordo com Melo (2001, p.174), parte de um movimento mais amplo de

às considerações feitas por Lucena (2001), que indica o jogo e o Esporte como duas esferas distintas, apesar de terem vários pontos de convergência. O autor lembra que o jogo não acabou para dar lugar ao Esporte. Este, entendido enquanto divertimento típico de determinada elite, refere-se a uma tentativa, de parte da população, de se distinguir dos setores sociais mais populares. Parece esse o caso no torneio de bilhar. Práticas que, assim como apontam Elias e Dunning (1995), buscam realizar o controle das emoções, refletindo-se inclusive na contenção de várias ações motoras e gestuais. Controle este que representaria uma marca, um comportamento de distinção, uma forma de criação de identidade, tudo aliado a um imenso dispositivo de cunho pedagógico. A notícia publicada na imprensa curitibana que recortamos a seguir corrobora com as nossas análises em relação a estes pontos:

Esteve bem animado o sarau dado hontem pelo Club Curytibano.
As dansas prolongaram-se até horas adeantadas.
Antes de começarem as dansas foram destrebuidos aos vencedores do ultimo torneio de bilhar os seguintes premios:
Ao sr. Alfredo Vilela 1 alfinete de ouro para gravata; ao sr. Augusto Loureiro 1 livro scientifico; ao sr. Thales Saldanha 1 carteira para dinheiro; ao sr. Tito Vellozo 1 caneta de ouro; ao sr. André Jouve 1 alfinete com brilhante para gravata. (DIÁRIO DA TARDE, 16/10/1899, p.2).

Melo (2001) lembra que não era o hábito de jogar a dinheiro que estava sendo condenado, mas apenas quando isso era realizado sem o intuito de distinção social. Parece que no caso do torneio de bilhar do Clube Curitibano, tais questões estavam sanadas de forma momentânea. Se por um lado o jogo a dinheiro não era condenado, quando inserido num determinado dispositivo institucional, em outros locais isso não ocorria:

A Roleta

Leitor assíduo de nosso apreciado jornal sirvo-me destas linhas para vir reclamar dos poderes competentes providenciais contra o jogo de roletas que

moralização e controle social, iniciado no Brasil desde meados da década de 1870. O autor salienta que essa perseguição era cheia de idas e vindas; ela era aceita em determinados ambientes, sendo criticada e combatida em outros.

invade de modo assustador essa cidade. A roleta é proibida por lei; um dos deveres da polícia é coibir esse genero de jogo tão prejudicial aos logares, onde vem assentar a sua tenda e que tanto depõem contra os nossos bons costumes. (DIÁRIO DA TARDE, 28/08/1899, p.1).

Além da Roleta, o jogo do bicho – um dos divertimentos mais populares do Brasil –, conforme apontam Herschmann e Lerner (1993) e Melo (2001), também foi defenestrado pelo “Diário da Tarde”, principalmente por ser praticado pelas camadas menos abastadas da sociedade. O jornal publicava de maneira constante pesadas críticas à presença deste tipo de jogatina em Curitiba:

A temível praga do jogo do bicho, que jamais extinguiu-se n’esta capital, apesar de estar fora da lei, de novo assume a gigantesca proporções, invadindo sorrateiramente e criminosamente todas as camadas sociais. (...) É preciso de uma vez por todas dar um golpe de morte no terrível jogo, verdadeiro phylloxera da paz e da fortuna pública. (...) O jogo do bicho é crime e como tal deve ser punido. (...) O jogo do bicho é um polvo de mil tentáculos, difícil de vencer, mas exactamente por esse facto, a policia não deve descansar um só momento na guerra que lhe offerecer (...) (DIÁRIO DA TARDE, 29/01/1901, p.1).

(...) Só temos palavras de animação para o trabalho honrado, para a virtude e para a honra temos palavras de execração para o vício, para a exploração criminosa do jogo, para os bicheiros que vivem a custa do suor dos pobres operários, e das infelizes creadas.

Assim como para currar uma chaga de mau character é preciso o ferro em brasa, para extirpar um cancro é preciso a lamina afiada do escalpello, para extinguir a chaga viva da jogatina, para livrar a sociedade curitybana do cancro terrível da exploração torpe, faz-se mister dos meios mais enérgicos, mais violentos, sem dó nem piedade. (...) Acabe com o jogo do bicho que terá applausos de todos os homens honrados e principalmente das numerosas famílias que devido a ele tem sido sacrificadas. (DIÁRIO DA TARDE, 09/03/1901, p.2).

Bertucci (1997) afirma que, segundo o imaginário do início dos novecentos, a jogatina era condenada, pois, além de desestruturar e levar à míngua famílias inteiras, agregava aos corpos de seus praticantes uma série de desregramentos morais e hábitos que poderiam, em muito, prejudicar a saúde. O jogo levava à bebida e esta conduzia a sociedade à desordem e à violência. O ato de consumir bebidas alcoólicas no horizonte das cidades passa a ganhar outra representação cultural, tornando-se um vetor de males sociais e não mais uma prática ligada à saúde e à prevenção. A relação

entre jogo, bebida e desregramentos sociais também era constante nas páginas dos jornais de Curitiba:

Hontem ás 9 da noite, em uma taverna sita no Batel, vários indivíduos reuniram-se para jogar.
Em torno à uma tosca mesa começaram a cartear e beber.
Aconteceu, porém, que Joaquim Geraldo de Sant'Anna alcoollisou-se demasiadamente e pretendeu fazer desordem.
Nessa ocoissão a policia cercou a casa e conseguiu prender esse individuo.
O dono da tasca de nome José de tal, foi intimado à dar explicação hoje a policia. (DIÁRIO DA TARDE, 25/02/1905, p.2).

O hábito da bebida, aliado à prática do jogo, representava uma grande ameaça às novas regulamentações sociais, impostas pelo olhar esquadrinhador que emergia no planalto curitibano. Isso se fazia valer, principalmente, caso este indivíduo fosse um operário ou trabalhador, tendo em vista que tal corpo precisava estar sintonizado e apto para as novas dinâmicas da vida industrial.

Ribeiro (1988), ao estudar a formação do operariado curitibano, indica que no imaginário dos primeiros anos do século XX, os usos desregrados do tempo livre tornaram-se comportamentos condenados, pois eram vistos como perniciosos e imorais, que não combinavam com as dinâmicas de uma sociedade higienizada e industrial. O autor indica que o hábito de jogar no bicho e apostar nas rinhas de galo era um comportamento comum entre os membros das classes populares de Curitiba. Em contraposição a este modelo, uma parcela da população curitibana acreditava ser necessario regular os corpos e os espaços dentro de um projeto de cidade moderna. Assim, novos comportamentos e diferentes gestualidades deveriam ser impostos aos que habitavam a cidade. Tais prescrições comportavam desde a tentativa de disciplinarização do tempo e do espaço, da situação de trabalho até as normatizações mais rígidas das relações pessoais e familiares, passando também pelos botequins e pelas ruas, espaços consagrados dos divertimentos populares. Nesse contexto, o Esporte emerge como uma prática valorizada, espaço de distinção social, ou seja, lócus de formação de todo um *habitus* de classe.

Nesse período histórico, conforme apontam Lucena (2001) e Melo (2001), práticas corporais mais próximas ao formato esportivo surgem no Rio de Janeiro como forma de contraposição aos hábitos imorais, principalmente ao universo da jogatina e das apostas. Em Curitiba, isso não ocorre de forma diferente. O “Diário da Tarde” publica em uma das suas edições uma matéria que revela, claramente, os benefícios de práticas esportivas em detrimento dos jogos a dinheiro:

(...) não se deve confundir o jogo com jogos; se um atrophia o coração, a saude, o entendimento, o outro augora o corpo, desperta o raciocínio, reforça a intelligencia.

Infelizmente um tem sido a morte do outro.

A posição adstricta aos frequentadores do panno verde intilia os músculos para os activos exercicios do sport.

Os primeiros jogos que inventaram os homens, foram a lucta, os cestos, a clava, a lança, a péla, o troia, o lançar a barra, o ferir o alvo com a setta, o correr a cavallo no estádio, o saltar as vallas, o nadar vestido de armas e outros semelhantes; cujo exercicio diz um escriptor, era tão útil para a saúde e robustez do corpo, como necessário para a guerra, para a guerra, para a agricultura e para os outros trabalhos da familia e da pátria (...) (DIÁRIO DA TARDE, 13/09/1900, p.1).

A matéria anteriormente reportada mostra, com riqueza de detalhes, que a palavra *sport* era muito valorizada, pois, conforme apontam Elias e Dunning (1995), Vigarello (2005), ao analisarem o contexto europeu, significava a coroação de um processo pedagógico e de uma educação corporal. É nesse contexto que as práticas esportivas surgem no horizonte da capital paranaense. Consideradas moralmente úteis, essas práticas poderiam ativar e proteger a saúde corporal, pois eram grandes aliadas da higiene e da saúde do corpo, marca central da urbanidade. Entretanto, esse processo, que passava a indicar a prática de atividades esportivas, não se deu de forma tão linear, pelo contrário, a difusão de uma cultura física foi emergindo aos poucos em Curitiba. Primeiramente, emergem espaços que pretendiam cumprir a missão de proporcionar um divertimento mais próximo ao de cunho esportivo. Estes espaços não incentivavam os indivíduos a se exercitarem, enfatizavam mais o aspecto de espectador e de apostador; entretanto, tornar-se-iam, posteriormente, importantíssimos para a

construção do dispositivo esportivo da principal cidade paranaense.

CAPÍTULO 3 – A “fabricação” da maquinaria esportiva de Curitiba

3.1) Turfe e a Pelota Basca: os primeiros espaços de distinção de cunho esportivo

(...) dos primeiros decênios do período republicano, alguns não se contentam em parecer menos com o país do tempo do Império do que com os contemporâneos dos grandes países industriais: pretendem parecer-se mais com os vindouros do que com o simples contemporâneos. As modas europeias e anglo-americanas de trajo e de esporte, as inovações pedagógicas, as novidades de técnica administrativa e de estilo literário são adotadas às vezes com exageros grotescos, no Brasil dos fins do século XIX e nos princípios do XX, num como desejo que tivessem os místicos do progresso, então senhores de muitas responsabilidades de direção do nosso País, de se avantajarem aos povos progressistas por ele imitados, em aperfeiçoamento e em arrojo. (FREYRE 1974, p.LXI).

A citação de Gilberto Freyre mostra com riqueza de detalhes o sentimento que se instala no Brasil, na virada do século XIX para o XX. Lucena (2004) salienta que ocorreu no país um redirecionamento a favor de um estilo de vida mais próximo ao europeu, principalmente, aos valores oriundos de países como a Inglaterra e a França. A busca por esse estilo de vida passava a exigir dos indivíduos modelos de comportamento mais uniformes e contidos. Foi nessa ambiência que práticas diferenciadoras, como as esportivas, se tornam presentes nas principais cidades brasileiras.

As primeiras manifestações esportivas, que surgiram em Curitiba, seguiam o mesmo padrão de outras cidades brasileiras, principalmente as provenientes do Rio de Janeiro. Apesar de os jornais curitibanos noticiarem em suas páginas a presença de outras práticas esportivas como o remo, o ciclismo, o tênis, o tiro, o futebol e o pedestrianismo, foram o Turfe e a Pelota Basca²⁴, as modalidades que, em um primeiro

²⁴ A Pelota Basca se refere a um jogo de origem basca, região localizada no norte da Espanha. Pode ser jogado individualmente ou em duplas, e existem três tipos: a “pelota a mano” (quando jogada com as mãos); “pelota a pala” (quando é utilizada uma pá); e a “cesta a ponta” (quando o praticante amarra no braço uma haste de até 60 cm, que tem em sua extremidade uma espécie de cesta, na qual a bola é apanhada e arremessada). Em todas as modalidades as regras são as mesmas. Os jogadores ou duplas têm de atirar a pelota contra um frontão, duas paredes que formam um ângulo de noventa graus (daí o jogo no Brasil também ter recebido o nome de Frontão), acima de uma linha que varia entre noventa

momento, receberam uma atenção mais detalhada da imprensa curitibana. Foi no espaço do “Prado do Guabirota” e do “Frontão Curitybano”, que divertimentos esportivos foram sendo estabelecidos na capital paranaense. Eram locais ideais para os indivíduos mostrarem toda a sua educação, afinal o Esporte, como apontam Sevckenko (1992; 1998) e Needell (1993), já era uma prática tida como um importante artefato de consumo e diversão dos grandes centros urbanos.

Lucena (2001) e Melo (2001) lembram que o Turfe foi a primeira prática esportiva do país. Em Curitiba, isso não ocorreu de forma diversa. A fundação do “*Jockey Club* do Paraná” trouxe à capital paranaense um novo tipo de divertimento. Muito apreciado no Rio de Janeiro, o Turfe chega a Curitiba com formato semelhante ao da capital do Brasil. O mesmo aconteceu com a Pelota Basca, entretanto, apesar de se encontrar indícios da presença do jogo basco em diversas cidades brasileiras como Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Porto Alegre e Curitiba (LUCENA, 2001; MELO, 2001; 2005; GOLÇALVES JÚNIOR, 2008; MOLETTA JÚNIOR, 2009), diferentemente do Turfe, não se encontram muitos estudos e relatos sobre a prática do jogo de pelotas.

Tanto o Turfe como a Pelota Basca eram uma forma de diferenciação e individualização, realizada pela parcela mais abastada da população. Contudo, embora paradoxal, essa ação diferenciadora – que buscava alcançar distinção social –, era uma imensa máquina de normalização e uniformização; um enorme dispositivo que procurava difundir códigos de comportamento para toda a população, indicando quais modelos de condutas corporais os indivíduos deveriam seguir ou não. Entre as interdições e prescrições discursivas, pode-se destacar o antigo hábito de jogar a dinheiro. Era no Prado e no Frontão que as apostas poderiam ser realizadas, sem o receio de viver um divertimento bárbaro e incivilizado²⁵.

centímetros e um metro de altura. Ao voltar, a pelota só pode tocar no solo uma vez. A contagem vai até 12 pontos. É uma prática esportiva notória por receber apostas durante as partidas – por isso, foram proibidas no Brasil em 1941.

²⁵ Melo (2001, p. 122) comenta que o escritor Machado de Assis denominava o hábito de frequentar as “condenáveis” brigas de galo, como o “*Jockey Club* dos pobres”. O comentário do literato brasileiro mostra a semelhança diferenciadora, existente entre o que era aceito ou não pela sociedade brasileira do final do século XIX e início do XX.

A Pelota Basca, em Curitiba, foi praticada em um espaço denominado “Frontão Curitybano”, localizado na Rua Aquidaban, região privilegiada do centro da capital paranaense. Constitui-se, portanto, num importante local de sociabilidade de Curitiba, ajudando, embora em escala menor que o “Prado do Guabirota”, a emergir um dispositivo esportivo. Apesar da menor importância, também era exaltado pela imprensa curitibana como um divertimento civilizado e moderno:

Frontão Curitybano

Amanha, no Frontão Curitybano, às 11 horas e meia em ponto, será disputado um interessante partido à 20 pontos entre: Emilio e Francho – colorados, contra Laranga e Guichou – azues. (DIÁRIO DA TARDE, 17/06/1899, p.2).

Diferentemente do “Frontão Curitybano”, iniciativa de vários capitalistas, em sua maioria de origem imigrante, o “*Jockey Club*” foi criado sob a proteção dos governantes, contando com o incentivo e apoio das elites locais. A associação, segundo aponta Lopes (2002), primeiramente denominada “*Club Paranaense de Corridas*” foi fundada em 02 de dezembro de 1873, por Luiz Jacome de Abreu, um oficial da cavalaria imperial. Nascido no Rio Grande do Sul e grande amante de cavalos, este oficial do exército brasileiro atendeu à determinação de Dom Pedro II, permanecendo na província do Paraná por 73 dias, com o objetivo de organizar e oficializar a fundação da associação e a construção do primeiro hipódromo do Paraná: “O Prado Jacome”. A sua localização inicial foi onde atualmente encontra-se o Asilo Nossa Senhora da Luz, na Rua Marechal Floriano, próximo da Avenida Kennedy. O primeiro Prado possuía uma pista de 1.700 metros, sendo oficialmente inaugurado em janeiro de 1874, através da realização da sua primeira corrida, conforme noticiado na imprensa:

Club de Corridas Paranaense - amanhã - 29 do corrente, às 3 horas da tarde, terá lugar a inauguração do Prado Jácome, com uma brilhante corrida de amadores. Os srs. Que inscreverem seus cavalos queiram apresentar-se na hora marcada para arranjar-se os páreo. (DEZENOVE DE DEZEMBRO, 28/01/1874, p.1).

O objetivo com a criação do primeiro hipódromo, assim como o do Frontão, era o

de criar novos espaços de sociabilidades, inserir Curitiba no esforço civilizatório por qual passava o Brasil. Melo (2001, p.32) indica que a intenção brasileira, com a criação dos primeiros hipódromos cariocas, era a de copiar os divertimentos de origem europeia, inserindo hábitos e comportamentos dos países civilizados:

Da Inglaterra (e indiretamente da França) foram copiados o modelo de realização de competições, os regulamentos, como a tentativa de estabelecer um *glamour* ao redor da atividade. Tratava-se de demonstrar uma proximidade e uma identificação com o mundo europeu. A preocupação em seguir o modelo inglês era tamanha, inclusive na utilização dos termos próprios ao turfe na linguagem de origem, que dificultava a compreensão da população, ainda não afeita às peculiaridades do esporte recém-surgido.

Alguns destes elementos podem ser visualizados na matéria publicada no “Dezenove de Dezembro, que comenta a primeira corrida oficial de cavalos, realizada em Curitiba:

PRADO JÁCOME - quinta-feira - às 3 horas da tarde, perante numerosa concorrência, inaugurou-se o Prado Jácome.

O campo onde se traçou a raia foi escolhido com felicidade, pois sendo suavemente ondulado, satisfaz a todos os requisitos para bem julgar-se da força muscular e do poder dos pulmões dos cavallos. Sua extensão é de mil e setecentos metros, que corresponde a uma milha inglesa, ou doze e meia quadras.

O Professor Jácome, o protagonista desta festa de progresso, montando em seu sábio Sanhassu, sempre amável e cavalheiro como todos conhecem, era incansável, dispensando conhecimento e dirigindo os amadores e espectadores em ordem a evitar todo e qualquer perigo. Dividiu-se, multiplicou-se, foi em fim a alma do turfe.

Foram juizes - da partida o sr. José Moreira de Freitas; da chegada o sr. Mota Junior e da raia os srs. Alferes Bonoso, Assis Teixeira, Bento Osório e Candido Lopes.

Três pares de quatro cavallos cada um tiveram logar. Foi vencedor do primeiro o Graça, do sr. Tenente Coronel José Bittencourt, do segundo Boro, do sr. Gaspar e do terceiro o Rivadavia, do sr. Nestor Borba.

O ultimo porem, excitou o entusiasmo pela novidade. O sr. Arthur Browne, conhecedor do estylo inglez de corridas, colheu todas as palmas, resumiu todas as glórias do dia. Montando no Rivadavia, o mais bello typo do nosso cavallo, fez prodígio de adresse, mostrou a maneira porque um bom jockey governa, excita e ajuda o cavallo de corrida.

Surpreendeu o povo que não conhecia senão as carreiras do paiz no cavallo em pello com o cavaleiro quasi nu.

O Club de Corridas Paranaense assentou neste dia a pedra fundamental de um

grande edifício, instituindo o tribunal de julgamento seguro dos melhores ganhões e egoas.

O nosso compatriota o ilustro hypólogo Jácome, depois de uma demora de setenta e três dias na Província, tendo visitado alguns pontos do interior, onde deixou sessenta discipulos adestrados em sua difícil arte, fundando o Club de Corridas e inaugurando ante hontem o Prado, retirou-se hoje para Antonina com destino à Província de São Paulo, onde pretende continuar a sua propaganda, colhendo os louros que lá o esperam. Prósperos ventos os acompanhem. (DEZENOVE DE DEZEMBRO, 31/01/1874, p.1).

A intenção de utilizar o Turfe como uma prática civilizatória vinha desde a emancipação da província, em 1853. O Paraná herdou o gosto do colonizador português pelo cavalo, animal que, conforme aponta Lucena (2001, p.105), era o “elemento de ação militar e, como extensão, de distinção social”; ou seja, um importante aspecto da cultura oitocentista brasileira. Nesse sentido, não é de estranhar que, no relatório escrito pelo conselheiro imperial Góes e Vasconcelos, em 1854, já era possível visualizar a intenção em utilizar a corrida de cavalos como meio de transformar o homem centauro num civilizado cidadão urbano. O surgimento desse novo indivíduo, em Curitiba, era uma clara manifestação do modelo de comportamento europeizado. Era a união entre o útil e o agradável. Os frequentadores do Jockey poderiam manter o amor às apostas e aos cavalos e, ainda, mostrar traços de distinção social, visto que a prática passava a ser controlada por dispositivos institucionais, presentes nos hipódromos.

Hum meio há, grandemente eficaz, de estimular e promover melhoramentos nesse ramo de industria, em os paizes que lhe dão devida importância: refiro-me aos hippodromos, ou praças destinadas às corridas e exercícios à cavallo.

As <<corridas>> de que mostram-se tão apaixonadas os filhos desta província serão hum útil arremedo dos hippodromos, se deixando de ser hum puro jogo como presentemente são, tivessem diversa direção e se realizassem debaixo de outras vistas.

O que são as corridas presentemente? Huma ocasião de apostas e rixas, e malquerenças entre o povo, e nada mais. (GÓES DE VASCONCELOS, 1854, p. 72).

O relatório escrito pelo conselheiro imperial mostra que o principal objetivo era a eliminação das corridas populares, que ocorriam em todo Paraná. Marcassa (1989)

salienta que estes divertimentos, denominados Cancha Reta, aconteciam com frequência na Curitiba da virada do século XIX para o XX, principalmente nos bairros do Portão, Boa Vista, Bacacheri, Capão da Imbuia e até mesmo em regiões mais centrais, como a da atual Praça Rui Barbosa. O construtor de origem alemã, Gustav Strobel, comenta, em seu livro de memórias, a presença de uma raia de cavalos na praça: “Não havia, a boa distância em seu redor, uma única casa. Apenas ao fundo havia uma raia de corridas de cavalos (...)”. (STROBEL, 1987, p.124).

Nestas corridas populares, segundo aponta Marcassa (1989), em virtude de um grande volume de apostas a dinheiro, aconteciam uma série de comportamentos considerados incivilizados, como brigas e confusões. As corridas “imorais”, mesmo com a construção do Prado, continuaram a se fazer presentes em Curitiba:

Uma menor ferida
CORRIDA DE CAVALLO

Hontem, em umas corridas de cavallo no Bacachery, Guilherme Cazins, inteiramenmte embriagado, cavalgou o seu animal por meio do povo, indo pizar uma pobre menina.

A menor ficou bastante contundida, e hoje foi examinada pelo medico legista, dr. Loyola. (DIÁRIO DA TARDE, 1^o./04/1901, p.2).

Eram costumes semelhantes ao relatado que necessitavam ser eliminados das ruas da capital paranaense; e a construção de espaços físicos delimitados, como o hipódromo, poderia ajudar a educar os indivíduos, dentro dos princípios de uma cidade civilizada, assim como ocorria nas principais cidades da Europa. Esse esforço civilizador já era exaltado como o ideal a ser seguido desde a época da emancipação da província, em 1854:

Entretanto as corridas poderião ser mais do que simples entretenimento de curiosos e jogadores, e puros exercícios de equitação, poderião (e esse seria o seo melhor resultado) produzir emulação entre os fazendeiros ácerca da criação de cavallos mais fortes e ligeiros, se em vez de se fazerem quando apraz à cada hum, em discórdia e anarchia, como agora nos meios dos campos, tivessem lugar em cada município somente durante certo período, com regularidade, e na presença de pessoas autorizadas a decidir de que lado declarou-se o triumpho, e se ao fazendeiro, em cujos campos nascesse o

cavallo reputado melhor, se outorgasse hum premio ou gratificação qualquer, que fosse, como em outros paizes disputado mais pela honra do que por seo pequeno valor. (GÖES DE VASCONCELOS, 1854, p. 73).

Como pode ser visto, foram aproximadamente vinte anos para a construção do primeiro Prado em Curitiba, embora as corridas de cavalos acontecessem com grande frequência em diversos espaços da capital paranaense. (STROBEL, 1987; MARCASSA, 1989; VÍTOR, 1996). Contudo, mesmo com a construção do hipódromo, não era possível dizer que tal prática, apesar das diversas intenções, já tinha uma característica esportiva. Tanto que, mesmo após a construção do Prado, somente em 1887 ocorreu em Curitiba o seu primeiro Grande Prêmio. (LOPES, 2002). Essa nova configuração mais esportivizada visava deixar as corridas populares no esquecimento, valorizando e inventando uma nova tradição:

Corridas

O Jockey-Club realiza amanha importantíssima corrida no seu prado (...). A animação deve ser grande de tal a importancia dos animaes que figuraram nos pareos.

É preciso que o publico anime o movimento dos poules, desprezando o velho habito de apostas particulares que faz muito lembrar as antigas corridas de raias em que viam-se os entusiastas deste ou d'aquelle animal sacudindo uma pelega e desafiando adversarios em altos brados.

O beneficio das poules é que da vida ao prado e ao magnifico passatempo publico. (DIÁRIO DA TARDE, 17/03/1900, p.1).

Além de eliminar comportamentos considerados inapropriados, o Turfe em Curitiba seria um importante meio de distinção e *status* das elites, um local para os praticantes verem e serem vistos, onde se produziria a individualização. Apesar de não ter o mesmo *glamour* dos hipódromos, o “Frontão Curitybano” visava representar um espaço de produção deste novo indivíduo. Era para ser, assim como o Prado, um local de grandes possibilidades de negócios – diretamente, pelo dinheiro obtido nas apostas e prêmios; e, indiretamente, funcionando como locais privilegiados de contatos. Em ambos os casos, seja através das *quiniellas* (nome dado às partidas de Pelota Basca) ou nas corridas de cavalo, existia uma grande quantidade de apostas (*poules*). Assim,

membros da sociedade curitibana iam para assistir, torcer e apostar em seus cavalos e pelotários favoritos.

Gradativamente, tais divertimentos começam a cair no gosto da população curitibana e, com isso, espaços de sociabilidades típicas do mundo urbano passaram a se mostrar insuficientes, para uma cidade do porte de Curitiba. Obras, ampliações, melhoramentos e novos projetos começaram a ser realizados nos locais onde aconteciam estes divertimentos esportivos. Em 1897, inicia-se a construção do “Prado do Guabirotuba”, local que, mais tarde, mudaria o destino das diversas práticas esportivas na cidade. Tal empreendimento foi inaugurado em 25 de junho de 1899, conforme noticiado com entusiasmo pela imprensa curitibana:

Magnífica esteve a festa inaugural do Jockey Club Paranaense. Recentemente acabado é incomparavelmente superior ao que tínhamos até então, pois além de ter posição mais bella e cômoda, dispondo de confortável archibancada, com pavilhão ao centro para autoridades, ampla e bem nivellada raia, offerece um conjunto elengatissimo. (A REPUBLICA, 27/06/1899, p.1).

O novo hipódromo seria ideal para a construção do sentimento de civilidade em Curitiba, um lugar de sociabilidade que visava criar todo um sentido de distinção, muito caro às elites curitibanas do período. Afinal, era preciso copiar os principais centros urbanos do país e do mundo:

À digna directoria do Jockey-Club, e ao seu distincto presidente, dr. Benjamin Pessôa, nossos sinceros parabens pelo muito que têm feito para reerguer entre nós esse genero de divertimentos, consagrado em todos as grandes capitaes dos países cultos.. (DIÁRIO DA TARDE, 09/05/1900, p.2).

O “Frontão Curitybano” também buscou se modernizar e melhorar suas instalações, sempre reformando e oferecendo divertimentos ao seu público, entretenimentos estes que iam para além da oferta de um jogo de Pelota Basca:

Frontão Curitybano
Quiniellas Duplas

Vamos ter brevemente uma bonita novidade no Frontão: na segunda feira

inaugura-se alli o bilhar grego divertimento muito attractivo. E empresa fará então na parede fronteira do Frontão os concertos necessários. (DIÁRIO DA TARDE, 22/09/1899, p.2).

Na ocasião da inauguração de suas novidades, era comum um acontecimento desse porte ser acompanhado de diversas festividades: “(...) Na 2ª. feira, às 7 horas da noite, terá logar alli a inauguração do bilhar grego havendo iluminação, musica, foquetes, etc”. (DIÁRIO DA TARDE, 23/09/1899, p.2). O objetivo era o de celebrar, como aponta Roche (2000), importantes aspectos da modernidade, como a iluminação artificial.

Inaugurou-se hontem, á noite, no Frontão o <<bilhar grego>>. Houve bastante concurrencia e foram feitas muitas apostas, havendo poules de grande quantia. O salão está arranjado com muito gosto e é iluminado a gazacetylose. Durante as apostas tocou uma banda de musica. Hoje haverá funcção na mesma hora. (DIÁRIO DA TARDE, 26/09/1899, p.2).

Como indica a nota, o “Frontão” desejava se consolidar como um importante símbolo da modernidade; um local onde se encontravam reunidos importantes elementos, valorizados pela ambiência urbana do período; um marco da engenharia, da arquitetura; um lugar para os indivíduos verem, serem vistos e acompanharem um dos mais novos fenômenos da modernidade europeia: os divertimentos esportivos.

Frontão A Inauguração

Bonitas festas prepara e empreza do Frontão Curitybano para o próximo domingo.

Nesse dia inauguar-se-á a parede nova que se acha optimamente construida com grossa argamassa de cimento sobre 47.000 tijolos que nella foram gastos.

Há dois mezes que no frontão trabalham diversos operarios noite e dia, sem cessar, e se hoje o frontão esta prompto para o jogo de pelota é isso devido ao esforço incessante dos trabalhadores que em tão pouco tempo, reformaram aquelle estabelecimento.

Esses trabalhos foram feitos sob a habil direcção dos artistas Mauricio Thá e Lorenço Paroli.

A cancha foi reformada e os camarotes estão resguardados por uma rêde de arames.

O frontão mede 66 metros de cumprimento ficando assim o maior frontão da

America do Sul, segundo opinião dos entendidos. (DIÁRIO DA TARDE, 29/12/1899, p.1).

Embora o “Frontão Curitybano” tenha desempenhado um importante papel na difusão de inúmeros signos da modernidade, foi o “*Jockey Club* do Paraná” que contribuiu na extrapolação destes elementos para além do seu espaço físico, visto que, devido ao “Prado do Guabirota”, novos elementos foram criados dentro da malha urbana, como por exemplo, a criação de linhas específicas de bonde²⁶:

Jockey Club

No domingo próximo, será publicada inscrição para as grandes corridas do dia 18 deste, no Jockey Club.

Nesse dia inaugurar-se à linha de bonds para o Prado.

Sabemos que a directoria esforça-se por apresentar uma festa digna a que compareceram autoridades militares e Estaduaes e representantes da imprensa. (DIÁRIO DA TARDE, 09/06/1899, p.2).

O hipódromo era frequentado por autoridades políticas, militares, jornalistas, bem como importantes membros das elites locais, modelo copiado dos Prados do Rio de Janeiro. Um exemplo da importância do Turfe no período foi o fato da imprensa paranaense noticiar, com grande entusiasmo, a visita do presidente argentino, o general Roca, na capital federal, em agosto de 1899. Um grande festejo foi organizado pelo Itamaraty, bailes, festas, paradas cívicas foram realizadas, mas a imprensa também destaca a corrida de cavalos: “Por ocasião da estada aqui do General Roca haverá uma corrida no Derby-Club, cujo premio é de vinte contos de reis”. (DIÁRIO DA TARDE, 10/06/1899, p.2). As ações turfísticas eram sempre utilizadas pelas autoridades, tanto que, em 1900 por ocasião do 4º. Centenário do descobrimento do Brasil, o “Diário da Tarde” expressou em suas páginas uma festividade que envolvia a modalidade na capital federal:

Como complemento das extraordinarias festas do centenario do descobrimento

²⁶ A criação de linhas específicas de bondes para levar o público aos hipódromos era, conforme aponta Melo (2001), uma ação que visava popularizar ainda mais esse divertimento.

do Brazil celebraram-se hontem no Derby Club importantes corridas. Foram disputadas 3 grandes premios com as designações: Brazil, Portugal e 4º. Centenario.

Um povo immenso assistiu essa festa à qual compareceram o dr. Campos Salles com todo o seu ministros, as casas militares e civil, o general embaixador portugues e sua exma. filha d. Alice Cunha, officialidade do cruzador d. Carlos, o encarregado dos negocios da mesma nação, Carmello Lampeia e seus companheiros de legação. (DIÁRIO DA TARDE, 14/05/1900, p.3).

A utilização do Turfe em solenidades importantes mostra a sua força na sociedade brasileira do período. Além disso, valores vultosos circulavam nos hipódromos cariocas, tanto que o “Diário da Tarde” informa que o “(...) o Prado Turf Club foi vendido ao capitalista sr. Fernandes Braga por 204.386\$000 (...)”. (DIÁRIO DA TARDE, 19/08/1899, p.1). Curitiba não podia e nem queria ficar imune a estas questões, e acaba por implementar o mesmo formato no seu novo espaço de sociabilidades:

Jockey Club

Muito animadas estiveram hontem as corridas no Prado do Jockey Club.

As archibancadas estavam cheias de famílias da nossa maior sociedade, notando-se em todas as physionomias regozijo communicativo.

No pateo fronteiro, repleto de cavalheiros, tocava a banda de musica do 14 regimento de cavallaria.

O exmo. sr. dr. governador do estado, juntamente com seus secretários, assistiu também a corrida. (...) Grande foi o movimento de bonds da cidade para o prado, correndo os carros com regularidade de dez em dez minutos. (DIÁRIO DA TARDE, 04/09/1899, p.2).

Apesar de a Pelota Basca não ter tido a mesma importância do Turfe, o jogo de origem basca também reproduzia o sentimento de distinção social. Era comum encontrar notícias nos jornais curitibanos, realçando os comportamentos civilizados dos indivíduos que frequentavam o “Frontão Curitybano”. Entretanto, se no Turfe o controle em relação aos comportamentos se centrava somente na figura dos espectadores, a Pelota Basca começou a extrapolar essa condição para além dos assistentes das partidas. Inicia-se, então, em Curitiba, a noção de como um esportista deveria se comportar durante a participação de um jogo.

3.2) Produzindo imagens idealizadas: do espectador ao esportista

Se no “*Jockey Club*” a produção da figura do esportista seguiu o modelo do Rio de Janeiro, o mesmo não se pode dizer do “Frontão Curitybano”. Para entender a diferença entre os espaços, é preciso primeiramente compreender como era a imagem dos donos dos espetáculos. Segundo apontam Lucena (2001) e Melo (2001), as grandes estrelas turfísticas não eram os que conduziam os cavalos, e sim os donos dos animais. Ser proprietário de um animal campeão e/ou de destaque era um importante símbolo de distinção social. Simbologias como esta também estiveram presentes no “Prado do Guabirota”, afinal, os proprietários paranaenses de cavalos buscavam melhorar a qualidade do espetáculo apresentado, investindo no aumento do quilate dos animais a participarem das provas.

J. Club

Effectuaram-se hontem as inscripções para as grandes corridas annunciadas para o dia 23 do corrente. Ficaram organizadas 5 pareos de 4 animaes cada um com animaes especiais.

A incansável directoria do Jockey Club emprega todos os esforços no sentido de ter verdadeiro brilhantismo essa festa, para a qual também correm os inscriptores com animaes de 1^o. Ordem. (DIÁRIO DA TARDE, 17/06/1899, p.2).

O desejo em ver desfilarem no Prado animais mais preparados, fortes, especiais e, sobretudo, campeões, era uma aspiração dos frequentadores do *Jockey*. Estes cavalos, além de proporcionarem um espetáculo mais belo e competitivo, trariam mais público ao hipódromo – fato que incrementaria as apostas, aumentando consideravelmente os lucros com os *poules*. Contudo, o principal ponto é que estes animais poderiam trazer mais respeito e reconhecimento social aos seus proprietários, levando-os a alcançarem um maior destaque e distinção na sociedade curitibana do período. Assim, sempre que havia a presença de novos cavalos, tal ocorrência era divulgada com entusiasmo nos jornais curitibanos: “Sabemos que ha grande animação

para essas corridas, nas quaes também tomaram parte pela primeira vez animais novos, não conhecidos em nosso prado.” (DIÁRIO DA TARDE, 17/08/1899, p.1).

Nesse sentido, sempre era desejo dos proprietários paranaenses, expandir o raio de ação de sua influência, levando seus cavalos para praças maiores e, com isso, alcançando uma distinção ainda mais significativa:

Sabemos que o animal Guarany, não correrá mais em Curitiba, pois vai disputar corridas no prado do Rio de Janeiro onde seu proprietário espera colher melhores resultados do que os obtidos nas duas últimas corridas no Jockey Club. (DIÁRIO DA TARDE, 24/07/1899, p.1).

As idas e vindas de cavalos, entre os principais prados da América do Sul, era uma característica marcante na busca da melhora do espetáculo oferecido. Tratava-se de um fator que, além de deixar mais competitivo os páreos, aumentava consideravelmente o público e, com isso, o volume de dinheiro nas apostas realizadas. Outro ponto central era o *status* social dado aos donos destes animais por serem eles os responsáveis por trazer cavalos mais preparados para serem vistos em ação.

No “Frontão”, de forma semelhante, ocorria também uma busca pela melhora do espetáculo. Se no *Jockey* vinham cavalos de praças mais desenvolvidas, no Frontão era comum a vinda de pelotários de centros maiores: “Sabemos que a Empresa do Frontão contractou no Rio de Janeiro mais um pelotário de 1ª. ordem que chegará brevemente a esta capital”. (DIÁRIO DA TARDE, 21/06/1899, p.1). Assim como no exemplo dos animais, toda vez que novos pelotários chegavam para demonstrar suas habilidades, tais aspectos eram celebrados pela imprensa curitibana:

Frontão Curitybano

A bordo do vapor <<ltapacy>> chegaram os pelotários Ascani e Antonio, contractados pela Empresa do Frontão Curitybano para trabalharem na cancha da rua Aquidaban. Estreiarão no primeiro dia de bom tempo com annuncio prévio. (DIÁRIO DA TARDE, 1º /05/1900, p.1).

Os jornais curitibanos ajudaram a consolidar o dispositivo esportivo de Curitiba, em virtude principalmente do destaque que davam a uma maior especialização

esportiva. A imprensa começa, inclusive, a exaltar a competição, passando, como no caso do Turfe na imprensa carioca (MELO, 2001), a emitir seus palpites para os páreos que seriam realizados:

Em consequencia do tempo que ameaçava chuva, chegando mesmo a cair ligeiro aguaceiro, as corridas de hontem não tiveram a concurrencia das anteriores. Ainda assim nas archibancadas viam-se numerosas famílias e nas outras dependências do prado era regular a concurrencia de amadores. Os jogos foram animados, havendo mesmo grande interesse em certos pareos. As corridas foram bem e lealmente disputadas, exceção do 3º. pareo em que houve tribofe, ocasionando, a vista de protestos gerraes, novas corridas dos animaes Camelia e Danubio. (...) Do nosso palpite sahiram vencedores Coquete, Danubio e Saguy. (DIÁRIO DA TARDE, 06/02/1905, p.1).

Os elementos mostrados na matéria indicam que o Turfe precisava, além da especialização, se institucionalizar ainda mais, para se consolidar como um importante espaço de divertimento. Para evitar confusões e contestações era necessário criar um dispositivo, o qual culminaria com a sua burocratização²⁷. Essa ação pretendia eliminar, de uma vez por todas, os comportamentos considerados incivilizados nas dependências da nova instituição que se consolidava em Curitiba. O início do regramento e da disciplinarização – e porque não falar em burocratização das práticas esportivas – se deve, em muito, a um sentimento caro às elites: a busca pela distinção social. Era necessário criar um *habitus* de classe nesse espaço, para que, desse modo, o Turfe se tornasse realmente um símbolo de distinção.

Belissima foi a festa sportiva de hontem, proporcionada pelo Jockey Club Paranaense. O dia esteve magnifico: céu azul e frescas aragens convidavam o povo para passar o domingo em festas nos campos. D'ahi a concurrencia nas corridas do Jockey Club. Nas archibancadas estavam repletas de damas e cavalheiros, ostentando aquellas toilets claras proprias a estação e ao genero sport. Notava-se grande entusiasmo e animação. O jogo de poules correu bastante movimentado, e as apostas por fora não estiveram menos (...) (DIÁRIO DA TARDE, 11/03/1901, p.1).

²⁷ A relação entre esporte e burocratização, mais especificamente nas práticas do Tiro e do Futebol, será o tema do capítulo cinco da presente tese.

Como mostrado no extrato do jornal, os indivíduos que frequentavam o Prado, os primeiros espectadores das jornadas esportivas, já nas vestimentas buscavam um símbolo de distinção, pois geralmente trajavam roupas no padrão europeu. Os homens, com seus bigodes, chapéus, bengalas, ternos e fraques; e as mulheres, por sua vez, desfilando os mais finos *toilets* de acordo com a última moda do Rio de Janeiro e Paris²⁸. Como pode ser visto a figura central nesse cenário não eram os animais nem os condutores, mas sim os espectadores, sobre quem as interdições e prescrições discursivas incidiam. O autocontrole e a disciplina corporal eram exigidos por parte de quem assistia ao espetáculo.

O mesmo acontecia no “Frontão Curitybano”. Tanto o Turfe como a Pelota Basca combinavam com o momento do Brasil, pois não representavam uma ruptura completa com a repulsa que havia pela sociedade brasileira aos esforços físicos. A grande atração eram os espectadores, pois se tratam de locais onde os indivíduos podiam exercitar o sentimento de distinção social, através das belas e elegantes vestimentas, bem como de seus comportamentos controlados e uniformes no decorrer das competições²⁹.

Capraro (2004) corrobora com tais questões, indicando que o “*Jockey Club* do Paraná” organizava seus páreos, oferecendo toda a estrutura necessária às exigências da “fina” sociedade curitibana. O autor lembra que era comum até a participação de conjuntos de outras praças, inclusive estrangeiros que, em sua maioria, eram originários da Argentina e do Uruguai. Assim, todo o *glamour* das elites em busca da civilidade e da distinção social podia ser observados nas festividades realizadas no hipódromo. Moletta Júnior (2009) lembra que um dia concorrido levava quase 3.000 espectadores às dependências do “Prado do Guabirotuba”. Tratava-se de um número

²⁸ Melo (2001) salienta que as mulheres sempre estavam presentes nos eventos esportivos, principalmente nos turfísticos. A aparição da figura feminina neste espaço público era vista como uma forma de apresentá-las à sociedade. Além disso, o autor lembra que a presença da mulher em eventos de cunho esportivo era uma forma de garantir um aspecto civilizatório às jornadas esportivas. Um estudo detalhado sobre a presença feminina no espaço público curitibano, inclusive nas práticas esportivas, pode ser encontrado no trabalho de Trindade (1996).

²⁹ Sobre a relação entre roupas e esportes ver tese de livre docência de Soares (2011).

significativo, visto que a população da cidade, no início do século XX, girava em torno de 60.000 habitantes. Era sempre sobre os assistentes das corridas que os olhares civilizatórios incidiam.

(...) Dada a partida em magnífica ocasião, pulou na ponta a soberba potranca inglesa Lady-Cil vencendo o seu competidor de ponta a ponta em magnífico estylo, demonstrado assim as suas soberbas qualidades de parreira de classe. Não fosse um pequeno incidente desagradável provocado pelos partidários do cavallo vencido, e o modo de agir de quem pelas funções tinha a restricta obrigação de proceder energicamente contra os agressores, poderíamos dizer com toda a franquesa que foi esta a melhor e mais concorrida festividade organizada pela Sociedade. Mas, cumpre-nos esperar que providencias enérgicas evitem que factos como de hontem se reproduzam. (GAZETA DO POVO, 24/03/1919, p.3).

As confusões geradas, em virtude dos resultados da corrida, eram denominadas de “tribofes”. Melo (2001, p. 114) explica, com detalhes, esse tipo de comportamento considerado incivilizado e bárbaro que necessitava ser eliminado, com urgência, dos hipódromos brasileiros:

Vale a pena falar um pouco sobre os “tribofes”, tão comuns e fartamente divulgados pelos jornais. As confusões eram das mais diferentes ordens: suborno de jôqueis que ocasionalmente se equivocavam com os resultados (já que na época não havia muitos recursos eletrônicos); árbitros subornados que “fabricavam resultados”; e até episódios descaradamente desonestos. Muitas vezes essas confusões eram seguidas de violência, depredação dos hipódromos, surra nos jôqueis e proprietários dos animais. (...) Encaro esses “tribofes” como uma forma de participação ativa do público. Excluído da possibilidade de influenciar na direção do espetáculo, relegado ao pior lugar dos hipódromos, considerado mero coadjuvante, o público reagia da forma que era possível. Ao se sentir burlado, encerrava qualquer pretensão de “civilidade” e utilizava os recursos que dispunha: destruía, simbólica e literalmente, a farsa montada.

O comentário do autor, embora se refira ao contexto da cidade do Rio de Janeiro, poderia ser aplicado à capital paranaense. Os jornais curitibanos sempre condenavam as confusões e consideravam estes comportamentos inaceitáveis, algo indigno que não poderia estar presente numa jornada esportiva. A condenação a estas atitudes tratava-se de uma importante ferramenta pedagógica, visto que visava conformar os

frequentadores, principalmente os das classes populares, a todo um dispositivo institucional; ou seja, aqueles que não possuíam um autocontrole corporal necessitavam ser educados para que pudessem fazer parte do espetáculo como espectadores³⁰. Contudo, esse dispositivo tinha uma condição paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que pretendia normalizar, produzia uma individualização, já que ressaltava as características sociais consideradas distintas e dignas de *status*, condenando, com veemência, os comportamentos que quebravam a “harmonia” dos espaços esportivos. Sendo assim, tal mecanismo, que visava uniformizar as ações, acabavam por realizar também a produção de uma diferenciação social.

Sevcenko (1998), ao tratar da figura do espectador, levanta alguns elementos interessantes. O autor remonta a origem da palavra *torcedor*, que se refere a um indivíduo que “se torce”, “se contorce”, “se remói” ou “se contrai”, ou seja, não possui uma função passiva, pois participa ativamente do espetáculo. Entretanto, para exercer esse papel social, os sujeitos deveriam ter incorporado em seus corpos certos modelos de educação. Quando extrapolavam os limites impostos pelo discurso civilizatório, uma imensa máquina pedagógica era acionada para regular tais ações. A fonte citada por Melo (2001), mostra com riqueza de detalhes a participação daqueles que assistiam as jornadas esportivas:

Os espectadores, logo que percebem as irregularidades do jogo, rebentam em impropérios contra os jogadores. Da cancha, por sua vez, respondem os pelotários violentamente, revidando com acrimônia, os insultos que lhe são atirados. A barulheira cresce. Referve. É o calão. É a descompostura da sargeta. É a obscenidade. Depois vem o murro, o pontapé, a bengalada, por vêzes o tiro de revólver; e a depredação da casa da poule. (EDMUNDO *apud* MELO, 2001, p.146).

³⁰ Uma análise mais detalhada da relação entre as classes populares e os esportes foge ao escopo da presente tese. O objetivo é o de mostrar os diversos discursos que pretendiam consolidar um discurso esportivo em Curitiba. Contudo, a relação entre as apostas e essa parcela da população menos abastada era um fato irrefutável, inclusive era um fator central e necessário, para que tanto o Turfe como a Pelota serem considerados um empreendimento capitalista, mostrando que as apostas foram essenciais para difusão dos esportes no seio da sociedade ocidental. Essa relação mais detalhada entre as classes populares e o esporte pode ser encontrada nos estudos de Jones (1992), Cantelon e Hollands (1998) e Melo (2001).

Para alcançar a distinção e evitar que os espectadores cometessem os atos acima relatados, era preciso regradar tais práticas. O estabelecimento de regulamentos claros e universais seria uma marca de civilização, que tanto o Turfe como a Pelota deveriam colocar em suas jornadas esportivas, pois era através deles que as práticas esportivas continuariam a ser algo digno de *status* e distinção social:

Decididamente o Frontão Curitybano vai em mar de prosperidade sob a habil gerencia do sr. Gadotti. As quiniellas são alli disputadas com muita pericia, os juízes de partida são rectos, de modo que todos confiam cegamente nos seus palpites, certos de que só não ganharão quando a sorte lhe estiver adversa. É por isso que alli ha sempre concurrencia. Hontem, por exemplo, o Frontão apresentava um bonito aspecto, de tal modo estava repleto de espectadores. Foram disputadas 26 quiniellas e essas, sem incidente algum, deram o bonito resultado. (DIÁRIO DA TARDE, 23/10/1899, p.1).

As regras, uma característica básica do Esporte moderno, eram eixos centrais para que estes divertimentos fossem verdadeiras marcas de distinção. Regras bem determinadas, pessoal especializado, e juízes preparados para desenvolver as jornadas esportivas eram essenciais para o bom andamento de práticas que pretendiam ser civilizadas. Elias e Dunning (1995) indicam que um quadro de regras sempre é orientado por uma suposta noção de igualdade de oportunidade e justiça, associada a uma constante vigilância aos códigos de conduta, fatores que exigem dos indivíduos todo um autocontrole para fazer das jornadas esportivas um importante elemento do processo civilizador³¹. Ainda mais que, tanto no Prado como no Frontão, acontecia um grande volume de apostas e, para não ocorrer distúrbios e confusões, regras bem estabelecidas e árbitros bem preparados eram condições primordiais para o bom andamento das jornadas esportivas. Para atingir tais fins, o “*Jockey Club* do Rio de Janeiro” criou um regulamento, um código para as corridas, que inclusive posteriormente serve de modelo para o hipódromo curitibano:

³¹ Elias e Dunning (1995) lembram que uma das principais características do esporte moderno é proporcionar uma suposta igualdade à prática esportiva. Segundo os autores, elas foram por muito tempo uma espécie de aparato legal do amadorismo, que exigia toda uma ética, que possibilitava a manutenção do privilégio da prática esportiva somente por aqueles que soubessem se comportar com autocontrole e distinção.

(...) com tantas variáveis que colocavam em risco seu projeto inicial (apostas descontroladas, surgimento de clubes populares e crescimentos dos “tribofes”) os clubes mais “nobres” passaram a entabular mais estratégias para a prática do turfe. Era fundamental a manutenção de uma determinada representação, ligada aos seus interesses. Não por acaso os “bons e respeitáveis clubes” começaram a se preocupar em desenvolver rigorosos códigos de corrida, em que eram abordados os mais diversos aspectos: desde o corpo de árbitros, passando pelas formas de competição, até a vestimenta obrigatória para os jóqueis. Mais ainda passaram a criar livros de classificação e catalogação dos cavalos (*study-book*). (MELO, 2001, p.116).

Se as apostas foram fundamentais para ajudar a construir a maquinaria esportiva, elas acabaram se tornando, conforme aponta Melo (2001, p.169), “o calcanhar de aquiles do esporte”. O hábito de jogar a dinheiro, muito comum nas corridas de cavalo e nas *quiniellas*, marcou negativamente a imagem destes esportes no Brasil. O Turfe “até hoje é considerado mais como um jogo do que um esporte propriamente dito” (MELO, 2001, p.169) e a Pelota Basca, conforme já salientado, foi proibida por lei em 1941, exatamente por ser considerado um jogo e não uma prática esportiva³². Essa imagem negativa também foi construída em Curitiba: “Apezar da proibição da polícia, o Frontão tem estado de repleto de creanças que não só observam o jogo, como também tomam parte na compra dos poules”. (DIÁRIO DATARDE, 16/08/1899, p.2).

Melo (2001) lembra que, para tentar sanar essa contradição, as agremiações esportivas que se utilizavam das apostas tentaram relacionar suas atividades a causas nobres. A utilização destes argumentos, enfatizando uma nobreza digna de distinção social, também foi encontrada nas páginas dos jornais de Curitiba:

Devido ao abatimento que faz a camara no imposto do Frontão, resolveram os pelotaris juntamente com o gerente fazer uma subscrição a favor do Asylo de Orphãos.

³² Com a emergência de uma cultura física, os esportes no Brasil passaram a adotar novos modelos de comportamento. Por isso, tinham que extirpar do seio do dispositivo esportivo o hábito de apostar. O Remo, segundo aponta Melo (2001), seria a prática corporal que realizaria a empreitada de caçada a esse vírus que muito incomodava a sociedade. A temática da cultura física e o desenvolvimento dos esportes serão mais bem explorados no próximo item do presente capítulo, bem no como no seguinte.

Já hontem foi entregue a camara a quantia de cem mil reis, o que será feito todos os mezes. (DIÁRIO DA TARDE, 21/06/1899, p.2).

As ações pedagógicas não se restringiam somente ao espaço onde ocorriam as jornadas esportivas. O dispositivo buscava entrar em todas as esferas da vida, tanto que, sempre que atos considerados inapropriados ocorriam, os jornais curitibanos faziam críticas contundentes, como por exemplo, no caso de um cocheiro que dirigia a linha dos bondes que atendia o “Prado do Guabirotuba” nos dias das corridas:

Cocheiro implicante

Hontem apóz as corridas no Prado, na ocasião em que voltavam os últimos bonds, vinha um carro conduzido por um cidadão que altercava constantemente com os passageiros.

A uma das muitas advertencias que lhe foram feitas respondeu o cocheiro que não sabia tratar doutro modo pois, como feitor de armazens, nunca esteve no serviço de condução dos passageiros. (...) Na rua Mato-Grosso, apesar de haver senhoras no carro o cocheiro não moderou o seu enthussiasmo, declarando sempre que nada receiava, nem mesmo à ameaça de ser levado o facto ao conhecimento da Empreza F. Carril. Causou mesmo extranheza não ter o fiscal da linha força moral para advertil-o,

A Empreza fará favor ao publico não collocando, noutra ocasião, na condução de bonds de passageiros, conductores como esse, cujo procedimento, nestas linhas, levamos à seu conhecimento. (DIÁRIO DA TARDE, 24/07/1899, p.2).

Os hábitos e atitudes inadequados eram sempre condenados pela imprensa. Por diversas vezes, o “Diário da Tarde” atacou com grande contundência atitudes violentas praticadas por policiais, nas imediações do “*Jockey Club*”:

Covardia

Hontem, no portão do Prado de Corridas, foi preso um moço embriagado.

Apenas os policiaes incumbidos de effectuar essa prisão se viram fora das vistas do commisario sr. João Luiz, começaram a maltratar brutalmente o pobre moço inerme e, até ao chegarem ao quartel da policia, não descançaram rifles e espadas na tarefa estúpida e covarde do espacamento o mais cínico e miseravel.

Oito policiaes, sendo dous a cavallo, espaldeiraram com uma brutalidade sem nome o infeliz moço, que cahia de quando em vez externado pela brutalidade.

Chamamos para o facto repellente e absurdo a atenção das autoridades policiaes, a quem incumbe a nossa garantia e o zelo pela ordem e moralidade publica. (DIÁRIO DA TARDE, 11/03/1901, p.2).

O relato publicado no jornal procurou enfatizar que, numa sociedade que pretendia se consolidar como civilizada, comportamentos violentos não poderiam ser tolerados, ainda mais nas proximidades de um espaço que deveria ser o local de distinção social.

Contudo, se o Turfe cria uma imagem idealizada de espectador (sobretudo aquele que apostava), a Pelota Basca começa a expandir essa questão para a figura do praticante. Esta movimentação, segundo aponta Melo (2001), era uma forma de o esporte de origem basca se afastar do universo da jogatina e se aproximar de um discurso tangente à cultura atlética e da saúde:

Os jogos de frontões participam da natureza dos jogos athleticos tais como a pelota; esses jogos tendem a desenvolver as forças corporeas, a dar maior vigor à musculatura, como meios da educação physica, não pode ser considerado de azar porque a lei (art. 370 do Código Penal) só considera taes aquelles em que o ganho e a perda dependem exclusivamente da sorte, e nestes o êxito depende da destreza e robustez dos jogadores... (PEREIRA *apud* MELO, 2001, p. 178-179).

Se no Turfe a figura central era o proprietário dos cavalos, na Pelota Basca era o pelotário. Devido a esta questão, um cuidado sobre o comportamento do praticante começava a ser estabelecido. Passou a ser exigido todo um código de conduta, de autocontrole e disciplina dos pelotários; ou seja, a distinção social não se restringia somente ao público, agora a figura do esportista, com seu vigor, destreza, robustez e, sobretudo, galhardia começa a ganhar mais visibilidade em Curitiba. Tanto que foi possível encontrar notícias condenando a imperícia de alguns dos participantes das *quiniellas*:

Hontem no Frontão, na ocasião em que o pelotario Agote jogava a pellota esta foi bater à cabeça de um espectador que cahiu sem sentidos, voltando à si dahi a alguns minutos.
Ficou bastante ferido.
Esse pelotario jogou a pelota com muita precipitação e raiva por estar atrasado em alguns pontos na partida em que jogava. (DIÁRIO DA TARDE, 15/05/1899, p.1).

Era exigido, por parte dos participantes, seguir uma série de condutas. O esportista não poderia se precipitar e tinha que desenvolver, conforme apontam Elias e Dunning (1995), todo um aparato de autocontrole, pois, caso não seguisse esse modelo de educação, não seria digno de participar das jornadas esportivas. Porém, a continuação do fato, publicada alguns dias depois, acaba por relacionar o comportamento do esportista com o do espectador.

Há dias noticiou o Diario da Tarde o facto de ter sido ferido no Frontão um espectador por uma pelota mal e precipitamente jogada.

Essa pelota que fôra bater na cabeça do espectador, cujo nome é Francisco Matuscheski, derrubou-o sem sentidos.

Pois esse homem que em má hora fôra ao Frontão divertir-se acha-se gritantemente enfermo devido ao choque recebido (...) Os espectadores (...) se devem acautelar durante o tempo de disputa das quiniellas, pois o exemplo que acaba de apparecer prova sobejamente que ha alli pelotários que não dispoem da necessaria perícia.

O ferido foi hontem examinado pelo médico legista, por ter sido levado a conhecimento da polícia o grave estado de Matuscheski, que é um homem pobre e de nacionalidade polaca. (DIÁRIO DA TARDE, 19/05/1899, p.2).

A notícia mostra quais eram os modelos de comportamento exigidos para os envolvidos num espetáculo esportivo (espectadores e esportistas) e indica, ainda, que, apesar da condenável imperícia do pelotário, o indivíduo que assistia também não tinha os requisitos básicos para usufruir desse importante símbolo da urbanidade. O texto deixa em suas entrelinhas que o espectador não sabia se portar, pois era pobre e de origem polonesa – tanto que o termo depreciativo “polaco” foi utilizado, ou seja, não tinha uma educação adequada para fazer parte dum evento esportivo. Estas pedagogias aos poucos vão se consolidando em Curitiba, afinal, era preciso que os indivíduos envolvidos nas práticas esportivas possuíssem um código de autocontrole. Assim, não bastava somente conhecer as regras e cumpri-las, era condição fundamental para um bom andamento das partidas que os esportistas tivessem todo um complexo esquema corporal, que só era adquirido por um refinado processo de educação:

FERIDO NO FRONTÃO

Hontem, no Frontão Curitybano, quando era disputada a 5ª. quiniella jogavam a pelota Larranaga e Guichou. Este último aparando a pelota jogou-a. Esta, porém, foi bater no rosto de Larranaga derrubando-o por terra em continente e de tal modo ferido foi dali transportado em carro para a sua residência.

É já a segunda vez que isso succede a Larranaga que aliáz é um dos bons pelotários do Frontão. (DIÁRIO DA TARDE, 20/07/1899, p.2).

A nota publicada no “Diário da Tarde” mostra muito bem os elementos levantados por Elias e Dunning (1995). Os esportistas tinham que ter assimilado um rígido código de comportamentos. Indivíduos sem educação corporal, sem autocontrole dos seus movimentos não poderiam participar desse novo espetáculo moderno. Em contrapartida, quando um indivíduo se destacava nas partidas, suas *performances* eram exaltadas e se tornavam imagens idealizadas, afinal, era um símbolo de autocontrole, um *habitus* que o esportista deveria ter assimilado ao seu corpo:

Frontão

Hontem, no Frontão Curitybano, o pelotario Guichou ganhou as duas quiniellas de ponta a ponta; tirando o 1º. lugar na 3ª. Quiniella fez dois pontos seguidos, ate alcançando nesta o 2º. lugar e na quarta o 1º. Decididamente é um pelotario de 1ª. ordem. (DIÁRIO DA TARDE, 05/08/1899, p.2).

A *performance* guiada pelo domínio da técnica do jogo e do autocontrole corporal eram elementos muito valorizados, e seriam a base para que, posteriormente, a especialização se tornasse ainda maior nas práticas esportivas. (VAZ, 1999; 2001). Seria na busca desta melhora de desempenho que o processo de treinamento passaria a ser um elemento valorizado pelo dispositivo esportivo³³. Porém, antes destas questões mais especializadas se tornarem centrais nas práticas esportivas, os elementos mais valorizados estavam relacionados, exclusivamente, ao autocontrole. Eram os signos que os indivíduos buscavam encontrar nestes novos espaços sociais: “Hontem a concurrencia foi grande e as duplas foram disputadas com muita galhardia, havendo entusiasmo entre os espectadores”. (DIÁRIO DA TARDE, 19/09/1899, p.2).

³³ A relação entre o processo de especialização esportiva, burocratização e treinamento esportivo será eixo central do quinto capítulo da presente tese.

Apesar de a Pelota Basca produzir a imagem do esportista de uma forma muito mais contundente que o Turfe, por incrível que pareça, foi no espaço do Prado que o discurso, que valorizava o praticante de exercícios físicos, foi enfatizado com mais força em Curitiba. Além de consolidar o Turfe como uma prática mais próxima do formato esportivo, o espaço do Prado contribuiu significativamente para a difusão de outras práticas corporais.

3.3) Difusão da cultura física: o Prado como instituição irradiadora

Lucena (2001) e Melo (2001) lembram que os esportes preferidos pelo público brasileiro, principalmente no Rio de Janeiro, até então, eram o Turfe e o Remo. O primeiro era o passatempo predileto de indivíduos que não se envolviam diretamente com as provas, os quais, aliás, nem desejavam isso. Praticar exercícios físicos ainda era visto pela sociedade brasileira com desconfiança, como algo menor que poderia inclusive prejudicar o bom funcionamento do corpo. Os autores lembram que, na capital do Brasil, foi somente com o Remo que aos poucos se instalou um sentimento que valorizava a cultura física. O esportista, a partir da emergência de uma cultura atlética, não se restringia somente aos proprietários de cavalos do turfe, que desejavam ser apenas espectadores e apostadores. Os indivíduos queriam, eles mesmos, ser os atores principais do espetáculo. Segundo aponta Vigarello (2005), essa condição era sintoma de novas ordenações discursivas. O autor lembra que modelos que valorizavam o desenvolvimento da cultura atlética, passaram a ser considerados pelo discurso médico de cunho higienista³⁴. Elementos importantes para a produção de um indivíduo mais útil e sadio, que pudesse contribuir ainda mais para o desenvolvimento da nova sociedade brasileira.

Melo (2001) argumenta que o Remo era a sinalização dos novos tempos. Seus praticantes consideravam o Turfe como uma prática ultrapassada, marca do passado

³⁴ Sobre a temática da higiene e o pensamento médico higienista no Brasil ver os trabalhos de Soares (1994; 2008) e Rocha (2003).

colonial e imperial brasileiro, ou seja, um mal a ser combatido. Além disso, era um divertimento esportivo que, assim como inúmeros outros, tinha grande volume de apostas, e o jogo era considerado, também, um elemento a ser extirpado da sociedade.

Depois dos prados de corrida, a cavalo, a pé, ou em bicyclette, apareceram os frontões e os boliches e nas pernas do jockey, nas plantas dos pés dos corredores, nas rodas das bicyclettes, nas palmas das mãos dos pelotares e dos jogadores de bola, o que a multidão via não era a regeneração e o aperfeiçoamento da raça humana, era o palpite, era o azar (...) era a sedução do mais empolgante do diaboloco de todos os vícios. (X *apud* MELO, 2001, p. 179-180).

A fonte utilizada por Melo (2001) é trecho do primeiro número da Revista “A Canoagem”, periódico que divulgava o Remo no Brasil. Nesta revista, como não poderia deixar de ser, exaltavam-se os benefícios da prática do Remo para a sociedade. Considerava-se o esporte o maior representante da modernidade, pois, de acordo com Melo (2001, p.77), aquele tinha relação com “o indivíduo audaz, conquistador e vencedor”. Era por meio do esporte que se representava ao mesmo tempo saúde, beleza e utilidade de uma juventude ativa e forte, características primordiais para conduzir a nação ao progresso³⁵.

Não se tratava mais de colocar cavalos para correr, mas sim de participar mais ativamente, de demonstrar no próprio corpo saudável e forte os sinais dos novos tempos, de incorporar efetivamente um novo estilo de vida adequado à velocidade do novo momento. Afinal, quem chega primeiro não é mais um cavalo que tem um homem como coadjuvante, mas um homem que conduz o mais rápido possível, a partir de seu próprio esforço, um barco. No turfe, sempre se divulgava o nome e a vitória do cavalos; já no remo, eram os homens que conduziam a embarcação. Assim, sempre se falava dos atletas de remo, procurava-se destacar suas formas físicas, sua musculatura desenvolvida, sua vigorosidade, sua saúde. (MELO, 2001, p.78).

³⁵ Na cidade de Curitiba, o remo, apesar de algumas tentativas, não se desenvolveu, principalmente pelas questões geográficas e climáticas. Se no Rio de Janeiro, conforme aponta Melo (2001), se desenvolveu por uma correlação direta com a exuberante natureza da capital do Brasil, em Curitiba isso não ocorreu, embora a relação com a natureza tenha sido primordial na consolidação da cultura física e da educação do corpo na cidade. Tal relação entre a natureza, as práticas corporais e o desenvolvimento de uma cultura física em Curitiba será explorada mais detalhadamente no próximo capítulo.

Na capital paranaense, tal modelo não se reproduziu exatamente como na cidade do Rio de Janeiro. Se as apostas foram condenadas em Curitiba, assim como na capital Federal, existiram diferenças significativas neste processo. Apesar da aparente diferença entre os valores do Turfe e a valorização de uma cultura física, foi por meio do “*Jockey Club do Paraná*” que ocorreu a difusão destes anseios em Curitiba. Capraro (2004) lembra que as “festas *sportivas*”, realizadas no “Prado do Guabirota”, foram marcantes no processo de introdução de outras modalidades na cidade. Algo próximo ao ciclismo, praticamente nasceu com o novo hipódromo curitibano:

Na reunião do Club de corridas effectuado ante-hontem foram inscriptos cinco pareos para as corridas do dia 18 bem como cinco pareos de bicicletas. A reunião teve lugar na residencia do capitalista sr. Coronel Ernesto Lima e o club recebeu o nome de Jockey Paranaense. (DIÁRIO DA TARDE, 06/06/1899, p.2).

O ciclismo era bem difundido na Europa, principalmente na França, inclusive sendo considerado um dos primeiros esportes de massa do mundo. Tal prática, conforme apontam Sevckenko (1992) e Melo (2001), também teve uma enorme popularidade no Brasil. Melo (2001) lembra que o costume de haver corridas de bicicletas era comum nos hipódromos cariocas. Outrossim, no caso de Curitiba, é possível afirmar que o hábito de andar de bicicletas era comum. Não raro, podia-se encontrar nas páginas dos jornais curitibanos anúncios de estabelecimentos que vendiam bicicletas. Contudo, em Curitiba, diferentemente de São Paulo e do Rio de Janeiro, essa prática, nos seus primeiros passos, não era vista como uma atividade competitiva, mas vinculada a uma atividade livre e de contato com a natureza para uma determinada classe social. Não seria menos importante registrar, também que a bicicleta constitui-se em um importante meio de transporte para uma parcela da população menos abastada. Somente com a vinculação do ciclismo nas primeiras festas esportivas realizadas no Prado, é que a prática foi alçada à condição mais próxima do formato esportivo.

Outra prática muito comum nas dependências do “Prado do Guabirota” foi o

Tiro³⁶:

Tiro aos Pombos

Domingo, 22 do corrente, às 8 horas da manha no Prado, gentilmente cedido pelo Jockey Club, terá lugar o primeiro tiro aos pombos.

As inscrições estão abertas no Bar do Grand Hotel até sexta-feira ao meio dia, sendo a taxa fixada de 10\$000 rs, que deverão ser pagos no acto da inscrição. Não poderá tomar parte ao tiro quem não apresentar a tenera de inscrição. (DIÁRIO DA TARDE, 18/01/1905, p.2).

O Tiro, assim como outras práticas de formato esportivo, buscava primeiramente ser um divertimento que agregava aos seus praticantes, assim como os frequentadores do Prado, um símbolo de distinção social, um modelo condizente aos grandes centros da Europa. Tal como aponta a notícia publicada: “Na pista do Jockey Club, realizar-se amanhã o <<concurso>> de tiro aos pombos, genero *sport* que em Paris, em Monte Carlo etc. é o *mot d’orde* do mundo elegante. (DIÁRIO DA TARDE, 08/04/1905, p.1).

As competições de Tiro buscavam se esportivizar. Para isso, distribuía premiações de acordo com a estrutura dos Jogos Olímpicos: “serão distribuidos aos atiradores tres premios, um de ouro, um de prata e o ultimo de bronze.” (DIÁRIO DA TARDE, 21/01/1905, p.2). Uma premiação nestes moldes começava lentamente a valorizar um refinamento esportivo como um importante elemento de distinção social:

Tiro aos Pombos – às 9 ½ da manhã, teve começo, no Prado de Corridas, a anunciada diversão Tiro aos Pombos. (...) Foram atirados 100 pombos, sendo mortos 70.

Tiraram o premio de ouro o sr. Constantino Stroppa que matou 8 pombos em 13 pontos; Wanderverk, quer matou 8 em 12 pontos; Mattana Baldassaré, que matou 6 em 10 tiros.

Serviram de juizes os srs. Carlos barromel, presidente e Angelo Botecchia, Hötte Wanderverk Júnior, Luiz Agner e Nicolau Freschh.

Ganhou o premio de consolação o sr. Carlos Meissner.

A diversão terminou à 1 ½ da tarde, tendo reinado a maior cordialidade e entusiasmo.

Ficou assente a base de uma futura sociedade de Tiro aos Pombos. (DIÁRIO

³⁶ Capraro (2004) lembra que existiam várias associações de tiro ao alvo em Curitiba, destaque especial para o Clube de Tiro Rio Branco que, por um longo período, manteve uma coluna na página principal do “Diário da Tarde”. Uma análise mais detalhada sobre esta instituição será realizada no capítulo cinco da presente tese.

DA TARDE, 23/01/1905, p.1).

Outras agremiações também trouxeram novas manifestações esportivas ao conhecimento da população de Curitiba, e o espaço do “*Jockey Club* do Paraná” foi o local onde estas foram apresentadas aos habitantes da cidade. Tais questões podem ser visualizadas em notícias veiculadas pela imprensa da cidade:

Sport Club – A fidalga associação de sport prepara-se para grandes festas, que contarão de corridas de bicycletas, motocycletas, apé com obstaculos etc. Para essa festa, que deverá se realizar na pista do Jockey Club no dia 2 de abril vindouro, as inscripções encerram-se no dia 25. (DIÁRIO DA TARDE, 18/03/1905, p.1).

Capraro (2004) lembra que foi nas dependências do “Prado do Guabirotuba” que o futebol passou a ser mais visível aos curitibanos, pois os primeiros *matches* do esporte bretão, realizados na década de 1910, foram disputados no hipódromo. Contudo, a presença do futebol como um divertimento já foi notada na década anterior. O “Diário da Tarde”, ao emitir outra nota sobre o “*Sport Club*”, salientava a presença de novas práticas corporais, entre elas o que, mais tarde, seria o principal esporte do país: “O Sport Club prepara-se para grandes festejos que terão logar na pista do Jockey Club. No programma figurarão football, StepheChase, corridas de automoveis”. (DIÁRIO DA TARDE, 10/03/1905, p.2).

A presença do futebol no *Jockey* vai se intensificando nos anos seguintes e, na década de 1910, passa a ser um fato costumeiro:

O dia de hontem não resplandeceu como os domingos últimos. Não. O estado metereologico foi bem irritante: baixa de temperatura e, além do frio implacável, chuveis e lama. O céu, desde pela manhã, conservou-se carrancudo e plúmbeo, dando a tudo um aspecto de desolação. Não obstante, á tarde, houve alguma movimentação, tendo se realizado, no parado do Jockey Club um match de foot-ball e sendo grande a concorrência as matínes dos cinemas (DIÁRIO DA TARDE, 29/07/1912, p. 2).

Pode-se afirmar que o Turfe deu o suporte necessário para que outras práticas

esportivas como o ciclismo, o atletismo, o tiro e principalmente o futebol, tivessem condições de serem conhecidas, prestigiadas e praticadas em Curitiba. Geralmente, tais divertimentos esportivos eram praticados por um grupo de jovens da elite e/ou de descendentes de imigrantes europeus. Estes indivíduos eram considerados empreendedores, pois não se conformavam mais em ser apenas espectadores, como no Turfe. Estavam sintonizados com os novos valores urbanos, nos quais a cultura física e os exercícios passavam a ser um elemento fundamental na nova vida que ia se constituindo nas cidades.

A sociedade desportiva Internacional Foot Ball Club, não há dúvida, é núcleo de moços que, visando desenvolver o physico, tudo envida para transformar os seus associados em homens capazes de entrar sorrindo na luta allucinada da vida. E, assim sendo, aquella associação não poupa esforços para alcançar o seu definitivo desenvolvimento. (DIÁRIO DA TARDE, 12/08/1912, p. 4).

Pereira (2000), ao estudar o futebol na cidade do Rio de Janeiro, afirma que, por ser uma prática intrinsecamente violenta, este só poderia ser praticado por indivíduos da mesma educação e cultivo; isto é, somente aqueles que estivessem de acordo com os padrões corporais civilizados poderiam participar do jogo. Sendo assim, não é de se estranhar que o esporte em Curitiba tenha se desenvolvido nas dependências do “*Jockey Club*”, instituição que sempre almejou a criação de um *habitus* que enfatizasse a distinção social, em relação aos comportamentos populares.

Apesar de o Turfe representar uma sociedade mais aristocrática e tradicional, ligada a uma elite latifundiária e agrária, tal modalidade não impediu, conforme aponta Melo (2001), o desenvolvimento de outras práticas esportivas consideradas mais urbanas, como o Remo, o Ciclismo, o Atletismo e o Futebol. Capraro (2004), ao estudar os primórdios do futebol paranaense, salienta que em Curitiba tal situação aconteceu de fato, já que, mesmo que este grupo de jovens conseguisse um local apropriado para a prática do futebol, dificilmente teriam condições de financiar a construção de arquibancadas para abrigar os espectadores dos seus *matches*.

Molleta Júnior (2009) indica que esse era o caso do tradicional Coritiba Futebol Clube, entidade de origem germânica fundada em 1909. Esse clube era derivado da associação de ginástica *Turnverein*, e foi criado com o intuito de que os moços da comunidade alemã pudessem praticar o futebol. O autor lembra que, desde a data de fundação dessa agremiação, o “*Jockey Club*” foi reportado como o local que seria o “*ground*” da equipe de origem germânica.

Se uma das equipes que iria consolidar o futebol em Curitiba nasce de uma entidade ginástica de origem alemã, o outro principal time da cidade, o Internacional, foi gestado nas dependências do *Jockey*. Suas primeiras reuniões e jogos também foram realizados nas dependências do Prado, e seu primeiro presidente, Joaquim Américo, fazia parte da diretoria do *Jockey*³⁷. Capraro (2004) lembra que a criação deste clube foi uma estratégia dos jovens da elite local para disputar o poder com as associações imigrantes, que tinham, até então, a prerrogativa de praticar o futebol na cidade. O autor salienta que vários dos membros que fundaram o Internacional eram sócios do Coritiba Futebol Clube, que, incomodados com o fato de se sujeitarem às normas da associação de origem germânica, acabaram por criar sua própria associação futebolística.

Sendo assim, é possível afirmar que o Prado foi o cenário inicial desta disputa, presente até os dias de hoje nas ruas de Curitiba entre os torcedores do Coritiba e do Atlético Paranaense. Além disso, foi em suas dependências que uma nova forma de enxergar a cultura física e a prática esportiva se consolidou na cidade. Como dito anteriormente, apenas o “Prado do Guabirotuba” tinha arquibancadas, e como a mocidade – tanto a da elite como a das associações imigrantes – não tinha recursos para ter instalações próprias, foi-lhes cedido o hipódromo. Para que os jogos acontecessem, bastaria que o gramado, que ficava no centro da pista de corrida, fosse

³⁷ Segundo Capraro (2004), Joaquim Américo, além de primeiro presidente do Internacional Football Club, foi membro fundador da Sociedade Hípica Paranaense, presidente do Jockey Club do Paraná e introdutor do jogo de Basquete e Críquete em Curitiba, sem contar os vários cargos políticos que ocupou. O Internacional se funde posteriormente com outro clube, o América, e fundam a outra força futebolística de Curitiba e do Paraná, o Clube Atlético Paranaense.

adaptado às condições para a disputa dos *matches* do esporte bretão³⁸.

Capraro (2004) salienta que os jogos eram, em sua maioria, marcados nos mesmos dias dos páreos, garantindo assim a presença do público que vinha com a intenção de ver as corridas de cavalos.

Secção Desportiva

(...) O magnifico dia de hontem de uma temperatura agradabillissima, lembrando os belos dias de verão, levou aos nossos campos de football e de corridas, uma multidão considerável. (...) No Prado do Jockey Club do Paraná houve assim uma concurrencia notavel pois o programma das corridas era deveras importante. (DIÁRIO DA TARDE, 29/07/1918, p.3).

Essa ligação entre Turfe e Futebol, segundo aponta Capraro (2004), era a união entre o útil e o agradável. Os jovens praticavam o futebol e o público que se dirigia ao Prado tinha um divertimento a mais na sua programação dominical. Moletta Júnior (2009, p. 71-72) resume estas questões, presentes no cenário curitibano:

Se o futebol já tinha condição de dar o suporte necessário às corridas, aquele ainda não possuía uma autonomia para se fixar sozinho no cenário esportivo local. Portanto, na medida em que o futebol começava a se legitimar, podendo dar subsídio a outras modalidades, isso ainda não seria o suficiente para sua automanutenção. Era necessária sua vinculação ao turfe, pois os requisitos mínimos para realização do jogo de futebol, como um campo e arquibancadas para torcidas, ainda não existiam na configuração futebolística local.

Aos poucos o futebol ganhou espaço e se tornou uma das principais atrações dos finais de semana no “*Jockey Club*”, contribuindo inclusive para o desenvolvimento de outras práticas esportivas, como o Tiro: “Em beneficio da sociedade de Tiro Rio Branco, realizou-se, hontem, um match de “foot-ball”, no “ground” do Prado Paranaense, entre as valorosas equipes dos Clubs Coritiba e Internacional. (DIÁRIO DA TARDE, 14/04/1913, p. 2)”.

³⁸ Capraro (2004) lembra que o primeiro estádio exclusivo para a prática do futebol só foi construído em setembro de 1914. Era o estádio do Internacional Football Club e, mesmo assim, suas arquibancadas eram diminutas, de madeira, num bairro afastado do centro e pouco habitado devido aos riscos provenientes do depósito de pólvora da cidade, que também se situava naquele local. O autor lembra que estas instalações não se comparavam em nada às requintadas arquibancadas de concreto do Jockey.

Desta forma, o futebol caía no gosto da população curitibana e ajudava, com isso, a consolidar uma cultura atlética na cidade. Novas atrações esportivas se juntavam às corridas de cavalo e às partidas de futebol nas programações esportivas, realizadas no tradicional “*Jockey Club do Paraná*”:

Grandes Matches de foot-ball Corridas, etc... etc.

Conforme noticiamos hontem, a sociedade sportiva Internacional Foot-ball Club realizará, domingo próximo, no Prado Paranaense, uma festa magnífica o que obedecerá ao programa seguinte:

- 1º. – Match Infantil (...).
- 2º. – Corrida de velocidade (100 metros) (...).
- 3º. – Corridas com obstáculos(...).
- 4º. – Corridas com Sacos (...).
- 5º. – Corrida com 3 Pernas (...).
- 6º. – Match de Foot Ball
Team A versus B Internacional (...).
- 7º. – Place Kinck (...).
- 8º. – Tug of War (puxar a corda) (...).
- 9º. – Corridas de ovo (por senhoritas) (...).
- 10º. – Corridas de Burros (...).
- 11º. – Team Race (...) (DIÁRIO DA TARDE, 15/08/1912, p. 3).

As partidas de futebol, ocorridas no Prado, tornaram-se um importante aspecto da sociabilidade curitibana do período. Os *matches* pretendiam instalar um sentimento civilizatório e celebrar diversos aspectos da modernidade, entre eles o gosto pela prática de exercícios físicos. Uma notícia publicada, por ocasião do encontro entre os *teams* do Coritiba e Ponta Grossa, mostra toda a celebração envolvida nos jogos:

A comitiva pontagrossense compunha-se dos srs. Major José Miro de Freitas, capitão Fernando Bittencourt, Frederico Tross, Atilio Palermo, João Dors, Franklin Silva Jardim, Targino Silva, Florêncio Monteiro, Jose Salvador, Aníbal Silva, Roland Ayres, Januário Parrigi, Arcezio Braga, Nestor de Almeida, Debut, João Muniz, Flavio Guimarães, David Pellizzani, Antonio Gomes, João Hoffmann Junior, Manoel Correa. NO PRADO, foi uma das festas realizadas no Prado do Jockey Club Paranaense que maior numero de assistentes ali attrahiu. As archibancadas estavam completamente ocupadas por senhoras e sehoritas e assim também as áreas que circulavam o pavilhão, onde mais de mil cavalheiros se entrecruzavam ansiosos pelo momento do grande match que ia se realizar. Ao meio dia chegaram os primeiros bonds conduzindo os teans que iam entrar em luta e muitos convidados, começando a essa hora, a affluencia de povo aquelle ponto em festas, affluencia que se fez notável até á tarde. Em obediência ao programa, realizaram-se as corridas de bycicletas e a

pé, sendo vencedores da 1 turma o sr. Edmundo Hey Junior. A segunda corrida foi a pé, disputada em 200 metros e saindo vencedor Brasílio Scheka. A terceira turma de bicicleta, correio 1500 metros, chegando em primeiro lugar Erotides Calberg, e em 2 E. Hauer. O quarto páreo em 4500 metros foi disputado apenas por Vicente Pinheiro, Pedro Cunha, A. Weigert e Erotides Calberg. Chegara então à hora do match, ansiosamente esperado. O MATCH. O Ground, bastante humido e com terra fofa, estava pesado e perigoso, entretando os lutadores mostraram entusiasmos, ao signal de formação dado pelo refere sr. Wilson. A inauguração do campo foi feita pela uma comissão de moças, composta das senhoritas Elly Franck, Martha Koch, Margarida Hey e Adelaide Glaser, as quaes alçaram ao mastro central do pavilhão verde e branco do Coritiba Foot Ball Club, tocando por essa ocasião, o hymno social. (DIÁRIO DA TARDE, 13/06/ 1910, s.p.).

Se o futebol, no início, era uma das atividades a ser realizada antes das corridas de cavalo, agora essa demonstração da cultura atlética dos jovens era precedida por demonstrações de outras práticas corporais. Uma notícia publicada no “Diário da Tarde”, comentando uma atividade realizada pelo “Coritiba *Football Club*”, mostra com detalhes como eram realizadas outras atividades que extrapolavam o Turfe e o Futebol, e como se configurava uma “festa *sportiva*”:

FESTA SPORTIVA

Ocorreu com entusiasmo a festa sportiva realizada hontem no prado do Jockey Club e promovida pelo Coritiba Foot Ball Club. O dia, apesar de ameaçar trovoadas estava claro e agradável, soprando um vento suavizante, neutralizando o calor solar que desde cedo se manifestava com certa violência. Em obediência ao programma organizado, ao meio dia partiram os bonds especiaes conduzindo os associados daquelles club e uma banda musical, sendo acompanhados por cyclists e outros vehiculos com diversas famílias, causando excellentee aspecto esse importatne quesito. A's 2 horas da tarde as archibançadas do prado estavam repletas realizando-se então a primeira corrida a pé, em 200 metros no qual tomaram parte oito sócios do club. Disputada com ardor essa corrida, sahiu vencedor o sr. Otto Amhof, que foi aclamado pelos espectadores, conquistando o lindo premio de um copo de prata. Em seguida realizou-se a corrida de bycicletas em 3000 metros, tomando parte nella Edmundo Hey Junior, Ricardo Koch, Miguel Sprada e Kurt Hermann. Esta corrida despertou entusiasmo, havendo regular venda de poules. Edmundo Hey na segunda volta foi tomando distancia na frente, entrando na recta perseguido por Koch. Voltando-se para observar os que seguiam, perdeu o equilibrio, cahindo da bycicleta. Rapidamente montou e retomou carreira, chegando ainda em 1º lugar, sob aclamações dos assistentes e segundo de Koch, que obteve 2º lugar. Os premeos dos vencedores constan medalhas de prata e bronze. No programa constava outra corrida a pe com obstáculos a 800 metros. Grande interesse despertava essa corrida de resistência, tomando parte nella 14 corredores. Com diversos incidentes ela se realizou, chegando ponto a

ponto os srs. Walter Diettrich e Bertasoni Colle. Os juizes deram a corrida por empatada, ficando acordade outra corrida entre os dois, a realizar-se no próximo domingo. Nessa corrida Emil Koch virou o pé ao saltar uma canaleta e Leopoldo e Labasch acabaram atolando na mesma valera. Na ultima corrida de bicycletas em 6000 metros , garbosa e francamente, E. Calberg, que correu sem aperto com Hermann, Koch e Koehler. Erothides Calberg, nas ultimas corridas de bicycletas em junho foi o campeão do grande páreo, sahindo mais uma vez triumphante, recebendo medalha de ouro, Kurt Herрман embora distanciado, tomou o 2 logar, recebendo uma medalha de prata. (...)Teve então inicio o match de desafio entre o team Branco e o Verde, daquelle Club. (...) O baile que o Curityba Foo-Ball Club realizou nos salões da Sociedade Sãngerbond correu com brilho, havendo notavel concorrência. Antes de começara as dansas, o vicepresidente do club, sr. Generoso Borges fez a distribuição dos prêmios aos vencedores das corridas, congratulando-se com os associados pelo brilhantismo do festival. Ate alta madrugada as dansas eram animadas (DIÁRIO DA TARDE, 21/11/1910, p.2).

Foi nesse contexto que o “Prado do Gabirotuba” cumpriu a função de ajudar a difundir outras atividades esportivas, como o ciclismo e o atletismo, consolidando, com isso, o dispositivo esportivo na capital paranaense. O destaque não estava mais na figura dos proprietários de cavalos, as estrelas principais desse espetáculo agora eram os esportistas. Estes indivíduos eram símbolo do domínio do corpo, pois para realizar suas extraordinárias proezas e *performances* atléticas necessitavam ter seus corpos disciplinados, energizados e dotados de força. O corpo se torna, então, objeto de manipulação, uma máquina de prolongamento da vida, que não poderia ter sua homeostase quebrada pelos diversos malogros sociais, e a melhor maneira de evitar isso era através de uma série de prescrições e restrições ao corpo. E entre estas prescrições estava a prática de exercícios físicos, principalmente as esportivas, visto que, além de garantir essa armadura corporal, tal atividade tinha um importante aspecto moral, pois poderia energizar o caráter³⁹ dos seus praticantes.

Esse processo de aperfeiçoamento, treinamento e educação do corpo também enfatizava investimentos em áreas urbanas, destinadas a determinadas práticas corporais. Se faltasse espaço para a prática desse novo símbolo da modernidade, o urbano precisava ser transformado e remanejado. Neste contexto que uma nova

³⁹ Sobre o tema do esporte como fator de energização do caráter ver especialmente Linhales (2006; 2009).

relação do indivíduo com a natureza foi retomada. A natureza surge como um espaço ideal para realizar ações que enfatizassem ainda mais o dispositivo esportivo na vida cotidiana da cidade. Afinal, era preciso aperfeiçoar a espécie humana através das pedagogias corporais, energizar o corpo, endurecê-lo, dotá-lo de força e purificar o espírito para encarar, conforme aponta Sevckenko (1992), a frenética vida citadina.

Tais aspectos estiveram presentes em Curitiba, tanto que, na revitalização de uma das principais áreas verdes da cidade, o Passeio Público, o poder público aterrou alguns canais, transformando outros tanques em locais propícios à prática da natação; construiu pista de patinação, ciclismo, campos de *Foot-ball* e *Tennis*⁴⁰. Os exercícios físicos e esportivos ganham agora locais específicos para suas práticas, que passam a ser considerados espaços urbanos próprios para que os indivíduos sejam vistos ao se exercitar. Corpos revelavam, assim, imagens idealizadas de valores considerados civilizados e mostrados nestes locais eleitos para tal.

Sobre a relação da educação do corpo, o investimento político sobre um discurso da cultura física e a sua contribuição para a consolidação do dispositivo esportivo, se discutirá a seguir.

⁴⁰ Bahs (1998) lembra que esse processo de revitalização das áreas verdes, realizado por Cândido de Abreu, não ficou restrito ao Passeio Público. Outros parques e praças da cidade, como a Carlos Gomes, Eufrásio Correia, Osório, Santos Andrade, Tiradentes, Zacarias também sofreram intervenções urbanísticas.

Capítulo 4: Natureza, Cultura física e associações esportivas: consolidando o dispositivo esportivo da cidade de Curitiba

4.1) Mundo urbano e natureza: a “invenção” das áreas verdes

De facto, a cidade muda, na segunda metade do século XVIII. O ar é aí repensado. Os conjuntos arquiteturais são largamente modelados pelo preceito médico. (VIGARELLO, 1999, p.155).

No capítulo anterior analisamos como duas práticas corporais, o Turfe e a Pelota Basca, ajudaram a consolidar um dispositivo esportivo em Curitiba. Porém, para que isso se efetivasse, foi necessária, primeiramente, a elaboração de uma noção de cultura física na cidade. Tais acontecimentos só puderam ser produzidos, devido a novas formas de organização social, como as apregoadas por Vigarello (1999) na epígrafe deste tópico. A cidade deveria ser repensada e os indivíduos deveriam estabelecer outra maneira de se relacionar com a natureza e as áreas verdes. Foram nestes ambientes, que as práticas esportivas e a noção de cultura física passaram a ganhar nova conotação social no planalto curitibano.

Para efetivar o dispositivo esportivo, fez-se necessária a produção de uma sensibilidade diversa diante da natureza e dos espaços verdes. Este novo sentimento ajudou a efetivar e a configurar novos modos de comportamento nos indivíduos urbanos. Williams (1990), ao estudar o contexto inglês, argumenta que os habitantes das cidades, com o incremento da urbanização e da industrialização, passaram aos poucos a se distanciar dos valores de uma sociedade rural, produzindo uma clara divisão entre o campo e a cidade, separando de forma dicotômica o urbano do rural. Thomas (1996), indica que foi entre os anos de 1500 e 1800 que se iniciou na Inglaterra, uma série de transformações no modo como os indivíduos percebiam e classificavam, simbolicamente, o mundo natural. Tanto Williams (1990) quanto Thomas (1996) salientam que entre os séculos XVI e XVIII se operou uma profunda transformação das sensibilidades, uma autêntica “revolução das percepções” em

relação à natureza, principalmente dos habitantes dos núcleos mais urbanizados e industrializados.

Estas questões não ficaram restritas ao continente europeu, também acontecendo em países do chamado “Novo Mundo”. Dias (2010), ao pesquisar a cidade do Rio de Janeiro, na virada do século XVIII para o XIX, argumenta que ainda nos setecentos, no denominado período pombalino, iniciou-se uma mudança sobre o modo de olhar a natureza no Brasil. Embora um pouco diversa das modificações ocorridas no contexto europeu, esta metamorfose na percepção brasileira, conforme aponta Holanda (2010, p.224), aconteceu principalmente pela superação de um imaginário segundo o qual a ela simbolizaria forças divinas ou sobrenaturais. Foi nessa época que a chamada interpretação moral da natureza, isto é, a noção de que ela estava impregnada de mistérios, cairia em desuso.

As novas percepções sobre a natureza acabaram por delinear o início de uma sensibilidade diferente diante do mundo natural no Brasil, bem mais próxima da concepção urbana europeizada, como as levantadas por Thomas (1996). A partir de então, mais do que simplesmente olhar para a natureza, vendo nela a presença e a manifestação do Espírito Santo e do divino, conforme aponta Holanda (2010), passou-se a fazê-lo, como indica Thomas (1996), orientando-se por uma pretensão científica, que buscou esquadrihá-la nos seus mais íntimos e ínfimos detalhes.

Contudo, estas questões só foram possíveis pelo denominado processo de “invenção das paisagens”, que fora iniciado no contexto europeu ainda no século XVI, já que era necessário produzir um novo olhar sobre a “paisagem”. (CAUQUELIN, 2007). O prazer de admirar as áreas verdes só foi possível sob o marco de uma cultura urbana, e, para ser capaz de apreender tais experiências de forma prazerosa, o indivíduo precisava estar inserido nesse conjunto de valores. Por estas razões, e com o intuito de aprimoramento do urbano, é que surgiram os primeiros espaços verdes urbanos públicos.

No continente europeu, ainda no século XVII, foram criados espaços como o *Hyde Park*, em Londres (década de 1630), e o *Champs Élysées*, em Paris (década de

1670). Na mesma época, diversas outras cidades do continente – como Berlim (*Unter den Linden* – 1647), Amsterdã (*Nieuwe Plantage* – 1682), *Bordeuax* (Jardim Royal – 1746), Madri (*Paseo del Prado* – 1745), Lisboa (Passeio Público – 1764), entre outras – criaram seus primeiros espaços verdes em núcleos centrais.

No Brasil, os primeiros espaços que valorizavam as áreas verdes dentro das cidades foram criados no final do século XVIII, eram os denominados hortos e passeios públicos⁴¹. Os pioneiros foram o Passeio Público do Rio de Janeiro, com as obras iniciadas em 1779, e o Horto de Belém, inaugurado em 1798, os quais posteriormente foram seguidos pelas versões pernambucana, baiana, mineira e paulista. De acordo com Segawa (1996), o horto assumiria o papel de aclimatar plantas exóticas vindas de outras regiões do globo, bem como desenvolver o conhecimento científico sobre a flora brasileira. O autor lembra que os hortos não alcançaram os objetivos propostos, por um conjunto de fatores – como terrenos impróprios, falta de pessoal qualificado e desinteresse governamental. Foi o outro modelo de verde, o Passeio Público, que se efetivou com maior ênfase no território brasileiro, contribuindo, posteriormente, para a difusão das práticas esportivas:

Enquanto a criação dos hortos tinha como objetivo desenvolver estudos sobre a vegetação brasileira (...) o surgimento dos passeios públicos esteve ligado a implementação das ideias salubristas, voltadas ao lazer da população urbana. Antes mesmo da idealização do Jardim Botânico de Belém, em fins do século XVIII, o Brasil já possuía seu primeiro jardim público. O Passeio Público do Rio de Janeiro, construído entre 1779 e 1783, nasceu imbuído dos princípios europeus vigentes, visando sanear e embelezar um terreno pantanoso e insalubre, além de oferecer entretenimento à população. (BALHS, 1998, p.5).

Se os jardins botânicos, também denominados de hortos, tinham como objetivo “compreender” a natureza por meio de estudos sobre a vegetação, os passeios públicos estavam impregnados por outras concepções, principalmente aquelas ligadas às ideias

⁴¹ Holanda (2010) afirma que nas cidades brasileiras, ao contrário do que ocorreu com as cidades colonizadas pela Coroa Espanhola, desenvolveram-se de forma desordenada. Dessa forma, as praças e parques urbanos também surgiram desta forma. Foi somente no período pombalino que se começou a pensar uma política de construção de áreas públicas, de forma mais ordenada, sistematizada e racionalizada. (SEGAWA, 1996; DIAS, 2010).

higiênicas e utilitárias, voltadas ao divertimento, entretenimento e comportamento da população urbana. (SEGAWA, 1996; BALHS, 1998).

A construção do Passeio Público do Rio de Janeiro, iniciado em 1779, foi a materialização de um sentimento que objetivava a difusão das regras de sociabilidade urbana europeia na principal cidade brasileira. Tratava-se da construção de um espaço com diversas imagens idealizadas pelo olhar civilizador, que emergia com força no Rio de Janeiro. Dias (2010, p.37) lembra que, embora tivesse também uma finalidade científica, sanitária e até mesmo civilizadora, este espaço inventava uma nova tradição, representando um conjunto de esforços que visava introduzir práticas ilustradas no espaço da colônia. “Sou útil ainda que brincando”, dizia não por acaso a placa de uma estátua de bronze do Passeio Público do Rio de Janeiro.

Dias (2010) salienta que a construção do Passeio Público estava diretamente ligada a todo um ideal de civilidade, que se materializaria na demonstração de um refinado controle corporal, marcado por gestualidades e comportamentos contidos nestes novos espaços públicos. O autor lembra que o lugar objetivava ser a implantação, decidida e triunfante, do programa iluminista na cidade do Rio de Janeiro. Essa área verde tinha como inspiração o ideal de civilidade instituído nas modernas cidades europeias do século XVIII. Um grandioso e monumental jardim público seria, assim, sinônimo de “bom gosto”, “luxo” e “divertimento”.

Vigarello (1999) salienta que, aos poucos, os espaços verdes dentro das cidades começam a ser vistos como sinônimo de bem-estar e saúde. Locais ideais para o cultivo de um comportamento adequado às novas demandas urbanas, que surgiam nas principais cidades europeias. Esta representação ganha uma significação ainda maior no século XIX, visto que diversos problemas, como crescimento populacional, poluição, doenças e epidemias, passaram a estar presentes nos principais centros urbanos. (RAGO, 1985; SEGAWA, 1996; BALHS, 1998; VIGARELLO, 1999; CHALHOUB 2006; DIAS, 2010). Sendo assim, as autoridades públicas e os médicos higienistas entendiam que as cidades haviam se tornado um problema patológico, e, portanto, necessitavam

passar por um rigoroso olhar esquadrinhador⁴².

Segawa (1996) lembra que, da mesma maneira que as cidades europeias, os primeiros jardins públicos brasileiros instalaram-se em terras e regiões das cidades que apresentavam condições topográficas, as quais desfavoreciam o arruamento ou as construções. A escolha por estes espaços, considerados insalubres, procurava mostrar a superioridade humana sobre a natureza, pois transformava uma área inútil e disseminadora de doenças num espaço útil para o novo modelo social. O Passeio Público do Rio de Janeiro foi o primeiro grande jardim público do Brasil, assim como ocorreu posteriormente em outros importantes centros urbanos – como Curitiba, Belém, Porto Alegre e São Paulo –, estes logradouros surgiram da iniciativa de ocupar áreas desprivilegiadas morfologicamente no espaço urbano, como os terrenos alagadiços, áreas de várzeas e baixadas.

O gosto pelo verde, que já vinha desde o século XVI, na Europa, desenvolveu na população, o hábito de cultivar árvores e flores. Os jardins representavam ambientes harmoniosos, belos, silenciosos, na verdade a antítese da cidade cujo barulho das fábricas e contaminação orgânica das águas e do ar, impediam a existência de uma vida mais tranquila e saudável. A vegetação fora banida da área urbana, passou a integrá-la, através da criação de praças e parques. (...) No século XIX, os jardins urbanos eram considerados instrumentos eficazes para combater o congestionamento e a desordem das grandes cidades, embelezar o ambiente e servir de área de recreação para a população, além de suas funções sanitárias e higiênicas. Estas novas ideias paisagísticas difundiram-se pelo mundo. (Central Park, em 1858; reforma do antigo Passeio Público do Rio, em 1862; em Curitiba, projeto não concretizado, de criação de um Passeio Público, em 1857). (BAHLS, 1998, p.3-4).

Neste novo modo de se enxergar o urbano, o verde passou a ser visto como um importante instrumento para o combate da desordem cidadina. Estes espaços tinham uma dupla função. Além de serem importantes pelas questões sanitárias e de saúde, por supostamente proporcionarem ares mais puros (“pulmões urbanos”), eram, também, locais para a introjeção de comportamentos considerados mais civilizados.

⁴² Foucault (1996) afirma que este olhar sobre o espaço urbano, como um problema patológico, acabou por produzir um sentimento de “medo urbano”, que é característico de um cuidado, de uma inquietude político-sanitária que se forma na medida em que se desenvolve o tecido urbano.

Eram pontos para os indivíduos verem e serem vistos, locais propícios para desfilarem todo um autocontrole corporal, adquirido através de um rigoroso processo educacional e, entre estes elementos, estariam os relacionados à cultura física.

Reunir-se: fazer-se público de sua presença, exibir pompa, ver homens e mulheres bem-vestidos e bonitos, contar e ouvir as novidades, assistir a apresentações musicais, mostrar filhas na busca de maridos, homens finos admirando e fazendo a corte às cortesãs. Os jogos sociais e sexuais – com a tácita concordância entre seus praticantes – (...), tinha um palco magnífico nos jardins públicos (SEGAWA, 1996, p. 46).

Tais ações eram, conforme aponta Sennett (2006), regidas por um imenso dispositivo que visava regular a conduta de toda a população. Nestes espaços públicos, imperavam modos de se comportar que tolhiam a espontaneidade, em que os indivíduos se portavam como atores, objetivando serem sociáveis uns com os outros dentro dos novos padrões estabelecidos pelo olhar urbano. (ROCHE, 2000). Em Curitiba, isso não ocorreu de forma diversa. Surgiu na cidade, ainda em meados do século XIX, todo um discurso de “retorno” e valorização da natureza. (BAHLS, 1998). Contudo, essa “volta” tinha que estar totalmente dominada e controlada. Tal pensamento levava a ideia paradoxal, pois acabava por valorizar a natureza, mas desde que atrelada à codificação urbanizada, ou seja, era um espaço devidamente planejado e esquadrihado pelos novos saberes produzidos pelo discurso científico. O cronista de pseudônimo de “Flavio Flaviano” exprime com riqueza de detalhes esse sentimento paradoxal, de tentativa de “reaproximação” do indivíduo citadino com a natureza em Curitiba:

Aqui tivemos ocasião de apreciar nos largos completamente alagados, e o Passeio Publico como um pequeno mar, me fez lembrar os tempos primitivos, de chãos, em que as aguas avassalavam tudo. O Passeio Publico na tarde de terça apresentava um aspecto digno de ser visto, principalmente pelos espiritos que se comprazem com a vista das paizagens raras e exquisitas. Os canaes sahiram maravilhosos de seus leitos e o jardim ficou submerso por uma vasta toalha de aguas, nas quaes reflectiam-se à luz amortecida de um poente cinzento, as magnolias ramalhadas, as araucarias tristonhas e as acacias de ramos estritides para o céu como laços replicantes...

A inundação! A inundação! Que espectaculo trist ssimo esse do crescimento constante das aguas levando no turbilhão de suas ondas casas, arvores e corpos.

Vem-se no momento   memora aquellas paginas traçadas genialmente pelo extraordinario espirito de Emilio Zola, em que descreve com tintas negras uma inundação phantastica nas margens do Garonna. E ao lembrar-me d'aquelles homidos quadros ainda sinto um inexplicavel frio horripilar toda minha epiderme. Haverá cousa que mais toque o coraça o humano do que a vista de um corpo de mulher ou de creança boiando, pallido, palpedras cerradas,   merce das aguas? Haverá nas tragedias shaeskeperianas uma nota mais comovente, mais doida, mais impressionante, do que Ophelia morta, de cabellos soltos, arrastada na corrente? (DIÁRIO DA TARDE, 15/03/1901, p.1).

O controle da natureza passava a ser uma necessidade da capital paranaense. Como na notícia acima reproduzida, os espaços verdes deveriam ser locais de desenvolvimento da vida, e não poderiam, em hipótese alguma, apresentar uma conotação de morte. Por isso, as áreas verdes públicas precisavam ser efetivadas na cidade. Um periódico curitibano dos anos 1920, mesmo fugindo do peri do delimitado pela pesquisa, mostra que esse projeto realmente se materializou na capital paranaense:

Curityba   uma cidade linda. A nobreza de sentimentos do seu povo casa-se   poesia de uma natureza encantadora, em cujas paizagens se recortam, num perfil de sonho, os cultos heraldicos dos pinheiros decorativos e solemmes. Mas ao lado da natureza, a mão do homem vae realizando uma obra notavel de aformoneamento urbano, tendente a tornar a bella capital paranaense uma das mais modernas e attrahentes cidades do Brasil. São praças públicas, jardins e logradouros que se remodelam, predios novos que surgem numa suggestiva variedade de estylos, interessada também a iniciativa particular do progresso local. (ILUSTRAÇÃO PARANAENSE, 1927, n.1, s.p.).

Segundo a matéria, o fato já havia sido publicado no Jornal "O Globo", da cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, e as suas entrelinhas já mostram uma cidade que articulava muito bem a relao entre natureza dominada e progresso urbano – predicados essenciais para uma cidade que pretendia conquistar a imagem de modelo. Contudo, como foi possível ocorrer tal processo em Curitiba? Como surgiram as primeiras áreas verdes na cidade? Quais foram as relaoes de poder que levaram a criao e implementao destes espaços? São perguntas como estas que serão

tematizadas agora.

4.2) A instalação de áreas verdes em Curitiba: idealizando novas formas de comportamento

O verde transmitia ares de modernidade, ordenamento e beleza a esses locais, transformando-os em ambientes convidativos para a realização de importantes eventos, como manifestações patrióticas, religiosas, ou ainda, para um simples passeio ao ar livre nas tardes de verão. (BALHS, 1998, p.180).

Na capital paranaense, a materialização dos seus primeiros espaços verdes somente se efetivou em 1886, com a inauguração do Passeio Público de Curitiba. Balhs (1998), ao arregimentar grande conjunto de fontes, mostra que a intenção inicial da elite dirigente, em 1857 – apenas quatro anos após a emancipação da província –, era a de construir um grande parque no modelo de Jardim Botânico. Entretanto, o logradouro foi construído recebendo a denominação de Passeio Público, pelo então presidente da província Alfredo D'Escagnolle Taunay, em 1886⁴³. Balhs (1998) refere-se ao Passeio Público como um dos primeiros locais de divertimento do curitibano. Talvez não tenha sido o primeiro espaço de sociabilidade, como visto no segundo capítulo da tese, pois já havia na cidade diversos teatros, clubes sociais e entidades imigrantes, bem como ampla gama de divertimentos populares. Porém, o Passeio Público foi o primeiro marco no sentido de relacionar divertimento e utilidade num espaço verde e público. Era um grande símbolo da modernidade, visto que articulava em seu espaço físico amplo programa de reformas políticas e urbanas que, além de espaços de divertimento, incluía também o saneamento, o embelezamento da cidade. Tudo objetivando elevar Curitiba à condição de um dos principais centros urbanos do país.

⁴³ É interessante salientar que, em diversos momentos, estes dois modelos conviveram conjuntamente. Por exemplo, em 26 de junho de 1906, o vereador e intelectual curitibano Romário Martins apresenta na câmara um projeto para mudar o nome do logradouro para Jardim Botânico de Curitiba, porém tal projeto não foi bem aceito pela população, que preferia a denominação de Passeio Público, nome que retorna em 1910. Mais detalhes sobre os pormenores da história do Passeio Público de Curitiba, consultar dissertação de mestrado de Balhs (1998).

Vítor (1996, p.74), ao caracterizar a “velha Curitiba”, fornece indícios sobre como era a situação das suas áreas centrais no final do século XIX:

Uma conseqüência desses grandes pântanos era a enorme quantidade de sapos que ainda naquele meu tempo se encontravam ali, não só nas lagoas e nos matagais, como à noite, até em ruas localizadas ainda bem no centro da cidade, quando não fosse dentro das próprias casas.

O coaxar penetrante e plangente daquela vasta população batráquia, desde o escurecer, a péssima iluminação pública, ainda à gás-globo, os perigosos valados, em tempos de chuva, de muitos trechos da cidade, quase toda ela ainda por calçar, o mugido das vacas, às vezes em estábulos próximos, quando não andassem soltas de mistura com numerosa cavalhada, tudo isso dava a Curitiba ainda a feição flagrante de aldeia.

Eram exatamente estas as condições que precisavam ser eliminadas de uma cidade do porte da capital paranaense. Não poderiam existir áreas insalubres e miasmáticas em pleno coração de Curitiba. Sendo assim, as áreas verdes, representadas pela construção do Passeio Público, simbolizavam a nova vida material urbana:

Passeio Público

Dia a Dia vão melhorando as condições de limpeza e trato desse nosso bello logradouro publico.

Muitas mudas de arvores e de flores tem sido para alli ultimamente transplantadas e grandes numeros de bancos convenientemente pintados tem sido alli collocados em todas as alamedas.

O sr. Pospessili Junior faz-se credor dos louvores publicos, pela sua dedicação no sentido de melhorar o passeio. (DIÁRIO DA TARDE, 20/03/1901, p.2).

Outro aspecto que contribuiu para a valorização das áreas verdes foi o projeto de fortalecimento corporal da população. Era preciso valorizar a retórica que enfatizasse os hábitos higiênicos. Basta lembrar, segundo apontam Rago (1985), Soares (1994), Rocha (2003) e Dalben (2009), que foi neste período que a higiene se tornou, no Brasil, importante arma para combater a desordem citadina; e a natureza dominada, representada na figura da área verde, seria um importante potencializador deste

combate. Uma interessante matéria sobre a tuberculose⁴⁴, publicada no “Diário da Tarde”, em 1900, atesta muito bem como o verde e o seu ar livre poderiam contribuir para a solução dos males citadinos:

(...) Depois de trabalhos sem número, a medicina moderna, de accordo com o bom senso, chegou a conclusão de que a melhor medicação para o tuberculoso é a hygiene; a hygiene impede que o indivíduo tuberculisavel torne-se tuberculoso e o tuberculoso se torne tuberculisavel. (...) o tratamento hygienico, pelo meios naturaes; o clima apropriado, a super-alimentação, o repouso, o ar livre, as fricções e a massagem, a hydroterapia em certos casos, poderão se não sempre conseguir brilhante sucesso ao menos a obtenção de assignaladas melhoras. (DIÁRIO DA TARDE, 3/08/1900, p.2).

Nesse sentido, a construção do Passeio Público de Curitiba, além de ser uma imensa conquista urbanística, poderia também contribuir significativamente para o fim de males citadinos, como a tuberculose. A criação do primeiro grande parque público da capital dos paranaenses atrelava uma série de conhecimentos da engenharia, da arquitetura e da medicina, pois transformava uma região inóspita, repleta de charcos, pântanos e ares deletérios portadores de perigosos miasmas, locais propícios ao desenvolvimento de uma série de doenças e epidemias, em um espaço útil, que seria, inclusive, estimulador da vida e da saúde do indivíduo urbano. Essa fantástica obra da engenharia moderna marcava o total domínio humano sobre a natureza, visto que tal área representava a coroação da técnica e da ciência como as novas formas de se guiar a vida⁴⁵. O verde e a natureza devidamente controlada passavam a ser objetos de admiração dos habitantes das cidades:

⁴⁴ Para Vigarello (1999), a tísica pulmonar era um dos grandes flagelos da humanidade, e o ar livre seria um importante elemento para o combate desta doença. O autor lembra que os exercícios físicos, praticados em contato com a natureza, seriam uma importante ferramenta para combater a tuberculose. Melo (2001), ao estudar a cidade do Rio de Janeiro, coloca que estas mesmas questões estavam presentes na capital brasileira do final do século XIX.

⁴⁵ Bahls (1998) indica que esse importante marco da modernidade foi escolhido para ser construído naquela região, pelo fato de ser próximo das mansões e palacetes dos grandes industriais do mate de Curitiba. O Passeio Público de Curitiba praticamente se tornou o jardim das casas das principais fortunas paranaenses do período.

A construção do Passeio Público, em 1886, veio ao encontro dos anseios da sociedade, de tornar Curitiba, uma capital bela e prospera. Através do saneamento do rio Belém, o verde se transformou em um monumento a ser admirado e usufruído. Sendo assim, procurou-se dotar o espaço de beleza e diversão, dois elementos essenciais para atrair visitantes ao logradouro. Houve um cuidado especial com a arborização, a principal fonte de beleza do Jardim, por meio da reunião de espécies raras e exóticas. (BAHLS, 1998, p.132).

As áreas verdes urbanas tornaram-se espaço para a celebração e sacralização da modernidade na cidade. A vegetação destes parques deveria encobrir a vista dos edifícios vizinhos, abafando os diversos ruídos e valorizando, com isso, o som das fontes, cascatas e lagos artificiais. Nos parques, os corpos sintonizados com o ideário urbano poderiam encontrar seus “semelhantes”, em um ambiente que negava o caos da cidade industrial, bem como os corpos dos operários, vagabundos e mendigos, que possuíam comportamentos considerados perniciosos e imorais pelo novo olhar citadino. Sendo assim, a natureza dominada, representada pela construção dos espaços verdes, transformava-se em um importante aspecto do mundo urbano e da vida material das cidades, questões estas que não passaram despercebidas pela imprensa curitibana:

Ontem à noite constitui-se o nosso Passeio Público em um agradabilíssimo centro de reunião. O povo acudiu em massa atraído pela novidade da iluminação elétrica que ali ia se fazer. Nas ruas, nas avenidas e em todos os largos do Passeio, os passeantes acotovelavam-se, tal era enchente. O foco iluminante colocado numa altura regular, no centro do passeio, derramava uma luz fixa e brilhante num grande raio que não podemos precisar, o que faremos oportunamente, para quando reservamos uma notícia minuciosa a respeito. (DEZENOVE DE DEZEMBRO, 20/12/1886, p.2).

A beleza do local, atrelada às novas formas de entretenimento e diversão, compunha o cenário ideal pelo novo olhar que se consolidava na capital dos paranaenses. Aos poucos, o hábito de ir ao parque contemplar a natureza se tornava comportamento corriqueiro e banal entre os curitibanos. Este fato pode ser comprovado numa simples e inocente nota encontrada no “Diário da Tarde”: “Perdeu-se Domingo no Passeio Público um cordão de ouro, com um coração, uma cruz e ancora, quem o achar entregar na Rua Riachuelo no. 35, será bem gratificado.” (DIÁRIO DA TARDE,

25/04/1899, p.1). O fato de alguém perder uma corrente de ouro num logradouro público, em dia de domingo, mostra que tal local passava a ser frequentado com assiduidade pela parcela mais abastada da população curitibana, tornando-se importante espaço de sociabilidades e divertimentos da cidade. Sendo assim, diversas ações, que começaram como solenidades cívicas, religiosas e sociais, passaram a ser realizadas no logradouro. Uma das primeiras formas de entretenimento realizadas no Passeio eram as apresentações das bandas de música:

Passeio Publico

Hontem à tarde tocou neste logradouro publico a banda de musica do Regimento de Segurança.

Entre outras peças foram executadas a *Symphonia* e um trecho escolhido entre os melhores da opera *Guarany*. Estas duas peças foram tocadas com muita harmonia e demonstraram o quanto a banda de musica do Regimento de Segurança tem progredido sob a direção do habil maestro Vicente Daló.

Essa banda de musica é a melhor do estado e, pode-se dizer, já honra a nossa capital. (DIÁRIO DA TARDE, 22/05/1899, p.1).

A imprensa curitibana procurou construir uma imagem idealizada do Passeio Público. Este deveria ser um espaço de encontro entre os corpos portadores de códigos da vida urbana, os quais, de forma conjunta e regrada, deveriam usufruir do importante símbolo da vida material da cidade:

Passeio Público

Hontem à tarde, estive bastante concorrido este logradouro publico.

Davam uma nota suggestiva às alamedas do passeio grupos de damas e de cavalleiros.

Muitas senhoras e senhoritas com elegantes chapeos, belissimas toilets de inverno.

A musica do regimento de segurança fez-se ouvir das 4 às 6 horas da tarde.

Os trechos de opera exhibidos mereceram os mais francos louvores pela sua magnifica exhibição.

A temperatura leve e agradável da tarde contribuiu para attrahir grande concurrencia ao pittoresco logradouro.

Felizmente o passeio publico está se tornando aos domingos ponto obrigado da sociedade elegante de nossa terra. (DIÁRIO DA TARDE, 13/05/1901, p.1).

Entretanto, não era somente de forma idealizada que a imprensa curitibana se

reportava às áreas verdes da cidade. Era comum e corriqueiro encontrar, nas páginas dos periódicos locais, exigências relativas ao aperfeiçoamento das condições materiais e estruturais dos parques, bem como das formas de entretenimento ofertadas aos habitantes da cidade:

Passeio Publico

Houve hontem grande concurrencia no Passeio Publico.

A banda de musica do Regimento de Segurança executou todo o programma que no sabbado publicamos. As duas peças da opera *Guarany* foram muito aplaudidas pelos espectadores, entre os quaes estavam todos os maestros de Curityba.

De um destes maestros ouvimos o seguinte:

A banda está excellente, está muito harmoniosa; sente-se porém, a falta de um clarinete, uma requinta e um bombardine. Desde que a banda seja assim augmentada teremos musica de primeira ordem.

Essa phrase é a expressão da verdade e, como tal, enviamo-la a consideração do governo. (DIÁRIO DA TARDE, 29/05/1899, p.2).

A imprensa curitibana realmente exigia, com frequência, um maior investimento e cuidado dos parques e praças, principalmente do Passeio Público, por parte das autoridades governamentais. Era fato corriqueiro que os cronistas da cidade criticassem o abandono e o desleixo com que o Passeio Público e os demais logradouros de Curitiba se deparavam. Sob o pseudônimo de “QBosina”, uma retórica muito forte é lançada nas páginas do “Diário da Tarde”:

É uma lastima o estado em que se encontra o nosso passeio publico.

Hontem levei áquelle logradouro um amigo meu que pela primeira vez visita esta cidade. Elle foi quem lembrou-se de esse passeio, pois ouvia já em outras terras por onde tem andado as mais entusiasticos elogios a respeito do jardim em questão e queria certificar-se de ver suas bellezas tão proclamadas. E ao deparar com aquelle triste estado de abandono, aquellas aguas sujas e estagnadas dos canaes, aquellas areas mal cuidadas, aquellas terras revolvidas, enfim aquelle desamparo digno de dó, não pode deixar de manifestar a decepção porque passará, tendo sua imaginação, em vista do que haviam narrado, creado um jardim modelo, especie de parque inglez, ricamente arborizado, circundado e cortado de canaes de claras aguas correntes, e onde as famílias encontrassem pelas manhas transparentes e pelas tardes amenas um lugar apropriado para recrearem a vista, com a bella paizagem, o olfacto com o perfume santificante das flores e das matas e o ouvido com os accordes doces de uma musica agradavel. Nada d'isso, porem, tudo sujo e abandonado. (DIÁRIO DA TARDE, 17/07/1900, p.1).

O mesmo “QBosina”, alguns dias depois, ao imaginar como se encontraria a cidade passados 20 anos, idealizou como gostaria de vê-la emitindo alguns comentários interessantes sobre o Passeio Público:

(...) ao ler a noticia dada hontem no <<Diario>>, sobre o offerimento de capitaes para beneficiar a nossa cidade, me transportei em espirito para d'aqui vinte annos, e comecei a passear pelas ruas e praças de Curityba em uma bella tarde de julho do anno de 1920.

Procurei um velho amigo, companheiro de mocidade, recém-chegado a esta capital e que estava hospedado no grande hotel Internacional, instalado em um grande palacete de tres andares (...) O meu amigo desejou ir ao passeio publico, para aproveitar o resto da tarde. (...) chegados lá gosamos de um dos mais bellos parques da Republica, com sua rica arborização, seus canaes de aguas limpidas, suas aléas arenosas, percorridas em todos os sentidos por centenas de senhoras, cavalheiros e creanças. Ouvimos esplendida musica, tomamos magnifica cerveja nacional, rivalisando com as melhores estrangeiras, e quando voltamos ao Internacional já era noite (...) (DIÁRIO DA TARDE, 21/07/1900, p.1).

As constantes notas sobre o Passeio Público, presentes na imprensa curitibana, acabaram também por idealizar algumas imagens em detrimento de outras, intensificando, assim, a valorização de determinadas formas de comportamento e gestualidade. O local, por ser fruto da razão e da ciência, não poderia ser utilizado de qualquer modo, mas sim de maneira utilitária e racional. O uso inadequado dos seus lagos, alamedas, campos e demais espaços, não poderia se dar de qualquer forma. Era “preciso” e “necessário” elaborar um rígido código de conduta.

4.3) Sobre os usos dos espaços verdes: educando e separando os corpos

São os seres deserdados das fábricas, das oficinas, atravancadas que geram os novos focos de inquietação, ameaças vindas das zonas obscuras da cidade e já não apenas das águas estagnadas, dos ventos, das ruas estreitas ou dos lugares confinados. Os perigos do espaço econômico prevalecem sobre os perigos do espaço urbano ou geográfico. (VIGARELLO, 1999, p.165).

Segundo Segawa (1996), a preocupação com o uso que a população fazia dos

espaços verdes urbanos foi uma questão que esteve presente nas principais cidades do país. Dias (2010), ao estudar o contexto da cidade do Rio de Janeiro, indica que ainda em 1838, através do Decreto 20, surgiram as primeiras ações que regulamentavam, numa perspectiva policialesca, a forma de uso do Jardim Botânico e da Lagoa Rodrigo de Freitas. O autor lembra que o então ministro da Justiça, Bernardo Pereira de Vasconcelos, fixou um regulamento que determinava horários de funcionamento do Jardim Botânico, designando-lhe um guarda para “vedar o ingresso dos notoriamente embriagados ou loucos”. (2010, p.37). Outras providências tomadas foram relativas à proibição de almoçar, jantar, merendar ou tomar qualquer comida ou bebida espirituosa dentro do Jardim; e, ainda, “fazer vozerias, alaridos e dar gritos sem ser para o objecto de necessidade”. (2010, p.37). Tratava-se de uma ação que pretendia, literalmente, regulamentar o comportamento da população no uso destes espaços, denunciando, nas entrelinhas, no discurso não-dito, a existência de uma regra que privilegiava determinados tipos de comportamento e gestualidades em detrimento de outros.

É possível, nesse sentido, que o Passeio Público não tenha cumprido os objetivos para o qual fora planejado. É possível, por exemplo, que a população simplesmente não tenha aderido ao costume que o espaço previa e de certo modo induzia, ou então que os usos que a população lhe destinasse contrariassem talvez quase inteiramente as nobres ideias de “civildade” e “boas maneiras” inicialmente pretendidas com a sua construção. (DIAS, 2010, p.174).

Nesse sentido, conforme já apontado anteriormente, as áreas verdes passaram a ser locais para as elites brasileiras desfilarem todos os códigos de civilidade, incorporados por um rígido processo pedagógico, e, com isso, enfatizarem sua distinção em relação às classes mais populares. Desta forma, certas atividades festivas foram duramente perseguidas e reprimidas, sendo, assim, enclausuradas em determinados ambientes particulares ou para espaços distantes dos olhares esquadrihadores dos habitantes da cidade. Nessa linha argumentativa, Segawa (1996, p. 49) indica que “(...) da concentração complexa e caótica da praça, buscou-se a concentração organizada e elegante do jardim (...). Talvez o jardim como antídoto

moderno à praça medieval”. De um local do riso, da alegria, do improviso, da liberdade, das festividades, do escárnio, muito caro aos artistas de rua, a praça urbana passa a ser o lugar do silêncio, da ordem, da observação e, principalmente, um local utilitário para o mundo urbano.

A capital paranaense, mesmo que posteriormente, segue o exemplo do Rio de Janeiro, buscando retirar de suas áreas verdes os corpos “indesejados”, que tinham comportamentos e gestualidades consideradas impróprios. Tanto que, em 1895, a Câmara Municipal de Curitiba coloca certas normas no Código de Posturas que regulamentava o comportamento neste ambiente público. Proibições de bebedeiras, algazarras, lavagens de roupas, carros e cavalos, foram algumas das medidas tomadas pelo legislativo da cidade. (BAHLS, 1998). O objetivo era eliminar os corpos “não-úteis” à nova forma de organização social.

Nos jardins, encontravam-se também os desgraçados, os sem emprego, os mendigos. O mendigo é o cisco da cidade. A sua função, com o embotamento das forças vivas da resistência, é vegetarizar-se. Os mendigos nos jardins chegam ao fim da desagregação. Os desgraçados, os sem-emprego, apóiam-se na eclosão da natureza para criar ânimo, para beber esperanças, e, como os doentes do corpo vão ao campo convalescer, há homens sujos e pálidos nos jardins, sem almoço, sem pão, sem protetores, que pedem às árvores a cura da própria sorte (SEGAWA, 1996, p.227).

A citação de Segawa mostra uma questão paradoxal. As áreas verdes, apesar de criadas para ser um espaço de celebração da vida urbana, acabaram por simbolizar, também, a “face negra” das cidades, principalmente pela constante presença de corpos considerados indesejados em seus recintos. Por isso, estes necessitavam ser retirados destas áreas para não poluírem o olhar do indivíduo cidadão. Nesse sentido, essas medidas de gerenciamento da vida buscavam idealizar determinados modelos de educação corporal, efetuando uma rígida separação entre os corpos possuidores de códigos de civilidade e os que não tinham essas marcas. A intenção, apesar de não ser dita diretamente, era explícita: eliminar do olhar urbano, jogar para as margens os corpos que não se enquadravam nos códigos de comportamento exigidos pela nova

forma de organização social. Uma “engraçada” nota publicada no jornal “Diário da Tarde”, no ano de 1900, ilustra bem tal problemática:

Homem n'agua

Hontem gozava, no Passeio Publico, as delicias da tardinha um indivíduo algum tanto embriagado. Embevecido na admiração das maravilhas que o bello Passeio apresenta a cada um de seus visitantes, foi caminhando, caminhando, até que resvalou n'uma rampa e cahiu no lago de cabeça para baixo. Com algum esforço conseguiu alcançar novamente a rampa e pôr-se a salvo, pingando como um pinto. Esse indivíduo, cujo nome não sabemos, ficou sentado n'um banco, onde talvez passasse a noite cosendo a embriaguez. (DIÁRIO DA TARDE, 25-26/03/1900, p.2).

A hilariante nota deixa marcada em suas entrelinhas um rígido código comportamental e gestual, apontando, também, para o fato de que determinados modelos corporais não poderiam ser aceitos em espaços criados para serem o símbolo de uma urbanidade civilizada. Na incessante busca por higienizar estes espaços públicos, foi que novas formas de comportamento foram surgindo no horizonte citadino. Balhs (1998) lembra que, na passagem do século XIX para o XX, diversas obras foram executadas nos parques curitibanos, principalmente no Passeio Público. A autora cita como exemplo, ainda no ano de 1887, a construção de cercas, a iluminação através de lâmpões a gás, a construção de um botequim e do coreto para as apresentações das bandas musicais. A intenção de ofertar novos entretenimentos e divertimentos se intensificou nos anos posteriores, tanto que, em 1890, a prefeitura abriu concorrência para a construção de um chalé no Passeio Público. O estabelecimento deveria servir, além de bar, como um local para a instalação de uma série de jogos e divertimentos (que seriam pagos à parte pelos frequentadores). É nesta oferta de jogos e divertimentos que, aos poucos, a exaltação das práticas relacionadas a uma cultura atlética, nos espaços verdes da capital dos paranaenses, surge como forma de distinção e individualização em relação aos corpos não-civilizados.

4.4) O discurso da cultura atlética: as áreas verdes contribuindo para a construção do dispositivo esportivo

As áreas verdes, assim como as atividades físicas e esportivas, já eram importantes símbolos da modernidade no contexto europeu. (ELIAS E DUNNING, 1992; VIGARELLO, 1999; 2005). Por estes motivos, estas deveriam estar presentes na capital paranaense, mais especificamente nas praças e parques públicos. Tanto que tal intenção se materializa num documento oficial da prefeitura de Curitiba, datado do final do século XIX:

Art. 4º. O Diretor do Passeio poderá estabelecer de forma que julgar mais conveniente diversões públicas, tais como regatas, jogos atléticos, corridas de bycicletas, de pombos-correios, etc., podendo para isso estabelecer a cobrança das entradas, devendo o resultado de tudo ser aplicado ao embelezamento do Passeio. (CURITYBA, 1896, *apud* BAHLS, 1998, s.p.).

A utilização dos parques em prol do desenvolvimento da cultura física era uma constante, tanto que a Câmara Municipal de Curitiba recomendou, numa de suas sessões do ano de 1897, que os alunos das escolas públicas da capital estivessem isentos, uma vez por semana, de pagar ingressos para usufruir dos divertimentos existentes no Passeio Público, a fim de exercitar as crianças nos exercícios da musculatura. (BALHS, 1998). Em 1911, o então Diretor da Escola de Aprendizes e Artífices do Paraná – instituição de ensino federal localizada naquele período na Praça Carlos Gomes (QUELUZ, 2000) –, Paulo Ildelfonso d'Assumpção reivindicou um aplainamento neste logradouro para que pudessem ali “(...) ser efetuados pequenos exercícios esportivos pelos alunos daqueles estabelecimentos e outros que desejarem aproveitar”. (A REPÚBLICA, 26/05/1911, p.2).

A presença deste importante fenômeno da modernidade urbana nos parques curitibanos tinha como objetivo central criar algumas imagens idealizadas. A capital paranaense deveria seguir os trilhos do progresso e, para um uso adequado das áreas verdes, era essencial a presença de práticas esportivas. Balhs (1998) lembra que o prefeito Luís Xavier, em 1906, indicou que era necessário transformar os parques, em especial o Passeio Público, em um grande “jardim de utilidade”. Para alcançar tal

intento, a autora lembra que imagens esportivas e atléticas foram idealizadas em detrimento de outras. Uma das imagens depreciadas era em relação à presença do botequim, que na opinião do prefeito era uma forma de atrair indivíduos viciados e ociosos, corpos que não poderiam fazer parte deste importante espaço da urbanidade.

A valorização do discurso da cultura física não se restringia somente aos espaços verdes, outros locais como a escola, a família e os clubes e associações também valorizaram tal retórica. Tanto que a imprensa local publicava, com frequência, textos que tematizavam o discurso atlético, como, por exemplo, em 1905, na ocasião do lançamento do livro “Homem Forte”, de autoria do intelectual paranaense Domingos Nascimento⁴⁶:

Sentimos sincero jubilo quando temos que nos referir – e isto infelizmente acontece tão raras vezes! - a livros de autores paranaenses. A nossa literatura, si bem que brilhante é resumida; (...) Hoje temos a grata noticia: foram entregues às conceituadas officinas da Impressora Paranaense os originaes do nosso distincto confrade Domingos Nascimento.

O laureado poeta dos Threnos e Arraidos desta vez, porem, deixou a lyra sonora ao lado e empregou seo bello talento na confecção de um livro de educação physica, consagrada à infancia de sua terra.

Pelo título – Homem forte – percebe-se facilmente o intuito de util composição: tornar vigorosos e robustos os jovens patricios.

A educação physica é uma necessidade, há muito reconhecida entre nós inteiramente descurada; só para o cultivo intellectual têm se voltado todos os cuidados, isto com grande prejuizo da infancia que sem educação physica se anniquila e abastarda.

Optimo serviço vem prestar, portanto, o nosso illustre confrade Domingos Nascimento com a publicação de seu livro que é dividido em quatro partes: gymnastica domestica; natação; esgrima; tiro ao alvo.

O livro que será impresso cuidadosamente, terá cerca de 300 páginas e 100 gravuras, que completarão a clara exposição do texto.

A obra foi mandada imprimir pelo sr. Presidente do Estado, que assim reunio a

⁴⁶ Segundo Puchta (2007, p.40-42), Domingos Virgilio do Nascimento nasceu em Guaqueçaba, em 31 de maio de 1862. Após concluir os estudos primários, Domingos Nascimento resolveu seguir a carreira militar, alcançando a patente de major. Aos 32 anos, elegeu-se deputado, frequentando o congresso estadual durante três mandatos: no final do século XIX, biênios 1894-1895 e 1896-1897, e no início do século XX, biênio 1906-1907. Além da carreira militar e da vida parlamentar, também se dedicou à literatura, destacando-se na poesia. Paranaense de importância reconhecida se relacionou com outros importantes intelectuais, como Nestor Vítor e Emiliano Pernetá. Faleceu em 30 de agosto de 1915. Em sua memória encontra-se esculpida uma herma na Praça Ozório. Interessou-se em muito pela temática da cultura atlética, publicando o livro “Homem Forte” em 1905. Mais detalhes sobre este intelectual, bem como uma análise mais aprofundada de sua obra, consultar Puchta (2007).

sua vontade a dos que trabalham pelo futuro da mocidade de nossa terra. (...) (DIÁRIO DA TARDE, 27/01/1905, p.1).

A celebração a uma cultura atlética, regulada pela prática de exercícios físicos, passa a ser aos poucos algo presente na sociedade curitibana. Era corriqueiro encontrar no “Diário da Tarde”, notas valorizando este novo estilo de vida, que já havia se consolidado nos principais centros urbanos do país e do restante do mundo. Contudo, conforme aponta Vigarello (1999), ao estudar o contexto europeu, existia certa reserva em relação aos exercícios. Esta questão também foi encontrada nas páginas dos jornais curitibanos:

(...) A força, o vigor physico não dão medida da saude. Já a este proposito, fizemos leves considerações (...) Levantar grandes pesos, dar saltos muito elevados, levar a palma em vertiginosa carreira, são qualidades facilmente adquiridas pelo exercicio methodico. Não podemos no entanto, identificar o vigor physico com o vigor constitucional.

Aquelles exercicios são salutaes e beneficos desde que se fazem livremente, prazerteiramente. Este sentimento de prazer actua no organismo como um tonico de primeira ordem e por essa razão os passeios a pé, em agradável companhia, continuaram a ser para as pessoas adultas um dos melhores preceitos de hygiene physica. (...) Um exercicio mais agradável, ainda que mais curto, teria sido de melhor proveito.

E não nos alegamos demasiado com o volume. (...) E sejamos attentos à invasão adiposa. O desejo de engordar é quasi universal. Como está gordo! É uma exclamação que nos lisongeia, já porque os angulos se arredondam com o deposito cellalo-gorduroso, já porque as linhas curvas são um elemento da formosura e da esthetica.

Mas lembremo-nos que a gordura tem como tudo, o seu limite util, e quantas vezes aquelles resemas alimentares são a degradação da energia, doença e obesidade.

E quantas vezes a esthetica da pessoa mantem-se com brilho graças ao acummulo sub-dermico, em quantidade que a saude já vem sendo sorrateiramente minada. (...) A mocidade descuidadosa gasta impensadamente o seu capital biologico. São estranhos desafios de força, exquisitos concursos excessos que têm por alvo quebrar a mola para sempre.

Mas o homem adulto, laborioso (...) não é alheio a inconsequencias e faltas. Eil-o ahi, com seu aspecto florescente, o seu ar jovial, as seus habitos de trabalho constante e methodico. (...) (DIÁRIO DA TARDE, 26/02/1907, p.1).

A matéria publicada por um médico, de nome Alberto Seabra, contém uma série de elementos bem interessantes. Apesar de valorizar uma cultura atlética, acaba

também por criticar os excessos da mesma. Contudo, mesmo com a crítica, acabava por valorizar o discurso da cultura atlética, desde que fosse praticada de maneira descompromissada e prazerosa, e não de uma forma sistematizada e racional⁴⁷. Mesmo com todos os elementos paradoxais, o discurso da cultura física começou a superar a concepção de que exercícios traziam males ao corpo. Não se podia mais valorizar um modelo corporal composto por olheiras profundas, corpos magros e fracos. Assim, os típicos físicos musculosos começam a surgir no horizonte das principais cidades brasileiras. Tais pontos são uma clara alusão às questões estéticas levantadas por Vigarello (2006), quando o autor afirma que os padrões de beleza são criados com base nas representações de higiene e saúde.

A representação em torno do esporte estava longe de ser a de uma prática que solicitasse grande movimentação física, realizada por atletas fortes e musculosos, ligada a dimensões de saúde e estética. Naquele momento não havia ainda uma relação direta entre o esporte e a saúde, a estética, a atividade física. De fato, durante muitos anos o exercício físico era ainda rechaçado e considerado pernicioso por parte significativa da sociedade, principalmente pelas elites. (MELO, 201, p.206).

A intenção de utilização de atividades atléticas, nas áreas verdes curitibanas, visava difundir um novo modelo de comportamento na cidade. A prática do Remo, tão presente na cidade do Rio de Janeiro, conforme mostram os estudos de Lucena (2001) e Melo (2001), também se mostrou presente em Curitiba. As regatas realizadas no Passeio Público de Curitiba passaram a dar uma nova dinâmica ao logradouro:

Tivemos, no ultimo domingo, uma diversão nova completamente para Curitiba, - as regatas. Assim elas se repetissem todos os domingos... não por ellas, mas pela affluencia de pessoas que fazem ir ao Passeio. Alli, ao menos, passa-se alegremente o tempo... (A TRIBUNA, 28/09/1895, p.2).

⁴⁷ Nesse período histórico, conforme já salientado no capítulo anterior, ainda existia e persistia uma crença de que a cultura atlética era algo nocivo à saúde. A fala do médico ainda mostrava elementos desta sobreposição discursiva. Mais detalhes sobre esta temática, consultar Sant'Anna (1996) e Vigarello (1999; 2005). Lucena (2001), Melo (2001), Moreno (2001) e Linhares (2009) lembram que até importantes figuras da literatura brasileira, como Olavo Bilac, Lima Barreto, Graciliano Ramos e Machado de Assis, afiaram suas penas e tematizaram sobre as práticas atléticas em seus escritos, seja de maneira receptiva ou em tom de crítica.

A leitura de jornais curitibanos, do final do século XIX e início do XX, fontes privilegiadas da pesquisa, apresentam indícios de que a prática realmente se materializou no Passeio Público de Curitiba, porém de maneira um pouco improvisada, como mostra a nota publicada em 1899: “Amanha se o tanque do Passeio Publico tiver agua sufficiente haverá alli grandes regatas...” (DIÁRIO DA TARDE, 29/04/1899, p.4). Mesmo com todas as limitações, a regata era um evento que atraía a curiosidade da população de Curitiba. Esse interesse trazia junto alguns problemas, principalmente pela aglomeração de indivíduos:

Tenho a dar um conselho ao povo d'esta capital. No Domingo ultimo, por ocasião das regatas houve extraordinária agglomeração de pessoas nas diversas pontes; será bom que isso não se torne a succeder, pois não há certeza de muita segurança nas dictas pontes e assim evitar-se ha qualquer desgraça. (A TRIBUNA, 28/09/1895, p.1).

A notícia mostra, assim como apontado no capítulo anterior em relação ao Turfe e à Pelota Basca, que era preciso educar os corpos dos espectadores. O indivíduo que quisesse fazer parte, mesmo como observador deste importante símbolo da vida cidadina, não poderia se comportar de qualquer maneira. Era preciso incorporar determinados códigos de autocontrole, uma ação que era socialmente limitada e controlada. Porém, mesmo com todas as limitações neste acesso, a presença do remo no Passeio Público acabou por ampliar significativamente a rede de sociabilidades relativa às práticas esportivas, bem como para além delas. Assim como nos clubes sociais, no Prado, no Frontão e nas apresentações ginásticas das entidades teuto-brasileiras, as atividades atléticas realizadas no Passeio Público acabaram por proporcionar outras formas de divertimentos:

Concorridíssimo estive o Passeio Público no domingo. Desde a uma hora da tarde começou a afluir grande massa popular para ali, a fim de assistir as regatas e Kermesse promovidas em benefício da Sociedade Protetora dos Operários. A banda do regimento de Segurança tocou das duas às seis da tarde, hora em que o povo debandou. (A REPÚBLICA, 09/09/1902, p.2.).

Contudo, tais ações não foram suficientes para a parcela mais abastada da população curitibana que, na busca da tão sonhada distinção social, começou a realizar as práticas esportivas em espaços regidos por todo um dispositivo institucional. Nesse contexto, clubes e parques particulares assumem a hegemonia no controle das práticas esportivas em Curitiba.

4.5) A tentativa de “isolamento mútuo” e o discurso atlético: o parque de diversões, o campo, os parques particulares, a montanha e a praia

Na busca em se relacionar com “iguais”, e guiados por certa repulsa aos corpos com gestualidades e comportamento considerados inapropriados, começaram a surgir em Curitiba outras opções além dos parques e praças públicas. Novos espaços surgem na sociedade curitibana do começo do século XX. Um dos primeiros locais com este intuito foi o parque de diversões “Coliseo Curitybano”⁴⁸. Este empreendimento, em troca da cobrança de um ingresso, ofertava inúmeras maravilhas tecnológicas e divertimentos novos, ruidosos e frenéticos aos habitantes da capital paranaense:

COLISEO CURITYBANO – Há muito tempo precisava Curityba de um ponto de diversão, assim claro, festivo, rumorejante (...) Até o mez passado apenas a Praça Tiradentes preenchia a essa necessidade; era o *rendez-vous* obrigado aos domingos e feriados. Mas aquelle silencioso e penumbrado logradouro, sem outro attractivo que não a banda marcial, não podia satisfazer plenamente aos desejos de recreio da população curitybana. (...) Além do *carousel*, que é o encanto do mundo infantil, vários generos de *sport* ali se encontram em profusão, destacando-se o *schating-rink*, o maior attractivo do Colyseo. E depois o ferro carril aereo, Kalescops automatico, poliphon, tiro ao alvo, galinhas magicas (...) (DIÁRIO DA TARDE, 20/03/1905, p.1).

O objetivo era o de ofertar novos produtos culturais à população curitibana, porém, estes divertimentos – entre eles os esportivos, como o “*schating rink*”

⁴⁸ Mais detalhes sobre o parque de diversões “Coliseo Curitybano” consultar Brandão (1994).

mencionado na nota⁴⁹ – deveriam ser usufruídos de uma maneira codificada e civilizada:

Colyseu Curitybano – Teve hontem lugar a abertura desta nova casa de diversão, estabelecida na rua Aquidaban, esquina da rua Voluntários da Pátria. O Colyseu foi montado com capricho, ocupando vasta area onde se erguem elegantes chalets e aparelhos para varias diversões, como sejam: ferro carril aereo, tiro ao alvo, patinação, carrossel, Kallescopo automatico, polyphron, galinhas magicas, exposição de macacos etc. (...) A inauguração teve lugar ao meio dia, ao som de bandas de musica de 13^º. cavallaria e 39^º. de Infantaria, que alli tocaram até as 10 horas da noite. A concurrencia de povo, quer de dia quer de noite, quando se achava profusamente illuminado à luz electrica (...) notando grande numero de famílias. Nas duas entradas do Colyseu achavam-se postados dois porteiros, na boa hora ali collocados afim de evitar que, como se deo no Parque de Exposição, seja o Colyseu invadido por pessoal suspeito. (DIÁRIO DA TARDE, 13/03/1905, p.2).

Como colocado nas últimas linhas da notícia, o objetivo central era o de separar os corpos portadores de determinados códigos de civilidade, daqueles que não possuíam tais marcas corpóreas. Um pessoal “suspeito” era aquele que poderia quebrar a “homeostase” da ordem social urbana: “Por ter proferido palavras obscenas em presença de várias famílias, foi preso hontem à noite no Colyseu Curitybano, o indivíduo Adamo Chinelli.” (DIÁRIO DA TARDE, 20/03/1905, p.2). Apesar de todas as medidas tomadas, brigas e confusões eram uma constante no local:

Sabbado à noite, num dos pavilhões do Colyseu Curitybano, alguns moços viajantes, apoz ligeira troca de palavras, aggreiram-se a bengaladas, causando grande pânico às famílias que ali vão passar horas agradaveis. O sr. commisario Albino Silva, que se achava presente, deu voz de prisão a um dos contendores. (DIÁRIO DA TARDE, 27/03/1905, p.2).

Mesmo com a cobrança de ingressos, o parque de diversões não conseguiu impedir a presença de corpos considerados infamantes. Foi tentando um isolamento em

⁴⁹ Melo (2001, p.27) faz menção a tal atividade, que seria algo próximo ao que hoje se chama de patinação. O autor lembra que não se pode chamar isso de uma prática esportiva competitiva, pois os indivíduos iam a estes espaços alugar patins para se divertirem com a novidade vinda da Europa. Parece que foi este o caso ocorrido na pista de patinação do Parque de Diversões “Colyseu Curitybano”.

relação aos corpos não-civilizados, buscando uma diferenciação social, que novos locais começam a ser procurados pelos indivíduos que desejavam se distinguir. Com isso, surge o hábito de ir para os arredores da cidade. O contato com a natureza já não era somente nos parques urbanos, mas também nos arrabaldes da cidade. Inicia-se um processo que enfatiza a ida ao campo ou aos parques particulares existentes nos arredores de Curitiba.

Balhs (1998) argumenta que, quando localizados longe da cidade, os parques eram considerados locais de refúgios e frequentados somente aos domingos e dias de festa, devido à grande distância a ser percorrida. Era uma forma dos corpos mais sintonizados com a lógica urbana se eximirem do contato com a parcela da população que não era portadora de tais elementos. O hábito de ter contato com a natureza localizada nos arrabaldes da cidade tornou-se uma constante do habitante da Curitiba dos primeiros anos do século XX. Nestor Vítor (1996, p.165) mostra importantes indícios destes novos modelos de comportamento: “Num domingo como aquele toda a gente vai para o campo em Curitiba”. A fala presente em seu livro, publicado em 1912, aponta que novos hábitos passam a ser mais valorizados na capital paranaense. A ida ao campo para a “contemplação” da natureza era uma constante, tanto que surge o hábito de fazer piqueniques nos arredores da cidade: “Hontem teve lugar, no Batel, o pic-nic do sympatico club <<Cassino Curitybano>>. Foi uma festa que deixou a mais agradável impressão em todos que assistiram-na.” (DIÁRIO DA TARDE, 18/06/1900, p.3).

Nos arrabaldes de Curitiba é que aconteciam novas formas de sociabilidades, visto que reuniões familiares, encontros de amigos, de associações e clubes aconteciam em tais espaços. Note-se que essas ações, apesar de realizadas em locais abertos e “supostamente” próximos da natureza, também estavam amparadas por todo um dispositivo institucional, pois, na maioria dos casos, eram realizadas por diversos clubes e associações:

Realizou-se hontem no Batel o *pic-nic* das sociedades Protectora dos Operarios

e Beneficente dos Trabalhadores da Herva Mate. Apesar do mau tempo, esta diversão e o baile que seguio-se-lhe no salão Tivoli, estiveram bastante animado. (DIÁRIO DA TARDE, 09/07/1900, p.3).

Aos poucos, alguns clubes e associações de cunho esportivo passaram também a realizar estas idas aos arrabaldes da cidade: “O Club Cyclista pretende fazer sábado próximo um pic nic na Rocinha.” (DIÁRIO DA TARDE, 30/01/1907, p.2). Era dessa forma, portanto, que se desfrutava um dia em contato com a natureza, em princípios do século XX em Curitiba – afastando-se da região mais central da cidade e, com isso, de todos os “males” urbanos, de preferência praticando alguma atividade atlética, conforme um colunista de pseudônimo de Erasto afirmava nas páginas do “Diário da Tarde” em 1901:

Conversando...

Decididamente não há dias mais inspidos em Curityba do que sejam os domingos.

Hontem, principalmente as nossas ruas estiveram a certas horas da manha completamente desertas.

Dir-se-ia que a população que, segundo o recenseamento há pouco effectuado orça de 40.000 almas, se retirava em peso para o campo; uns ao Prado de Corridas; outras aos *pic-nicks*; uns às caçadas; outros em excursões de bycicletas. (DIÁRIO DA TARDE, 11/03/1901, p.1).

Ao realizar um cruzamento de fontes, pode-se comprovar que práticas como as noticiadas acima eram frequentes. Vítor (1996, p.165), no ano de 1912, praticamente reproduz a nota encontrada no “Diário da Tarde” onze anos antes: “Num domingo como aquele toda a gente vai para o campo em Curitiba. As corridas de cavalos, principalmente, que se fazem em São José dos Pinhais, atraem grande massa de povo”. Apesar das notas se referirem à população como um todo, estas ações eram apenas para uma parcela da população curitibana, ou seja, aquela sintonizada com os ideários urbanos e civilizados. A utilização de práticas atléticas em regiões localizadas fora das regiões centrais seria uma forma ainda maior de “isolamento mútuo” (SENNET, 2006); uma maneira dos membros da elite se distinguirem dos demais membros da população, principalmente da parcela que não possuía as marcas de uma refinada

educação em seus corpos. (HOBSBAWM, 1992).

Várias destas ações, que valorizavam a cultura atlética, acabaram por ocorrer nos denominados parques particulares. Destaque especial para o Parque Cruzeiro, no bairro do Batel⁵⁰; o Providência⁵¹, no mesmo bairro; o Tanque do Bacacheri (no bairro do mesmo nome); e o Parque Graciosa, localizado no Juvevê. Vítor (1996, p.124) indica que o parque Cruzeiro já era, em 1912, um importante espaço de desenvolvimento da cultura física:

Existe para o lado do Batel o espaçoso parque da Fabrica de Cerveja Cruzeiro, franqueado ao público. Ali se faz desporto ginástico e há campos para diversões infantis. Dentro em pouco outra grande fábrica em construção abrirá novo logradouro semelhante. Lá se vai o tempo, afinal, em que o recurso exclusivo da população curitibana aos domingos e dias de feriado era afluir para o Passeio Público, aliás um dos mais curiosos e lindos locais de recreio que há no Brasil.

Já o Parque Providência, inaugurado em 1901, em virtude da fundação da Cervejaria Providência, funcionava de forma semelhante ao Cruzeiro, abrindo suas portas ao público nos domingos e feriados para diversas reuniões festivas, bem como para práticas de diversas atividades atléticas: “Visitei o bosque da Providência, lindo recanto, onde a gente pode passar alguns momentos de descanso. Um grupo de cavalheiros e senhoras jogava o tênis” (DIÁRIO DA TARDE, 26/10/1914, p.1).

O Tanque do Bacacheri foi outra área verde privada que, desde o início do século XX, foi muito procurada pela população curitibana nos finais de semana e feriados. Os indivíduos iam a esta localidade para fazer piqueniques e práticas de diversas atividades físicas, como o remo e a natação. Outra opção de lazer muito frequentada

⁵⁰ O bairro do Batel era, no final do século XIX e início do XX, um local considerado distante do centro da cidade de Curitiba, porém, conforme apontou Vítor (1996, p.141), tratava-se de uma localidade “que é o arrabalde mais desenvolvido e mais aristocrático de Curitiba”. Era um bairro que a parcela mais abastada da cidade escolheu para fugir dos males citadinos. Não por acaso que vários palacetes, casas de campo e parques particulares foram construídos neste nobre bairro curitibano.

⁵¹ Segundo Hoerner Junior (1990), o Parque Providência foi aberto em 1901 em virtude da fundação da Cervejaria Providência. Era localizado entre as atuais ruas Francisco Rocha e Gutemberg, e era um dos locais mais procurados pela população nos domingos e dias festivos. O parque foi desativado em 1950, ano em que a cervejaria também fechou suas portas.

era o Parque da Graciosa, localizado na estrada de mesmo nome (atual Av. João Gualberto). A notícia publicada na Revista Ilustração Paranaense, em 1927, mostra com detalhes a utilidade deste espaço verde particular:

Parque Graciosa

Sem dúvida alguma um dos mais bellos e aprazíveis logradouros que Curityba possui é o Parque Graciosa, situado na Avenida do mesmo nome. Servido por tres linhas de bonde, fartamente iluminado e frondoso bosque, talvez o melhor da capital, e um vastíssimo salão para festas, danças, etc, é naturalmente o lugar preferido para o descanso, principalmente para as famílias. Possui também excellentes salões de Bolicho, um dos mais divertidos e uteis sports.

Aos domingos e quartas-feiras, grande número de pessoas vão saborear o saboroso churrasco que é servido nesses dias ao som de uma excellentes orchestra que executa trechos de musica viennense. (...) Enfim, não existe em nossa capital parque com tantos prediados para o descanso de homens de trabalho, que poderão ao menos um dia da semana passar encantadoras horas de prazer... (ILUSTRAÇÃO PARANAENSE, 1927,n.2. s.p.).

Todos estes parques tiveram uma importância muito grande na difusão da cultura física em Curitiba, contribuindo significativamente para a emergência e consolidação do dispositivo esportivo da capital paranaense. Foram nestes locais que essa novidade vinda da Europa, chamada Esporte, tornar-se-ia algo corriqueiro e banal. Contudo, estes espaços também começaram a ter a frequência de corpos considerados indesejados e, aos poucos, esse contato direto e intenso com a natureza já não se restringia aos arrabaldes de Curitiba. Locais mais afastados, como a montanha⁵², foram surgindo como opção. Tais questões podem ser visualizadas na nota publicada em 1899, referindo-se a Piraquara, localidade montanhosa localizada próxima a Curitiba: “Realiza-se amanhã em Piraquara uma importante corrida a pé, pela quantia de um conto de reis. Para aquella localidade já tem seguido muita gente”. (DIÁRIO DA TARDE, 22/06/1899, p.1). As regiões com maior altitude, assim como outras distantes da cidade, passam a ser consideradas bons locais de refúgios para a população urbana:

⁵² Este sentimento simbólico, em relação às localidades de maior altitude, também esteve presente no imaginário dos curitibanos. Tal fator pode ser visualizado na obra de Vítor (1996, p.214), em que se refere à importante cidade de Ponta Grossa da seguinte forma: “Naquela atmosfera privilegiada, a mais de 940 metros de altitude, o alto bem-estar em que eu fisicamente me sentia dava-me como que a ilusão de rejuvenescer. Não sei se por isso também toda aquela natureza me parecia moça e tenra, embora naquela estação e ainda que estivéssemos quase que entrando na hora ingrata do crepúsculo noturno.”

O cálculo sobre a quantidade de micróbios presentes consoante as alturas atmosféricas alcançadas, a avaliação regularmente efectuada pelos aeronautas do final do século XIX, mostra o quanto o conjunto do espaço está inscrito na nova visão sanitária: não só a cidade, não só o alojamento, mas também o meio, a atmosfera e a geografia. (...) É efectivamente a partir dos 1700 metros que desaparecem as colónias de micróbios. Impõe-se uma certeza no final do século, a de uma assepsia garantida pelo ar livre. Daí a vantagem das vilegiaturas: o afastamento da doença pelo sol, pelo vento, pela luz, o reforço das defesas pelas estadias à beira-mar, na montanha, pelos exercícios naturais. O tema focaliza, em resumo, inúmeros comentários sobre a saúde; o ar livre que <<mata>> os agentes infecciosos, os exercícios que <<trazem>> resistência e energia, a viagem que <<extermina>> o esgotamento e o estiolamento. Este tema das vilegiaturas é um tema federativo. Conjura práticas higiénicas e novos lazeres. Faz convergir o aparecimento social das férias e a explicação erudita de defesas microbianas. Dirige mesmo um novo espaço nas doenças psicológicas. É uma atenção totalmente inédita sobre a fadiga e sobre o esgotamento físico e mental que origina, entre outras coisas, as estadias em contacto com o ar livre e uma maneira de <<escutar>> como nunca, as desordens íntimas. (VIGARELLO, 1999, p.221-222).

Neste contexto, um suposto afastamento do urbano e de todos os seus males era uma ação benéfica de preservação do corpo: “Mar e montanha sugerem muito simplesmente energias ainda desconhecidas, desenhando inesgotáveis indicações de defesa e proteção” (VIGARELLO, 1999, p.223). Dalben (2009, p.101) também comenta sobre a montanha e, sobretudo, a respeito da praia:

A praia, assim como a montanha, ganhava cada vez mais o interesse dos médicos, pois era considerada como um ambiente natural, no qual seus elementos proporcionariam uma terapêutica higiénica e fortificante aos seus freqüentadores. Locais antes esquecidos, e mesmo desconsiderados, com pouca procura, passaram a se destacar como propícios para a cura e para os divertimentos.

Desse modo, um novo hábito, o de ir às regiões litorâneas para ver o mar, passa a ganhar outro sentido e significado⁵³. Curitiba também não ficou imune a tais questões.

⁵³ Corbin (1989) lembra que o mar era visto como um local sujo e insalubre, lugar de despejos de lixos e diversos tipos de excrementos. O autor afirma que somente no século XVIII, no contexto europeu, é que tal concepção vai se modificando e, com isso, vão surgindo as primeiras ações a beira-mar. Lucena (2001), baseado em Corbin e Gilberto Freyre, salienta que tal processo ocorre de forma semelhante no Brasil, e mais especificamente nas cidades litorâneas (Rio de Janeiro, Salvador e Recife). O banho salgado era visto até meados do século XIX como uma prática insalubre e anti-higiénica. Somente na

Foi possível encontrar indícios de que a capital paranaense passou a incorporar o hábito de ir ao litoral, transformando a praia, antes um local desprezado, em um espaço distinto e útil. O intelectual curitibano Jaime Balão, em nota escrita no “Diário da Tarde”, ao relatar sua ida ao Rio de Janeiro, acabou por valorizar tal sentimento em relação às regiões costeiras:

Do Rio

Os habitantes de Copacabana nestas lindas manhãs desfructaram um prazer delicado – à ablução matinal nas águas atlânticas...

Logo ao amanhecer as praias se povôam e os aquáticos mergulham nas espumosas ondas que, do alto mar, em roldões, vêm-se quebrar nas brancas areias e por ellas se derramam como leite (...) Os aquáticos de Copacabana não vivem como os montanheseiros da Tijuca e nem por sonho se parecem os habitantes do aristocrático Botafogo (...) (DIÁRIO DA TARDE, 26/01/1907, p.1).

As notas de Jaime Balão valorizam a ida ao litoral, mas, enfatizam também um discurso atlético. Assim como afirma Melo (2001), não bastava contemplar o mar, era preciso fazer isso realizando atividades consideradas atléticas. Vítor (1996, p.14-16), nos seus livros sobre as impressões do Paraná, publicados em 1912, fornece indícios da presença deste sentimento de valorização do mar e das práticas de exercícios físicos numa parte da população curitibana, e em regiões cada vez mais afastadas da cidade:

Raros serão em Paranaguá os que não tenham visitado a Ilha do Mel – excelente praia de banhos, - e quem quer que ali demore ao menos alguns dias nunca mais esquece, além de tudo pela vista maravilhosa que se descortina daquele aberto mirante, abrangendo-se toda a majestade e toda a grandeza do oceano até onde o céu parece rastejar com o mar. Já se está estabelecendo mesmo uma corrente cada vez maior de excursionistas que descem de Curitiba e vêm ali fazer salutar temporada de inverno. (...) O Sr. Paulo Hauer (...) possui lá na Ilha do Mel (...) uma bela e pitoresca propriedade marítima. Está organizando nessa sua propriedade uma estação balnear em regra. Estabelecerá ali um hotel como estabelecimento geral e mais 50 casas para a residência de famílias. Criará diversões no lado do embarque, onde se

segunda metade do século XIX, é que tal concepção vai se alterando no Brasil, tornando um remédio para todos os males, surgindo uma série de passatempos e divertimentos nas praias. Mais detalhes sobre a questão, consultar Corbain (1989) e Vigarello (1996; 1999); no Brasil, ver os trabalhos de Lucena (2001), Melo (2001) e Dalben (2009).

descortina lindo panorama, que lembra os lagos da Suíça. Estabelecerá tudo que seja necessário para prover de recursos os excursionistas, como, por exemplo, tráfego diário entre Paranaguá e a Ilha do Mel. Assim dará grande incremento à corrente de excursionistas que já vêm de Curitiba, e que poderão vir até de outros estados do Sul.

Surge, assim, entre os habitantes de Curitiba o hábito de ir à praia e não somente para contemplar o mar e as demais belezas litorâneas. Era preciso fazer isso realizando proezas atléticas e/ou esportivas⁵⁴. Desse modo, como relataram Lucena (2001) e Melo (2001), ao estudar a cidade do Rio de Janeiro, o mar e o sol carioca foram pontos de desenvolvimento da cultura física na então capital federal. A simples reprodução destes discursos em Curitiba acaba por valorizar a relação natureza (praia) com a cultura física. Entretanto, estas idas ao litoral e à montanha para a realização de proezas atléticas e esportivas em Curitiba foi guiada, em muito, pelo espírito clubístico.

4.6) Intensificando o “isolamento mútuo”: a criação dos clubes e associações esportivas

É impossível, enfim, compreender estas renovações sem associar ao desporto, prática de desafios mais livres, com seus clubes de encontro, surgidas nas últimas décadas do século: impõem-se, ainda neste caso, uma busca de ar e de espaço, bem como uma descrição inédita das formas de comportamento do corpo. (VIGARELLO, 1999, p.225).

Estabelecer critérios identificáveis era, portanto, urgente para os então membros, reais ou virtuais, da burguesia ou da classe média e particularmente para aqueles cujo dinheiro, por si só, não seria suficiente para a compra de um *status* seguro de respeito e privilégio para si e para sua descendência. Três modos de estabelecer esse pertencimento adquiriram grande importância no período – pelo menos em países em que já surgia alguma incerteza em relação a “quem era quem”. (...) Um estilo de vida e uma cultura de classe média era um destes critérios; uma atividade ociosa e especialmente a nova invenção, o esporte, era outro; mas o principal indicador do pertencimento de classe crescentemente veio a ser, e ficou sendo, a educação formal. (HOBBSAWM, 1992, p.245).

⁵⁴ Melo (2001) argumenta que as regiões litorâneas, principalmente aquilo que se convencionou hoje a chamar de praia, começou a ser utilizada ainda no século XIX, no Rio de Janeiro, como um importante espaço de sociabilidades, levando os indivíduos à realização de piqueniques e, posteriormente, algumas atividades esportivas.

As citações de Vigarello (1999) e Hobsbawm (1992) mostram vários dos elementos elencados até o momento. Ambos autores salientam a presença deste importante fenômeno da modernidade, chamado esporte, no seio citadino francês e inglês. O intelectual francês mostra como o clube e o contato com a natureza produz novas formas de comportamento; já o historiador inglês enfatiza a função da distinção social, visto que a parte mais abastada da população queria se distinguir dos corpos considerados perniciosos e imorais. A associação clubística seria, então, um importante elemento para efetivar a tão sonhada separação, uma vez que diferentes classes sociais reúnem-se em diferentes clubes e associações esportivas. Conforme aponta Needell (1993, p.164) “... é inegável que estas instituições exerciam considerável influência sociopolítica. Elas serviam como cenário informal para que indivíduos e famílias ostentassem sua riqueza, exibissem sua posição socioeconômica e revelassem em público sua cultura”.

Entre os elementos culturais que deveriam ser expostos ao público estavam as práticas esportivas, pois, conforme apontam Pereira (2000) e Lucena (2001), estas atividades só poderiam ser praticadas por indivíduos da mesma educação e cultivo. A razão principal era, sem dúvida, o caráter naturalmente violento e emocional dessas práticas, de modo que, somente aqueles com uma refinada educação corporal teriam condição de controlar seus instintos. Entre outros, estes foram os motivos do surgimento dos clubes esportivos, locais de encontro entre “iguais”, um espaço onde se reuniriam “cavalheiros” para desfrutarem das benesses das práticas atléticas. Algumas destas associações utilizaram, inicialmente, as áreas verdes públicas, em especial o Passeio Público, para realizarem suas atividades e proezas atléticas. O “Clube de Regatas Curitybano”, criado em 1899, é um exemplo deste tipo:

Club de Regatas Curitybano

Inauguração do Club às 4hs da tarde

Grandes Regatas no Lago do Passeio Público

(...) * Pede-se o comparecimento dos srs. Sócios às 2 horas da tarde de

Domingo no Chalet do Passeio a fim de proceder-se-à a eleição da directoria e tratar-se mais negócios concernentes ao Club. (DIÁRIO DA TARDE, 22/04/1899, p.4).

Em relação à formação de um clube de Remo, é possível afirmar que se tratava de uma tentativa de empréstimo cultural em relação a outras urbanidades brasileiras, visto que importantes cidades, como Rio de Janeiro, Recife, Vitória e Belém, já possuíam importantes clubes de regatas. (LUCENA, 2001; MELO, 2001). Curitiba não podia ficar imune a estas questões:

Atenção
Club de Regatas

A comissão encarregada de reorganizar este excelente *club*, concurida a todos os srs. socios e aos rapazes que quizerem tomar parte do mesmo, para uma reunião no domingo 8 de abril no chalet do Passeio Publico, as 5 horas da tarde afim de se tratar dos interesses dos mesmos. (DIÁRIO DA TARDE, 28-29/03/1900, p.2).

Nesses lugares, os jovens rapazes da elite curitibana poderiam usufruir do espaço público de acordo com todos os códigos de civilidade, exigidos pelo novo ordenamento urbano, e, ainda assim, contemplar a natureza e o verde daqueles locais. Tais ações, além de valorizar uma prática muito presente nos grandes centros do restante do país e do mundo, eram também, conforme já levantado no capítulo anterior em relação ao futebol, uma forma de quebrar a hegemonia das instituições imigrantes, principalmente alemães, no campo das práticas corporais na sociedade curitibana.

Esse movimento dos jovens da elite curitibana se expandiu para fora dos espaços públicos e, com isso, foram criados os primeiros clubes de cunho esportivo em Curitiba. Hobsbawm (1992) argumenta que os entrelaçamentos e interações nos clubes esportivos ingleses, realizados por seus “sócios contribuintes”, acabavam por eliminar os corpos indesejáveis, criando um universo social familiar fora do círculo da família. Entretanto, essa interação só acontecia entre indivíduos portadores de códigos de comportamentos considerados civilizados. Estes indivíduos, que eram em sua maioria jovens, precisavam mostrar que seus corpos eram úteis e não aqueles arcaicos e

retrógrados da geração anterior, que ainda via a cultura atlética com reservas. Tanto que estes jovens criam uma série de mecanismos para valorizar a cultura atlética, como pode ser visualizado na matéria publicada no “Diário da Tarde”, sobre a fundação do “Club Sportivo”:

No dia 16 do corrente, como foi anunciado, teve lugar a inauguração do Club Sportivo num dos salões da Associação dos Empregados no Commercio. Idéa de alguns moços, entre os quaes os conhecidos e distinctos sportamen capitão Jose Candido Muricy, 2º. tenentes Borba e Armando Jorge, Alberico de Miranda, e Lucidio Correa, o Club Sportivo teve logo depois de inaugurado uma aceitação, realmente além de toda a expectativa, contando em seu sejo, até hontem, cento e tanto socios, escolhidos entre a nossa elite social. É que, embora a nossa época não seja mais de D.Quixote de lança e espada à cinta, uma época industrial, pacifica e scientifica, a sociedade culta do Brasil tem-se compenetrado todavia da seria necessidade inadiavel do desenvolvimento physico, base unica do desenvolvimento moral e intellectual.

É na verdade, sem a agilidade do corpo (...) sem o exercicio dos musculos que da força, como poderá o espirito triumphar na vida, sinão miseravel e deploravelmente? (...) Na Europa Culta, todo mundo que se presa é mais ou menos sport, a começar pelos escriptores publicos, que antes de entrar no officio diario, fazem pela manha o exercicio physico predilecto. O velho papai Hugo, depois das suas abluções matinaes, não dispensava o jogo de salão, e às vezes o trapezio. Zola percorria seu bairro de bicycleta. Meterlinek é um verdadeiro sport; D. Annunzio é um jogador de espada consumado. (...) O Club Sportivo, pois, está destinado a desempenhar um papel saliente, em relação ao nosso desenvolvimento social. E a prova já se manifestou na aceitação larga e espontanea que tem o Club, por parte do nosso publico selecto.

O illustre sr. capitão Muricy, presidente actual do Club Sportivo, com quem tivemos a oportunidade de conversar a respeito daquela associação, espera executar uma obra completa de sport. Teremos ali, segundo nos afirmou o sr. capitão, os jogos de agilidade, o japonéz chamado *jiu-jitsu*, a *capoeira*, o box e o sarale. Os manejos, à espada, à lança, a baioneta, à bengala e a pau.

Exercicios de força corporal: a equitação, a gymnastica completa, a lucta romana, as corridas a pé, patinação, o ciclismo, e finalmente o tiro ao alvo em toda a sua generalidade.

Saudando os organizadores de tão util empreendimento, fazemos os mais sinceros votos para que o Club Sportivo, completamente triumphante, seja uma escola para a sociedade coritibana. (DIÁRIO DA TARDE, 21/03/1907, p.1).

Ações como a do “Club Sportivo” tinham como intuito principal difundir a cultura atlética entre os jovens da elite curitibana, contudo, como salientado anteriormente, também queriam quebrar o monopólio que os jovens das entidades imigrantes de origem teuto-brasileiras tinham no campo das práticas corporais. O associativismo

esportivo constituiu-se um importante mecanismo de preservação da identidade étnico-cultural dos imigrantes europeus – pela difusão da ginástica alemã, de práticas esportivas e dos festivais de ginástica, bem como pela manutenção de um dialeto alemão nas comunidades teuto-brasileiras. (QUITZAU, 2011).

Turn Verein

Foi uma festa esplendida e original a que realizou esta sympatica sociedade teuto-brasileira.

Com dia magnifico e debaixo do azul immaculado do céu de inverno passou-se o alegre e ruidoso *pick-nick*, que em dia inteiro correu rapido, animado por multiplas diversões consoantes aos costumes allemães, ligados ao nosso habito do tradicional e succulento churrasco.

Uma multidão de louras senhoritas de toilettes brancas animaram o vede scenario do bosque encatador, enquanto os rapazes uniformizados para os exercicios gymnasticos divertiam os convidados com seus trabalhos variadissimos.

Porem a nota predominante, feerica e encantadora da festa foi o baile em que fecharam o dia.

Não nos recordamos de haver assistido n'esta capital uma *soirée* tão original e organizada com tanta arte.

A par de bellissima decoração do theatro uma multidão incomparavel de senhoras enchiam os camarotes e cadeiras em volta do amplo salão do theatro Hauer. Uma caprichosa alegoria destacava-se no fundo lembrando o fundador da gymnastica. (...) Debaixo dos applausos ruidosos dos assistentes começaram então as danças caracteristicas em que tomaram parte gentis senhoritas e cavalheiros exercitados com perfeição admiravel. (...) (DIÁRIO DA TARDE, 14/08/1900, p.2).

Como apontado nos outros capítulos da presente tese, os imigrantes alemães foram centrais na circulação e difusão do discurso da cultura atlética, bem como na posterior consolidação do dispositivo esportivo em Curitiba:

Sociedade dos operarios allemães

O 25º. aniversario da fundação da <<Handwerker Kranken Untenstrutzung Verein” teve hontem bellissima commemoração.

No magnifico predio onde funciona a sociedade, à rua Visconde do Rio Branco, realizou-se as 3 horas da tarde uma sessão magna seguida de concerto (...)

Depois um grupo de moços teuto-brasileiros, sob a direção do sr. Alfredo Bassler, entrou no salão, onde fez bellas sortes de gymnastica, sendo mt applaudido (...) (DIÁRIO DA TARDE, 19/07/1909, p.2).

Se num primeiro momento o associativismo teuto-brasileiro estava restrito à

ginástica, posteriormente ele começa a incorporar as práticas esportivas, como é o caso da sociedade de tiro:

Atiradores Allemães

O Club dos Atiradores Allemães celebrou hontem mais uma de suas festas nesta capital. A 1 hora da tarde dirigiram-se os socios, tendo a frente uma banda de musica, para o *bosque*, perto da Estação da Estrada de Ferro, e ahi começaram os seus habituaes divertimentos.

Foi uma bonita festa que honra fez ao Club dos Atiradores Allemães. (DIÁRIO DA TARDE, 25-26/03/1900, p.2).

Estas ações não ficavam restritas aos imigrantes de origem germânica. Outras associações formadas por estrangeiros e descendentes diretos acabaram por operar suas ações seguindo os mesmos critérios das entidades alemãs:

Sociedade Scandinava – Celebrando, o 10^o. aniversario de sua fundação esta distincta sociedade organizou para amanhã um pic-nic sahindo o prestito à 1 hora da tarde da Praça Osório, com destino ao bosque da fabrica Providência, no Batel, onde terão logar dansas, exercicios de tiro ao alvo, etc. (...) (DIÁRIO DA TARDE, 02/02/1907, p.2).

Como pode ser visto a utilização de determinados divertimentos, seja através da realização de competições de tiro, de ciclismo ou de regatas, mesmo feita em um espaço verde público ou privado, se mostraram restritas a um determinado grupo de indivíduos. Estes eram, geralmente, jovens da parcela mais abastada da população e/ou membros de associações imigrantes, imbuídos de um espírito marcado pela cultura atlética. A organização num formato clubístico institucionalizado era a forma que estes grupos escolheram para consolidar o dispositivo esportivo de Curitiba, e alcançar, assim, o tão sonhado “isolamento mútuo”, que os distinguiria do restante dos habitantes da cidade⁵⁵. Por este motivo, áreas cada vez mais afastadas foram procuradas pelos clubes esportivos:

⁵⁵ Hobsbawm (1992), ao estudar o contexto inglês e norte-americano, afirma que estas ações de ida aos subúrbios das cidades eram uma forma das classes médias evitarem contatos com os considerados inferiores. O autor comenta sobre o clube de campo como uma forma de não terem seus corpos contaminados pelos hábitos imorais dos considerados inferiores.

RADFAHRER CLUB – Esta exforçada sociedade, realizará um torneio de bycicletas no dia 26 do corrente.

A distancia a percorrer sera desta cidade ao Xaxim, isto é 22 kilometros.

Haverá dous premios: ao primeiro vencedor uma taça de prata; ao segundo um rico thermometro.

À tarde o Club realizará grande pic-nic no Portão. (DIÁRIO DA TARDE, 18/03/1905, p.1).

O habito de ir ao campo, além de propiciar um afastamento da desordem e confusão citadinas, proporcionava uma diferenciação social em relação aos corpos que não possuíam determinados códigos de civilidade. Pode-se dizer que os clubes esportivos objetivavam diferenciar seus membros do restante da população, ao introduzi-los ao hábito de praticar determinadas atividades atléticas em recintos fechados e/ou em regiões afastadas dos males citadinos:

RADFAHERE CLUB – Esta sociedade sportiva realizou hontem no Portão, o annunciado *pic-nic* que correo perfeitamente. Os associados para ali se derigiram em carruagens e a maior parte de bycicletas. (DIÁRIO DA TARDE, 03/04/1905, p.1).

A partir deste momento não bastava mais ir aos arredores e arrabaldes da capital. Ações e proezas atléticas, cada vez mais afastadas do centro da cidade, surgiram como uma opção de divertimento:

Cyclistas – Correu simplesmente magnifica a viagem sportiva dos socios do Club Teuto Brasilianisch Turnen-Verein, a cidade de Morretes. Os excursionistas partiam desta capital, em bycicletas, às 6 da manhã, fazendo o trajecto com toda a rapidez e regressando às 6 ½ da tarde pelo trem de tabella.

Durante a viagem os passeiantes se mostraram sempre alegres e satisfeitos. (DIÁRIO DA TARDE, 28/01/1907, p.1).

A incorporação da prática esportiva pelos jovens também ocorreu em outras instituições sociais, como é o caso da escola. Contudo, esta seguia a mesma lógica de “isolamento mútuo”, de contato com a natureza e de uma organização clubística. A notícia publicada no “Diário da Tarde” fala com grande entusiasmo sobre a organização, por parte de uma importante escola curitibana, de um “curioso” esporte inglês chamado

futebol:

Colegio Paranaense
Educação Physica

(...) Não obstante todo esse interesse a favor da instrução popular, um requisito, porem, faltava que a completasse: a educação physica.

Era este o assumpto que iamós discutir quando soubemos da recente fundação de um club sportivo no excellento Colegio Paranaense. (...) Alem de outros jogos tendentes ao desenvolvimento physico, adaptaram os jovens associados, o magnifico sport inglez *foot-ball* que é presentemente um dos generos de exercicios mais apreciados nos grandes centros.

Nas proximidades da rua Iguassú foi preparada a respectiva *square*, para onde seguem os luctadores, subdivididos em *teams*, a empenhar-se valentemente no torvellinho ruidoso do *match*.

O local é aparelhado de toda as commodidades precisas, elevando-se em cada extremidade de dois lados um trapezio chamado *goal*.

O jogo consiste em fazer passar um bola de borracha e revestida exteriormente de um couro macio, por baixo do *goal*.

A defesa deste, que é o posto de honra, confia-se ao mais ágil sportman.

As partidas que se tem realizado, si bem que em caracter experimental, tem dado os melhores resultados, pois os petizes já sabem, ao lado da educação intellectual e moral, levar em conta o judicioso aforismo de Juvenal: *mens sana in corpore sano*." (DIÁRIO DA TARDE, 15/04/1907, p.1-2).

O formato acima relatado acabava por possibilitar contornos mais sinuosos às práticas esportivas, deixando de ser um mero divertimento ao ar livre, e passando a ganhar contornos cada vez mais esportivizados, marcados por um intenso processo de racionalização e burocratização. Hobsbawm (1992, p.257-258) assinala alguns pontos que corroboram com o argumento acima levantado:

(...) a extraordinária rapidez com que todas as formas de esporte organizado conquistaram a sociedade burguesa, entre 1870 e os primeiros anos de 1900, sugere que o esporte preenchia uma necessidade social, consideravelmente maior que a de exercicios ao ar livre.

O clube, ao chamar para si a responsabilidade de organizar a prática esportiva no formato de evento, acaba por fornecer as bases para a sua futura burocratização, pois as associações seguiam a lógica institucionalizada e regrada, universalmente exigida pelo Esporte Moderno.

Capítulo 5 – Institucionalização, Burocratização e Treinamento: a consolidação do dispositivo esportivo da cidade de Curitiba

5.1) A institucionalização das práticas esportivas: sofisticando o dispositivo esportivo em Curitiba

O Esporte é, sem sombra de dúvidas, uma das manifestações culturais mais expressivas da atualidade. Hoje, pode-se achar inclusive que o dispositivo esportivo, com suas competições e regramentos regidos por uma instituição específica, sempre ocorreu desta forma. Contudo, as primeiras práticas esportivas presentes em Curitiba ainda não estavam totalmente vinculadas ao formato de caráter universalista. A formatação hodierna do Esporte resulta de um processo cheio de curvas sinuosas e passa de um simples divertimento desinteressado a um dos fenômenos mais especializados, racionalizados e burocratizados existentes na sociedade. (ELIAS E DUNNING, 1992; 1995; VIGARELLO, 2005).

Estes aspectos levam posteriormente ao surgimento de certas características que transformaram as práticas esportivas num espaço totalmente administrado. Amparado, principalmente, nos estudos de Max Weber, Allen Gutman levanta sete características básicas do Esporte Moderno: 1) secularização; 2) igualdade de chances; 3) especialização dos papéis; 4) racionalização; 5) burocratização; 6) quantificação; 7) busca do *record*. Bracht (2003) argumenta que estas características levantadas por Gutman tomam conta do campo esportivo e se tornam hegemônicas, tornando-se expressão máxima da sociedade urbana e industrial, que emergia com grande força em todo o mundo ocidental do começo do século XX. Porém, todo este esquema teórico não deve ser tratado de forma tão esquemática, pois, para chegar nesta configuração, o Esporte passou por diversos processos históricos, sendo elaborado num complexo jogo de configurações.

Para alcançar tal formato, um dos pontos que mais contribuiu para o crescimento das práticas esportivas foi o processo de institucionalização, primeiramente com seu

enclausuramento nos clubes e, posteriormente, com o surgimento das primeiras entidades burocráticas. A inserção do Esporte num quadro de elementos regidos por uma instituição teve como intuito padronizar e regulamentar suas ações. Foucault (1996; 2002) argumenta que todo processo de institucionalização cria um dispositivo específico, marcado por diversas práticas discursivas e não discursivas, que acabam por estabelecer regras padronizadas no disciplinamento dos corpos. Além da disciplinarização, que era de certa forma homogeneizadora, o processo de institucionalização também se mostrava de maneira inversa, como um modo de individualização, pois representava um meio de distinção social.

Conforme já salientado nos dois capítulos anteriores, os membros dos clubes curitibanos também seguiram esta lógica. As associações da cidade formavam uma rede de indivíduos que, mesmo com todas as suas diferenciações, eram pertencentes a um mesmo círculo social, ou seja, ou eram da elite e/ou de origem imigrante, os quais, na sua configuração entre “iguais”, elaboravam dispositivos para excluir os corpos que não se encaixavam ao seu universo discursivo⁵⁶.

Sendo assim, a inserção das práticas esportivas, dentro do modelo institucional, objetivava a produção de uma uniformidade nos comportamentos dos indivíduos frequentadores destes espaços. Os corpos dos indivíduos, bem como seus comportamentos e gestualidades, regidos por todo um dispositivo institucional, deveriam ser disciplinados pelo novo olhar cidadão que primava pela contenção e autocontrole. A associação de indivíduos a clubes esportivos tinha como objetivo confesso a distinção. Buscava ser um espaço de encontro entre “iguais”, para estes se beneficiarem de forma civilizada das benesses dos divertimentos esportivos. Posteriormente, este associacionismo clubístico vai ajudar na especialização e

⁵⁶ Elias (1997) argumenta que um dos principais elementos para a criação de uma “boa sociedade” foi a filiação numa agremiação. A admissão em uma instituição era uma clara expressão de pertencimento a determinado grupo. A filiação determinava com quem o indivíduo podia relacionar-se, sem por em perigo o seu *status*, identificando-o como membro da “boa sociedade”. O autor alemão ainda lembra que a “boa sociedade” é um tipo específico de formação social, constituindo uma série de complexos institucionais, capazes de manter a posição de poder monopolístico de determinados grupos sociais.

burocratização do Esporte, pois foi através destas agremiações que surgem as primeiras ligas, confederações e federações, que passam a reger e controlar as práticas esportivas.

Em Curitiba, tal processo também ocorreu desta forma. Seria possível inferir que desde a última década do século XIX, as práticas esportivas foram acolhidas e disseminadas pelos clubes. Mezzadri (2000), ao estudar a formação da estrutura esportiva burocrática do estado do Paraná, salienta que suas ações começaram a ser organizadas de forma mais sistematizada pelos clubes somente na década de 1920, pois anteriormente a prática esportiva se limitava ao interior das agremiações sem possuir uma sistematização mais rigorosa. Embora os objetivos propostos pelo estudo de Mezzadri (2000) não tenham contemplado o jogo de configurações existentes desde o final do século XIX nas instituições clubísticas curitibanas, o autor mostra outros pontos importantes já iniciados neste período:

Na estrutura do esporte paranaense, a categoria de configuração auxiliou na compreensão da formação dos clubes sociais e esportivos no final do século XIX e início do século XX. Nos clubes, as relações entre os imigrantes, os operários e a elite econômica, cultural e política possibilitaram verificar algumas das relações existentes na sociedade paranaense. A disputa por espaços na sociedade pode ser vista através da instituição dos clubes esportivos e sociais. (MEZZADRI, 2000, p.8-9).

A formação dos primeiros clubes curitibanos foi marcada por um intenso jogo de disputas de poder entre os diversos grupos sociais existentes em Curitiba. Mezzadri (2000) indica que existiam várias formas clubísticas na cidade. Um primeiro tipo de agrupamento era ligado às entidades culturais, literárias e políticas, nas quais os indivíduos compartilhavam o mesmo posicionamento político, ou estavam representando uma mesma manifestação cultural e literária. Com o segundo grupo, observaram-se as entidades constituídas pelo segmento populacional de alto poder aquisitivo, cujo objetivo era perpetuar os comportamentos sociais da elite. O terceiro grupo era constituído pelos clubes que foram organizados pelos imigrantes europeus, os quais objetivavam a manutenção das tradições de seus países. Por fim, o quarto

grupo, formado pelos clubes beneficentes operários.

Mezzadri (2000) aponta que as instituições que tiveram destaque na formação da estrutura esportiva no Paraná, principalmente na sua capital, foram os clubes da elite e as entidades imigrantes. A representação das entidades formadas por imigrantes procurava auxiliá-los na adaptação ao novo território, mas principalmente manter alguns *habitus* e comportamentos de seus países de origem, entre os quais, estavam algumas práticas corporais como o Esporte e a ginástica⁵⁷.

Conforme já salientado em outros momentos, as práticas esportivas nos clubes mais elitistas não foram de início, uma atividade tão comum. Somente no decorrer do século XX, conforme apontam Mezzadri (2000) e Capraro (2004), algumas modalidades esportivas começaram a se tornar mais frequentes entre os associados. O objetivo principal era o de quebrar o monopólio que entidades imigrantes tinham conquistado em relação ao discurso da cultura física. Afinal, as atividades esportivas tornaram-se um importante símbolo da modernidade, e as elites curitibanas não poderiam deixar que o Esporte ficasse somente nas mãos dos imigrantes e dos descendentes de europeus.

Baseado neste jogo de configurações, as práticas esportivas começaram a fazer parte das atividades diárias dos clubes curitibanos, acabando por disseminar a ação entre uma parcela dos habitantes de Curitiba. Esse processo de institucionalização através dos clubes também contribuiu em muito para o seu processo de burocratização, pois, para criar as primeiras competições esportivas, era necessário ter uma organização marcada e regida por um aparelho burocrático, sendo o clube o elo entre o Esporte propriamente dito e as entidades burocráticas.

Nesse sentido, uma modalidade chamada Tiro, através da associação “Tiro de Guerra 19 Rio Branco”, também chamada “Sociedade Rio Branco”, foi a responsável pelo primeiro processo de burocratização esportiva vivenciado em Curitiba, o que acabou sendo elemento fundamental para a consolidação de um dispositivo esportivo

⁵⁷ A influência da imigração era tanta que, em muitos casos, as atas dos clubes, os convites para as festas e os recibos estavam escritos em língua estrangeira, assim como os diálogos não eram realizados em português, mas na língua de origem dos estrangeiros. (QUITZAU, 2011).

da cidade. Contudo, esta instituição se diferenciava um pouco das outras, visto que tinha um forte aparato governamental no âmbito federal, que buscava articular a esfera civil e militar num projeto de construção da nacionalidade brasileira.

5.2) A associação de Tiro Rio Branco: primeiros passos da burocratização esportiva em Curitiba

(...) Os pequenos soldados mostram-se cada vez mais entusiasmados por esse novo sport tão útil quão necessário e de cujo desenvolvimento resultará por certo, em tempos que não vem longe, o nosso completo preparo militar (...). (DIÁRIO DA TARDE, 16/12/1909, p.1).

A “Sociedade Rio Branco” foi uma instituição fundada com o objetivo confesso de educar os corpos dos jovens curitibanos ao novo projeto de nação, instituído pelo regime republicano. Através de uma rígida disciplina militar, a mocidade paranaense seria educada por uma série de práticas corporais como a ginástica, a esgrima, as marchas, as bandas marciais e, sobretudo, o Tiro. Capraro (2004) lembra que o Tiro, juntamente com o Turfe, foi desde o final do século XX uma das atividades esportivas mais praticadas em Curitiba. Mesmo antes de se criar o “Tiro Rio Branco”, a modalidade já estava presente em alguns clubes de Curitiba:

Sport-Club – Esta distincta sociedade promoveu hontem uma bella festa, dedicada aos gentis gremios de senhoritas Violetas, Cassinistas e Bouquet. O bello edificio, em que funciona o Sport Club, à tarde ficou repleto, principalmente as archibancadas onde se achavam numerosas famílias. A festa constou de varias quiniellas, exercicios gymnasticos, tiro ao alvo, patinação e lueta romana, em que bellamente se empenharam os srs. João Campos e Daltro Filho. Este distincto moço houve-se tambem magnificamente nas paralelas. Abrihantou a festa a banda musical do regimento de segurança, sendo gentilissima para com todos os convidados a digna directoria do victorioso Sport Club. (DIÁRIO DA TARDE, 16/01/1905, p.1 - grifos meus).

Como visto diversas práticas corporais estavam presentes nas atividades do clube em questão. Partidas de Pelota Basca, atividades ginásticas, patinação, lutas,

bem como o Tiro encontravam-se no quadro das ações esportivas realizadas pela agremiação em questão. Witoslawski (2009) salienta que a criação das sociedades de Tiro na capital paranaense esteve ligada à tradição da caça, trazida por imigrantes europeus. Os primeiros locais de ensinamento de tiro foram os clubes criados, principalmente, pelos descendentes de alemães que tinham o hábito da caça e acabaram por introduzir seus jovens nessa tradição. Apesar da existência de algumas associações anteriores, foi somente com a criação da “Sociedade Rio Branco”, em 1909, que a modalidade alcançou destaque na sociedade curitibana.

Sêga (2001) afirma que não se tem conhecimento sobre uma data exata da fundação da agremiação, mas o autor salienta que a instituição foi criada por João Gualberto entre os anos de 1908 e 1909⁵⁸. Porém, nas páginas do “Diário da Tarde”, verificou-se que a sociedade foi fundada em 1º de junho de 1909, e a partir do segundo semestre deste ano foram encontradas diversas notícias sobre a instituição:

Sociedade de Tiro Rio Branco

(...) teve hontem a installação definitiva da Sociedade de Tiro Rio Branco, no antigo Central Park, hoje transformado pela (...) prospera aggremação, em magnifica sede social, com vastos compartimentos para todos os exercicios militares que alli devem ter lugar (...) (DIÁRIO DA TARDE, 26/07/1909, p.1).

(...) A Sede

A sede da sociedade é onde funcionou o antigo Central Parque, esquina das ruas Muricy e Alegre.

Feita de madeira, estilo singelo, porem elegante, de um lado abre-se com vasto pateo, à noite illuminada por poderosos focos electricos, tendo à esquerda a linha de tiro reduzido. (...) (DIÁRIO DA TARDE, 03/09/1910, p.1).

A agremiação se instalou numa área nobre e central da cidade. A sua fundação teve papel preponderante do militar e engenheiro, então tenente, João Gualberto – tanto que sua presença, considerada ilustre, era sempre relatada pelos jornais curitibanos:

⁵⁸ João Gualberto era um militar pernambucano, que se radica no Paraná, construindo toda sua carreira na cidade de Curitiba. Morreu em 1912 por ocasião da Guerra do Contestado e, por este motivo, seu nome foi elevado à figura de uns dos principais heróis do Estado do Paraná.

Capitão Gualberto

No despacho colectivo de hontem foi promovido a capitão o 1º. tenente cavallaria João Gualberto de Sá Filho. (...) Na sociedade de Tiro Rio Branco, de que é esforçado presidente o capitão Gualberto, a noticia repercutiu com entusiasmo, enchendo de contentamento a garbosa mocidade que com justiça reconhece a abnegação e os talentos do distincto militar. (...) O illustre official, que aos 36 annos de idade, traz aos punhos os galões de capitão, é um dos legitimos consoantes do nosso exercito, quer pela correção de soldado, quer pelo cultivo intelectual.

Espirito emprehendedor, desses que não conhece dificuldades, o capitão Gualberto tem levado de triumpho em triumpho as agremiações que dirige, como o Tiro Rio Branco, de que é alma, e a Associação Cívica.

O Diário da Tarde, que tem no capitão João Gualberto um dos seus illustres e dedicados collaboradores, compartilha effusivamente da alegria que trouxe a justissima promoção e por sua vez, com regosijo, aponta parabéns ao distincto militar. (DIÁRIO DA TARDE, 08/07/1910, p.1).

Witoslawski (2009) indica que o grande prestígio conquistado por João Gualberto, junto à sociedade curitibana, muito se deveu a sua inserção na Sociedade de Tiro. O militar soube, como poucos, articular as esferas civil e militar, concepção de trabalho que levou seu nome a ser cogitado para prefeito de Curitiba⁵⁹. João Gualberto representava o ideal da nova república, e a instituição fundada por ele seria primordial para ajudar na criação de um sentimento de nação. “(...) O batalhão de caçadores de Coritiba foi inteiramente organizado com elementos civis, (excepção dos instructores) e tudo que elle possui, de tambores a officiaes, representa a somma de muita dedicação, boa vontade e civismo da mocidade paranaense (...)” (DIÁRIO DA TARDE, 1º/09/1909, p.1).

Nesse sentido, pode-se afirmar que a criação da instituição, assim como ocorreu com outras práticas esportivas, teve o intuito de quebrar a hegemonia dos imigrantes, principalmente alemães, que dominavam em suas associações a prática do Tiro. Mas ela visava, sobretudo, transformar toda a multiplicidade étnica existente no Paraná em curitibanos - paranaenses - brasileiros. Esta exaltação cívica pode ser percebida num

⁵⁹ Sêga (2001) lembra que a disputa pela indicação do cargo estava entre João Gualberto e o engenheiro Cândido de Abreu. Com a morte prematura do militar em 1912, por ocasião da Guerra do Contestado, o cargo acabou com Cândido de Abreu.

editorial do “Diário da Tarde”, por ocasião da viagem do “Tiro Rio Branco” ao Rio de Janeiro, para participar da parada militar, com outras associações congêneres do país, nas comemorações de 7 de setembro de 1910:

(...) O Brazil agora tomou esse alvitre e nas sociedades de tiro procura focalizar fortes reservas de defensores aptos e exercitados.
O modo porque o Paraná correspondeo ao appello num sentido, ahi esta no luzido e disciplinado batalhão de caçadores 19.
São apenas 300, mas o numero reduzido não o desmerece (...) A patriota e brilhante mocidade paranaense que as estas horas, rumo da capital da União, sulca os verdes mares, enviamos pelo radiogramma do pensamento, a expressão synthetica de todos os nossos fervorosos anhelos:
- Feliz viagem! (...). (DIÁRIO DA TARDE, 03/09/1910, p.1).

Para confirmar que o “Rio Branco” estava cumprindo seu papel de nacionalização da mocidade curitibana, o “Diário da Tarde” reproduz notas publicadas por jornais cariocas, como “A Imprensa” e “Gazeta da Tarde”:

A Imprensa – No Paraná predominam o typo alourado e os olhos azues, mas todos os paranaenses inclusive os descendentes de allemães, falam o portuguez com a pronuncia acentuada do cabloco do sul. (...) **Gazeta da Tarde** – O Tiro Rio Branco é, das sociedades confederadas que vêm tomar parte na grande revista militar do dia 7 do corrente (...) Esse batalhão pode vantajosamente concorrer com a mais disciplinada força armada do paiz. É realmente modelar. (...) Não é só a segurança dos conhecimentos militares de todos os moços que o constituem. Não. É também, e principalmente, a competição saudavel e robusta de todos elles. É a primeira vez que se constituem no Brazil um batalhão de teuto-brazileiros. Os caçadores do Tiro Rio Branco são a brilhante e vigorosa mocidade paranaense (...). (DIÁRIO DA TARDE, 09/09/1910, p.1).

Contudo, as questões mais interessantes relativas à nacionalização dos indivíduos de origem europeia, ocorreram nas recepções que os jovens tiveram no Itamaraty – para conhecer pessoalmente o patrono da instituição, o Barão do Rio Branco –, bem como na Câmara e no Senado Federal:

A recepção no palacio Itamaraty

(...) Os rapazes cercaram o barão com verdadeira adoração. S. Exc. ofereceu-lhes riquissimo – Pro patria – que se achava em seu salões em Petropolis.

A recepção durou 3 horas.

O barão do Rio Branco, inquiria aos moços e chegando a um rapaz de origem teuta perguntou de sua nacionalidade. Este respondeu:<<sou da nação paranaense, senhor Barão.>>

Todos riram a essa resposta espirituosa (...) (DIÁRIO DA TARDE, 13/09/1910, p.2).

Os caçadores no Senado

Rio, 9 – O batalhão do Tiro Rio Branco enviou comissões à Câmara e ao Senado para agradecer às representações paranaenses em ambas as casas do Congresso, a riquíssima coroa de flores que ofereceram e os desvellos dispensados aos caçadores.

À comissão que foi ao Senado foi composta dos caçadores Julio Leite, José Fonseca e Roberto Glasser.

Essa comissão foi recebida carinhosamente.

O sr. Quintino Bocaiuva, presidente do Senado, saudou o Paraná em vibrante alusão, exaltando o valor da mocidade paranaense.

Respondeu a essa exaltação o caçador Roberto Glasser, que pronunciou um brilhante improviso, causando excelente impressão o ter ele aparência teuta e falar português com sotaque paranaense (...) (DIÁRIO DA TARDE, 09/09/1910, p.2).

A mocidade de origem imigrante (alemães, italianos, poloneses e ucranianos), que nas notícias eram sempre chamados de “alemães” e/ou “teutos”, necessitavam também obter um acesso às benesses de uma educação do corpo, marcada pela rigidez militar nacionalista e republicana. Os rapazes que frequentavam a associação recebiam todo um disciplinado e hierarquizado treinamento militar:

(...) O Presidente da Sociedade estabeleceu como medida de ordem que as formaturas para todos os exercícios se farão as horas certas, com presteza e a última pancada do relógio, sendo os sócios do dia encarregado das chamadas e da completa execução dessa ordem. Os retardatários só poderão entrar com prévia autorização do instructor (...) (DIÁRIO DA TARDE, 13/01/1909, p.1).

Além disso, o treinamento corporal militar traria aos corpos dos jovens curitibanos uma educação da postura, que concederia à mocidade garbo e elegância – comportamentos estes que eram muito valorizados pelo novo olhar urbano que havia se cristalizado em Curitiba. A celebração e coroação da articulação da educação militarista e nacionalista com o novo olhar urbano se davam nos desfiles cívicos que os jovens vinculados à instituição faziam pelas ruas da cidade:

Formou-se hontem às 8 horas da manha uma companhia de caçadores da sociedade de Tiro <<Rio Branco>>, que, como sempre, se apresentou com maxima correção.

A companhia trabalhou na Praça Santos Andrade, fazendo o completo das evoluções da escola de companhia, em ordem unida, de modo a impressionar agradavelmente a todos os assistentes.

Findo o exercicio de evoluções, a companhia fez exercicios de fogo, por descargas a voz do comando, e em seguida marchou pelas ruas centraes da cidade, todos correctos e em bella cadencia (...) A companhia foi commandada pelo 1º Tenente João Gualberto, tendo à frente dos pelotões os 2º Tenentes Andrade e Leonidas. (...) (DIÁRIO DA TARDE, 1º/11/1909, p.1).

A efetivação de uma associação de Tiro em Curitiba, que atrelasse a esfera civil e militar, não era uma ação isolada e sim algo que ocorreu em todo território nacional. Tratava-se de uma iniciativa da Confederação de Tiro Brasileiro, entidade vinculada ao Ministério da Guerra e que tinha como intuito controlar e regular a prática do Tiro no país. A figura central na efetivação dos Tiros de Guerra, em todo território nacional, foi a do Marechal Hermes da Fonseca:

(...) Coube ao Marechal Hermes da Fonseca, então ministro da guerra, encontrar (...) solução para o assumpto. Submeteu-a elle ao saudoso presidente Affonso Penna, que não só o adoptou com enthusiasmo, como também se esforçou para que ella fosse o mais cedo possível uma tranquilizadora realidade.

Desse concerto de vontades bem orientadas nasceu a Confederação do Tiro Federal.

Appareceram as primeiras sociedades de tiro, modestas sem estardalhaços, attraíndo a mocidade para as linhas civis, nas quaes os instructores tirados do seio do exercito realizariam a gigantesca tarefa que lhes cabia (...) Foi no 1º. de junho do anno passado que um intrepido pugillo de moços deu em Coritiba os primeiros passos no sentido de encorporar este Estado ao numero dos que se empenhavam com dedicação na obra iniciada.

Mas trinta dias decorridos, e a Sociedade Rio Branco sorprehendia a cidade com a primeira vigorosa affirmação do patriotismo dos seus associados (...). (DIÁRIO DA TARDE, 15/09/1910, p.1).

Por ser uma iniciativa dos altos escalões nacionais – tanto que o maior responsável pela efetivação das sociedades, o então ministro da guerra, Marechal Hermes da Fonseca, se tornou logo depois presidente da república (1910-1914) –, a “Sociedade de Tiro Rio Branco” atraiu o interesse e atenção de várias personalidades

paranaenses do período. Uma notícia publicada em outubro de 1909 chama a atenção pelo fato de constar os nomes dos futuros prefeito de Curitiba e governador do Paraná, Cândido de Abreu (1913-1916) e Carlos Cavalcanti (1912-1916), respectivamente:

Em sessão de hontem do conselho director da sociedade de Tiro Rio Branco foram propostos e aceitos como socios desta sociedade os srs. Candido Ferreira de Abreu (...) A sociedade recebeu hontem a honrosa visita do sr. major Carlos Cavalcanti, deputado federal, trabalhando nesta ocaissão duas escolas de esgrima e bayoneta. (...) (DIÁRIO DA TARDE, 14/10/1909, p.1).

Entretanto, uma questão curiosa surge no horizonte da instituição. Mesmo com todo o aparato do governo federal e o interesse das autoridades locais, a modalidade de Tiro não figurou nas primeiras atividades da instituição:

Tiro Rio Branco

Accrescido o programa de exercicios a noite, para attender a numerosos pedidos de socios, empregados no commercio a sociedade <<Rio Branco>> teve hontem a extraordinaria concurrencia, estando seus salões repletos até as 10 horas da noite. O Batalhão Infantil fez exercicio das 6 às 7 horas da noite, sob a direção do tenente Andrade (...) Foi adoptado um plano uniforme para esse Batalhão, o qual por simples é portanto de pouco desperdicio e está ao alcance de todos. Esse fardamento, bem semelhante ao dos praças do exercito, vem despertar na creança um justo amor a beleza do soldado Brasileiro (...) Das 7 às 8 horas houve exercicio para a 1º turma de bayoneta do 1º tenente João Gualberto e às mesmas horas esgrima de espada pelo 2º tenente Andrade. Em estas tomaram parte 52 sócios. A 2º turma de bayoneta sob a direção do 2º tenente Enock Lima, trabalhou com 26 sócios, das 8 às 9 horas da noite. A turma de espada trabalhou armada e continuou no estudo dos golpes e paradas, e as turmas de bayoneta trabalhou por saltos. Das 9 às 10 horas da noite houve exercicio de infantaria para 63 sócios, dirigindo esse exercicio o 2º tenente Leonidas Marques dos Santos.

Esses exercicios continuarão às 2ªs, 4ªs e 6ªs as mesmas horas (...) (DIÁRIO DA TARDE, 13/08/1909, p.1).

Apesar de estar no nome da associação, o Tiro ainda não era praticado de forma oficial nas dependências da instituição, visto que requeria um espaço mais sistematizado, organizado e racionalizado, e este deveria estar de acordo com as normas da Confederação de Tiro Brasileira. A denominada Linha de Tiro ainda estava em construção: “(...) Em a próxima semana deverá terminar a construção da Linha de

Tiro da sociedade que será inaugurado no começo do mez de setembro (...)" (DIÁRIO DA TARDE, 28/08/1909, p.1). Com a construção do espaço, a instituição poderia racionalizar mais ainda suas ações:

(...) Caso os trabalhos da Linha de Tiro terminem esta semana, a sua inauguração terá lugar na terça-feira vindoura, 7 de setembro, passando de então por diante haver, sob a direção do 2º tenente Plinio Tourinho, director de Tiro, às terças, quintas e sabbados, à noite, e aos domingos, durante o dia. Durante esses mesmo dias é que serão dadas as aulas de gymnastica, e assim ficará em execução todo o programma de instrucção da sociedade, que não é excedido por nenhuma sociedade de tiro no Brasil. (DIÁRIO DA TARDE, 02/09/1909, p.1).

A data para inauguração do espaço destinado à prática do Tiro foi escolhida a dedo, o 7 de setembro:

(...) A Linha de tiro reduzido da sociedade de Tiro Rio Branco, e que hoje foi inaugurado tem um <<stand>> de madeira com 16 metros quadrados de superficie, em forma de chalet, com 2 postes de tiro, e o seu comprimento é de 30 metros.

A largura da linha é de 4 metros podendo ser collocados 4 alvos, a 15,20,25, e 30 metros. Estes alvos são todos rotativos e circulares concêntricos nº3, conforme modelo do Tiro Nacional. O leito da linha é arenoso e todo plano. Literalmente a linha é fechada por paredes duplas de madeira, de altura crescente, desde 2m20 até 5m.

A linha tem um para-balas a 15m com 6m de altura, fechando ao alto o leito em toda a largura, a um outro para-balas terminal de alvenaria de tijolo, que será revestido.

Os abrigos provisórios dos marcadores serão transformados em pequenos nichos, que offereceram completa segurança.

Toda pintada externa e internamente com as cores nacionaes, tem ao alto do para-balas, expressiva inscripção: <<Aqui aprende-se a defender a patria!>>.

A sua concepção bem como a sua execução são devidos ao presidente da sociedade, 1º tenente João Gualberto (...). (DIÁRIO DA TARDE, 07/09/1909, p.1).

Após a construção da Linha de Tiro, a prática da modalidade foi fomentada na instituição e, como consequência deste aprimoramento e especialização, surgiu uma rivalidade competitiva com a agremiação congênere existente em Ponta Grossa:

A Sociedade Tiro Pontagrossense resolveu incorporar-se à Confederação de Tiro Brasileira. Com esse fim e com toda a urgência possível à sua directoria está organizando os documentos exigidos pelo regulamento da referida

Confederação. (DIÁRIO DA TARDE, 03/07/1909, p.2).

Esta simples notícia mostra o interesse da agremiação de Ponta Grossa em se filiar à Confederação de Tiro Brasileira, mostrando a faceta burocrática que o Esporte ia ganhando no país, pois, para que um clube adentrasse na entidade regulamentadora, era preciso cumprir uma série de requisitos exigidos pela confederação. Entretanto, a seguinte pergunta ganha pertinência: por que um jornal curitibano noticiou a intenção da Sociedade Pontagrossense de Tiro em se filiar à Confederação? Uma provável resposta à esta questão foi encontrada dias depois nas páginas do mesmo jornal:

A sociedade de Tiro de Ponta Grossa foi alistada sob nº 8 na confederação de tiro nacional e será classificada brevemente.
A sociedade de Tiro Rio Branco, desta capital, está esperando somente a planta da linha de tiro, afim de ser classificada em 1ª classe, pois esta com mais de 300 sócios. (DIÁRIO DA TARDE, 09/07/1909, p.2).

A associação da capital Curitiba não poderia ficar para trás de uma instituição do interior do estado, por isso, o jornal acabava por cobrar que o clube atendesse logo às exigências da confederação:

(...) E assim vae, como se vê, em franco progresso a patriotica sociedade de Tiro do Paraná, que em breve rivalizará com as mais bem organizadas da confederação, attestado frisante da dedicação da sua illustre directoria, o qual o Diário felicita com ardor que bem merecem commettimentos tão allevantados. (DIÁRIO DA TARDE, 29/07/1909, p.2).

Realmente, tal pedido foi enviado à confederação: “(...) A Directoria da Confederação já remeteu ao Chefe do Estado Maior do Exercito os papeis d'aqui enviados para o reconhecimento official da sociedade (...)” (DIÁRIO DA TARDE, 13/08/1909, p.1). Após a realização dos procedimentos burocráticos, a imprensa curitibana ficou em estado de ansiedade na espera de uma resposta:

Tiro Rio Branco

A sociedade recebeu hontem officio do dr. Elyσιο de Araujo, Director da Confederação do Tiro Brasileiro, com séde na capital federal, communicando que foram julgados por ordem todos os documentos enviados pela mesma sociedade e que em 9 do corrente o sr. general Bormann chefe do Estado Maior do Exercito, as recebeu para definitivo despacho (...) (DIÁRIO DA TARDE, 14/08/1909, p.1).

A esperada notícia do aceite da instituição chegou poucos dias depois e foi muito alardeada pela imprensa curitibana: “(...) O illustre 2º tenente João Gualberto, presidente do Tiro Rio Branco, recebeu hoje o seguinte telegramma do sr. general Bormann, chefe do estado maior do exercito: <<Sociedade Rio Branco incorporada à Confederação do Tiro Nacional, em 17 do corrente tomando o nº 19. Saudações General Bormann>>.” (DIÁRIO DA TARDE, 21/08/1909, p.1). Tal acontecimento foi procedido de muitas festividades, celebrações e exaltações à instituição, por parte da sociedade curitibana:

(...) Teve a sua festividade simples, porem expressiva, em a sociedade de Tiro Rio Branco, hoje sob nº 19 da Confederação do Tiro federal, a auspiciosa noticia de seu reconhecimento official. Foi de facto uma conquista! Centenas de sociedades de Tiro hoje espalhadas pelo Paiz inteiro disputam há muito a sua confederação, e poucas no entanto tem sido ate hoje reconhecidas, taes as exigencias impostas pelo Governo Federal (...) A sociedade Rio Branco é de hontem, tem 2 mezes apenas de existência e já occupa o numero 19 entre todas as sociedades brasileiras! Nada pode haver de mais promissor e razão tinhamos quando, não há mez, affirmamos que essa agremiação patriotica que a mocidade paranaense vinha de fundar seria dentro em breve uma das mais importantes do Paiz. Prova-o a conquista que ella agora vem de fazer, a qual por certo ainda mais encorajará a digna Directoria que a dirige e aos mais distinctos associados, que dia a dia vão impulsionando-a com verdadeiro amor e louvavel dedicação. Sabbado, ao ser conhecido o telegramma do sr. general Bormann, ao presidente da sociedade, o commandante do 4º Regimento coronel Tristão Araripe, gentilmente mandou a banda de musica do seu regimento a sede da sociedade (...) (DIÁRIO DA TARDE, 23/08/1909, p.1).

A notícia do reconhecimento acabou por mostrar como as práticas esportivas começavam a se burocratizar no país. Uma instituição para poder praticar “legalmente” o Tiro tinha que atender uma série de medidas exigidas pela confederação. Estes

elementos aos poucos vão dando um caráter regrado e competitivo à prática esportiva. Foi nesse contexto que os confrontos com as outras associações, devidamente registradas na Confederação de Tiro Brasileira, começaram a ganhar destaque:

(...) Devendo inaugurar-se a 12 de setembro a linha de Tiro Ponta Grossense, que está sendo reconstruída, a sociedade de Tiro Rio Branco será ali representada por uma companhia de caçadores que marchará para aquela cidade desenvolvendo um thema tactico de ante mão combinando com os atiradores daquela cidade, que por estes dias deverão ser confrontados (...) (DIÁRIO DA TARDE, 16/09/1909, p.1).

A publicação da notícia sobre o confronto entre as duas sociedades de Tiro acabou por gerar uma grande polêmica na imprensa curitibana. Como ambas as instituições disputavam a hegemonia da modalidade no Paraná, a imprensa de Curitiba acabou se utilizando de argumentos que deixavam nas entrelinhas a superioridade da associação de número 19. Incomodado com tal situação, o 1º tenente Hemenergildo Augusto Seixas, da agremiação de Ponta Grossa, encaminha uma carta ao “Diário da Tarde”:

Linha de Tiro Pontagrossense

Ilmo sr. redactor – Li nos jornaes desta capital uma noticia referente a inauguração da Linha de Tiro Pontagrossense a realizar-se no proximo domingo 28 do corrente, noticia essa que muito me surprehender, porquanto esse auspicioso acontecimento já teve logar a 29 de Dezembro de 1907, tendo disso sciencia as altas autoridades militares taes como o exmo. sr. marechal Hermes da Fonseca, então ministro da guerra, e o actual chefe do estado maior do exercito general Marciano Magalhães (...) Julgo portanto sr. redactor tratar-se de outra festividade, e me parece que só poderá ser pelo facto da incorporação da sociedade à confederação do Tiro Federal e alguns melhoramentos em sua Linha de Tiro.

Faço essa pequena observação porque tenho contribuido pela fundação da referida sociedade e subsequente construção da linha de tiro, e tendo esta sido inaugurada como já disse acima, a 29 de Dezembro de 1907, não fique a noticia corrente sem um esclarecimento a bem da verdade. Pela publicação desta, muito grato ficará o vosso constante leitor e admirador 1º tenente Hemenergildo Augusto Seixas. (DIÁRIO DA TARDE, 26/11/1909, p.1).

A carta visava deixar marcado que a agremiação do interior era a pioneira na prática do Tiro no estado. O militar enfatizava que a fundação da instituição a que

estava vinculado foi realizada bem antes da criação da associação curitibana, e salienta com grande ênfase que sua linha de tiro e seu aceite na entidade, que controlava o esporte, também tinham ocorrido antes da agremiação da capital. Tal contenda discursiva ganha grande significação, visto que estes fatos aconteceram a poucos dias da viagem do “Tiro Rio Branco” a cidade de Ponta Grossa para uma competição. O referido evento recebeu grande destaque e cobertura dos jornais curitibanos:

**Excursão militar
a Ponta Grossa
Batalhão dos Caçadores
Por menores**

Partida

Às 19,45 da noite, o batalhão de caçadores do tiro <<Rio Branco>>, tomou em frente ao quartel respectivo e desfilava garboso, pelas ruas 15 de novembro e Liberdade, a essa hora cheia de povo que assistia a passagem entusiástica mocidade (...) Quando o batalhão fez alto, em frente ao edifício, ao flanco esquerdo, a multidão se apinhava na praça Euphrasio Correia.

Sob o commando do 1º tenente João Gualberto, formaram 208 caçadores equipados a meia marcha e municados, inclusive as bandas de música, corneteiros e tambores. (...)

Em Ponta Grossa

A gare do Paraná estava apinhada de povo e foi sob os mais calorosos vivas que chegaram o batalhão de caçadores.

Alem das pessoas mais gradadas de Ponta Grossa e exmas famílias que aguardavam a chegada do comboio estava a directoria do Tiro Pontagrossense (...) À voz de commando, achando-se o tenente João Gualberto, montado no seu animal, que seguira no mesmo trem, a força desfilou, e puxada pela banda de música, pelos tambores e cornetas pelas principais ruas da cidade e foi fazer alto na praça Floriano Peixoto (...) (DIÁRIO DA TARDE, 29/11/1909, p.1-2).

Os resultados desta festividade não foram divulgados pelos jornais curitibanos, mas é possível perceber a grande significação social que as ações das sociedades de tiro tinham, tanto em Curitiba como em Ponta Grossa, pois sempre eram feitos com grande pompa e cercado de inúmeros rituais festivos⁶⁰. Entretanto, estes encontros entre as entidades filiadas à confederação levaram o “Tiro de Guerra 19 Rio Branco” a

⁶⁰ Se nos primeiros passos das sociedades de tiro no Paraná, elas se restringiram aos clubes de Curitiba e Ponta Grossa, no transcorrer da década de 1910 eles se intensificam, tanto no interior do estado – cidades como Lapa, Palmas e Paranaguá passam a ter suas associações de Tiro –, como na capital – onde surgem as agremiações do Ahú, Portão, João Gualberto e Affonso Penna, que eram sociedades que não tinham vínculo institucional com o Rio Branco.

aprimorar seus espaços, além da linha de tiro reduzida da sede social, localizada no centro da capital, a associação constrói uma linha mais moderna no arrabalde do Ahú, e pensa em expandir ainda mais suas instalações:

Tiro Rio Branco

(...) A sociedade vae adquirir para o lado do Portão terrenos para a construção de uma linha de tiro de guerra de 500 metros.

Na linha de tiro da sede social atiravam até hoje 218 sócios, tendo sido dado 278 tiros, esse que a porcentagem media foi de 53 por cento (...) (DIÁRIO DA TARDE, 23/11/1909, p.1).

A notícia publicada no “Diário da Tarde” mostra como se consolidava todo um dispositivo esportivo em Curitiba. Instalações mais modernas e *performances* mais elaboradas começam a ser exigidas, por isso, a matematização, através das estatísticas dos acertos surge como parâmetro dessa prática esportiva. Estas ações começam a ganhar destaque pelas ações propostas pela “Confederação do Tiro Brasileiro”:

Sociedades de Tiro

Por iniciativa da Confederação do Tiro Brasileiro, no dia 15 de novembro, em homenagem à data de proclamação da Republica, será realizada no Rio de Janeiro uma parada qual das sociedades de tiro confederadas mais próximas daquela capital.

Nessa formatura tomarão parte cerca de 1.200 atiradores, que constituirão um regimento de caçadores (...) (DIÁRIO DA TARDE, 18/09/1909, p.1).

O evento realizado na capital federal, ocorreu na data prevista e foi notícia do “Diário da Tarde”:

Tiro Brasileiro

Para commemorar o aniversario da proclamação da Republica, pela Confederação do Tiro Brasileiro realizou-se na capital federal uma parada, na qual tomaram parte as sociedades numeros 2,3,5,6,7,12,15,17,24 e 29, commandadas pelos respectivos instructores e na ordem numerica:

Tiro Brasileiro de S.Paulo – 180 atiradores: 1º tenente Mello Mattos

Tiro Nacional de S.Paulo – 140 atiradores: 2º tenente Gualberto

Tiro Brasileiro do Leme – 60 atiradores: 1º tenente José Augusto do Amaral

Tiro União dos Atiradores – 80 atiradores: 1º tenente Democrito Barbosa
Tiro Brasileiro Federal – 150 atiradores: 2º tenente Ildefonso Escobar
Tiro Brasileiro Petropolitano – 120 atiradores: 2º tenente Ildefonso Escobar
Tiro Brasileiro de Nictheroy – Uma secção com 10, encorpada ao Tiro Brasileiro federal
Tiro Brasileiro Affonso Penna – 60 atiradores: 2º tenente João Marcellino Ferreira da Silva
Tiro Brasileiro de Friburgo – 126 atiradores: 2º tenente Celso Avelino de Moraes Sarmento
Tiro Brasileiro de Campos – 70 atiradores 2º tenente Eduardo Guedes Alcoforado (...) (DIÁRIO DA TARDE, 18/11/1909, p.1).

Como a confederação restringiu este evento, por uma questão orçamentária, às associações próximas da capital federal, a associação curitibana marcou para o mesmo dia uma competição interna:

Tiro Rio Branco

Foi aberta na sede da sociedade de tiro Rio Branco, a inscrição para o grande concurso de tiro a realizar-se a 15 de novembro próximo na linha de Tiro do Ahú (...) A inscrição estará aberta até 31 do corrente mez, devendo os alistados se executarem na Linha do Ahú e na sede social. (DIÁRIO DA TARDE, 16/10/1909, p.1).

É possível notar que passa a ocorrer em Curitiba uma preocupação com o rendimento e com algo próximo ao treinamento esportivo. Os indivíduos que praticavam o Tiro necessitavam se aprimorar, caso quisessem participar de competições devidamente regradas e regulamentadas segundo os parâmetros impostos pela confederação. As competições organizadas pela associação curitibana começavam a ter este formato mais rígido:

Tiro Rio Branco

Foram aprovados pelo ministro da guerra as instruções para o grande concurso de tiro de 15 de novembro, em que tomará parte a sociedade de Tiro Rio Branco, e organizadas pela confederação do Tiro Brasileiro. A distância será de 300 metros gara fuzil Mauser, e o alvo concentrico n. I devendo cada atirador dar 30 tiros em cada uma das posições regulamentares. O vencedor desse campeonato, em o qual concorrerão todas as sociedades de tiro confederadas no Brazil deverá fazer pelo menos 360 pontos. O tiro Rio Branco nessa grande prova terá 30 luctadores, dos quaes a maioria tem nestes ultimos dias obtidos magnificos pontos na Linha do Ahú. (...) (DIÁRIO DA

TARDE, 28/10/1909, p.1).

Pode-se notar que o formato das competições fica cada vez mais regrado e sistematizado, formatando ainda mais o dispositivo esportivo de Curitiba. As práticas esportivas se tornam mais racionalizadas, buscando um caráter de universalidade. A entidade burocrática seria a instituição responsável por fixar e fiscalizar tais parâmetros, e os indivíduos com melhores *performances* estariam aptos a participar de competições maiores:

Inscreveram-se no concurso de tiro mais 6 atiradores que diariamente se exercitam. A Confederação de Tiro Brasileiro só classificará os atiradores que no mínimo fizerem em cada tiro 4 pontos, ou sejam, 360 pontos nas 3 posições regulamentares. Haverá para os 3 primeiros lugares medalhas de ouro, prata e bronze, e aos 5 primeiros atiradores de todas as sociedades do Brasil, o ministério da guerra fornecerá todos os recursos para uma viagem ao Rio, onde se realizará um grande campeonato (...) (DIÁRIO DA TARDE, 30/10/1909, p.1).

Nos dias que antecedem a competição, os jornais curitibanos tratam o fato com grande ênfase, afinal, poucas vezes na cidade uma competição esportiva tinha tido um caráter tão regrado e cercado de cuidados, uma vez que classificam atiradores para representar a associação, a cidade e o estado na capital federal:

(...) Começará depois d'amanha, 15 do corrente, na Linha de Tiro do Ahú, o grande concurso de tiro, de todas as sociedades do Brasil, conforme deliberações da confederação do Tiro Brasileiro – A prova sera dirigida pelo fiscal da sociedade major Olavo Corrêa, presidente da sociedade 1º tenente João Gualberto e director da Linha 2º tenente Plinio – Iniciado naquelle dia, o concurso se prolongará até 31 do corrente, fazendo cada um dos inscriptos pelo menos 360 pontos para poder ser classificado, cada atirador fará 90 disparos, a 300 metros sendo 30 em cada uma das posições regulamentares. Os 5 primeiros vencedores de cada uma das sociedades que concorrerem (entre os que obtiverem mais de 360 pontos) irão a Capital Federal, por conta da confederação, afim de disputarem o grande campeonato do anno. (DIÁRIO DA TARDE, 13/12/1909, p.1).

A competição começa na data marcada, e o “Diário da Tarde” noticia com riqueza de detalhes o racionalizado e regrado encontro esportivo:

**Concurso de Tiro
Na Linha do Ahú**

Conforme publicado foi hoje iniciado na linha de tiro do Ahú, o concurso de tiro entre os socios de tiro Rio Branco, tendo 7 inscriptos feito 6 series nas 3 posições regulamentares, de pé, de joelhos e deitado.

O alvo empregado foi concêntrico n.º.1 e a distância 300 metros.

Presidiu o concurso uma comissão composta do sr. major Olavo Corrêa, representante do sr. General Vespasiano, inspector da 11.ª. região, 1.º. tenente João Gualberto, presidente da sociedade, e 2.º. tenente Plínio Tourinho, director de Tiro.

Apesar do forte sudoeste reinante na Linha de Tiro o resultado de hoje foi o seguinte:

1.º) Zulmiro Pichette: 1.º serie, 25 pontos; 2.º 21; 3.º 27; 4.º 24; 5.º 28; 6.º 22;

2.º) Casemiro Warchaloski: 1.º serie, 21 pontos; 2.º 20; 3.º 27; 4.º 23; 5.º 25; 6.º 22;

3.º) Julio Wasilews: 1.º serie, 23 pontos; 2.º 13; 3.º 25; 4.º 21; 5.º 25; 6.º 24;

4.º) Alfredo Pugliessi: 1.º serie, 19 pontos; 2.º 18; 3.º 25; 4.º 16; 5.º 15; 6.º 25;

5.º) Julio Malinoski: 1.º serie, 13 pontos; 2.º 20; 3.º 20; 4.º 10; 5.º 13; 6.º 19;

6.º) Livio Peterle: 1.º serie, 12 pontos; 2.º 22; 3.º 14; 4.º 17; 5.º 18; 6.º 16;

7.º) Jayme Muricyi: 1.º serie, 14 pontos; 2.º 12; 3.º 10; 4.º 15; 5.º 17; 6.º 12;

(...) (DIÁRIO DA TARDE, 17/12/1909, p.1).

As dificuldades em relação ao estado de conservação das fontes datadas de fins do ano de 1909 impossibilitaram a leitura das notícias que tratavam do restante desta competição. Contudo, no início do ano de 1910, uma notícia acabou por resumir, em nosso entendimento, todo o torneio:

(...) A Directoria da Confederação de Tiro felicitou em telegrapha a sociedade <<Rio Branco>> pelo brilhante resultado do concurso de tiro, em que a mesma sociedade tirou o 2.º. lugar entre todas as sociedades de Tiro do Brazil, que concorreram no campeonato.

Por solicitações da Confederação foi remetido retrato do vencedor paranaense 2.º. sargento Zulmiro Pichetti.

Seguirão, além do vencedor em 1.º. lugar, para o Rio os atiradores Alfredo Puglieli e Casemiro Vaschaloski que conquistaram 2.º. e 3.º. Lugares.

A sociedade de Tiro Rio Branco, realizará ainda este mez um outro concurso de tiro entre os seus socios e para maior estímulo estabeleceu torneios aos Domingos. (DIÁRIO DA TARDE, 03/01/1910, p.1).

A notícia mostra uma faceta mais racionalizada da prática esportiva. Apesar de ter cinco vagas para o torneio na capital federal, somente três atiradores alcançaram a rígida *performance* exigida pela burocracia da Confederação de Tiro. A busca por este

maior rendimento levou a instituição a aprimorar suas ações, consolidando ainda mais um dispositivo esportivo da cidade de Curitiba. Novas competições e ações cada vez mais marcadas por uma racionalização e disciplinarização se tornam as marcas da instituição, tudo isso buscando o aprimoramento técnico de seus membros:

(...) Pelo presidente da sociedade foi reformado o programma de instrução da sociedade e que vigorará durante o primeiro semestre do corrente anno (...)

Domingo: Das 8 às 10 da manha exercicio geral de infantaria, por companhias de batalhão. De 1 às 3 da tarde tiro ao alvo.

Segunda-Feira: Das 8 às 9 da manha, exercicio de esgrima de bayoneta. Das 9 às 10 exercicio de infantaria para a 1^o companhia.

Terça-Feira: Das 6 às 8 da noite exercicios de tiro ao alvo. Das 8 às 10 da noite ensaio da banda de musica.

Quarta-Feira: Das 8 às 9 da noite exercicios de gymnastica. Das 9 às 10 da noite exercicio de infantaria para a 2^o companhia.

Quinta-Feira: Das 6 às 8 da noite tiro ao alvo. Das 8 às 9 ensaio das bandas de cornetas . Das 9 às 10 exercicios de gymnastica de aparelho.

Sexta-Feira: Das 8 às 9 esgrima de espada. Das 8 às 10 ensaio da banda de musica. Das 9 às 10 exercicio para a 3^o companhia.

Sabbado: Das 6 às 8 exercicio de tiro ao alvo. Das 8 às 9 ensaio da banda de cornetas. (...) (DIÁRIO DA TARDE, 24/01/1910, p.1).

Como dito anteriormente, esta nova organização visava uma melhoria e aprimoramento de todas as ações desenvolvidas pela associação. O principal objetivo era a melhoria das *performances* de seus melhores atiradores nas competições, pois eles não poderiam repetir o desempenho considerado fraco nas competições nacionais:

Tiro Brasileiro

Recebemos o nº 13 da revista o Tiro, da Confederação do Tiro Brasileiro.

Nesse periodico vimos o resultado do concurso effectuado ultimamente na capital federal: obteve o primeiro lugar na prova de fuzil <<Mauser>> o sr. Alfredo Eugenio George, do Tiro Brasileiro de Nictheroy, alcançando 475 pontos; o sr. Zulmiro Pichet, da sociedade Rio Branco, foi classificado em vigessimio logar, com 407 pontos. (...) (DIÁRIO DA TARDE, 16/02/1910, p.1).

O emergente estado do Paraná e a progressista cidade de Curitiba não poderiam ter desempenhos tão pífios em competições nacionais, ainda mais que, neste período, estava sendo gestada toda a noção de nacionalismo no país, e o paranismo surgia como um movimento cultural no contexto paranaense e, principalmente, curitibano.

Sendo assim, pelo bem do estado e da cidade de Curitiba, o “Tiro de Guerra 19 Rio Branco” necessitava, ou melhor, precisava ter um desempenho melhor nestas aparições nacionais.

Poucos meses depois, a oportunidade de nova aparição nacional é dada à “Sociedade Rio Branco”. Surge o convite para participar das festividades de 7 de setembro na capital federal⁶¹:

(...) a Sociedade de Tiro Rio Branco foi convidada para tomar parte na grande parada a realizar-se na capital federal a 7 Setembro próximo (...) Para este fim a sua digna directoria está empregando todos os esforços afim de que a sociedade do Paraná, que ali já gosa de justo renome, se faça representar do modo mais brilhante possível. Tendo a Sociedade Rio Branco de formar ao lado das demais sociedades do Brazil a directoria vae fazer um appelo a todos os seus associados acrescendo nestes 2 mezes o programma de instrucção. (...). (DIÁRIO DA TARDE, 1º./07/1910, p.1).

A instituição inicia, assim, um amplo processo de preparação para este evento na capital federal. A agremiação não poderia “decepcionar” os paranaenses nesta nobre missão a acontecer na cidade do Rio de Janeiro: “(...) Quinta feira as 9 horas da noite haverá exercicio geral para todos os caçadores que tem que tomar parte na grande parada de 7 de Setembro na Capital Federal (...)” (DIÁRIO DA TARDE, 11/07/1910, p.1); “(...) As 9 horas houve exercicio geral para os allistados para a viagem ao Rio, exercicio que se prolongou até as 10 horas da noite, nelle tomando parte 143 caçadores (...)” (DIÁRIO DA TARDE, 15/07/1910, p.1); “(...) O batalhão (...) tem trabalhado todas as noites em todas as escolas de instrucção terminando sempre por longas marchas de treinamento (...) O exercicio de hontem, terminou às 11 e meia da noite.” (DIÁRIO DA TARDE, 13/08/1910, p.2).

Aos poucos, esta viagem vai causando um enorme *frenesi* na população de Curitiba. Apoio financeiro e várias festividades começam a ocorrer na cidade em torno

⁶¹ Devido à profusão de fontes sobre a participação da sociedade nas comemorações de 7 de setembro de 1910, bem como na nova participação no ano de 1917, resolveu-se, na presente tese, não desenvolver uma análise pormenorizada sobre a ida da agremiação curitibana a estes eventos na cidade do Rio de Janeiro. Acredita-se que tal questão merece um estudo mais profundo a ser feito posteriormente.

dos caçadores filiados a associação:

(...) O commercio de Coritiba, cioso do brilho de seus queridos atiradores, abriu uma subscrição para prover, como provém, de todo o necessario à companhia do Tiro Rio Branco, ao partir para esta capital. Essa subinscrição elevou-se a vinte conto de reis. (DIÁRIO DA TARDE, 09/09/1910, p.1).

Batalhão de Caçadores
A Revista de hontem – Na Praça da Republica

A luz de um bellissimo domingo, os caçadores pela primeira vez formaram equipados a meia marcha.

Foi um espectáculo brilhante e que encheu de jubilo a immensa multidão que accoreu à praça da Republica. (...) O batalhão exhibiu-se com excellente garbo e raro luzimento, mostrando-se a valente mocidade bem exercitada, e cheia de entusiasmo. (...) a verdade é que os caçadores constituem um corpo disciplinado, vistoso e forte.

Não se deve deixar sem nota o interesse que toda Coritiba tem pelo batalhão de Caçadores, composto por moços conhecidos de nossa sociedade. (DIÁRIO DA TARDE, 29/08/1910, p.1).

A partida do “Tiro de Guerra 19 Rio Branco” rumo ao Rio de Janeiro também foi cercada de enorme *frisson* por parte da imprensa e da população: “(...) Às 11 horas da manha embarcando todo o batalhão, o trem partiu entre aclamações da enorme multidão que se apinhava e se estendia ao longo da estrada até o Cajuru. (...)”. (DIÁRIO DA TARDE, 05/09/1910, p.1). Desta vez, a participação da Sociedade Rio Branco na cidade do Rio de Janeiro foi de brilho, a instituição venceu o concurso militar, causando emoção entre os paranaenses que lá estavam: “(...) O jury constituído pela Imprensa para julgar o concurso das sociedades de tiro, foi unanime em dar o primeiro logar ao Tiro Rio Branco. (...) Famílias paranaenses, o sr. David Carneiro, senador Generoso Marques e outros choraram de emmoção. (...)”. (DIÁRIO DA TARDE, 08/09/1910, p.1).

Nas competições de Tiro, a sorte não foi a mesma. Os três atiradores curitibanos, os mesmos que participaram da competição nacional em fevereiro de 1910, Pichetti, Puglieli e Waschalowski, não figuraram entre os três primeiros colocados. Embora Zulmiro Pichetti tenha melhorado muito seu desempenho em relação ao último certame, a lisura desta competição foi questionada pela associação de Tiro de Porto Alegre:

Campeonato de Tiro

Rio, 9 – No concurso dos campeões do tiro de guerra, o tenente Pichetti, do Tiro Rio Branco, tirou o 4º lugar, batendo todas as sociedades menos a do Tiro Federal, que é proprietária da linha cujo campeão tirou primeiro lugar.

O Tiro Porto Alegre, que tirou segundo e terceiro lugares vai protestar, allegando desigualdade de condições dos atiradores do Tiro Federal com relação aos dos Estados.

O Tiro Rio Branco não reclamará mas reconhece que os seus atiradores foram prejudicados pela fadiga e pelo desconhecimento da linha (...). (DIÁRIO DA TARDE, 09/09/1910, p.2).

Esta notícia mostra toda a faceta universal e burocrática que as práticas esportivas haviam tomado. Os perdedores alegavam desigualdades de condições, e a associação do Rio Grande do Sul, inclusive ameaçou entrar com recursos para contestar o resultado que favorecia os competidores cariocas. Os paranaenses, mesmo visivelmente contrariados com o resultado da competição, resolveram não interpelar contra o certame. Acredita-se que, como haviam ganho o concurso de melhor corporação do país, o melhor seria voltar a Curitiba sob os louros da “apoteótica” vitória na capital da República. No retorno à capital paranaense, os caçadores foram recebidos pela população curitibana com enorme carinho e entusiasmo. Esta saiu às ruas explodindo de orgulho e contentamento, deixando na memória de Curitiba uma certa devoção a instituição, que perdurou por muitos anos, conforme mostra o seguinte poema feito em homenagem a esta mocidade:

Ao glorioso Batalhão de Caçadores do Tiro Rio Branco

Caçadores, vos sois arautos da victoria!

Onde acaso chegaes um hymno ahi esta.

- Mal pizastes no Rio, enflorou-se de gloria.

De palmas e orações o nosso Paraná!

Junto, pois, arda o povo em febre laudatoria.

E que ora a multidão ao vosso encontro vá.

- Os moços que voltaes de uma campanha florea.

Trazendo aphotéosado o nome – Paraná!

Deixae que vossa Terra, os braços maternaes.

Tremulas de emoção, alvoçoradamente.

Vos alva e vos aperte até não pdoer mais!

Mocidade triumphal, sois tudo para nós;
Confiança no porvir, victorias no presente.
Victorias que vós dão a grandeza de leros!
(DIÁRIO DA TARDE, 15/09/1910, p.1).

Sob estas circunstâncias, ocorreram os primeiros passos da burocratização esportiva em Curitiba. Mesmo que atrelada à temática militar, que envolvia outros importantes aspectos para a sociedade do período, o “Tiro de Guerra 19 Rio Branco” ajuda a consolidar o discurso da cultura física na cidade e na consolidação do dispositivo esportivo da cidade de Curitiba, que teria sua total efetivação com o crescimento do futebol na cidade. Afinal, embora muito diferentes, as competições de tiro e de futebol acabavam por arregimentar os mesmos praticantes, ou seja, a mocidade das elites locais, como mostra a seguinte notícia publicada em 1917: “(...) A Associação Sportiva Paranaense recenterá amanhã a disputa do campeonato de 1917, suspenso durante a ausencia do victorioso Tiro Rio Branco, do qual fazem parte diversos players (...). (DIÁRIO DA TARDE, 22/09/1917, p.1).

Como visto na notícia, os jovens que frequentavam a Sociedade Rio Branco, e já jogavam o futebol organizado em torno de uma entidade regulamentadora, eram praticamente os mesmos. Entretanto, as práticas do Tiro e do Futebol tiveram caminhos diferentes em Curitiba, e foi o esporte bretão que consolidou, mesmo que por um tortuoso caminho, o dispositivo esportivo da capital paranaense.

5.3) Primeiro tempo: as entidades burocráticas no futebol curitibano

Deve proibir-se o “foot-ball”? (QUESTÕES MEDICO SOCIAES)

Entendo que sim, por brutal e perigoso. Não é que eu seja contra os exercicios physicos e as praticas de gymnastica. Bem pelo contrario.

Houve tempo em que ser esgalgado, amarelento e descadeirado, e ter mesmo um aspecto doentio, representava a suprema elegancia e distincão; hoje já não se pensa assim, e bom ter musculos, vigor e agilidade, parece mais prestante gentileza e extrerosa galhardia (...) Todavia, ha praticas gymnasticas que a higiene condemna, como as ha que esta sciencia deve applaudir e animar (...) E, então, no chamado desporto moderno em que os jogos são tão variados e os

ha para todos os paladares, preciso se torna, como rapidamente vamos ver, moderar certos entusiasmos que chegam a tocar as raias da deliração e cuja pratica fôr excessiva ou se não for bem guiada, pode occasionar perigos e até mesmo desastres.

Andar a pé, moderadamente, e sem chegar ao canção, já se sabe, é exercicio que a todos é preciso, e que não tem, se pode dizer, contra indicações algumas. Assim não é, porém, si se marchar carregado e por largo tempo, ou se a marcha se transformar por habito em continuadas estafas. Neste caso, como a actividade muscular se apressa e se esforça, resulta um desequilibrio de vigor e de alento que prejudica os cardiacos, os debeis, os obesos e os asthmaticos.

Remar é um exercicio muito higienico, porque desenvolve os musculos e a capacidade do peito e tem todas as vantagens da marcha, sem ter um so inconveniente. É o desporto preferido em Inglaterra e não lhe encontra um unico contra-indicação (...) A esgrima dá energia, desemparaço e hardidez, não ha duvida, mas é um trabalho muito violento e de menos praticidade e alcance para todas as classes. (...) A bycicletta nos ultimos tempos, pareceu ser o exercicio de maior numero de admiradores e entusiastas. Agora está perdendo um pouco do terreno. Certo é que o seu emprego muito continuado prejudica grandemente os cardiacos e os porticos; que é um genero de exercicio que expõe aos resfriamentos e bronchites; e que os principiantes apanham tombos e quedas a toda a hora. Junte-se a isso que a posição do cyclista é informe, feia, e que a sua invenção se não pode considerar um trophéu para a hygiene. Desenvolvem as pernas e comprimir os órgãos do peito e do ventre nunca poderá ser o ideal dos exercicios que a hygiene recommenda e gaba (...) mas o foot-ball é o manejo de primeira ordem para magoar e estropiar os seus adpetos. E, a hygiene, creio, que nada lhe deve.

Aquillo não é gymnastica que se recommende, é simplesmente uma fabrica de traumatismos e lesões das partes molles e do systema osseo e muscular. (...) O joelho, o peroneo e os malléolos são os que mais vezes, como se costuma dizer, pagam as favas.

Verdade que tudo isto se cura, mas pode o restabelecimento levar mezes e até annos, e quem soffre estas lesões, alem do episodio de dores vivas que lhe reapparecem quando faz esforços, fica logo perdido para o athletismo. (...) Como em Lisboa, se desenvolve agora muito o gosto pelo foot-ball, havendo a Liga Portugueza, o grupo da Pampulla e outras mais associações que exercitam as suas numerosas equipes, talvez haja vantagem, afim de defender o titulo deste artigo, em lhes lembrem as seguintes phrases do relatório de um entusiasta do foot-ball:

<<Com um bom arbitro e bom jogadores, quasi não haverá accidentes, salvo alguma clavícula desmanhada, algum joelho ou articulação do pé momentaneamente pisadas ou destruídas por um mecanismos inseparavel da essencia mesmo deste aprazivel passa-tempo.>>>

Tentador não é verdade?

Dr. Guilherme Ennes. (DIÁRIO DA TARDE, 22/11/1909, p.1).

A matéria publicada no “Diário da Tarde”, assinada pelo sanitaria português Dr. Guilherme Ennes, acaba por mostrar que a noção de cultura física, apesar de consolidada, ainda encontrava uma série de resistências e restrições. Na noticia aqui

recortada, o médico fez um resumo das mais diversas práticas ginásticas e esportivas, apontando as vantagens e desvantagens de cada uma. Sua argumentação pretendia, claramente, conter o crescimento do futebol – esporte que considerava nocivo e maléfico, e que em seu país, Portugal, assim como no Brasil, encontrava-se em fase de contínuo desenvolvimento, com a criação de suas primeiras entidades burocráticas.

Mas por que a reprodução desta matéria num jornal de Curitiba datado de novembro de 1909? Como aponta Moletta Júnior (2009), foi justamente no final deste ano que se iniciou “oficialmente” a prática do futebol na cidade, com a fundação do Curitiba Football Club. Linhales (2009), ao estudar o contexto nacional, salienta que, por ser um jogo de contato corporal, era considerado violento e, por isso, existia certa dose de desconfiança por parte de um segmento da intelectualidade brasileira. Estes fatores também se reproduziram em Curitiba e se evidenciaram nos escritos de um cronista com o pseudônimo de “Gil”:

Artiguetes

O foot-ball

Para usar de franqueza, eu nunca arrisquei as cannellas no foot-ball, mesmo porque as estimo muito e acho as muletas desagradável meio de transporte... E si até o presente não me atrai a tomar parte no brutal desenvolvimento, d'aqui para o futuro nem a páo o farei. Nestes ultimos tempos só tenho lido noticias de desastres e mais desastres. Li tambem, com atenção, o artigo scientifico a respeito publicado pelo Diario, há dias. E tudo me convence de que o foot-ball, que já penetrou nesta capital onde conta vigorosos e entusiastas apreciadores, é um jogo perigoso, em cujo exercicio até a vida está por um fio. Em Nova York, só neste anno, causou 26 mortes, 60 feridos graves e 300 contusões leves, conforme estatisticas que tenho sob os olhos e que de todo me desilludiu das virtudes e vantagens do foot-ball. (DIÁRIO DA TARDE, 27/11/1909, p.1).

O artigo referido pelo cronista é o mesmo reproduzido acima, escrito pelo Dr. Guilherme Ennes, e apresenta estatísticas que, de certa forma, podem ser consideradas engraçadas, pois mencionavam várias mortes e acidentes sérios envolvendo a prática do futebol. Independente da validade destas estatísticas, a intenção destas notícias era tentar conter o avanço do futebol na capital dos paranaenses, já que o jogo aos poucos ia caindo no gosto da população curitibana.

Moletta Júnior (2009) afirma que a partir de 1909 foram criados diversos clubes de futebol na cidade. Os seus praticantes vinham dos mais diferentes segmentos e grupamentos sociais e, com isso, as elites praticantes do *football* precisavam de novos mecanismos de exclusão e separação dos corpos, pois estes indivíduos considerados incivilizados deixariam o jogo violento, principalmente pelo fato de não terem uma refinada educação corporal. Foi nesse contexto que surgiram as primeiras entidades regulamentadoras, que tinham como intenção implementar o mesmo mecanismo adotado pela elite clubística do Rio de Janeiro e São Paulo. Pereira (2000, p.63), ao estudar o contexto da cidade do Rio de Janeiro, salienta que:

O fato de que [os clubes] preservassem o perfil social refinado não lhes garantia, porém, o monopólio da prática do futebol. Se queriam preservar a marca fidalga que construíam para o esporte, seria preciso mais do que manter o nível de seus associados: era necessário tomar para si a primazia da prática do jogo na cidade, definindo suas regras e os grupos que poderiam praticá-lo.

Na cidade do Rio de Janeiro, o problema foi resolvido com a criação, em 1905, de uma entidade que tivesse o controle burocrático do esporte:

Nascia assim a Liga Metropolitana de Foot-ball, em cuja diretoria se faziam representar membros de cada um dos clubes que a formavam. (...) Organizando a prática esportiva dos clubes futebolísticos da cidade, a nova liga tentava assumir um papel de liderança sobre os rumos do esporte inglês no Rio de Janeiro, tomando para si a tarefa de zelar pela imagem refinado do jogo (PEREIRA, 2000, p. 23).

Capraro (2004) indica que em outras localidades, como São Paulo e Porto Alegre, os fatos também se sucederam de forma bastante semelhante ao ocorrido na capital federal. Nesse sentido, o autor salienta que este seria o caminho mais “natural” a ser tomado pelos praticantes do futebol em Curitiba. Assim, em novembro de 1913, são dados os primeiros passos para a burocratização do esporte em Curitiba, com a tentativa de fundação da sua primeira liga. A entidade seria um marco da burocratização esportiva e teria a função de selecionar os indivíduos e grupos que realmente deveriam

e poderiam estar ligados à prática do futebol. O surgimento dessa liga seria mais um importante passo na sofisticação do dispositivo esportivo de Curitiba, pois caberia à entidade dar os rumos da modalidade esportiva na capital paranaense. Capraro (2004) salienta que a liga também tinha sua dimensão segregacionista, visto que era uma forma de excluir os corpos que consideravam inadequados para desfrutarem deste dispositivo esportivo. Moletta Júnior (2009) afirma que, apesar da fundação de vários clubes de futebol na capital paranaense na década de 1910, as principais ações permaneciam centradas nos três clubes mais tradicionais: o Internacional, o Paraná e o Coritiba⁶².

A necessidade da criação de uma liga que regulamentasse os campeonatos, e atendesse aos interesses dos três principais clubes, tinha certo caráter de urgência. Estas agremiações sabiam que a prática do futebol não poderia ficar restrita a eles, mas também não podia ter a presença de clubes das mais diferentes classes sociais, principalmente os ligados aos operários e/ou aos imigrantes pobres, pois acabariam “manchando” a característica nobre e civilizada que a modalidade esportiva gozava no período em questão.

(...) A propósito julgamos oportuno levantar a questão da formação da liga que, agora, prestaria relevantes serviços, tornando até mais viável a realização do sensacional match.

Os srs. sportmen que encarem o problema apenas sobre o ponto de vista social e que tratem de se congregarem afim de dar maior incremento ao sportismo em nosso Estado.

Existem várias sociedades desagregadas e que mais fortes e estáveis se tornariam amparadas pela outra (...) (DIÁRIO DA TARDE, 11/10/1913, p. 3).

⁶² O Paraná *Sport Club* era ligado aos funcionários do *London Bank* e a ferroviários ingleses que trabalhavam na empreiteira (*American Brazilian Engineering Co*) responsável pela construção de ferrovias no Paraná. Já os outros dois principais times, o Internacional e o Coritiba, conforme salientado no capítulo três, surgiram de um outro jogo de configurações. O Internacional, fundado por membros de classes sociais elevadas, como as famílias Maeder, Guimarães e Leão, foi criado para confrontar a hegemonia que os imigrantes alemães estavam tendo na prática do esporte bretão. O Internacional se tornou o maior adversário do time de origem germânica. Os jogos entre eles ganharam uma frequência maior do que os realizados com as outras equipes. Foi em torno destas três equipes que começou a ser pensada uma entidade regulamentadora de características burocráticas para o futebol paranaense. (CAPRARO, 2004; MOLETTA JÚNIOR, 2009).

Antes da intenção de formação da liga, entre os anos de 1909 e 1913, os jogos de futebol, principalmente pela questão do “isolamento mútuo”, eram restritos aos *matches* entre os sócios de um mesmo clube. As partidas entre equipes de agremiações diferentes só começaram a se acentuar a partir dos anos de 1912-13. Foi nesse contexto de maior intercâmbio clubístico que uma entidade regulamentadora como uma liga se mostrou necessária, pois até então a prática futebolística era confusa e desregulada. Capraro (2004) salienta que nas partidas de futebol disputadas em Curitiba, até então, não havia um tempo preciso, as equipes decidiam previamente qual seria a duração da partida e muitas vezes até o número de jogadores não era o “oficial”. Um dos principais motivos apresentados pelo autor para este desregramento era o desconhecimento das regras, visto que os livros com o ordenamento legal do esporte estavam em inglês, e por este motivo bem poucos indivíduos dominavam adequadamente as regras do esporte. Capraro (2004) ainda salienta que, na maioria dos jogos, os árbitros eram designados na hora da partida, escolhidos entre os dirigentes e/ou entre os próprios jogadores das equipes disputantes. Dessa forma, era óbvio que diversas falhas quanto à arbitragem ocorressem constantemente, muitas vezes por total ignorância do apitador, já em outras por pura parcialidade:

O match estava animadíssimo mais perdeu muito em interesse por causa da parcialidade do referee a favor do Internacional (...). O pedido do capitain do Paraná de poder por um reserva, como é conforme e uso em matches amigáveis foi negado pelo capitain do Internacional, tendo isto uma enorme influência sobre o jogo. Continuando assim mesmo a victoria foi inclinando ora por Paraná ora por Internacional somente interrompido pelo referee que todavia mostrou uma absoluta falta de conhecimento das regras e uma parcialidade pouco comum (DIÁRIO DA TARDE, 13/10/1913, p. 2).

Para acabar de vez com a incúria e a improvisação no futebol paranaense – muito influenciado pelas ideias vindas de São Paulo e Rio de Janeiro, que fundaram suas ligas respectivamente em 1901 e 1905 –, os jovens dirigentes dos clubes curitibanos resolvem montar sua própria entidade regulamentadora, conforme noticiado

com entusiasmo pela imprensa:

Liga Paranaense de foot-ball

Conforme convite do “Internacional foot ball club”, reuniram-se, hontem, ás 8 horas da noite, numa das salas do edificio da Associação dos Empregados no Commercio, as representantes dos diversos clubes de “foot ball” desta capital e de Paranaguá.

A sessão foi presidida pelo sr. João Seiler e secretariada pelo sr. dr. Mario Carneiro.

Os clubes foram assim representados:

Internacional – srs. João Laborgue, Jorge Leitner e Edgar Torres; Paraná – dr. Mario Carneiro e Lincoln Neves; Coritiba – João Seiler, F. Essenfelder e Fraub; “América” F. Neugast e Romeu Santos; Brasil de Paranaguá – J. A. Guimarães; Sul América – Alberto Manfredini, Clovis Guelbeck Lycio Laynes; Ivahy – Paschoal Bleggi, e Paranaguá – Arcésio Guimarães. Os clubs de Ponta Grossa deixaram de se representar.

O sr. João Seiler, usando da palavra, produziu um bello improviso, fazendo votos para que a reunião de hontem, seja o primeiro passo para a tão almejada fundação da liga, que fará desaparecer as desavenças e discordias registradas ultimamente, visando o seu fim, não só, organizar campeonatos, mas também encontrar a harmonia entre os clubs colligados, que estarão sob a sua imediata fiscalização, procurando por todos os meios, a sua propria prosperidade e a do jogo de “foot ball”.

Ficou deliberado que a sessão de hontem fosse preparativa, e que em assembléa geral ficará definitivamente fundada a liga, á referida assembléa, serão apresentados os estatutos e os demais que se julgar necessário á boa interpretação e fins da liga.

Para a confecção dos estatutos, ficou constituída a seguinte comissão: srs J. Laborgue e Jorge Leitner, do “Internacional”; João Seiler e F. Essenfelder, do “Coritiba”; Ruffelser e Lincoln Neves, do “Paraná” e Paschoal Bleggi, do “Ivahy”. Assim, está em vias de organização a liga tão necessária á boa marcha e compreensão do “foot ball” em nosso Estado.

Resta, que os distinctos “sportmen” que compareceram á reunião de hontem, tomem na devida consideração a formação da liga applicando nesse sentido os seus melhores esforços (DIÁRIO DA TARDE, 22/11/1913, p. 3).

Como referenciado, era necessária a criação de uma instituição específica para regulamentar o esporte e, com isso, poder intermediar os conflitos existentes entre os principais clubes. Esta ação acabaria por dar características mais universais ao futebol da cidade de Curitiba:

A Directoria do Internacional Foot Ball Club enviou a todas as sociedades de foot ball do Estado a seguinte circular (...) achamos de todo opportuna a criação de uma liga que congregue as diferentes associações desse sport, submetendo-as ás regulamentações adoptadas nos grandes centros nacionaes

e estrangeiros, para a sua perfeita compreensão e execução (DIÁRIO DA TARDE, 21/11/1913, p. 3).

A criação da liga se fazia necessária, visto que a prática do esporte em Curitiba gerava muitas confusões, brigas e discussões, e o principal motivo era a falta de um regramento regido por uma instituição burocrática. Era fato corriqueiro encontrar nas páginas do “Diário da Tarde” notas mostrando a instabilidade e fragilidade no regramento do futebol na cidade:

(...) transmitimos aos amáveis sportsmen as asserções do “center-half” do Coritiba Foot-ball Club, sr. Guilherme Muller Junior.

- Julga valido o penalty do qual resultou um goal a favor do Internacional?
 - Legitimo: desde que a pelota bateu no ante-braço do back paranaguense é inevitável o “hands”.
 - E o 2º goal vasado pelo Pandu?
 - Incontestavelmente, foi um bom goal feito com applaudido passe de Júlio.
 - Sobre o 3º goal?
 - Opino pela validade do mesmo, porque, embora Pandu estivesse “off side” o referee deixou de dar o signal, continuando assim a bola em jogo.
 - Effectivamente o sr. foi convidado para servir como referee do match?
 - Nem ao menos consultado. Sim, porque caso fosse convidado acceitaria a incumbência com o maximo prazer.
 - O sr. testemunhou a maneira com que se houve o juiz de linha a respeito do 3º goal?
 - Perfeitamente. Sou testemunha de que o juiz de goal Nelson trancou a bola do kepper Pedrinho.
- Ahi fizemos ponto final, lançando uma pá de cal (sem ser verso) sobre o desditoso cadaver do off-side que sucumbiu de “traumatismo moral”, por desespero de causa, no campo de combate “foot-ballístico” do Internacional.
Amen (DIÁRIO DA TARDE, 24/07/1914, p.4).

Contudo, a criação da instituição foi somente efetivada em fevereiro de 1915, surgindo a “Liga Sportiva Paranaense”, primeiro órgão regulamentador do futebol em Curitiba. Segundo apontam Capraro (2004) e Moletta Júnior (2009), tal entidade demorou a se instalar, visto que havia dois grupos distintos lutando pelo controle do futebol curitibano. Um primeiro que era formado em torno do poderoso e tradicionalista “Internacional” e outro que era capitaneado pelos clubes imigrantes do “Coritiba” e “Paraná”. Ambos os autores salientam que a criação da Liga, além de dar mais clareza à prática esportiva, com o estabelecimento de regras claras e precisas, também tinha a

intenção de enfatizar a “distinção” social. A entidade, através da sua burocracia, asseguraria que a prática do Esporte fosse controlada pela elite, não permitindo, por seus regimentos, normas e estatutos, a intromissão de corpos considerados indesejados. Tais ações eram o meio de manter cada clube no seu “devido” lugar, e tudo de acordo com as suas origens e condições sociais.

Assim, o número de afiliados, quando da fundação da Liga Sportiva Paranaense, foi muito maior do que o número de clubes que compareceram a 1ª reunião, em novembro de 1913. Dessa forma, os clubes foram divididos em 3 divisões compostas pelos seguintes clubes: 1ª Divisão – Internacional, América, Curityba [Coritiba], Paraná, Rio Branco e Paranaguá; 2ª Divisão – Spartano, Reco-Reco, Guarany, Operário de Ponta Grossa, Bella Vista e Savóia; 3ª Divisão [chamada na época de 2ª Divisão B] – Operário Curitybano, Brasil, Antoninense, Marumby, Torino e Britannia; os campeões do campeonato de 1915 foram, respectivamente, Internacional, Savóia e Britannia. (CAPRARO, 2004, p.91-92).

A Liga curitibana era claramente elitista e segregacionista. Uma das primeiras normas colocadas em seus regimentos, que inclusive foi aprovada por unanimidade de votos, foi a de que nenhum atleta negro poderia ser considerado amador⁶³. Capraro (2004) lembra um detalhe importante: o de que não eram permitidos atletas profissionais na Liga, fator que deixava marcado nas entrelinhas o lugar a ser ocupado por negros, pobres e trabalhadores “proibidos”, assim, da prática do futebol. Para efetivar mais uma vez o “isolamento mútuo”, as elites curitibanas, através da Liga acabaram por criar métodos específicos para “selecionar” seus membros:

A thesouraria da Liga Sportiva Paranaense comunica a todos os clubs filiados que está procedendo á cobrança das joias dos mesmos tendo para este fim pessoa encarregada que se encontrará todos os dias uteis, até o dia 15 deste mez na sua séde, das 7 e meia as 8 e meia horas da noite.
Chama-se a especial atenção para os clubs filiados ser obrigatórios este pagamento afim dos mesmos poderem matricular seus jogadores. (DIÁRIO DA TARDE, 13/03/1915, p. 4).

⁶³ Sobre a presença de negros, mulatos e mestiços no futebol brasileiro, existe uma profusão de trabalhos. Ver, entre outros, Soares (1998), denominada “Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da historia oficial”.

Desta forma, encerra-se o “primeiro tempo” do jogo, mostrando as redes de poder que configuraram a formação da primeira entidade burocrática do futebol de Curitiba, contudo, as partes mais interessantes da partida só foram acontecer no seu “segundo tempo”.

5.4) Segundo tempo: as disputas e conflitos para o controle da burocracia do futebol curitibano

Foi em torno de três clubes – o Coritiba, o Internacional e o Paraná –, que se pensou em estruturar uma Liga de futebol, pois a criação do Paraná *Sport Club* e principalmente do Internacional Futebol Clube, contribuiu significativamente na criação de um maior número de jogos em Curitiba. Nesse sentido, as partidas entre os três clubes começavam a acontecer com uma frequência cada vez maior na capital paranaense:

MACTCH DE FOOT-BALL

Perante uma regular concorrência, alinharam-se ante-ontem, no ground do Jockey Club, os bizzaros segundos teams do Paraná Sport Club, e do Coritiba Foot Ball Club. Que iam-se bater, em amistosa luta. As 3 horas da tarde, depois de formalidades do costume, foi tirada a sorte entre os captains para a escolha do lado, cabendo a escolher o captain do Coritiba, que optou pelo do vento. Dado o signal de kick-off pelo refere sr. Friedrich, que, digamos de passagem não está muito ao par das regras que regem o bello sport bretão, coube a saída ao center-forward e captain do Paraná Coackley. (DIÁRIO DA TARDE, 27/08/1912, p.3).

A institucionalização destes clubes fez com que a prática do futebol se intensificasse, surgindo com isso uma série de outras agremiações⁶⁴:

Foot-Ball – Teve logar no ground do Prado, hontem, o encontro entre os teans do Banco Francez e Italiano e o British Foot Ball Club, conseguindo marcar estes 4 goals contra 1. Apesar de muito pouco trenados, o match, foi muito bem disputado, tendo o sr. L. Paiva marcado com um penalty o goal do team do

⁶⁴ Capraro (2004) indica que também surgiram em Curitiba, neste período, o Sport Club Foot Ball Militar, organizado pelos batalhões de infantaria da cidade; o América, que surge de uma dissidência do tradicional Internacional; o Ivahy Foot Ball Club; o Reco-Reco; o Bella Vista; o Savoya; o Spartano; e o Imprensa Foot Ball Club.

Banco Francez e os Srs. Wild e Broughton dois goals cada para o team, do British Foot Ball Club (DIÁRIO DA TARDE, 06/05/1912, p.4).

Apesar de mostrar que existiam outros clubes que praticavam o futebol, a imprensa apontava que os mesmos não tinham condição de praticar o esporte, pois não dominavam seus fundamentos básicos. Sendo assim, mesmo com um maior número de equipes, o futebol em Curitiba continuava a centrar-se em torno das três principais agremiações. Moletta Júnior (2009) afirma que esta questão pode ser explicada, primeiramente, pelo maior nível organizacional que estes possuíam e, em segundo lugar, pelo nível social dos indivíduos que frequentavam estes clubes. Contudo, apesar da hegemonia das três agremiações, o crescimento no número de equipes, possibilitou também um aumento considerável no número de jogos. Fato que levou a tornar-se cada vez mais necessária a criação de uma entidade que regulamentasse e organizasse o futebol local.

Segundo Capraro (2004), o processo de criação da Liga não foi um consenso, inclusive, foi um processo muito conflituoso. Os problemas entre os clubes eram muitos e diversos, por exemplo, Internacional e Curitiba dificilmente se entendiam:

A directoria do Internacional Foot Ball Club foi enviado pela directoria do Curitiba Foot Ball Club o seguinte officio:

“Ilmo. sr. presidente e mais membros do “Internacional Foot Ball Club”, Curitiba. Levamos ao conhecimento de v. s. que, em sessão de assembléa geral extraordinária hontem realizada, para syndicancia dos factos lamentáveis, no proximo passado domingo, desenrolados no Prado, ficou deliberado que, factos isolados, e fruetos de excitação nervosa do momento, não são sufficientes para lançar a sisania, entre duas sociedades co-irmãs, e que se prezam.

Portanto se falta houve, da parte de alguns dos membros do Curitiba Foot Ball Club para com qualquer dos distinctos membros do Internacional Foot Ball Club, por nosso intermédio, como porta-voz do sentir dos nossos consócios, vimos á essa digníssima sociedade, desculparmos dessas faltas visando unicamente a boa harmonia que é necessária que exista, entre sociedades congeneres, afim de que, ambas, de mão dada, possam caminhar para o futuro brilhante que as aguarda, como factores que são de civilização e progresso.

Dando o incidente por terminado; temos a satisfação em abraçar effusivamente essa distincta co-irmã.

Aproveitamos a oportunidade para communicar também a v. s. que, a 20, acquiescendo o seu honroso convite, tomaremos gostosamente, parte na reunião convocada para fundação da Liga Paranaense de Foot Ball.

Reiterando os protestos da nossa subida estima e alto apreço, esperamos as honras de uma resposta.
E somos de v. v. s. s.
Amigos crds. e obrds. pelo Coritiba Foot Ball Club A. Vaujoks 2º secretario
(DIÁRIO DA TARDE, 20/11/1913, p. 3).

Mesmo de forma desvelada, existia um clima de tensão, entre o Internacional e o Coritiba, e esta cizânia também se repercutiu no processo de criação da Liga. Capraro (2004) afirma que havia dois grupos distintos lutando pelo controle da entidade. O primeiro, grupamento, comandado pelo tradicionalista Internacional e o segundo pelas entidades imigrantes do “Coritiba” e do “Paraná”⁶⁵. Estas disputas acabaram por retardar e travar a formação da liga. Assim, apesar da discussão para sua formação ter se iniciado em 1913, foi somente em fevereiro de 1915 que a entidade foi fundada de fato e, neste período de mais de um ano, várias reuniões foram realizadas entre os dirigentes dos clubes até que houvesse um primeiro consenso entre as principais instituições.

Se já na formação da liga os clubes entraram em conflito, era de se esperar que as coisas piorassem com o início do primeiro certame. Tanto que o campeonato vencido pelo tradicional Internacional não acabou bem, terminando fora dos campos. Por incrível que pareça, não foi nem o Coritiba nem o Paraná que contestaram o título do clube mais elitista de Curitiba. Foi uma associação surgida das suas próprias fileiras, o América F.C. – que, posteriormente, em 1924, se fundiria com o mesmo Internacional para a formação do atual Clube Atlético Paranaense⁶⁶ – que contestaria o título conquistado pela agremiação mais elitista do futebol curitibano. Capraro (2004) salienta que o América alegou que o Internacional havia utilizado um jogador que não residia na cidade, sendo assim, todos os demais clubes que compunham a 1ª divisão ficaram ao

⁶⁵ Capraro (2004) salienta que, em 1915, apenas um mês antes da criação da Liga, o Internacional demonstra ter também algumas divergências com o Paraná.

⁶⁶ De acordo com Capraro (2004), a fundação do América trata-se de um processo cheio de lacunas históricas. O autor aponta que as fontes indicam que o clube surgiu pelo incômodo de alguns membros do Internacional em não fazer parte da equipe principal e que, com intuito de jogarem mais, acabaram por criar a agremiação. Contudo, até a data de fundação do mesmo é um dado impreciso, pois existem fontes que apontam o ano de 1912, e outras o de 1914.

lado do América, surgindo com isso o primeiro racha do futebol curitibano.

Capraro (2004) lembra que, como resultado do embate, a Liga foi abandonada pelas outras equipes e o Internacional ficou “sozinho” na entidade. Os clubes dissidentes acabaram por criar uma nova entidade, a “Associação Paranaense de Sports Athleticos”. Moletta Júnior (2009) argumenta que no processo de cisão, um dos participantes mais ativos foi João Seiler, representante do Coritiba. O autor salienta que, possivelmente, as divergências ocorridas entre este clube e o Internacional, há um ano e meio antes da formação da liga, não haviam sido esquecidas. Apesar de o Internacional ter ficado “sozinho”, isso não significou que o clube saiu enfraquecido na disputa pelo controle do esporte na cidade. Durante todo o ano de 1916, as duas entidades lutaram arduamente pela hegemonia do futebol curitibano. Para não extinguir o campeonato realizado pela Liga, o Internacional convidou para o certame de 1916 os clubes que compunham a segunda divisão⁶⁷.

(...) Quanto a nós que sempre propagnamos e propagnaremos pelo progresso dos desportos do Paraná, ficaremos de lado ante essa lucta, porem com o direito de combater os pontos, de um ou de outro com os quaes não estejamos de accordo.

Somos imparciaes. Reconhecemos que a Associação tem tido seus deslizes porem a Liga não fica atraz. Ninguém é infallivel. E nós, combatendo os erros de um e outro, defendendo quando achamos que agiram com o direito, nada mais fazemos do que continuarmos a trabalhar para o progresso dos desportos no Paraná (DIÁRIO DA TARDE, 04/11/1916, p.3).

O impasse entre as duas entidades, segundo aponta Capraro (2004), só começou a ser resolvido com a visita de duas figuras proeminentes do contexto social do país daquele período: Santos Dumont e Olavo Bilac. Ambas as personalidades, ao visitar Curitiba, no decorrer do ano de 1916, foram disputadas pelas duas entidades para comparecem as suas atividades esportivas. Santos Dumont visitou Curitiba em maio de 1916:

⁶⁷ Os times que compuseram a 1ª divisão da Liga foram: Britânia, Bela Vista, Pinheiros e Americano. Além do próprio Internacional e o América de Paranaguá.

Chegará hoje a esta capital às 19 ½ horas o grande aviador brasileiro dr. Santos Dumont.

Tanto a Associação Paranaense de Sports Athleticos como a Liga Sportiva estão preparando condigna recepção por ocasião de sua chegada, pretendendo ambas essas sociedades, promover festividades sportivas em sua homenagem, durante sua permanencia nesta capital.

Assim é, que hoje esperal-o há, na estação da Estrada de Ferro, uma commissão nomeada pela A. P. S. A. compostas dos srs. dr. Gil Gnatimosin, Constante Freut, Victor Dechandt.

A Liga Sportiva, por sua vez, já tomou as providencias nesse sentido, vindo de Ponta Grossa, acompanhando-o o dr. Rivadovia Macedo, na qualidade de representante daquela liga.

Caso o distinto aeronauta permaneça nesta capital até o dia 7 do corrente, a A. P. S. A., pretende homenageal-o com uma festa sportiva que terá que logar no Jockey Club: dessa festa consta um match de football que será disputada entre as valorosas equipes do “América F. C. e Savoia F. C.”

Depois do match a Associação pretende recebê-lo em sessão solenne que terá à noite em sua sede social, à rua 15 de Novembro N 57.

A Liga Sportiva também cogita de prestar-lhe uma homenagem, offerecendo-lhe um “garden-party” do International F. B. C. Nessa ocasião será servido um cha, depois que, haverá um baile ao ar livre (DIÁRIO DA TARDE, 04/05/1916, p.1).

O aviador acaba comparecendo somente nas festividades planejadas pelo Internacional, logo, a liga capitaneada por este clube abre o marcador na luta contra a entidade burocrática dissidente. Em novembro de 1916, a disputa em questão tem outros lances emocionantes e decisivos – Olavo Bilac vem visitar Curitiba. O escritor, diferentemente do aviador, já era conhecido nos círculos esportivos da capital federal, inclusive escrevia nos jornais cariocas várias crônicas sobre as benesses do esporte para a juventude brasileira. (LUCENA, 2001; MELO, 2001). Novamente, as duas entidades começaram a disputar a presença do visitante em seus eventos e, mais uma vez, o influente Internacional sai em vantagem, marcando mais um *goal* na meta do seu adversário:

Conforme o telegramma recebido pelo sr. dr. Pêessoa zarpuo hontem do Rio Grande o vapor “Itatinga” a cujo bordo viaja o destacado poeta Olavo Bilac.

Está pois, definitivamente assentada a sua chegada a esta capital na proxima segunda-feira, depois de amanhã (...) O programma dos festejos, está assim organizada: (...) Domingo, 19 – recepção no quartel, pela manhã; à tarde a brilhante festa do Internacional F. C.; e à noite recepção official no Palácio de Liberdade (DIÁRIO DA TARDE, 11/11/1916, p. 3).

Capraro (2004) argumenta que a “Associação”, sem ter como enfrentar as influências do poderoso Internacional, arma um interessante “contra-ataque”, e tem a criativa ideia de montar uma competição em homenagem a Bilac:

O attrahente festival esportivo, “torneio Diario da Tarde”, cuja designação foi dada em homenagem ao nosso jornal, vae ser dedicada, segundo deliberação tomada pelo valoroso e symphatico Humaiytá F. Club, seu promovedor, ao eminente (...) Olavo Bilac, que aqui chegará segunda-feira próxima.

O “Torneio Diario da Tarde” que se realizará no dia 19 do corrente em que o ground do Paraná Sports Club promete o maior brilhantismo possível, sendo que a directoria do Humaytá está determinando a elaboração do programma que será attrahente.

Constarão no festival de 19 do corrente diversos numeros interessantes em que tomarão parte sportmen de todos os clubs, sendo offerecidos premios aos vencedores. (DIÁRIO DA TARDE, 09/11/1916, p. 2).

A tática utilizada pela “Associação” acabou por igualar as forças no confronto entre as duas entidades, e foi decisiva para a futura configuração futebolística da cidade, pois acabou sendo quase uma medida consensual entre a Liga e a Associação, atenuando com isso as disputas entre as duas entidades:

No ground do Paraná Sports Club no Batel, realizou-se hontem, com brilhantismo raro, o grandioso torneio “Diario da Tarde”, festival campestre dedicado a Olavo Bilac, e em homenagem ao nosso jornal.

À hora 13 era calculada em 1.500 pessoas a enorme assistencia que enchia as archibamcadas do campo do Paraná Sports Club, a fim de assistir o attrahente festival. (...) Nessa ocasião chegaram ao campo do Paraná os srs. Olavo Bilac, dr. Affonso Camargo, presidente do estado (...). As altas autoridades foram recebidas debaixo de ovações e salvas de palmas (...). Foram, em seguida conduzidos ao pavilhão de honra, onde Bilac foi saudado pelo acadêmico Oscar Martins Gomes, que saudou em nome do Humaytá oferecendo ao glorioso vale aquella festividade (...) Nessa ocasião, graças aos esforços do illustre dr. Daltro Filho e outras autoridades presentes, o sr. João Seiller presidente da Associação foi abraçado pelo sr. Leopoldo Pereira, presidente da Liga Desportiva Paranaense, e demais membros da commissão do Internacional. O dr. Daltro propos que os dois núcleos acabassem de vez com as divergencias quaes separavam até então, pedindo aos presidentes da Associação e da Liga que fizessem a união das agremiações que presidem. (...) Quando Bilac se retirou, em companhia das altas autoridades estadoaes, foi novamente ovacionada pela grande assistencia. (DIÁRIO DA TARDE, 20/11/1916, p.1).

Apesar da Liga capitaneada pelo Internacional teoricamente ter saído em

vantagem dos outros clubes, na atenção das duas celebridades, o esquema tático montado pela “Associação” para chamar a atenção de Olavo Bilac foi crucial para equilibrar um pouco mais as relações. Este fator possibilitou a retomada das discussões de criação de uma entidade unificada:

Sobre a cisão, a “popular” Associação Paranaense de Sports Athleticos conseguiu realizar seu intento de ter no seu evento a celebre presença de Olavo Bilac. O refinamento que cercava o Internacional também garantiu o sucesso na sua festividade. A polaridade entre as duas forças estavam equilibradas, pelo menos nesta ocasião e, no equilíbrio surge a possibilidade de uma nova integração que irá consolidar a prática esportiva do futebol no estado do Paraná. Cabe também destacar, que apesar da presença de Bilac ser fundamental para a reconciliação, não foi ele que fez um discurso pregando a união das duas entidades, como afirmado nas fontes lidas a respeito do assunto. Os méritos foram do dr. Daltro Filho e outras autoridades que estavam no local. (CAPRARO, 2004, p.103).

Pouco mais de um mês da visita de Bilac a Curitiba, as duas entidades entraram num consenso e criaram uma nova instituição burocrática:

Associação Paranaense de Sports Athleticos desaparecendo do scenario sportivo esta instituição pelo facto de se haver fundido com a Liga Sportiva Paranaense cumpro o grato dever de agradecer-vos o bom acolhimento e as bondosas referencias que vos dignastes dispensar á Associação Paranaense de Sports Athleticos durante o período de sua existencia. (DIÁRIO DA TARDE, 29/12/1916, p. 5).

Assim, o embate era resolvido no final de 1916 – criando-se uma única instituição regulamentadora da prática futebolística paranaense: a “Associação Sportiva Paranaense”. Uma das primeiras medidas tomadas pela nova entidade, no início de 1917, foi em torno da unificação do título relativo ao ano anterior.

Pelas notas acima os leitores verão o beneficio da fusão da Associação Paranaense de Sports Athleticos com a Liga Sportiva Paranaense. Para noense trouxe para o engrandecimento do desporto paranaense. Segundo informações que colhemos, realizarse-a no próximo domingo um importantíssimo match entre as equipes do Britania e do Coritiba, os dois campeões de 1916. Como é fácil de se prever será um match dos mais sensacionais, por isso que os disputantes são os mais fortes teans do Estado, provando isso a brilhante

conquista da das duas taças dos campeonatos da A.S.P.A e L.S.P. Esse match realizar-se-á no próximo domingo, 21 do corrente. (DIÁRIO DA TARDE, 17/01/1917, p.3).

A partida: “(...) terminara com vitoria do Coritiba pelo score de 2 x 1” (DIÁRIO DA TARDE, 23/01/1917, p.4). Com isso, iniciou-se uma nova fase do futebol em Curitiba. Já para o ano de 1917, o campeonato e a organização do futebol ficariam a cargo da nova entidade, e o título ficaria com o América-Paraná⁶⁸. Já no ano de 1918, o vencedor seria o Britânia, que passaria a ter a hegemonia no campeonato conquistando todos os títulos até o ano de 1923.

Contudo, conforme aponta Moletta Júnior (2009), o caráter elitista se manteve na nova instituição regulamentadora, havendo novamente por parte dos principais clubes, a ação de criar medidas burocráticas para excluir as equipes de menor expressão. Foram criadas duas divisões distintas, mantendo, assim, o controle do futebol sob os domínios das principais associações e excluindo os pequenos times das principais competições. As equipes representadas pelos segmentos mais abastados da população, com suas gestualidades e comportamentos mais refinados, formadas principalmente por famílias tradicionais, imigrantes emergentes, industriais e comerciantes – como o Coritiba, o Paraná e o Internacional –, disputavam a primeira divisão da competição. Na outra divisão, ficaram as equipes que atendiam somente em parte às exigências, e várias outras sequer tinham a chance de participar da nova associação.

Foi em meio a estas disputas locais que começou a surgir no horizonte do futebol curitibano uma maior especialização do fenômeno esportivo, fato que levou ao aparecimento da noção de qualificação dos elencos e que, necessariamente, exigia um time de melhor qualificação técnica. Por esta razão, este time deveria estar mais treinado, ou seja, os corpos dos participantes dos *matches* deveriam ser submetidos a

⁶⁸ Capraro (2004) lembra que em 1917 o América funde-se com o Paraná, contudo, o autor aponta que tal fusão foi desfeita no final de 1918, e cada equipe volta a ter seus nomes habituais. Como já salientado anteriormente, o América volta a se fundir com outra agremiação, O Internacional, para fundar o Clube Atlético Paranaense, em 1924.

pedagogias de treinamento mais rigorosas e menos empíricas.

5.5) A busca pela *performance*: os primeiros momentos da noção de treinamento esportivo em Curitiba

O caso do esporte é paradigmático, porque as técnicas que desenvolvemos para ele são fundamentais para um melhor desempenho, fazendo com que dominemos melhor o próprio corpo em movimentos firmes e eficientes, às vezes surpreendentes, outra tantas admiráveis. Afirmo isso sobretudo por um motivo. No esporte o instrumento técnico por excelência é o próprio corpo, de forma que é ele que deve ser dominado, treinado e funcionalizado para os fins que se procuram. Se os instrumentos técnicos devem facilitar o domínio da natureza que nos circunda, o corpo tornado instrumento (técnico) é ele próprio expressão da natureza dominada. (VAZ, 2001, p.92).

Vaz (2001) argumenta que no processo de domínio da natureza o controle do corpo foi um dos primeiros degraus a serem ultrapassados pelos indivíduos. Para o autor, apesar do domínio corpóreo ser imemorial, ele alcançou seu ápice com o fenômeno esportivo, principalmente quando a busca pelo rendimento e pela *performance* se tornaram os principais objetivos da prática esportiva.

Visualizou-se anteriormente que esta busca de um maior aproveitamento iniciou-se em Curitiba com a modalidade de Tiro, praticado principalmente na “Sociedade Rio Branco”. Contudo, foi com o futebol que este processo mais sistemático e racionalizado ganhou um maior destaque. A notícia sobre o Curitiba Futebol Clube mostra os primeiros passos deste processo: “(...) Domingo no Prado, se effectuará um training, devendo os associados ser conduzidos a bond do theatro hauer àquelle local, às 6 ½ da manha.” (DIÁRIO DA TARDE, 02/07/1910, p.1).

Estes primeiros treinos eram, na verdade, uma forma dos jovens praticarem o esporte. Existiam poucas opções, visto que primeiramente os jogos aconteciam internamente entre os sócios das principais agremiações futebolísticas. Os encontros entre os quadros de um mesmo clube era fato corriqueiro:

Teve então inicio o match de desafio entre o team Branco e o Verde, daquelle

Club. O referee, sr. R. Ayres, entrando no campo com competentes, deu-lhes as posições e assignou a sahida, que coube aos verdes. Os primeiros embates foram sem resultados, conservando-se o jogo, por mais de 10 minutos, no centro. Os brancos fizeram uma entrada, aproximando-se do goal verde; a defeza deste, em um formidável shott, levou a bola ao centro. Ahi Baseti tomou a bola e dribblando foi até ao goal branco, vasando-o, marcando o ponto em favor dos verdes, debaixo de palmas. Recomeçando o jogo, dois ataques foram feitos ao goal verde; mas o goal-keeper Odilon, rápido e com energia, reconduzia a bola ao centro, pondo o jogo sempre mais favorável aos verdes. Aproveitando-se de uma dessas circunstancias, Baseti novamente apanha a bola, fura as linhas de defeza e shott ao canto do goal, marcando o segundo ponto. Ainda alguns minutos ocorreu o empate com violência, sendo suspenso o jogo para descanso. Feito o primeiro ataque ao goal verde, Paiva conseguiu vasa-lo, trazendo um ponto para os brancos. A musica tocara por esse facto,e, antes mesmo de parar, Essenfelder vasava novamente o goal verde, completando dois pontos aos brancos. A lucta faz-se mais violenta, então, ambos os 'teams' queriam obter a vitoria, mas as de fazem redobraram de esforços, vencendo-se o segundo tempo sem outro resultado, cabendo dois pontos a casa um dos combatentes. Notamos que a linha de ataque dos brancos, apesar de mais amestrada, e mesmo composta de jogadores superiores aos atacantes verdes, pouco fez devido a possante defeza do team contrario e principalmente do goal-keeper, rápido e feliz nos shoots. Ao contrario disso, a defeza dos brancos esteve fraca e morosa, permitindo repetidos ataques ao goal branco, principalmente durante o primeiro tempo. (...) (DIÁRIO DA TARDE, 21/11/1910, p.2).

O arquirrival Internacional também realizava seus jogos internos com uma certa frequência, afinal eles não podiam ficar para trás do clube de origem alemã:

Amanhã no ground do Internacional Foot-ball Club, na Água Verde, os 1^{os} e 2^{os} teams jogarão um "match training".
A julgarmos pela animação e entusiasmo reinante entre os valentes rapazes da gloriosa associação desportiva o encontro vai ser dos mais interessantes.
Quer o primeiro, quer o segundo "teams" dispõem de elementos poderosos que sustentarão, de parte a parte, a lucta com vigor e seu camorecimentos (...) (DIÁRIO DA TARDE, 13/10/1913, p. 5).

Foi nestas partidas internas que uma ideia embrionaria de treinamento foi surgindo no futebol curitibano. Neste período, o sentido dado para o termo "*training*" não tinha o mesmo significado do atual. Não era algo ainda muito racionalizado e se referia simplesmente à falta de prática do referido jogo: "Internacional foot-ball Club – Como anunciado se achava, realizou-se domingo um match entre os teams Y e X deste importante club de foot-baller. (...) É opinião dos internacionalistas foot-ballers que

o team Y venceu devido ao training, pois o X pouco exercício faz.” (DIÁRIO DA TARDE, 16/12/1913, p. 2) ⁶⁹.

O desenvolvimento da noção de treinamento ocorria na medida em que os intercâmbios clubísticos ficavam mais intensos, e confrontos entre as principais agremiações se intensificavam. Nesse sentido, foi somente a partir dos anos de 1912-13 que começaram a ter jogos amistosos entre os principais clubes:

Constituiu um verdadeiro sucesso o match de foot-ball realizado, domingo, no ground de Coritiba Football Club, entre este club e o Internacional Athletic Club. Houve o maior entusiasmo, sahindo vencedor o primeiro cujo team capitaneado pelo foot-baller Fritz Essenfelder, marcou 3 goals contra zero. O team do Internacional era capitaneado pelo sportman Luiz Paiva, que é um campeão de valor. Domingo próximo, realiza-se outro match. (DIÁRIO DA TARDE, 14/06/1912, p.3).

Neste contexto de busca por um maior número de confrontos, surgiram as primeiras partidas contra agremiações de outros estados, principalmente de equipes do Rio de Janeiro e São Paulo. O tradicional e elitista Internacional capitaneava as ações de intercâmbio esportivo, com praças consideradas mais desenvolvidas como, por exemplo, na visita do afamado Flamengo da cidade do Rio de Janeiro:

Imprevidencia dos players paranaenses – Players do Flammengo Foot Ball Club.

Tivemos hontem o desagradável ensejo de, nos match-trainnings da Água Verde, verificar a desídia reinante entre os players do conjunto a encontrar-se proximamente com o Flammengo.

Infelizmente os nossos jogadores, ao que transparece, não estão empenhados nessa pugna como o campeão carioca, victorioso em sensacionaes matchs. Lamentamos sinceramente a falta absoluta de treinamento dos foot ballers patricios, que não cogitaram até então da organização de uma linha de ataque homogenea e defesa efficiente (...) é preciso, pois, que nossos jovens players se preparem para resistir galhardamente a tão fortes adversários evitando assim uma derrota completa (DIÁRIO DA TARDE, 28/08/1914, p.3).

Tais confrontos acabavam por mostrar que os times curitibanos se encontravam

⁶⁹ Capraro (2004) indica que esta falta de oportunidades em praticar o jogo levou alguns membros do Internacional, pertencentes ao segundo e terceiro times, a sair das fileiras do clube e fundar uma nova agremiação, o América. Mais detalhes sobre este processo, consultar Capraro (2004).

em condição muito inferior aos clubes mais importantes das principais cidades do Brasil. Somente com um processo de treinamento mais sistematizado e racionalizado, as equipes de Curitiba poderiam enfrentar de igual para igual os principais times do país. Contudo, foram estes jogos – entre os sócios, entre as principais equipes da capital ou com equipes de outras cidades – que aos poucos consolidaram a busca por um aperfeiçoamento da prática esportiva em Curitiba, fortalecendo ainda mais a cultura física e o dispositivo esportivo da cidade:

A vida sportiva penetrou afinal em nossos costumes. Já praticamos o sport... Isto consola. Vê-se que os moços de agora saem para a vida já não mais mirrados e caheticos, recitando sonetos e invocando gregas bellezas, mas com musculos saltados, largos peitos de triumphantes. Entre nós é progresso de hoje. Ainda ha pouco a mocidade coritibana desconhecia o sport. Veio como tantas cousas boas do glorioso S. Paulo. E, em pouco, associações de cultura physica nasceram por ahi, arregimentando a nossa rapaziada. O foot-ball, porem, triumphou. Possuimos equipes brilhantemente trenadas, seguindo as tradições dos paulistas, que são admiráveis no violento jogo inglez (DIÁRIO DA TARDE, 29/01/1915, p. 3).

Pode-se notar que palavras referindo-se a um treinamento desportivo começam a fazer presença nas notas dos jornais, fator que é intensificado com o aumento no número de partidas entre os clubes em Curitiba. Como salienta Bracht (2003), um dos elementos mais importantes das práticas esportivas é a competição. Com ela, inventava-se uma nova tradição, a dos primeiros campeonatos de futebol em Curitiba. (CAPRARO, 2004; MOLETTA JÚNIOR, 2009). Mesmo que as partidas tivessem um caráter “amistoso”, surgiram as primeiras disputas por uma taça e/ou campeonato qualquer:

No dia 28 do corrente, domingo, realizar-se-á nesta capital um encontro entre duas valorosas sociedades esportivas Internacional Foot Ball Club e Coritiba Foot Ball Club. Nesse match caso vença o Internacional, ficará esse valente club com o campeonato de 1913, o que, aliás, elle conquistou até aqui, neste anno (DIÁRIO DA TARDE, 24/09/1913, p. 2).

Foi neste cenário competitivo que algo próximo da noção de treinamento

esportivo surgiu como um elemento primordial na educação dos corpos da mocidade curitibana. Com isso, formas mais sistematizadas de preparo para tais *matches* apareceram no horizonte do planalto curitibano: “(...) a secção desejada ocupar-se-ia por enquanto das provas de *entrainment* que as duas nossas incipientes realizam em dias alternados, em preparo para futuras e serias luctas”. (DIÁRIO DA TARDE, 14/06/1912, p.3).

Neste momento, as primeiras formas sistematizadas de treinamento começam a se estabelecer. A ideia de organizar os tempos e espaços para a prática do futebol visava aprimorar corporalmente os indivíduos envolvidos em suas partidas. Neste ponto, é interessante lembrar as considerações de Vaz (1999), sobre os princípios básicos do treinamento. Para o autor, este processo pedagógico tem como objetivo a melhoria do desempenho esportivo e, como meio, a exigência fundamental de colocar o corpo sob o máximo controle.

No treinamento para o esporte, o corpo tem de ser visto como um objeto operacionalizável, de forma que as metáforas que o comparam com algum tipo de máquina, antes de procurar facilitar o entendimento de seu mecanismo, confirmam esse desejo de domínio. Essas imagens que o comparam a uma máquina a vapor, a um relógio, ou a qualquer outro tipo de máquina, parecem querer dizer que um corpo pode ser, da mesma forma que uma máquina, posto em ou tirado de funcionamento. Se um corpo pode ser equiparado a uma máquina, é porque também suas peças podem ser substituídas, ou reparadas, caso o funcionamento não esteja a contento. Essa “consciência mecânica do corpo” é fundamental para o desenvolvimento não só do esporte, mas de um pensamento de tipo esportivo. (VAZ,1999, p.101).

A máquina precisava ser “azeitada”, controlada e disciplinada em seus mais ínfimos detalhes. Sevchenko (1992, p.45), ao estudar o contexto paulista do final da década de 1910 e início da de 1920, aponta questões semelhantes:

(...) O fenômeno era recente e suas trilhas de difusão pulsavam manifestas. Considerado um avanço incontestável, uma conquista social, seu advento marcava uma nova etapa na história da humanidade. De par com as últimas descobertas tecnológicas, de fato como um desdobramento delas, se destacou a noção de que o corpo humano em particular e a sociedade como um todo são também máquinas, autênticos dínamos geradores de energia. Quanto mais se

aperfeiçoassem, regulassem, coordenassem esses maquinismos, tanto mais efetivo seria o seu desempenho e mais concentrada sua energia potencial.

Para ficarem sintonizados com esta nova lógica urbana, os *players* curitibanos precisavam sofrer a incidência desta pedagogia corporal, afinal os seus comportamentos precisavam estar alinhados com o novo olhar cidadão. Sendo assim, com o crescimento no número dos confrontos entre as equipes locais, surgiu em Curitiba uma retórica discursiva que estava relacionada com esta pedagogia chamada treinamento desportivo. Uma notícia encontrada no “Diário da Tarde”, em 1914, (DIÁRIO DA TARDE, 03/08/1914, p.5), acaba por mostrar o início de alguns destes pontos, pois comenta sobre algumas das principais valências físicas exigidas pelo futebol. Destaca a capacidade pulmonar e o vigor muscular. A justificativa apontada na matéria para dar ênfase nessas valências era simples: se o jogador não tinha o mesmo preparo físico do adversário, poderia ocorrer uma série de enfermidades por esforço demasiado. Para a resolução de tal problema, indica treinamentos físicos, que não deviam ser nem lentos demais, nem rápidos a ponto de causar fadiga. Era indispensável, conforme aponta a atual teoria do treinamento desportivo: uma carga ideal. Outros elementos necessários para a boa prática do futebol eram a flexibilidade, os saltos (impulsão) e os exercícios com a bola. Antes de jogar partidas oficiais, o jogador deveria participar de algumas partidas amigáveis e/ou treinos (hoje denominados coletivos); não se recomendava, também, jogar mais de duas partidas semanais⁷⁰.

Todas estas recomendações relativas à racionalização dos tempos e espaços de uma equipe de futebol se intensificariam após a unificação das entidades burocráticas ocorrida, no final do ano de 1916. Com a fundação da nova entidade burocrática, os clubes não queriam ser vencidos pelas agremiações rivais. As vitórias contra os principais oponentes eram o objetivo confesso, e nesta movimentação começou a ocorrer uma maior preocupação com a *performance* das equipes nos campeonatos.

⁷⁰ Sobre o surgimento do conceito de treinamento esportivo no Brasil ver Ladislau (2010).

(...) Era grande a ansiedade com que estava sendo esperada esse encontro, por isso que o Britannia conquistará com galhardia o título de campeão de 1916 da Liga S. Paranaense e o Palmeiras era um dos teams mais conhecidos da A.P.S.A. (...) A equipe amarelo-branco, no entanto, demonstrou falta de training, pois se deixou vencer pelo valente Britannia, que o derrotou pelo significativo score de 2x0 (...). (DIÁRIO DA TARDE, 07/05/1917, p.1).

Notícias enfatizando a falta de treinamento das equipes locais eram uma constante no futebol curitibano. Eram poucas as vezes em que se elogiavam as atuações das duas equipes num confronto: “(...) O America paranaguense si bem que vencido pelo seu valoroso adversario desenvolveu um jogo bellissimo com passes soberbos demonstrando, assim, a sua força. O Coritiba treinadissimo e forte como sempre, conseguiu vencer o seu contendador pelo score de 5x2. (...)”. (DIÁRIO DA TARDE, 11/06/1917, p.2).

Entretanto, o grande divisor de águas, no que se refere à aproximação de um discurso que valoriza mais o processo de treinamento, ocorreu com a aproximação do início do campeonato de 1918. Foi neste certame que tais aspectos ganharam uma conotação mais forte, e tanto as equipes como seus *players* passam a ser cobrados a ter maior eficiência nas suas *performances*. Antes mesmo de começar o campeonato propriamente dito, por ocasião do seu “Torneio Início⁷¹”, tais aspectos já foram enfatizados:

Campeonato Initium

(...) O dia magnifico de hontem, de muito sol (...) levou consideravel assistencia ao parque do Internacional F.C., onde se ia realizar a abertura da temporada sportiva desse anno, com a disputa de um campeonato initium, em que

⁷¹ Torneio Início foi uma competição muito praticada no futebol brasileiro até a década de 1960 e 1970. O certame simbolizava o início das competições regionais. O primeiro campeonato nestes moldes ocorreu no Rio de Janeiro em 1916 e foi criado pela Associação de Cronistas Desportivos do Rio de Janeiro. Em suas primeiras edições era denominado “Initium”, posteriormente outros estados foram copiando o formato carioca, no Paraná o primeiro foi disputado em 1918 e em São Paulo em 1919. Para sua disputa algumas regras foram modificadas. Todos os seus jogos deveriam acontecer num único dia, as partidas duravam apenas 20 minutos (10+10) e a final era maior, tinha 60 minutos (30+30). Caso as partidas terminassem empatadas, o desempate era pelo número de escanteios conquistados. Caso o empate persistisse neste critério, o jogo ia para a disputa de pênaltis.

tomaram parte todos os clubs da 1º divisão, filiados a A.S.P. (...) Pelo sorteio (...) estiveram para jogar o Internacional e A.A.Academica. (...) Ambos os teams demonstraram estar faltos do necessário treinamento (...) Venceu a pugna o Internacional por um goal e um corner.

Em seguida jogaram o Coritiba e o America-Paraná.

Foi tambem um jogo sem estylo um bate bola sem lançes importantes, notando-se que ambos estavam com falta de training.

O Britannia e o Agua Verde, disputavam o terceiro match. De todos os jogos até então disparado o mais cheio de attractivos, pela violencia que os dois clubs desenvolveram desde o início da pugna.

Ambos mostraram estar bem treinados, notando-se porem uma indecisão na linha de ataque (...) victoria do Agua Verde por um goal e um corner. O campeonato foi decidido então pelo America-Parana e Agua Verde (...) victoria do America-Paraná por 3 corners contra um.

Os players do valente e querido campeão de 1917 receberam em seguida as artisticas medalhas (...). (DIÁRIO DA TARDE, 29/04/1918, p.2).

O comportamento das equipes durante as partidas, no que tange ao olhar pedagógico do treinamento, passa a ser questionado com mais ênfase. Embora a crítica ainda seja embrionária, não apontando se a deficiência era no quesito físico, técnico ou tático, as *performances* já tinham uma cobrança um pouco maior. Por estas questões, os clubes considerados mais treinados passam a ser os mais lembrados pela imprensa, tornando-se os principais favoritos para a conquista do título. O América-Paraná, devido à conquista do título de 1917 e do Torneio Início de 1918, emerge como principal favorito, embora equipes como o Britânia e o Água Verde demonstraram desde o “Initium” que estavam preparados para brigar pelo título. No dia 12 de maio de 1918, inicia-se o campeonato e uma surpresa ocorre já no jogo de abertura:

Secção Desportiva

Como determinava a tabella da Associação Sportiva Paranaense, teve inicio, hontem, o campeonato dessa entidade desportiva do Estado, sendo o primeiro match disputado pelos valorosos Internacional e America-Paraná (...) Terminou a pugna (...) com a victoria do Internacional, pelo score inesperado de 4x0.

Agora um pequeno reparo. A derrota do campeão de 1917 impressionou bastante as rodas sportivas, maximé quando era de suposição geral que o 1º quadro do Internacional estivesse fraco como por oçassião do campeonato initium, em que foi derrotado facilmente pelo America-Paraná.

Entretanto, o club alvinegro, enxertando com elementos novos bem treinados e firmes nos passes, despertou a admiração de todos os sportsmen, que não esperavam aquelle jogo tão bem desenvolvido no match de ontem.

Os americanos, por outro lado, estavam com seu quadro completamente desarticulados, pois na linha de avante faltava a alma – Plinio – e na linha

media notava-se a ausencia sensível de Currial e Vallé, dois jogadores de inconfundível mérito.

A falta desses players de tal forma desorganizou-se o conjuncto americano, que este não pode fazer jogo que prestasse (...). (DIÁRIO DA TARDE, 13/05/1918, p.1).

A vitória do Internacional sobre um dos principais rivais acabou por evidenciar uma maior especialização do jogo, visto que enfatizava a qualidade do passe do time internacionalista, como o fator preponderante na acachapante vitória sobre o campeão de 1917. Já o outro lado apresentava como justificativa a ausência de alguns de seus principais jogadores, estes *players* que substituíram os atletas considerados mais aptos apresentavam uma deficiência em relação aos fundamentos do jogo. Nesse quesito de deficiência técnica, o principal alvo da imprensa passou a ser o *team* da Acadêmica:

Secção Desportiva

Coritiba versus A. A. Academica

Com regular assistencia realizou-se hontem o anunciado encontro entre as duas equipes acima, sendo esse o segundo match official do campeonato (...) E assim terminou o match com um elevado score de 5x0, a favor do velho Coritiba F.C.

O 1º quadro do A.A.Academica conta com bons elementos, faltando-lhes sobretudo treino.

Feitas algumas modificações no conjuncto o team dos academicos podera enfrentar com galhardia os mais fortes clubs da 1º divisão.

O que é preciso é treino, muito treino. (DIÁRIO DA TARDE, 20/05/1918, p.1).

A falta de preparo desta equipe continuou sendo alvo do olhar da imprensa. Mas não só sua aparente falta de domínio dos fundamentos era notada – algumas valências físicas e um desconhecimento das táticas e estratégias de jogo também surgiram nas críticas à equipe:

(...) No começo do jogo a Academica atacou bastante o “goal” do quadro antagonista, nos vinte minutos depois começou a “perder o folego” deixando-se dominar por completo até o final do “match”.

O conjunto do Britannia desenvolveu um bom jogo, mostrando-se como sempre, disciplinado e uniforme.

A A.A.Acadêmica carece de “trainnings” de muito “training”, pois do contrario fará um roزاری de zeros no actual campeonato da Associação. (DIÁRIO DA TARDE, 29/07/1918, p.3).

A equipe da Acadêmica era composta por estudantes da Universidade do Paraná, e foi literalmente o “saco de pancadas” do certame de 1918, estando, segundo o jornal, despreparada para a prática competitiva do futebol. Num *match* contra o poderoso Internacional, o vexame foi ainda maior, pois se a equipe já era fraca e não tinha um treinamento adequado, sem contar com quatro jogadores titulares a situação ficaria ainda pior:

Secção Desportiva

No ground da rua Buenos Aires realizou-se hontem mais um match de campeonato da Associação Sportiva Paranaense, sendo disputado pelas equipes do Internacional F. Club e Associação Athletica Academica. (...) O jogo careceu de importância, porisso que o team academico, com falta de quatro dos seus principais elementos não poude offerecer a resistencia precisa ao team adversario, que o venceu pelo elevado score de 7x1. (DIÁRIO DA TARDE, 14/10/1918, p.4).

Porém, somente num confronto contra o Coritiba, a equipe dos estudantes universitários apresentou um desempenho um pouco melhor:

Coritiba versus Acadêmica

(...) O jogo entre os primeiros teams foi verdadeiramente sensacional do começo ao fim, evidenciando esse facto que o conjuncto academico vae melhorando dia a dia e não será de admirar si em futuros encontros vencer os seus melhores competidores.

Não se pode negar que o quadro do Coritiba é dos mais fortes que figuram no presente campeonato. Entretanto, para vencer o “match” de hontem teve que desenvolver o maximo esforço, pois o conjuncto contrario estava treinadissimo, offerecendo dest'arte uma formidavel resistencia ao seu valente adversário. (DIÁRIO DA TARDE, 02/09/1918, p.2).

Pode-se notar que termos relacionados ao treinamento esportivo, como por exemplo, *máximo esforço*, surgem no vocabulário esportivo de Curitiba. Estes aspectos ligados a um maior treinamento corporal passaram a ser valorizados como uma importante forma de comportamento para os indivíduos que praticavam o esporte. Se a imprensa questionava as apresentações ruins, o oposto acontecia em relação às equipes que apresentavam um futebol considerado de boa qualidade. Nesse sentido,

quando ocorriam os encontros entre as equipes consideradas mais treinadas e preparadas, a imprensa entrava em *frenesi*, como por exemplo, na *pugna* entre o campeão e o vice do ano de 1917:

Secção Desportiva

Com o próximo encontro entre o America-Paraná e Internacional, a realizar-se domingo, 25 do corrente, no ground da Graciosa, campo official do primeiro (...) O jogo de domingo, promete ser um dos mais sensacionais não só pelo valor dos dois clubs, como também pelo crescido numero de “torcedores” que tem essas duas agremiações.

Ambos os conjunctos estão preparando devidamente para esse “match” que indica que a partida que iremos assistir será fertil em lanções emocionantes. (DIÁRIO DA TARDE, 22/08/1918, p.2).

O jogo válido pelo certame de 1918 foi cercado por uma grande expectativa. Afinal, as duas agremiações já eram rivais declarados desde o episódio em que o América contestou o título de 1915 do Internacional. Note-se que o processo de treinamento para o jogo era fomentado pelo clima de rivalidade, que não se restringia às quatro linhas, passando a contaminar os ânimos de seus torcedores:

Secção Desportiva

América-Paraná versus Internacional

Foi uma partida sensacional, das mais emocionantes que temos assistido ultimamente não pelo jogo desenvolvido pelos conjunctos que só defrontaram, mas pela assistencia enormissima e pelo “torcimento” intenso que ia pelas archibancadas (...) E nem poderia deixar de ser assim uma vez que os dois clubs de football, formados pela nossa “elite” social estavam a medir forças num encontro cujo o resultado não havia só o interesse do campeonato que se disputa, mas uma verdadeira questão de honra (...) Alguns impertinentes e grosseiros torcedores do Internacional que se postaram de uma maneira inconveniente dissipadas as esperanças começaram a insultar o “referee” culpando-o pelo fracasso do seu club.

Esse facto veio mostrar que grande numero dos nossos sportmen não tem sequer vestigios de educação sportiva, pois do contrario não teriam promovido algazarras ensurdecadoras e vaias aos jogadores que não lhes são sympaticos. A associação para a dignidade dos seus “mettings” sportivos deve tomar um resolução energica nesse sentido, pois do contrario as famílias, justamente receiosas, deixarão de ir aos “matches” de football. (DIÁRIO DA TARDE, 26/08/1918, p.2).

A matéria sobre o importante jogo entre as agremiações rivais mostra que o

futebol já atingia uma grande significação social. Contudo, o crescimento do número de torcedores fez com que os clubes investissem mais num processo de treinamento, pois, como dizia a própria notícia, era uma “questão de honra” vencer os encontros contra os principais rivais.

Secção Desportiva Britannia versus Agua Verde

O “match” de hontem entre os dois clubs acima valeu pela victoria ao bem treinado conjucto do Agua Verde (...) Sabia-se que a rivalidade existente entre os dois clubs que se encontram hontem, no campo do Internacional, tinha feito com que ambos se preparassem muito bem e com grande antecedencia para esse sencional “match”, e mais movimentado e rapido de quantos temos assistido até agora.

É com o resultado de 2x2 terminou a partida. As palmas do dia couberam, porem, indiscutivelmente ao valente quadro do Agua Verde, que depois de duas formidaveis refregas, apresentou-se em campo completamente reorganizado e em condições de vencer o victorioso conjuncto britannico, que já passara pelo melhor da capital.

Essas honras vão ser talvez devidas ao Agua Verde, daqui por diante. (DIÁRIO DA TARDE, 09/09/1918, p.2).

O movimentado e rápido jogo marcado por equipes “preparadíssimas” agradaram em cheio aos espectadores, que viam uma prática esportiva mais sintonizada com o ideário urbano. Além disso, já existia um clima de rivalidade entre as duas agremiações. Basta lembrar que o *match* entre as mesmas no Torneio Inicio – realizado em abril daquele ano, vencido pelo Água Verde na diferença no número de escanteios –, que foi o mais elogiado pela imprensa. Além disso, o primeiro encontro entre as equipes, ocorrido em maio, foi descrito como excelente: “(...) **Vencedor Água Verde por 5x3** – O match foi muito movimentado, pois na verdade ambos os quadros estavam em excellentes condições de treinamento (...)”. (DIÁRIO DA TARDE, 27/05/1918, p.1). Apesar de ter tido vantagem nas duas partidas anteriores em que se enfrentaram, a *performance* do Água Verde, no empate entre as duas equipes, foi destacada, visto que o Britânia se apresentava, até aquele momento, como o melhor time do campeonato de 1918, sendo colocado como favorito para a partida. As proezas atléticas da equipe, que viria a conquistar o título daquela temporada, já estavam sendo destacadas desde o

início do certame:

Secção Desportiva

Realizou-se hontem no field do Parque Graciosa mais um encontro official do campeonato da Associação Sportiva Paranaense entre os Clubs Coritiba e Britania. (...) o team do Coritiba apresentou-se nos hontem com sensível falta de treino, combinando mal e fazendo um jogo que só poderia dar o resultado que deu uma derrota tremenda. (...) O team tricolor, pelo contrário, apresentou-se como sempre com aquella homogeneidade e agilidade que o tornam um dos mais temiveis de todos quantos por ahi existem. (DIÁRIO DA TARDE, 15/07/1918, p.2).

Por isso, o desempenho do Água Verde mereceu especial atenção, já que este quadro se mostrou preparado para novamente encarar, de igual para igual, o homogêneo e ágil Britânia. O Água Verde continuava a fazer suas vítimas no campeonato e, alguns dias depois, a equipe derrotada seria o campeão do ano anterior o América-Paraná:

(...) O resultado do match de hontem era duvidoso, e, si muitos depositavam illimitada confiança na pujança do team americano, o Agua Verde, adestrado em repetidos treinamentos, estava em condições de offerecer seria resistencia e mesmo dar o que fazer ao seu valente adversario. (...) O encontro dos primeiros teams (...) se realizou veio trazer um resultado imprevisto. O America jogou pouco, muito pouco e o Agua Verde, com um esforço pouco superior, conseguiu vencer pelo score de 4x2 (...) (DIÁRIO DA TARDE, 21/10/1918, p.1).

O time do Água Verde, que era conhecido por ter suas gestualidades e comportamentos adestrados por repetidos treinamentos, acabava por respeitar a lógica maquinal que havia invadido as cidades e por regular todo o dispositivo esportivo. (SEVCENKO, 1992). Porém, mesmo com o desempenho elogiado pela imprensa, o campeonato de 1918 termina com a vitória de outra equipe bem preparada – o título ficaria com o Britânia. Era o primeiro título de uma série de seis campeonatos conquistados de forma consecutiva. Estas vitórias proporcionavam novas configurações, levando clubes como o Coritiba, Água Verde e Palestra Itália a reformularem suas estruturas. Neste processo, surge também a primeira grande fusão no futebol curitibano: a união, em março de 1924, entre o tradicional Internacional e o

América, originando o Clube Atlético Paranaense. (CAPRARO, 2004). Tais fatores culminaram, na década de 1920, em uma maior burocratização esportiva e ênfase nos processos de treinamento, surgindo, com isso, conforme aponta Moletta Júnior (2009), o início da profissionalização do futebol paranaense. Porém, tais questões são ainda partidas a serem jogadas...

O Fim da *Pugna*

A vida é um match. Em vão se shoota a bola.
Lutando pelo goal que se deseja
Por goal-keeper melhor que a gente seja
É um corner que se faz... ora pistola!
A vida é um match. Em tempos maos de crise
Debalde as mãos se mette na algibeira
Nem a falar de sports quem precise
Conseguirá sahir da quebradeira.
Também fazendo esta palestra inglória
Que talvez não deixasse de achar páo
Pensei neste match ter Victoria
Mas vejo agora só fiz um foul!
Jean Sport
(DIÁRIO DA TARDE, 25/09/1914, p. 3).

Este texto publicado no “Diário da Tarde”, no ano de 1914, mostra em versos como o dispositivo esportivo de Curitiba, através da prática do futebol, já estava cristalizado na cidade no período em questão. Todo um linguajar esportivo já se consolidava na capital paranaense, afinal, a vida era um *match*, em que através de diversos *shots* se buscavam os *goals* – a coroação máxima da vitória. Contudo, tudo tinha que ser feito, aliás, jogado, com extrema galhardia e autocontrole. Não poderiam ser cometidos atos grosseiros e violentos que culminassem na marcação de um *foul*, visto que o esporte era uma importante pedagogia, que educava os corpos a seguir modelos de comportamento tipicamente urbanos.

Como visto no decorrer da tese, o dispositivo esportivo estabelecido na capital dos paranaenses não significou que a história do esporte na cidade foi linearmente constituída e/ou simplesmente a adaptação de um dispositivo universal esportivo em Curitiba. Diversas variações ocorreram nos dezenove anos analisados neste trabalho e, assim, foi possível seguir, na mesma velocidade que um atacante corre em direção ao *goal*, para a marcação do tento da vitória, o dispositivo esportivo que se foi consolidando na cidade. Essa pesquisa nos permite inferir que este dispositivo esportivo na cidade de Curitiba, as vezes seguiu a mesma lógica dos grandes centros urbanos, mas, em outros momentos, seguiu outras e singulares lógicas, próprias de seu

movimento interno.

Passados alguns anos, as práticas esportivas começariam a se transformar vertiginosamente, levando contingentes cada vez maiores de indivíduos a se interessarem pelas benesses da cultura física e da prática esportiva – e/ou mesmo como espectadores deste novo fenômeno urbano.

O desígnio do esporte está em incorporar o 'espírito esportivo', muito mais que vencer alguma prova ou competição. Obviamente o lado espetacular do esporte, os grandes torneios, as demonstrações de ginástica conjunta, os duelos de atletas, os grandes eventos multiesportivos, as celebrações atléticas nos estádios monumentais magnetizam, eletrizam, empolgam coletividades inteiras, irradiando esses automatismos do 'espírito esportivo' ampla e profundamente pelas sociedades. (SEVCENKO, 1992, p.48).

O dispositivo esportivo de Curitiba, assim como o ocorrido em outras importantes cidades brasileiras, fez parte do processo de modernização e urbanização da capital paranaense, dentro dos parâmetros fornecidos pela nova ordem republicana, que se instalava no país no final do século XIX e início do XX. Entre *bonds*, iluminação elétrica, telégrafos, telefones e todos os demais aprimoramentos urbanos que chegaram a Curitiba, ocorreu também a elaboração de um dispositivo esportivo que, influenciado por uma noção de cultura física, possibilitou o surgimento de ações junto aos parques e praças, bem como a criação de diversas associações esportivas. Esses acontecimentos, certamente, contribuiriam para que a cidade consolidasse a formação de um espaço público, moderno e urbano.

Neste processo de crescimento e incremento do espaço urbano, é bem expressiva a constatação de que os esportes e o discurso da cultura física estavam ganhando maiores proporções em Curitiba. Era justamente no mesmo período em que a cidade começava a crescer e a se aprimorar, nos diversos quesitos urbanos, que a capital paranaense se afirmava como uma das principais cidades brasileiras. O dispositivo esportivo por ela elaborado tinha na ciência o seu respaldo, tornando-se um divertimento preventivo. Tratava-se de um momento em que a cidade começava a se mostrar ameaçadora, provocando medo e angústia, amparada pelo discurso médico

que cada vez mais exaltava os malefícios do ambiente urbano na saúde da população. As práticas esportivas passaram a ser compreendidas como formas de preservação da vida que havia sido moralmente corrompida pela cidade moderna. O ideário era o de que o dispositivo esportivo poderia auxiliar na formação de um corpo perfeitamente adaptado à nova vida urbana.

No momento em que aconteceram as primeiras atividades de cunho esportivo na cidade, foi possível visualizar que tais ações, ainda estavam impregnadas, conforme apontaram Sevcenko (1992), Vigarello (1999; 2005) e Melo (2001), de uma série de desconfiças em relação a essas práticas. Os jornais curitibanos mostravam que havia uma curiosidade e fascínio pelo novo fenômeno que vinha da Europa e das principais cidades do país, mas esse interesse veio acompanhado por inúmeras suspeitas e receios, principalmente pelos indivíduos mais velhos. O Esporte seria uma clara manifestação da cultura jovem, conforme ensina Sevcenko (1992, p.49):

(...) eram os mais jovens aqueles que melhor poderiam perceber e assimilar essas possibilidades criadas pelo esporte em meio à confusão do caos urbano. Por isso mesmo, por estar fortemente identificado com os mais jovens e lhes propiciar os indícios de um novo estilo de vida, desembaraçando dos entraves de um passado recente já obsoleto, o esporte se torna moda e a moda adquire um acento esportivo. Assumir ostensivamente os sinais associados os sinais associados ao novo ativismo atlético constitui um meio de patentear de forma inequívoca a distância entre as gerações e a diferença entre as mentalidades.

A associação entre o esporte e a mocidade também se deu em Curitiba, e foram estes jovens, principalmente os filhos da elite e/ou os de origem de imigrantes que consolidaram tais questões. Foram eles, também, que mostraram interesse pelas práticas esportivas e criaram os primeiros clubes esportivos na cidade, fundando, posteriormente, as primeiras entidades burocráticas. Devido a estes fatores, o dispositivo esportivo foi se fortalecendo em Curitiba, e as práticas esportivas passam a ser observadas de outra maneira pelo olhar cidadão.

Esta consolidação esportiva no cenário local ajudou a elaborar, também, todo um linguajar esportivo, o que contribui, mais tarde, para uma significativa especialização

esportiva, bem como para o início da busca pela *performance* que culminou com as primeiras sistematizações relacionadas ao treinamento desportivo. Novamente, o tom maquinal da sociedade urbana e industrial ganha força na sua relação com o discurso do treinamento desportivo:

A associação dos esportes e da ginástica com o adestramento de animais poderia parecer crua, mas é de fato precisa e muito reveladora. Ela indica com clareza que o objetivo precípua do treinamento é agir sobre o inconsciente, fomentando desse modo automatismos no comportamento, percepção e movimentação dos indivíduos, que se tornem ao final uma sua segunda natureza, independente de conjecturas reflexivas. Uma pessoa educada assim seria tão eficiente no seu desempenho, quanto mais imediatas e encadeadas fossem suas reações aos diferentes estímulos externos. A rigor, se trataria de outra pessoa, muito mais competitiva, muito mais rápida, se comparada com aquelas que não forem exercitadas dentro deste sistema. (SEVCENKO, 1992, p.47-48).

A inserção dos indivíduos neste sistema pedagógico, chamado treinamento desportivo, tem a clara intenção de dominar a natureza; o corpo precisa ser controlado nos seus mais íntimos detalhes para uma *performance* maior. (VAZ, 1999). Esse sentimento se estabelece na ambiência esportiva de Curitiba, tanto que aos poucos os jornais começam a ganhar uma coluna específica, lentamente separando os esportes em espaços próprios. Havia uma coluna para o Turfe, uma para o Tiro e outra para o Futebol – e em alguns momentos para a Pelota Basca. A especialização das funções invade as páginas dos jornais, transformando o esporte de mero divertimento e passatempo em um dos fenômenos mais racionalizados e sistematizados da sociedade ocidental.

Foi visto que na cidade de Curitiba, em suas ruas, lojas, praças, parques e clubes sociais e esportivos, estabeleceu-se uma pedagogia corporal para a sua população. Ninguém escapava deste olhar esquadrinhador, fossem membros da elite, imigrantes pobres, ricos, prostitutas, ou qualquer outro ator social. Neste novo espaço chamado cidade, os corpos e suas gestualidades e comportamentos estavam sendo educados, ou melhor, treinados. Por isso, a elaboração de um dispositivo esportivo de

Curitiba foi fundamental para a educação dos corpos dos habitantes da capital dos paranaenses.

Para finalizar a presente tese, torna-se necessário emitir alguns comentários sobre a transformação do Esporte, a passagem de mero divertimento para uma atividade totalmente burocratizada e racionalizada. Esta transformação faz parte de um processo de profundas mudanças acontecidas no plano urbano. Entretanto, surge aqui um detalhe muito importante: em nenhuma fonte utilizada no trabalho foi encontrada a palavra lazer. Atualmente, é muito comum estabelecer que tais práticas são atividades de lazer. Esta palavra e este conceito no período e na espacialidade delimitada desta pesquisa, não apareceram em momento algum e sempre que as práticas corporais foram aqui mencionadas, foram descritas como *divertimentos*, *passatempos* ou *atividades esportivas e ginásticas*. Jamais o termo lazer foi utilizado.

Sendo assim, levanta-se a seguinte pergunta: a palavra lazer foi um termo elaborado/fabricado por um determinado período histórico e utilizado como sinônimo de toda prática corporal feita fora do mundo do trabalho? Como dito anteriormente, na temporalidade e na espacialidade pesquisada o termo e a conceituação não apareceram nas fontes constituídas para a construção da tese.

Esta reflexão nos remete aos ensinamentos de Bloch (2001), para quem existem situações em que os nomes mudam sem, contudo, ter ocorrido qualquer variação em seus usos. Para o autor, a evolução da linguagem pode levar ao desaparecimento de antigas palavras ou ao aparecimento de outras, sem que as realidades a que elas serviam fossem minimamente afetadas. De todo modo a dimensão linguística é um indício fundamental, pois existem casos em que uma simples mudança no modo de nomear e descrever práticas ou objetos, apesar de todas as possíveis similitudes e continuidades, sintetiza uma profunda mudança de sensibilidades. Parece-me este o caso da utilização hodierna da palavra lazer.

É preciso que o historiador renuncie a desviar intempestivamente de seus sentidos as palavras já recebidas (mais vale, se for preciso, uma franca criação); que evite rejeitar, por capricho, aquelas já experimentadas; que, ao

usar definições escrupulosas, faça-o com cuidado de tornar seu vocabulário constantemente utilizável para todos. A torre de Babel forneceu a um irônico Demiurgo um espetáculo bastante satisfatório. Seria, para a ciência, um modelo deplorável. (BLOCH, 2001, p.146).

Jornais e Periódicos

- A República**, 27 de junho de 1899, p.1.
- A República**, 09 de setembro de 1902, p.2.
- A República**, 26 de maio de 1911, p.2.
- A República**, 23 de junho de 1913, p.1.
- A Tribuna**, 28 de setembro de 1895, p.1-2
- Dezenove de Dezembro**, 1º de julho de 1854. p.3
- Dezenove de Dezembro**, 03 de agosto de 1854. p.1
- Dezenove de Dezembro**, 28 de janeiro de 1874. p.1
- Dezenove de Dezembro**, 31 de janeiro de 1874. p.1
- Dezenove de Dezembro**, 20 de dezembro de 1886. p.2
- Diário da Tarde**, de 8 de abril de 1899. p.1.
- Diário da Tarde**, de 22 de abril de 1899. p.4.
- Diário da Tarde**, de 25 de abril de 1899. p.1.
- Diário da Tarde**, de 29 de abril de 1899. p.4.
- Diário da Tarde**, de 15 de maio de 1899. p.1.
- Diário da Tarde**, de 19 de maio de 1899. p.2.
- Diário da Tarde**, de 22 de maio de 1899. p.1-2.
- Diário da Tarde**, de 29 de maio de 1899. p.2.
- Diário da Tarde**, de 30 de maio de 1899. p.1.
- Diário da Tarde**, de 6 de junho de 1899. p.2.
- Diário da Tarde**, de 9 de junho de 1899. p.2.
- Diário da Tarde**, de 10 de junho de 1899. p.2.
- Diário da Tarde**, de 12 de junho de 1899. p.2.
- Diário da Tarde**, de 14 de junho de 1899. p.2.
- Diário da Tarde**, de 17 de junho de 1899. p.2.
- Diário da Tarde**, de 21 de junho de 1899. p.2.
- Diário da Tarde**, de 22 de junho de 1899. p.1.

Diário da Tarde, de 3 de julho de 1899. p.1.
Diário da Tarde, de 11 de julho de 1899. p.2.
Diário da Tarde, de 12 de julho de 1899. p.1-2.
Diário da Tarde, de 20 de julho de 1899. p.2.
Diário da Tarde, de 24 de julho de 1899. p.1-2.
Diário da Tarde, de 5 de agosto de 1899. p.2.
Diário da Tarde, de 7 de agosto de 1899. p.1.
Diário da Tarde, de 16 de agosto de 1899, p.2.
Diário da Tarde, de 17 de agosto de 1899. p.1.
Diário da Tarde, de 19 de agosto de 1899. p.1-2.
Diário da Tarde, de 28 de agosto de 1899. p.1.
Diário da Tarde, de 4 de setembro de 1899. p.2.
Diário da Tarde, de 19 de setembro de 1899. p.2.
Diário da Tarde, de 22 de setembro de 1899. p.2.
Diário da Tarde, de 23 de setembro de 1899. p.2.
Diário da Tarde, de 26 de setembro de 1899. p.2.
Diário da Tarde, de 9 de outubro de 1899. p.1.
Diário da Tarde, de 16 de outubro de 1899. p.2.
Diário da Tarde, de 23 de outubro de 1899. p.2.
Diário da Tarde, de 20 de novembro de 1899. p.2.
Diário da Tarde, de 29 de dezembro de 1899, p.1.
Diário da Tarde, de 17 de março de 1900. p.1.
Diário da Tarde, de 25-26 de março de 1900. p.2.
Diário da Tarde, de 28-29 de março de 1900. p.2.
Diário da Tarde, de 1^o de maio de 1900. p.1.
Diário da Tarde, 9 de maio de 1900. p.2.
Diário da Tarde, 14 de maio de 1900. p.3.
Diário da Tarde, de 4 de junho de 1900. p.2.
Diário da Tarde, de 18 de junho de 1900. p.3.

Diário da Tarde, de 9 de julho de 1900. p.3.
Diário da Tarde, de 17 de julho de 1900. p.1.
Diário da Tarde, de 21 de julho de 1900. p.1.
Diário da Tarde, de 3 de agosto de 1900. p.2.
Diário da Tarde, de 14 de agosto de 1900. p.2.
Diário da Tarde, de 30 de agosto de 1900. p.2.
Diário da Tarde, 12 de setembro de 1900. p.1.
Diário da Tarde, 13 de setembro de 1900. p.1.
Diário da Tarde, de 28 de janeiro de 1901. p.2.
Diário da Tarde, de 29 de janeiro de 1901. p.1-2.
Diário da Tarde, de 9 de fevereiro de 1901. p.1.
Diário da Tarde, de 9 de março de 1901. p.2.
Diário da Tarde, de 11 de março de 1901. p.1-2.
Diário da Tarde, de 15 de março de 1901. p.1.
Diário da Tarde, de 20 de março de 1901. p.2.
Diário da Tarde, de 1^o. de abril de 1901. p.1.
Diário da Tarde, de 13 de maio de 1901. p.1.
Diário da Tarde, de 18 de janeiro de 1905. p.2.
Diário da Tarde, de 18 de janeiro de 1905. p.1.
Diário da Tarde, 21 de janeiro de 1905. p.2.
Diário da Tarde, 23 de janeiro de 1905. p.1.
Diário da Tarde, de 27 de janeiro de 1905. p.1.
Diário da Tarde, de 6 de fevereiro de 1905. p.1.
Diário da Tarde, de 25 de fevereiro de 1905. p.2.
Diário da Tarde, de 10 de março de 1905. p.2.
Diário da Tarde, de 13 de março de 1905. p.2.
Diário da Tarde, de 18 de março de 1905. p.1-2.
Diário da Tarde, de 20 de março de 1905. p.1-2.
Diário da Tarde, de 27 de março de 1905. p.2.

Diário da Tarde, de 3 de abril de 1905. p.1.
Diário da Tarde, de 8 de abril de 1905. p.1.
Diário da Tarde, de 26 de janeiro de 1907, p.1.
Diário da Tarde, de 27 de janeiro de 1907. p.1.
Diário da Tarde, de 28 de janeiro de 1907. p.1.
Diário da Tarde, de 30 de janeiro de 1907. p.2
Diário da Tarde, de 2 de fevereiro de 1907, p.2.
Diário da Tarde, de 26 de fevereiro de 1907, p.1.
Diário da Tarde, de 21 de março de 1907, p.1.
Diário da Tarde, de 15 de abril de 1907, p.1-2.
Diário da Tarde, de 13 de janeiro de 1909, p.1.
Diário da Tarde, de 03 de julho de 1909, p.2.
Diário da Tarde, de 09 de julho de 1909, p.2.
Diário da Tarde, de 19 de julho de 1909, p.2.
Diário da Tarde, de 26 de julho de 1909, p.1.
Diário da Tarde, de 29 de julho de 1909, p.2.
Diário da Tarde, de 13 de agosto de 1909, p.1.
Diário da Tarde, de 14 de agosto de 1909, p.1.
Diário da Tarde, de 21 de agosto de 1909, p.1.
Diário da Tarde, de 23 de agosto de 1909, p.1.
Diário da Tarde, de 28 de agosto de 1909, p.1.
Diário da Tarde, de 02 de setembro de 1909, p.1.
Diário da Tarde, de 07 de setembro de 1909, p.1.
Diário da Tarde, de 12 de setembro de 1909, p.1.
Diário da Tarde, de 16 de setembro de 1909, p.1.
Diário da Tarde, de 18 de setembro de 1909, p.1.
Diário da Tarde, de 14 de outubro de 1909, p.1.
Diário da Tarde, de 16 de outubro de 1909, p.1.
Diário da Tarde, de 28 de outubro de 1909, p.1.

Diário da Tarde, de 30 de outubro de 1909, p.1.
Diário da Tarde, de 1º de novembro de 1909, p.1.
Diário da Tarde, de 18 de novembro de 1909, p.1.
Diário da Tarde, de 22 de novembro de 1909, p.1.
Diário da Tarde, de 23 de novembro de 1909, p.1.
Diário da Tarde, de 26 de novembro de 1909, p.1.
Diário da Tarde, de 27 de novembro de 1909, p.1.
Diário da Tarde, de 29 de novembro de 1909, p.1-2.
Diário da Tarde, de 17 de dezembro de 1909, p.1.
Diário da Tarde, de 19 de dezembro de 1909, p.1.
Diário da Tarde, de 30 de dezembro de 1909, p.1.
Diário da Tarde, de 03 de janeiro de 1910, p.1.
Diário da Tarde, de 24 de janeiro de 1910, p.1.
Diário da Tarde, de 16 de fevereiro de 1910, p.1.
Diário da Tarde, de 13 de junho de 1910. s.p.
Diário da Tarde, de 1º de julho de 1910, p.1.
Diário da Tarde, de 02 de julho de 1910, p.1.
Diário da Tarde, de 08 de julho de 1910, p.1.
Diário da Tarde, de 11 de julho de 1910, p.1.
Diário da Tarde, de 15 de julho de 1910, p.1.
Diário da Tarde, de 13 de agosto de 1910, p.1.
Diário da Tarde, de 29 de agosto de 1910, p.1.
Diário da Tarde, de 03 de setembro de 1910, p.1.
Diário da Tarde, de 05 de setembro de 1910, p.1.
Diário da Tarde, de 08 de setembro de 1910, p.1.
Diário da Tarde, de 09 de setembro de 1910, p.1-2.
Diário da Tarde, de 13 de setembro de 1910, p.2.
Diário da Tarde, de 15 de setembro de 1910, p.1.
Diário da Tarde, de 21 de novembro de 1910. p.2.

Diário da Tarde, de 06 de maio de 1912. p.4.
Diário da Tarde, de 14 de junho de 1912. p.3.
Diário da Tarde, de 29 de julho de 1912. p.2.
Diário da Tarde, 12 de agosto de 1912. p.4.
Diário da Tarde, de 15 de agosto de 1912. p.2.
Diário da Tarde, de 27 de agosto de 1912. p.3.
Diário da Tarde, de 14 de abril de 1913. p.2.
Diário da Tarde, de 24 de setembro de 1913. p.2.
Diário da Tarde, de 11 de outubro de 1913. p.3.
Diário da Tarde, de 13 de outubro de 1913. p.2 e 5.
Diário da Tarde, de 20 de novembro de 1913. p.3.
Diário da Tarde, de 21 de novembro de 1913. p.3.
Diário da Tarde, de 22 de novembro de 1913. p.3.
Diário da Tarde, de 16 de dezembro de 1913. p.2.
Diário da Tarde, de 24 de julho de 1914. p.4.
Diário da Tarde, de 03 de agosto de 1914. p.3.
Diário da Tarde, de 28 de agosto de 1914. p.3.
Diário da Tarde, de 25 de setembro de 1914. p.3.
Diário da Tarde, de 26 de outubro de 1914. p.1.
Diário da Tarde, de 29 de janeiro de 1915. p.3.
Diário da Tarde, de 13 de março de 1915. p.4.
Diário da Tarde, de 04 de maio de 1916. p.1.
Diário da Tarde, de 04 de novembro de 1916. p.3.
Diário da Tarde, de 09 de novembro de 1916. p.2.
Diário da Tarde, de 11 de novembro de 1916. p.3.
Diário da Tarde, de 17 de novembro de 1916. p.3.
Diário da Tarde, de 20 de novembro de 1916. p.1.
Diário da Tarde, de 23 de novembro de 1916. p.4.
Diário da Tarde, de 29 de novembro de 1916. p.5.

Diário da Tarde, de 29 de abril de 1918, p.2.
Diário da Tarde, de 07 de maio de 1917, p.1.
Diário da Tarde, de 11 de junho de 1917, p.2.
Diário da Tarde, de 22 de setembro de 1917, p.1.
Diário da Tarde, de 29 de abril de 1918, p.2.
Diário da Tarde, de 13 de maio de 1918, p.1.
Diário da Tarde, de 20 de maio de 1918, p.1.
Diário da Tarde, de 27 de maio de 1918, p.1.
Diário da Tarde, de 1º de julho de 1918. p.2.
Diário da Tarde, de 17 de julho de 1918. p.2
Diário da Tarde, de 29 de julho de 1918. p.3.
Diário da Tarde, de 22 de agosto de 1918, p.2.
Diário da Tarde, de 26 de agosto de 1918, p.2.
Diário da Tarde, de 02 de setembro de 1918, p.2.
Diário da Tarde, de 09 de setembro de 1918, p.2.
Diário da Tarde, de 14 de outubro de 1918, p.4.
Diário da Tarde, de 21 de outubro de 1918, p.1.
Ilustração Parnaense, novembro de 1927. n.1. s.p.
Ilustração Parnaense, novembro de 1927. n.2. s.p.
Gazeta do Povo, de 24 de março de 1919, p.3.

Documentos Oficiais

GÓES E VASCONCELLOS, Zacarias de. **Relatorio do Vice-Presidente da Provincia do Provincia na abertura da 2ª. Sessão da 10ª. Legislatura da Assembleia Legislativa Provincial em 17 de fevereiro de 1873**. Curityba: Typ. Paranaense de Candido Martins Lopes, 1854.

RIBEIRO DE REZENDE, Theofilo. **Relatório do vice-presidente da Província do Paraná na entrega do cargo para Henrique de Beaurepair Rohan - 06 de setembro**

de 1854. Curityba, Typ. Paranaense de Cândido Martins de Lopez, 1855.

Livros de viajantes, memorialistas, intelectuais médicos e literários:

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **1858, viagem pelo Paraná**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1995.

BIGG-WITHER, Thomas P. **Novos caminhos no Brasil meridional: a província do Paraná, três anos em suas florestas e campos (1872/75)**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974.

FRANCO, Artur Martins. **Diogo Pinto e a conquista de Guarapuava**. Curitiba: Tip. João Haupt 1943.

MACEDO, Francisco Ribeiro de Azevedo. **Conquista Pacífica de Guarapuava**. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

PARANÁ, Sebastião. **Chorographia do Paraná**. Curitiba: Econômica, 1889.

REIS, Trajano Joaquim dos. **Elementos de Hygiene Social**. Curityba: Typ. e Lith. da Companhia Impressora Paranaense, 1894.

REIS, Jayme D. dos. **Das principais endemias e epidemias de Curitiba**. Rio de Janeiro: Tip. Ribeiro, Macedo & Cia., 1898.

ROCHA POMBO, José Francisco da Rocha. **O Paraná no Centenário: 1500-1900**. Rio de Janeiro: José Olympio; Curitiba: Secretária da Cultura e do Esporte do Estado do Paraná, 1980.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem a Curitiba e Santa Catarina**. Belo Horizonte; Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1978.

STROBEL, Gustav. **Relatos de um pioneiro da imigração alemã**. Curitiba: IHGEP, 1987.

VITOR, Nestor. **A terra do futuro: impressões do Paraná**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996.

Bibliografia

- ÁLVAREZ-URIA, F.; VARELA, Julia. **Arqueologia de la escuela**. Madrid, La Piqueta, 1991.
- AMADO , Janaina. Região, Sertão, Nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.8, n.15, 1995, p. 145-151.
- AULICH, Werner. **O Paraná e os alemães**: estudo caracterológico sobre os imigrantes germânicos. Comissão de Festas do Grupo Étnico Germânico do Paraná: Curitiba, 1953.
- BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. **O verde na metrópole**: a evolução das praças e jardins em Curitiba (1885-1916). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1998. 225f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 1998.
- BENATTI, Antonio Paulo; SUTIL, Marcelo Saldanha. Rui Barbosa: A praça na trilha do tempo. In: **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**, Fundação Cultural de Curitiba, v.23, n. 119, dez. 1996.
- BENVENUTTI, Alexandre Fabiano. **As reclamações do povo na Belle Époque**: a cidade em discussão na imprensa curitibana (1909-1916). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2005. 162f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2004.
- BERTUCCI, Liane Maria. **Saúde**: arma revolucionária. São Paulo -1891-1925. Campinas, CMU/UNICAMP, 1997.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BONI, Maria Ignês Mancini de. **O espetáculo visto do alto**: vigilância e punição em Curitiba (1890-1920). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
- BORDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- _____. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte**: uma introdução. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2003.

BRANDÃO, Angela. **A fábrica de ilusão** : o espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba 1905-1913. Curitiba : Fundação Cultural de Curitiba, 1994.

CANTELON, Hart; HOLLANDS, Robert. (eds.) **Leisure, sport and working class cultures**. Toronto: Canadian Press, 1988.

CAPRARO, André Mendes. **O football das elites** – Uma Micro-História sobre a Gênese do Futebol Paranaense. Curitiba, documento mimeografado, 2004.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001.

_____. **Cidade Febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CORBIN, Alain. **Saberes e Odores**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. **O território do vazio**: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CORRÊA, Amélia Siegel. **Imprensa e política no Paraná**: Prosopografia dos redatores e pensamento republicano no final do século XIX. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2006. 221f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2006.

COSTA DE OLIVEIRA, Ricardo. **O Silêncio dos Vencedores**: Genealogia, Classe Dominante e Estado do Paraná. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001.

CUNHA FILHO, Valter Fernandes da. **Cidade e sociedade**: a gênese do urbanismo moderno em Curitiba (1889-1940). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1998. 133f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 1998.

DALBEN, André. **Educação do Corpo e a Vida ao Ar Livre: natureza e Educação Física em São Paulo (1930-1945)**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2009. 170f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. **História do lazer na natureza no Rio de Janeiro entre 1779 e 1838: um estudo de caso**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2010. 208f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2010.

ELIAS, Norbert. A gênese do desporto moderno. In: ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **A Busca pela Excitação**. Lisboa: Difel, 1992. p.187-221.

_____. **O processo civilizador: Volume 1 - uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

_____. **Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **A Busca pela Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

_____. **Deporte y ocio em el proceso de la civilización**. México, FCE, 1995.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**. Rio de Janeiro: Jorge Olympio, 1974.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

_____. **Vigiar e Punir: o nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2002.

FUGMANN, Wilhelm. **Os alemães no Paraná**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2008.

GOLÇANVES JÚNIOR, Renê Duarte. **Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e a vitória na fundação da metrópole**. São Paulo: Universidade do Estado de São Paulo (USP), 2008. 145f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade do Estado de São Paulo (USP), 2008.

HERSCHMANN, Micael; LERNER, Kátia. **Lance de sorte – o futebol e o jogo do bicho na Belle Époque carioca**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.

- HOBBSAWM, Eric J. **A Era dos Impérios 1875-1914**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. **Visão do paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- HOERNER JUNIOR, Valério. **Somos do Paraná – Curitiba**. Curitiba: Gráfica do Estado do Paraná, 1984.
- _____. Batel: povoado, arrabalde, bairro... **Gazeta do Povo**. Curitiba, 4 de março de 1990.
- JONES, Stephen G. **Sport, politics and working class**. Manchester: Manchester University Press, 1992.
- LADISLAU, Carlos Rogério Ladislau. **Auroras da vitória**: letras do treinamento esportivo no Brasil (1920-1968). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2010. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010.
- LE GOFF, Jacques. **Por amor as cidades**: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.
- LINHALES, Meily Assbú. **A escola, o esporte e a “energização do caráter”**: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. 266f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- _____. **A Escola e o Esporte**: uma história de práticas culturais. São Paulo: Cortez, 2009.
- LOPES, Dirceu. Jockey em Festa. **Revista Placê Turfe**. Ano III, nº.3, dezembro/2002
- LUCENA, Ricardo. **Esporte na cidade**: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas: Autores Associados, 2001.
- _____. Elias: individualização e mimésis no Esporte. In: PRONI, Marcelo; LUCENA,

Ricardo. **Esporte**: história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 113-137.

MARCASSA, João. **Curitiba essa velha desconhecida**. Curitiba: Refipar, 1989.

MELLO, Victor Andrade de. **Cidade “sportiva”**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/Faperj, 2001.

_____. Esporte e cinema: diálogos – as primeiras imagens brasileiras. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.26, n.2, p.21-37, 2005.

MEZZADRI, Fernando Marinho. **A estrutura esportiva no Estado do Paraná**: da formação dos clubes as atuais políticas governamentais. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2000. 169f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

MOLLETA JÚNIOR, Celso. **Futebol e formação do espaço público no contexto da fundação do Curitiba Football Club (1900-1915)**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009. 128f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2009.

MORENO, Andrea. **Corpo e Ginástica num Rio de Janeiro**: um mosaico de imagens e textos. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2001. 246f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001.

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. **Semeando Iras Rumo ao Progresso**. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.

PEREIRA, Leonardo Affonso de. **Footballmania**: uma história social do futebol do Rio de Janeiro (1902-1938). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PUCHTA, Diogo Rodrigues. **A formação do Homem Forte**: educação física e *gymnastica* no ensino público primário paranaense (1882-1924). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2007. 115f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de

Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, 2007.

QUELUZ, Gilson Leandro. **Concepções de Ensino Técnico na República Velha (1909-1930)**. Curitiba: CEFET-PR, 2000.

QUITZAU, Evelise Amgarten. **Educação do Corpo e Vida Associativa**: as sociedades ginásticas alemãs em São Paulo (fins do século XIX, primeiras décadas do século XX). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2011. 173f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2011.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar, Brasil (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RIBEIRO, Luiz Carlos. **Memória, trabalho e resistência em Curitiba (1890-1920)**. São Paulo: USP, 1988. 264f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, USP, 1988.

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. **A higienização dos costumes**: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo. Campinas: Mercado de Letras; FAPESP, 2003.

ROCHE, Daniel. **História das Coisas Banais**: nascimento do consumo séc. XVII-XIX. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. O receio dos “trabalhadores perdidos”: corpo e cidade. **Projeto História**, São Paulo, n.13, p.121-128, junho/1996.

_____. É possível realizar uma história do corpo? . In: SOARES, Carmen Lúcia. **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 03-23.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes. **História da alimentação no Paraná**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1995.

SÊGA, Rafael Augusto. **A capital Belle Époque**: a reestruturação do quadro urbano de Curitiba durante a gestão do prefeito Cândido de Abreu (1913-1916). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2001.

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público**: jardins no Brasil. São Paulo: Studio Nobel /

Fapesp, 1996.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Orfeu extático na metrópole**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, N. (org.).

História da vida privada no Brasil-vol3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.513-519.

SOARES, Antônio Jorge. **Futebol raça e nacionalidade no Brasil**: releitura da história oficial. 1998. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física**: raízes europeias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994.

_____. Pedagogias do corpo: higiene, ginástica, esporte.. In: VEIGA NETO, Alfredo Veiga; RAGO, Margareth. (orgs). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, v., p. 75-85.

_____. Educación Física escolar en Brasil: breve historia de la constitución de una pedagogía higiênica. In: SCHARAGRODSKY, Pablo Ariel (org.); **Gobernar es ejercitar**: fragmentos de la educación física en Iberoamérica.. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008. p. 17-64.

_____. **As roupas nas práticas corporais e esportivas**: a *educação do corpo* entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2011. 190f. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2011.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitudes em relação as plantas e aos animais, 1500 – 1800**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes ou Marias**: Mulheres de Curitiba na primeira república. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

VAZ, Alexandre Fernandez. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 89-108, 1999.

_____. Técnica, Esporte, Rendimento. **Movimento**, Porto Alegre, v. VII, n.14, p. 87-99, 2001.

VEIGA DE CAMARGO, Geraldo Leão. **Paranismo**: Arte, Ideologia e Relações Sociais no Paraná (1853-1953). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2007. 213f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2007.

VIGARELLO, Georges. **O limpo e o sujo**: uma história da higiene corporal. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **História das Práticas de Saúde**: a saúde e a doença desde a Idade Média. Lisboa: Editorial Notícias, 1999.

_____. **Corrigir el Cuerpo**. Historia de un Poder Pedagógico. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2005.

_____. **História da Beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

WITOSLAWSKI, Henrique. **Discursos sobre modernização e militarização juvenil em Curitiba (1919-1928)**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009. 162f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2009.